ANEXO AO PROCESSO Nº 309/96 - C.M.

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO: 16/12/99

Lourenço Magnoni Júnior

Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Calculada: Reflexões sobre o Ensino de Geografia

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho», Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira).

Orientador : Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale

Marília - SP
1999

unesp

TFN-12814

LOURENÇO MAGNONI JÚNIOR

1410000991

GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO CALCULADA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA

T. 991

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira).

Orientador: Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale**

Fac. de Filosofia e Ciências - BIBLIOTECA - Campus de Marília

MARÍLIA - SP
1999

unesp

Nº cham 910.01 FFC
M198g

Nº Tombo tese-991
Aquisição D
Preço R$ 5,00
Data 17/08/00
Proced. autor

Ficha catalográfica elaborada por
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Bauru

910.01
M176g

Magnoni Júnior, Lourenço.
Globalização, neoliberalismo e exclusão calculada : reflexões sobre o ensino de geografia / Lourenço Magnoni Júnior. -- Marília, 1999.
210f. ; 30cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências

Orientador: Dr. José Misael Ferreira do Vale

1. Ensino - Geografia 2. Geografia - cidadã 3. Globalização - Neoliberalismo 4. Universidade Estadual Paulista 5. Faculdade de Filosofia e Ciências I. Título

DADOS CURRICULARES
LOURENÇO MAGNONI JÚNIOR

NASCIMENTO 2.2.1964 – SANTA CRUZ DO RIO PARDO – SP

FILIAÇÃO Lourenço Magnoni
Maria Aparecida Crivelli Magnoni

1985/1988 Curso de Graduação
Faculdade Integradas de Ourinhos - SP

1989/1999 Professor de Geografia da Escola Estadual "Dr. Anis Dabus" – Avaí

1994/1999 Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru

1995/1999 Professor de Geografia da ETE "Astor de Mattos Carvalho" – Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS) - Cabrália Paulista - SP

Para

· minha esposa Maria da Graça (Bel), por seu espírito de luta, compromisso profissional e pela honestidade, sinceridade e carinho;

· meu pai, minha mãe e meus irmãos que, mesmo diante da pobreza e das inúmeras dificuldades da vida campesina, nunca deixaram de sonhar e de acreditar na capacidade do ser humano em superar limites;

· minha filha Sofia, uma jóia que mudou a razão de ser de minha vida;

· meu orientador Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale, por quem tenho profundo carinho, respeito, admiração e orgulho de ser o seu discípulo;

· o amigo e mestre Álvaro José de Souza, profissional que respeito e o admiro profundamente por sua disponibilidade em ajudar todos aqueles que lhe procuram, por seu compromisso com a Geografia e também por seus conselhos e sugestões;

· os amigos Sebastião Clementino da Silva (Macalé) e Ivone Clementino da Silva pelo o apoio e consideração;

· o amigo Antônio Carlos Mady, ex-diretor da Escola Estadual "Dr. Anis Dabus" da cidade de Avaí (SP), pelo o apoio e confiança depositada, quando do meu ingresso no magistério em 1989, naquela unidade escolar;

· a Escola Estadual "Dr. Anis Dabus" da cidade de Avaí (SP), pela possibilidade de me tornar um Geógrafo/Educador.



AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação só foi possível graças ao apoio e colaboração de pessoas e instituições que, como eu, acreditam na viabilidade e capacidade de transformação da escola pública. Manifesto o meu respeito e gratidão a todos e de forma particular:

ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciência da UNESP Campus de Marília, por esta oportunidade;

aos meus professores que se esforçaram ao máximo para transmitir os seus saberes;

aos Amigos Antonio Francisco Marques e Ana pelas sugestões bibliográficas;

aos amigos Lau e Sandra pelo o apoio, confiança e sinceridade;

aos amigos, Sonia Morandi e Oswaldo Camillo Giorgi, profissionais do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS), pelas referências bibliográficas e por outras sugestões para o aprimoramento desta pesquisa e trabalho;

ao amigo Ruy Moreira, pelas profundas reflexões sobre a globalização, o neoliberalimo, a nova lógica do mundo da produção e do trabalho e sobre a Geografia e seu ensino;

aos companheiros da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru (AGB/Bauru), que juntamente comigo, respeitam e acreditam na força desta entidade na luta pelo fortalecimento da Geografia Brasileira;

aos amigos e colegas de trabalho da EE "Dr. Anis Dabus" de Avaí – SP e da ETE "Astor de Mattos Carvalho" de Cabrália Paulista – SP;

ao Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS), pela valorização de seus profissionais e pela qualidade dos cursos de aprimoramento docente;

à Associação dos Geógrafos Brasileiros, por sua história e compromisso com a Geografia Brasileira, com a democracia e transformação social.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

O educador que, ensinando Geografia, "castra" a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.

Paulo Freire

SUMÁRIO

RESUMO 8

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I: **O MUNDO QUE SE TRANSFORMA** 25

CAPÍTULO II: **O NEOLIBERALISMO E A GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA** 43

1 - O neoliberalismo excludente 43

2 - A globalização capitalista 61

3 - O discurso da "qualidade total" 72

4 - O primado da "competição" 87

5 - Tempos de globalização, tempos de exclusão 88

CAPÍTULO III.: **O ENSINO DE GEOGRAFIA DÁ CONTA DAS MUDANÇAS ATUAIS?** 99

1 - Globalização, Neoliberalismo e Ensino de Geografia 99

2 - Questionando a Geografia Tradicional. Nova proposta e novos Caminhos 105

3 - "Geografia dos Professores", reflexo de pressuposta "Ciência Geográfica" 113

4 - Limites à transformação pela Educação 123

5 - Sala de Aula: Espaço da Cidadania 128

CAPÍTULO IV: **O ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA CONCEPÇÃO CIDADÃ** 134

1 - Compromisso político e competência técnica: a síntese possível 134

2 - Geografia Cidadã e a defesa de valores fundamentais:

A Geografia para um mundo mais justo e humano 147

3 - A função libertadora do Geógrafo/Educador: Uma Experiência Pessoal 157

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

GLOBALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO: HÁ EXCLUSÃO CALCULADA? 184

BIBLIOGRAFIA 196

ABTRACT 204

ANEXOS 205

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo de evidenciar o papel da Escola Pública Popular e do Ensino de Geografia numa concepção Cidadã, em contexto sob a égide do neoliberalismo e da globalização da economia, onde o mercado é promovido a entidade acima e além de todas as coisas.

A pesquisa aponta que, diante da inserção submissa da economia nacional à globalização capitalista e da investida neoliberal contra o patrimônio público nacional através das privatizações e destruição da pequena e média indústria nacional, a desigualdade social se aprofunda, aumentando a miséria, a fome e a violência, desencadeando o processo de degradação e exclusão social extremamente perverso. O processo de degradação e exclusão em curso faz parte da estrutura do novo paradigma capitalista, isto é, calcula-se o aumento da exclusão social para possibilitar a ampliação da riqueza em favor de pouco mais de 20% dos habitantes do planeta Terra.

A partir da experiência de vida de um Geógrafo/Educador e de questionamentos, indagações e reflexões sobre o neoliberalismo, a globalização capitalista, as tecnologias da terceira revolução industrial e do novo paradigma do mundo da produção e do trabalho, situamos no contexto da globalização e da exclusão calculada, a importância da Educação Pública Popular e do Ensino da Geografia Cidadã, como caminho viável para a construção da escola pública democrática capacitada para promover a prática da educação libertadora e transformadora, formando educandos críticos-reflexivos capacitados para lutarem em prol da construção da cidadania negada para milhões de brasileiros.

INTRODUÇÃO:

Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Calculada - Reflexões Sobre o Ensino de Geografia, tema instigante para pesquisar e desafiador para os Educadores que, no limiar do século XXI, estão na vertente oposta ao discurso hegemônico neoliberal globalizante e amplamente difundido pela mídia nacional e internacional.

Globalização, neoliberalismo, novas tecnologias e transformações no mundo da produção, do trabalho e também, da educação, são questões que inquietam dezenas, centenas, milhares de profissionais da educação neste final de milênio. Constantemente nos perguntamos: O que fazer diante deste novo paradigma de mundo propagador da idéia do "fim da História", das "utopias" e da "luta de classes".

É por esta e por outras razões, que optei fazer através desta pesquisa, inúmeros questionamentos, indagações e reflexões em relação ao neoliberalismo, que associado às novas tecnologias da terceira revolução industrial são responsáveis pelas mudanças e transformações conjunturais que atingem o mundo da produção, do trabalho e da educação na atualidade, como requisito básico para garantir a consolidação da globalização capitalista em curso, que paralelamente eleva os índices de exclusão social. Após esta primeira etapa, será trabalhada a relação Educação e Ensino de Geografia, nosso objeto de estudo, no atual paradigma de mundo e a ação do Geógrafo/Educador na busca da superação do discurso neoliberal e do projeto de exclusão calculada proposto.

Entre os vários problemas que serão investigados por nós nesta pesquisa, a atenção será dirigida principalmente sobre o neoliberalismo, visão econômica-política responsável pelo processo de mudança e transformação em curso. O neoliberalismo é a espinha dorsal da globalização capitalista. Sem ele, não teria alavancado a economia planetária, com o grau de intensidade que se observa em nossos dias.

O neoliberalismo é uma nova estratégia política, econômica, cultural e social desenvolvida pelo capitalismo monopolista internacional, a partir da segunda metade do século XX. Suas raízes históricas se ligam aos princípios e idéias liberais do século XVIII, século no qual teve início o capitalismo industrial, marcando o fim do capitalismo comercial mercantilista, predominante no mundo entre os séculos XVII e XVIII.

A reflexão sobre o liberalismo surge com John LOCKE e toma forma econômica com o economista inglês Adam SMITH (1723-1790), que como os demais economistas da época, defendia o fim do mercantilismo. Preocupava-se em sistematizar a análise econômica com a

unesp

elaboração e demonstração de leis, que daria origem aos estudos de economia que rapidamente ganharia "status" de ciência.

O liberalismo proposto por Adam SMITH, tinha no trabalho e no acúmulo de capitais, sua principal fonte de geração de riquezas. Segundo SMITH, para uma nação desenvolver-se seriam necessários o aumento da produtividade do trabalho e a acumulação interna de capital.

Na obra **"A Riqueza das Nações"**, SMITH enfocou a divisão do trabalho como elemento essencial para o crescimento da produção e do mercado, sendo que sua aplicação eficaz dependia da livre concorrência, o que forçaria o empresário a ampliar a produção, buscando novas técnicas, aumentando a qualidade dos produtos, baixando ao máximo os custos da produção dentro das perspectivas do capitalismo concorrencial. Para SMITH, a economia seria regulada pelo decréscimo do preço final de cada produto, o que favorecia a lei natural da oferta e da procura, viabilizando o sucesso econômico geral e ninguém, nem mesmo o Estado, deveria intervir nesse processo, que tinha no mercado a essência máxima de sua existência. Ao Estado no entanto, caberia somente o papel de zelar pela propriedade privada e pela ordem.

Segundo MORAES,

> "Para os liberais o indivíduo livre precede o Estado, que se constituiu por meio de um pacto realizado entre os indivíduos, para uma melhor convivência (individualismo). Assim, o Estado deve apenas guardar essa ordem pactuada através das leis, intervindo o mínimo possível na vida dos cidadãos. Logo, o Estado liberal é aquele que procura intervir minimamente tanto na vida do cidadão como nas relações econômicas.
>
> O indivíduo apregoado pelo liberalismo é naturalmente dinâmico e capaz de se realizar plenamente sem ajuda externa (por exemplo, do Estado). A racionalidade é a expressão mais bem acabada dessa capacidade natural do homem e só ela deve determinar os limites humanos. A razão leva o homem à liberdade, que, por sua vez, é condição para o pleno desenvolvimento da razão". (1993, p. 257)

Na segunda metade do século XVIII, a burguesia que se enriquecera com o mercantilismo econômico decorrente da expansão ultramarina, ao perceber que as idéias do liberalismo de SMITH eram uma possibilidade de ouro para a ampliação de seu projeto político, social e principalmente econômico, rapidamente as incorporou a seu favor, pois essas estavam assentadas na liberdade do indivíduo, no direito a livre propriedade privada, no livre-câmbio, na liberdade de comércio e de produção, no respeito às leis naturais da economia e na liberdade de contrato de trabalho (salários e jornadas) sem o controle do Estado e pressão dos sindicatos (esses teriam que ser banidos para sempre); era tudo que esta burguesia sonhava e

unesp

queria para alavancar a Primeira Revolução Industrial e conseqüentemente concretizar o seu projeto de dominação sobre a Inglaterra e o mundo.

David RICARDO, seguidor de Adam SMITH, ao analisar as condições do assalariado e do capitalista, afirmara que com o aumento da população, o salário dos primeiros diminuiria e os lucros dos capitalistas cairia. RICARDO é o economista que vê no trabalho a fonte do valor. Sua reflexão sobre o trabalho como fonte do valor influenciaria muitos pensadores socialistas. Nesta mesma linha de raciocínio, MALTHUS dizia que o aumento da população levaria o homem, em um futuro breve, a uma assustadora situação de fome e de miséria.

Os princípios econômicos liberais em muito contribuíram com a eclosão e expansão da Primeira Revolução Industrial, científica e tecnológica, que trouxeram mudanças radicais ao contexto de mundo, da época. Entre es principais mudanças estão: a transformação da manufatura em fábrica (símbolo da indústria moderna), a introdução do sistema de maquinismo, cujo primeiro ato foi a disciplinarização cronométrica do movimento do trabalho entre os operários e do trabalho assalariado, a divisão tecnicamente especializada do trabalho, sincronizado pela disciplina do tempo cronometrado do relógio, aparecimento da propriedade privada (política de cercamento), a aceleração do processo de urbanização, o avanço da mecanização do campo e do êxodo rural, ampliando desta forma, o processo de exploração do trabalho e o crescimento astronômico da miséria. Neste período também surge o capitalismo e o Estado Nacional moderno.

A Revolução Industrial inglesa entra pelo século XIX, agravando a situação da miséria social. Nem mesmo o desenvolvimento da teoria distributiva da ideologia neoclássica do capitalismo laissez-faire, que ao primar pela "concorrência", também tinha um ideal de justiça distributiva; minimizou o problema. Para RODRIGUES, os capitalistas "valiam-se, para tanto, do argumento da "mão invisível", formulado por Adam SMITH, que retratava o capitalismo como um sistema ideal em termos de racionalidade e eficiência, e, ao mesmo tempo, exibiam uma fé inabalável na natureza automática e auto-regulável do mercado, a partir da qual demonstrava que as funções do Estado deveriam limitar-se a fazer cumprir os contratos e garantir a propriedade privada". (1997, p.197)

As contradições geradas pelo sistema capitalista de produção industrial, rotulado de concorrencial, deixaria a maioria da população em precárias condições de vida. Entre essas contradições estavam o aumento da exclusão social decorrente da crescente concentração de riqueza, dos baixos salários, das longas e exaustivas jornadas de trabalho nas fábricas, as más condições de vida nos insalubres bairros operários, que não contavam com nenhuma infra-estrutura (água encanada, rede de esgoto e calçamentos de ruas e vielas) e que freqüentemente

unesp

eram tomados pela fumaça e outros poluentes industriais. Qualquer movimento que viesse ferir os princípios da livre iniciativa, da propriedade privada, da "liberdade" individual e da ordem social vigente, era fortemente reprimido.

No decorrer da expansão da indústria moderna, para justificar essa excludente organização da sociedade industrial, surgem algumas doutrinas entre elas, a de MALTHUS. A crescente exclusão aliada ao aumento da fome, da miséria e o rápido crescimento da população, passara a preocupar Tomas MALTHUS, pastor protestante e demógrafo inglês, que estudara e escrevera sobre as leis da população.

MALTHUS escrevera que o crescimento da população em projeção geométrica em um curto espaço de tempo, poderia trazer sérios problemas para a humanidade, entre eles, o aumento da fome e a miséria pois, para ele, a produção de alimentos cresceria em projeção aritmética, não atendendo a todos. A solução segundo MALTHUS, estava no controle sobre o crescimento da população. Suas idéias acabaram ganhando adeptos em todo o mundo, dando origem à teoria que mais tarde ficaria conhecida como malthusianismo, a teoria populacional ainda preferida pelos capitalistas da atualidade.

MALTHUS errou com suas projeções ao subestimar o avanço científico e tecnológico e conseqüentemente o aumento da produção agrícola, que nos dias atuais apresenta uma produtividade anual superior as necessidades de consumo dos 6 bilhões de seres humanos que habitam o planeta Terra. Sabemos que a questão da fome em nossos dias não é decorrente da falta de tecnologia e de alimentos e sim, devido aos interesses capitalistas que controlam a circulação das mercadorias em todo o planeta.

Outras doutrinas surgiram propondo alternativas para a superação das injustiças sociais presente no seio da sociedade industrial, a partir da construção de uma sociedade justa e igualitária. Entre elas estavam o socialismo utópico, o socialismo científico e o anarquismo.

As idéias liberais advindas do final do século XVIII, juntamente com o capitalismo concorrencial, foram os responsáveis pela eclosão da Segunda Revolução Industrial e pela criação de novos ramos industriais e tecnológicos tais como a química orgânica, a petroquímica, a carboquímica, os produtos sintéticos, o motor a explosão, o avião, o telefone, o rádio e o telégrafo, proporcionando o avanço dos meios de transportes e de comunicação.

No final do século XIX, o desenvolvimento dos mercados de capitais no âmbito mundial e a formação dos grandes grupos multinacionais, dos trustes e cartéis, irão selar o fim do capitalismo concorrencial, dando lugar ao capitalismo monopolista e o início da corrida neocolonial que avançou sobre a África e Ásia, aumentando a turbulência no mercado e conseqüentemente a instabilidade e as depressões cíclicas.

unesp

A crise do capitalismo em curso iria deflagrar a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevista da Rússia e a grande depressão de 1929, devido ao estouro da Bolsa de Nova Iorque; crise decorrente da aplicação extremada do liberalismo nas economias dos principais países capitalista daquele período, principalmente sobre a norte-americana.

A crise de 1929, provoca o nascimento e a expansão do New Deal norte-americano e do Estado de bem-estar social europeu (Walfare State). Ambos passam a ser vistos pelos liberais ortodoxos, como uma constante ameaça a liberdade econômica e também política, devido a intervenção do Estado na economia e por favorecer a organização e promoção social.

Na passagem da segunda para a terceira revolução, pouco mais de 15 anos após o estouro da Bolsa de Valores de Nova Iorque ocorrido em outubro de 1929 e a quase 150 anos depois da origem do liberalismo, eis o início da primeira reedição (revisão) do liberalismo pensado por LOCKE e teorizado por SMITH, agora com o nome de neoliberalismo. É preciso entender que a ideologia neoliberal foi gestada entre 1944 e 1947 e paulatinamente executada evidenciando relação direta entre teoria e prática.

Além do combate a intervenção estatal na economia, outros motivos levaram alguns teóricos do mundo ocidental rico a reeditar uma versão do liberalismo muito mais ortodoxa em relação a teoria de SMITH. Tais motivos eram:

1- a projeção da ex-URSS como potência mundial e a conseqüentemente expansão do socialismo pelo o planeta, levara o início da bipolaridade mundial entre EUA (capitalista) e URSS (socialista). O comunismo torna-se o inimigo que precisava ser combatido;

3- o início da terceira revolução industrial, científica e tecnológica com o aparecimento do computador e da nova fase reestruturação e internacionalização do capitalismo ocidental, que levaria a industrialização tardia para inúmeros países do mundo periférico, entre eles, o Brasil.

No entanto o pseudo-comunismo ou socialismo real que além da URSS se expandiria por todo o Leste Europeu, China, Cuba e diversos outros países da Ásia e África, fora eleito como inimigo número um do mundo ocidental, liberal-democrata.

Ao estudarmos o liberalismo econômico praticado pela burguesia a partir do século XVIII, percebemos facilmente as razões que levam os neoliberais em nossos dias a apregoarem a diminuição do papel do Estado e de sua interferência na economia, endeusando o mercado como o único mecanismo capaz de regular a "livre" economia. Podemos observar que o discurso é o mesmo em épocas diferentes e, a essência central continua sendo a mesma: a busca, a qualquer custo, do acúmulo de novas riquezas, através da exploração do trabalho e dilapidação dos recursos naturais.

unesp

O projeto neoliberal é na verdade, um projeto de liberalização econômica muito mais amplo do que o defendido por Adam SMITH no século XVIII. Através do processo de globalização, o grupo dos países ricos (G7) pretende consolidar a implantação de um projeto econômico de dominação planetário, beneficiando principalmente as corporações transnacionais.

No segundo capítulo desta pesquisa mostraremos que o pensamento neoliberal origina-se no período pós Segunda Guerra Mundial, em resposta ao Welfare State keynesiano. No decorrer dos anos 70, ganha terreno em reposta à crise do modelo de econômico baseado na regulação estatal e na promoção social.

Para MOREIRA, o neoliberalismo veio

> "para operar a desconstrução do capitalismo do Welfare State. Seu discurso consiste num repertório de contrapontos, um a um, a cada elemento da fórmula keynesiana. Ponhamos ao avesso tudo que um keynesiano aponte como elemento edificador do capitalismo e teremos um neoliberal. Se para o keynesiano é o investimento estatal o antídoto contra a paralisia do sistema capitalista, para o neoliberal a intervenção estatal é exatamente a sua anestesia; se para o keynesiano o investimento estatal é a fonte geradora do pleno emprego, da distribuição da renda e do impulso ao consumo, para o neoliberal é ele pura fonte de burocratismo estatal e de espiral inflacionária que só o investimento privado desfaz e reverte. E se para o keynesiano é a regulação estatal que pode garantir a paz social e a conseqüente fluidez do sistema, para o neoliberal estas situações ideais são intrínsecas somente à regulação mercantil. Redução fiscal, privatização, despratrimonialização, desregulamentação, tal é o perfil do Estado neoliberal". (1993, p.117)

Entretanto vai ser início dos anos 80, com a ascensão de Margareth TATCHER ao poder na Inglaterra e de Ronald REAGAN nos EUA, que será deflagrado intenso processo de reação comandado pelas direitas representantes do capitalismo hegemônico, visando principalmente o enfraquecimento e possível queda do socialismo real (um dos principais objetivos), o aniquilamento das conquistas trabalhistas em todo o mundo e a abertura das economias dos Estados Nacionais, dando origem ao neoliberalismo, estruturado no desenvolvimento do meio técnico-científico informacional, que passa ser amplamente difundido no planeta (principalmente entre os países da América Latina, a partir da consolidação do "Consenso de Washington").

O neoliberalismo estruturado pelo "Consenso de Washington", determinou três fases de uma estratégia para realizar o ajuste econômico, nos países subdesenvolvidos:

1) estabilização da economia a partir do combate da inflação, da disciplina fiscal, da reforma tributária (mais imposto para os pobres e menos impostos para os ricos) e drásticos

cortes dos gastos públicos (principalmente em educação, saúde e infra-estrutura de saneamento básico);

2) realização de reformas estruturais tais como: desregulamentação econômica (interferência mínima do Estado na economia e flexibilização das leis trabalhistas), privatização das empresas estatais, liberalização financeira (fim das restrições e total liberdade para os "investimento" estrangeiros, principalmente para o capital especulativo) e comercial (prioridade do comércio exterior em detrimento ao interno, com redução de alíquotas para estimular as importações, cujo objetivo era manter a "estabilização" dos preços);

3) mudanças sobre as regras de proteção a propriedade intelectual (a nova Lei de Patentes brasileira, por exemplo, é totalmente favorável aos interesses dos países ricos) e retomada dos investimentos estrangeiros para alavancar o desenvolvimento (manutenção da política de altos juros para inibir o consumo e atrair os investimentos de capitais predominantemente especulativos) pois, para PETRAS, "um elemento-chave na "reestruturação neoliberal" é a mobilidade do capital: de uma região geográfica a outra, de um setor da economia a outro, do trabalho intensivo ao capital intensivo" (1999, p. 14).

Na tentativa de impor suas estratégias a qualquer preço, o discurso hegemônico neoliberal ao apregoar o "fim da História" e o "fim das utopias" tenta desqualificar os seus opositores, procurando convencer a todos, que o amargo ajuste econômico, imposto pelo Consenso de Washington aos países pobres, é essencial para a "correção" de todas as distorções econômicas, para que um dia, possamos "humanizar" a economia capitalista e conseqüentemente alcançarmos uma "vida decente" para "todos".

Segundo os princípios do neoliberalismo, para alcançarmos a profecia de "vida decente" para "todos", o único caminho viável a ser seguido é a defesa da bandeira da livre iniciativa, mecanismo essencial para garantir a hegemonia do ser supremo chamado mercado, como entidade acima e além de todas as coisas.

O objetivo real da ideologia neoliberal é inculcar, na mente de todos, que os resultados nefastos - tal como o desemprego - que dia-a-dia aprofundam o darwinismo social em nível mundial, é um mal ou uma fatalidade necessária para se chegar a tão sonhada "estabilidade" econômica e social e, segundo os defensores da nova ordem, não haveria possibilidade de reação contra este mal "necessário".

Para QUAINI, "MARX observa que na idéia darwiniana da luta pela existência é notável o fato que nos animais e nas plantas Darwin reconhece sua sociedade inglesa, com sua divisão social no trabalho, a concorrência, a abertura de novos mercados, as invenções e a malthusiana luta pela existência". (1979, p.18)

unesp

"A ideologia fatalista e imobilizante que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com seus ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar "quase natural". Frases como "a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?" ou "o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século" expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora." (FREIRE, 1997, p. 21-22)

Dando continuidade ao raciocínio de FREIRE, RODRIGUES fala que o sucesso ideológico do neoliberalismo:

> "não se limitou à corporação dos economistas. A nova ética neoliberal provou possuir um forte apelo para diversas camadas. Seu neoconservadorismo tem municiado a burguesia neoliberal com um discurso político calcado no conservadorismo moral, na xenofobia, em lemas como "lei-e-ordem", a família etc. Novos contratos sociais, como as "novas classes médias", foram atraídos pela lógica da mobilidade social ascendente, e antigas camadas, como a própria classe trabalhadora , têm sido atraídas pela ideologia da família e da nação (...). A coerência lógica do neoliberalismo teórico, necessária a seu poder de persuasão, é assegurada pela enumeração de três princípios que, na versão mais radical da doutrina, são a liberdade até o limite de seu abuso; a desigualdade até o limite do tolerável; a flexibilidade até os limites da insegurança. É o conjunto articulado desses três elementos que, no plano doutrinário, garante uma plena eficiência econômica do mercado, levando a um crescimento ótimo da produção material e o progresso social". (1997, p.207-11)

O autor da citação acima, fala que a coerência básica do neoliberalismo é enumerada por três princípios básicos, sendo que um deles, demonstra a intenção de estender a desigualdade até o limite do tolerável. Diante do assustador quadro de desigualdade social que presenciamos na atualidade, faço uma pergunta: Será que o poder de exclusão social do neoliberalismo ainda não chegou ao limite máximo de ação? Se não chegou, qual será então o seu limite no processo de exclusão? O da barbarização total dos pobres?

Para os atores sociais do neoliberalismo, tudo deve girar em torno do trivium: produtor-cliente-consumidor; tudo deve ser transformado em balcão de negócios, até mesmo a Educação, pois no Brasil, a educação praticada pela iniciativa privada, isto é, dentro das regras do mercado, já é uma das atividades mais rentáveis da economia nacional.

A ideologia neoliberal ganhou impulso no Brasil com a chegada de Fernando COLLOR DE MELLO à Presidência da República em 1990, e através da LDB promulgada em 1996. Introduziu-se no país um projeto de educação nefasto, visando através da malfadada "flexibilização", adequar as escolas e universidades públicas às regras do jogo do livre

unesp

mercado, desarticulando a organização de professores e demais profissionais da educação, com a intenção de transformá-los em profissionais apáticos e acríticos.

Diante de tantas desigualdades sociais produzidas pelo neoliberalismo na atualidade, para evitar a conscientização do povo e manter o seu "status quo", as escolas devem ser organizadas pela ótica do mercado, transformando os educadores em meros transmissores de conhecimentos desvinculados das verdadeiras finalidades da educação.

Assim, para FREIRE, "nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação" (1997, p. 51).

Diante da situação de agravamento das desigualdades sociais, decorrente do desumano processo da concentração de riqueza patrocinado pelo ajuste neoliberal e pela globalização da economia capitalista, o governo e as elites brasileiras querem transformar a escola pública, que atende a maioria da população, num centro de formação meramente tecnicista, impedindo o desenvolvimento de um projeto transformador de educação.

A construção de um projeto de educação transformador e de uma escola democrática, seria capaz de instrumentalizar a maioria excluída com conhecimentos da realidade cotidiana do mundo atual e, contribuiria juntamente com outros setores organizados de nossa sociedade, para a superação do caos econômico e social e para a construção de uma sociedade democrática e cidadã.

Os difusores do projeto neoliberal constantemente investem contra seus opositores, buscando desqualificá-los chamando-os de "dinossauros", retrógrados, sonhadores, idealistas, entre tantos outros adjetivos. A Imprensa Nacional, falada, televisiva e escrita, tem sido o principal veículo usado para desencadear o processo de desqualificação contra os opositores do referido projeto.

Perante este projeto de desqualificação das pessoas, FREIRE é enfático ao dizer que prefere "ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética. A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. A liberdade do comércio sem limites é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra os direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver" (1997, p. 146).

A privatização do ensino público a qualquer custo, defendida pelos neoliberais, vem ocorrendo mesmo sem a venda das escolas públicas para a iniciativa privada, pois a introdução

unesp

da flexibilização nas grades curriculares e de mecanismos como a avaliação institucional e a avaliação de "competências", tem por objetivo o alcance da "qualidade total" dentro da ótica empresarial, onde o trivium: produtor-cliente-comsumidor se faz presente igualmente, em qualquer outro setor da atividade econômica da iniciativa privada. Até mesmo a adoção de escolas públicas por comunidades e empresas, fenômeno crescente em quase todo o país, é uma forma de privatização disfarçada, pelo fato de estarem assumindo um dever que é do Estado.

Diante da lógica mercadológica, imposta pelo neoliberalismo para garantir a fluência segura da globalização da economia capitalista, comandada pelas grandes corporações transnacionais, nós educadores comprometidos com uma educação libertadora e transformadora, teremos que lutar em prol da construção de um projeto econômico e educacional alternativo ao neoliberal, pois este, apenas objetiva dar aos filhos da massa trabalhadora uma qualificação tecnicista, centrada nos princípios de flexibilização do trabalho exigido pela produção globalizada, cada vez mais tecnologizada e automatizada.

HOLLOWAY e PELÁEZ, diz em que "o desenvolvimento tecnológico, assim como outros aspectos do desenvolvimento social, é marcado pela tentativa sempre contraditória do capital de colocar arreios na criatividade humana. A "revolução da microeletrônica não é um evento externo que impõe um certo desenvolvimento sobre a sociedade: ela é, fundamentalmente, uma tentativa para programar, para reduzir processos sociais complexos a regras simples, transformando a sociedade em algo que pode ser computadorizado." (1998, p.29)

A formação dentro da lógica do mundo empresarial, é o eixo motor da pedagogia educacional neoliberal e, seu objetivo é a formação de um profissional acrítico, isto é, um "novo" apertador de parafusos; agora mais "sofisticado" por ser rotulado como flexível, isto é, capacitado para estar sempre apto para trabalhar em todos os setores de produção de uma determinada empresa. É o chamado profissional polivalente, "louvado" e sacramentado pelo toyotismo; um profissional bem comportado, com o perfil adequado para a implementação da "produção sem gorduras", isto é, sem excesso de trabalhadores e conseqüentemente "racional" e sem desperdícios.

No entanto, segundo CHESNAIS:

> "A implementação da "produção sem gorduras de pessoal" não elimina o interesse das multinacionais por locais de produção de baixos salários, mas elas não precisam mais deslocar-se milhares de quilômetros para achar esses locais. O efeito combinado das novas tecnologias e das modificações impostas à classe operária, no tocante à intensidade do trabalho

> e à precariedade do emprego, foi proporcionar aos grupos americanos e europeus a possibilidade de constituir, com ajuda de seus Estados, zonas de baixos salários e de reduzida proteção social, bem perto de suas bases principais, dentro dos próprios pólos "triádicos" (...): México e Leste Europeu" (1996, p. 35-6).

Analisando a citação de CHESNAIS e a própria estrutura evolutiva do capitalismo moderno e do liberalismo econômico até chegar na sua vertente atual denominada de neoliberalismo, é possível afirmar que vivemos um momento onde intencionalmente a exclusão social é calculada, fato que deixaremos para refletir na fase conclusiva desta pesquisa, onde demonstraremos uma série de fatores que nos levam a afirmar com propriedade sobre a existência de uma exclusão pensada e arquitetada dentro lógica explorador-explorado.

Como geógrafo/Educador comprometido com os ideais de construção de um Brasil justo a todos seus filhos, sou contra os princípios propagados pelo ideário neoliberal em sua essência e também crítico de muitos aspectos da globalização econômica da aplicação das novas tecnologias da terceira revolução industrial, científica e tecnológica. Em virtude desta situação luto em prol da concepção de uma educação libertadora e transformadora.

No entanto, tenho plena consciência dos limites da transformação pela educação, pois desvinculada de outras formas de organização e prática sociais, ela não consegue sozinha, transformar a realidade cotidiana das camadas sociais desfavorecidas. No terceiro capítulo desta pesquisa, tratarei a questão dos limites da Educação com um pouco mais de profundidade.

A educação como prática mediadora é, um dos meios fundamentais para a organização de um processo amplo de transformação social, capaz de mobilizar a sociedade no seu todo, já que como possuidora do poder da formação intelectual do ser humano, poderá ser, quando trabalhada com criticidade, a porta de entrada para construirmos um país justo e democrático.

MATERIAL E MÉTODO

O intelectual e educador Cipriano Carlos LUCKESI (1992) define método "como o meio de atingir um determinado fim (...) Contudo, os fins a serem atingidos variam; fato que obriga a entendimentos diversos do que seja método. Neste caso, ele distingui duas perspectivas de compreender o método: uma sob a ótica teórico-metodológica e a outra sob a ótica técnico-metodológica.

unesp

Embora a escolha da estrutura metodológica de minha pesquisa não tenha se prendido a concepção de um único intelectual, comentei acima a visão LUCKESI sobre método, por também tê-lo usado como referência.

Para desenvolver a pesquisa intitulada como: **Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Calculada - Reflexões Sobre o Ensino de Geografia**, visando a obtenção de título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP Campus de Marília, parti da seguinte estruturação:

1- **INTRODUÇÃO**: optei por fazer um breve histórico sobre a origem e evolução do pensamento liberal, para poder entender a concepção neoliberal no pós Segunda Guerra Mundial, bem como a sua ligação com a globalização da economia capitalista e com as novas tecnologias da terceira revolução industrial, científica e tecnológica, elementos fundamentais para suas ações sobre o mundo econômico, político, social, educacional e cultural.

A parte final desta introdução, é destinada ao comentário sobre a estruturação metodológica desta pesquisa.

2- **CAPÍTULO I**: denominado **"Um Mundo que se Transforma"**, faço reflexões sobre o atual contexto de mundo, dentro da ótica do neoliberalismo que, segundo RODRIGUES (1997), não se reduz, hoje, à mera política econômica "realista" nascida para "enxugar" o Estado. Pretende, ademais, liberar das amarras burocráticas os agentes do mercado e, assim, superar desequilíbrios tópicos de economias com déficits fiscais ou problemas monetários e da globalização, responsáveis pelas inúmeras mudanças e transformações em curso no mundo, tanto na ordem econômica e política, quanto do trabalho, da produção, da educação, na social, da cultura, etc.

3- **CAPÍTULO II**: denominado **"O Neoliberalismo Excludente, A Globalização Capitalista, O Discurso da "Qualidade Total" e o Primado da Competição"**, busco conceituar teoricamente cada um dos tópicos apontados, mostrando como foi construído este novo paradigma de mundo, marcado pela passagem da segunda para terceira revolução industrial, científica e tecnológica e da concepção e sistema de produção e do trabalho mercado pelo taylorismo/fordismo em direção à flexibilidade do toyotismo.

Neste capítulo, procurei delimitar bem a evolução do neoliberalismo e da globalização e o alinhamento de ambos com as novas tecnologias da terceira revolução industrial, responsáveis pela eclosão de um amplo processo de reconfiguração do espaço geográfico global, sobre o comando do capitalismo financeiro internacional (extremamente especulativo) e das grandes corporações transnacionais, dos países mais ricos do planeta.

unesp

Na seqüência, trabalhei os reflexos decorrentes do processo de implementação do neoliberalismo, da globalização da economia capitalista e das novas tecnologias da terceira revolução industrial, científica e tecnológica sobre os países pobres, principalmente em relação ao Brasil, país onde a desnacionalização da economia provocou entre outras coisas, a quebra de inúmeros produtores do setor da produção primária e industrial, disponibilizando vultosas quantias de dinheiro públicos aos grandes grupos nacionais e internacionais (em detrimento dos interesses da maioria da população), provocando o aumento da concentração de riqueza e da dívida externa e o agravamento do desemprego, da fome, da miséria e do caos social.

Na verdade, os questionamentos, reflexões e considerações feitas na introdução, no primeiro e segundo capítulos, é **suporte teórico** necessário para amarrar com os questionamentos, reflexões e considerações que faço no terceiro e quarto capítulos, pois para refletir a Educação, o ensino de Geografia, o papel do Geógrafo/Educador hoje e a questão da exclusão calculada, para propormos um modelo de Educação libertadora e transformadora, é preciso entender o atual contexto de mundo com profundidade, isto é, para combater um inimigo, temos que conhecer as suas estratégias de ação e dominação.

4- **CAPÍTULO III**: Denominado como **"O Ensino de Geografia dá Conta das Mudanças Atuais"**, nosso objeto de pesquisa; reflito num primeiro momento, sobre o papel da Geografia e de seu ensino perante o neoliberalismo e a globalização, questionando a Geografia Tradicional e dos "Professores" a serviço do poder oficial, discutindo os limites da transformação pela educação e a sala de aula como espaço da cidadania, tentando amarrar a discussão com a do quarto capítulo, onde trabalhamos as possíveis contribuições da Educação Pública Popular, do ensino da Geografia numa concepção Cidadã e de um Geógrafo/Educador, na luta pela a construção de uma escola pública que dialeticamente prime pela quantidade (amplitude de abrangência) sem deixar de lado a qualidade, isto é, uma escola pública democrática e cidadã, que priorize a formação de seres humanos, contemporâneos de nossa época.

5- **CAPÍTULO IV**: Denominado como **"O Ensino de Geografia numa Concepção Cidadã"**, trabalho o compromisso político e a competência técnica do educador, a Geografia Cidadã e a defesa de valores fundamentais e função educativa e libertadora do Geógrafo/Educador, tomando como parâmetro, a própria existência.

6- **CONSIDERAÇÕES FINAIS**: depois de ter feito, na parte introdutória e nos quatro capítulos posteriores, inúmeros questionamentos, reflexões e considerações sobre as mudanças e transformações que estão ocorrendo no âmbito global em virtude da ação do neoliberalismo, da globalização e das novas tecnologias e também, sobre a Geografia Tradicional, dos



"Professores", Crítica e Cidadã, procurei demostrar que a superação do quadro de exclusão social vigente somente será alcançada a partir da consolidação de um modelo de escola pública centrada nos princípios da Educação Pública Popular e do ensino de Geografia Cidadã, capaz de contribuir com a organização social em seu todo, isto é, envolvendo todos os segmentos e instituições sociais.

7- **QUESTÃO RELATIVA AO ENSINO DE GEOGRAFIA**: neste item abordei o assunto predominantemente no terceiro e quarto capítulos, discutido dentro do âmbito nacional, levando em consideração a Geografia que aprendi no nível fundamental, médio e superior, articulando com o papel que hoje exerço como Educador. Não desprezei as abordagens sobre o ensino da Geografia em nível internacional, pois a Geografia Brasileira desenvolveu-se a partir daquela influência.

A opção em interligar o trabalho didático-pedagógico que desenvolvo como Geógrafo/Educador, articulada com à minha história de vida, tem por objetivo, demonstrar que a Educação é capaz de transformar a vida humana pois, diante histórico de vida ficou claro que se não tivesse estudado, talvez no futuro não tivesse condições de ser sequer no mínimo, um pequeno produtor rural. Seria certamente trabalhador de fazenda ou profissional desqualificado na cidade. A Biografia de um Geógrafo/Educador é essencial para compreensão de seu compromisso político e competência técnica no ensinar e difundir as diretrizes da Geografia Cidadã.

A ênfase na experiência de vida está bastante nítida no quarto capítulo, onde discorro sobre a minha história de vida e os principais feitos alcançados no trabalho realizado como Geógrafo/Educador na sala de aula, como exemplo, o primeiro texto didático-pedagógico que escrevi sobre o neoliberalismo, a confecção do vídeo sobre cidadania, a participação no Projeto Canudos e no Projeto INCOM e a sobre a atuação frentes a Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP. Materiais e atividades didático-pedagógicas despojados de quaisquer interesses mercadológicos.

Este é o compromisso que tenho assumido como Geógrafo/Educador, pois desde que ingressei na escola pública, sempre tive consciência de falhas e limites e, procurando trabalhar metodologicamente o ensino de uma Geografia, de uma maneira que leve os educandos a refletirem e a realizarem uma leitura crítico/reflexiva de um mundo em constante processo de mudança e transformação. Como diz FREIRE, "o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, insubmissão. Uma das tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade

unesp

metódica não tem nada a ver com o discurso "bancário", meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo." (1997, p. 28-9)

Digo com convicção que a Educação e a Geografia foram as responsáveis pela transformação social da minha vida e agora, como Geógrafo/Educador tenho o compromisso de ensinar os educandos vindos do povo, da melhor forma possível.

8- **FONTES, LOCAIS DE PESQUISA E CRITÉRIO DE SELEÇÃO DA BIBLIOGRAFIA UTILIZADA**: para a realização desta pesquisa, busquei embasamento teórico para os questionamentos, afirmações, indagações e reflexões necessárias para estruturar o meu pensamento, em inúmeras fontes e locais de pesquisa. Num primeiro momento recorri a livros e revistas da minha biblioteca particular (que nos últimos três anos fora ampliada com a aquisição de 96 livros e com a assinatura das revistas Princípios, Cadernos do Terceiro Mundo, Caros Amigos, Travessia. Globo Rural, Sem Terra, Mercosul, Ecologia Educação e Sociedade, Cadernos Cedes, Ágora, Boletins Paulista e Gaúcho de Geografia e a extinta revista Atenção), da biblioteca e publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Bauru (revista "Ciência Geográfica" e o informativo "O Espaço do Geógrafo"), em outras bibliotecas ou através de empréstimos de amigos. Também colhi informações vinculadas pela imprensa falada e televisiva, pelos jornais Folha de São Paulo e "O Estado de São Paulo" e na participação de inúmeros encontros, congressos, simpósios, cursos e outros tipos de reuniões.

Para selecionar a bibliografia utilizei de vários critérios:

1- Nos livros, revistas e jornais com assuntos relacionados com o neoliberalismo, globalização, novas tecnologias, revoluções industriais, taylorismo/fordismo, toyotismo, qualidade total, competitividade, privatização, exclusão social, abertura de mercado, desregulamentação econômica, flexibilização, nova lógica do mundo produção e do trabalho e abertura de mercado, levei em consideração a veracidade das informações e a seriedade de seus autores entre eles geógrafos, jornalistas, filósofos, sociólogos, educadores e economistas de diferentes concepções ideológicas.

2- Nos livros, revistas e jornais com assuntos relacionados com a Geografia e seu ensino, recorri a autores de múltiplas escolas geográficas, mas em certos momentos priorizei o pensamento de intelectuais seguidores da Geografia Crítica e Cidadã (marxista), devido a identificação com o respectivo pensamento.

3- Nos livros, revistas e jornais com assuntos relacionados com a educação, priorizei a leitura de intelectuais defensores de uma prática educacional libertadora e ligados à pedagogia histórico-crítica. A posição ideológica desses intelectuais é de extrema importância para

unesp

qualquer Educador que prime pela construção de uma escola pública cidadã e para a consolidação de uma sociedade democrática.

Parte do dados estatísticos que utilizei nesta pesquisa, foi extraído principalmente do jornal Folha de São Paulo. Justifico que adotei tal procedimento em decorrência da dificuldade de encontrar dados atualizados, pois os de interesse para minha pesquisa, fornecidos por órgãos de estatísticas oficiais, como por exemplo, o IBGE, estão desatualizados.

Não estamos afirmando que a metodologia utilizada pelo Datafolha para fazer os levantamento dos dados indicados nas pesquisas é a mais correta, pois sabemos que no Brasil, a maioria dos dados estatísticos são manipulados e não correspondem com a realidade que vemos no dia-a-dia do país. Como as opções não são muitas, se faz necessária uma filtragem crítica sobre os dados disponíveis. Eis, em suma, o resumo da dissertação que ora apresento para avaliação da Douta Banca Examinadora aprovada pela coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, curso que me possibilitou estudar e investigar tão importante objeto de análise, o **Ensino de Geografia numa concepção Cidadão, Crítica e Politicamente** orientada.

global, entre outras. Este repertório, composto por expressões ainda estranhas para a maioria das pessoas, faz parte da nova fase de reestruturação do capitalismo hegemônico e de sua globalização, que vieram acompanhadas por um novo estágio tecnológico, composto por modernissimas tecnologias.

As referidas expressões se tornaram obrigatórias na mídia escrita, falada e televisiva, através da linguagem de políticos (principalmente entre os conservadores), empresários, banqueiros, especuladores, executivos entre tantos outros, e conseqüentemente no vocabulário da sala de aula, utilizados por muitos educadores, de uma forma positiva entre alguns e negativas entre tantos outros.

Como já se disse, a globalização da economia capitalista, o neoliberalismo e o aparato tecnológico da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, são os grandes responsáveis pela introdução deste novo repertório de expressões pouco conhecidas no vocabulário cotidiano, da maioria da população.

Assim, se faz necessária a criação de um modelo de escola que leve o educando a decodificar as artimanhas que estão por de trás de cada uma dessas expressões. É uma questão de urgência, num momento em que as referidas expressões acima mencionadas representam as estratégias do "padrão flexível", utilizado pelo sistema econômico capitalista; diante de sua reestruturação e globalização.

Sobre o referido "padrão flexível", o sociólogo e professor Octavio IANNI diz:

> "O padrão flexível de organização da produção modifica as condições sociais e as técnicas de organização do trabalho, torna o trabalhador polivalente, abre perspectivas de mobilidade social vertical e horizontal, acima e abaixo, mas também intensifica a tecnificação da força produtiva do trabalho, potenciando-a. O trabalhador é levado a ajustar-se às novas exigências da produção de mercadoria e excedente, lucro ou mais-valia. Em última instância, o que comanda a flexibilização do trabalho e do trabalhador é um novo padrão de racionalidade do processo de reprodução ampliada do capital, lançado em escala global". (1994, p. 21)

Para as pessoas desatentas, o sentido da expressão "padrão flexível" soa como algo moderno, que traz crescimento, progresso, desenvolvimento e justiça social, mas o raciocínio exposto anteriormente por IANNI, mostra que o objetivo pretendido é outro. Diante do exposto ou concluído, é preciso raciocinar mais um pouco sobre a questão tomando, como exemplo, o "padrão flexível" desenvolvido pela Toyota, empresa automobilística localizada no Japão.

O "padrão flexível" desenvolvido e implantado pela montadora japonesa Toyota tem como principal objetivo, fabricar, ao mesmo tempo, muitos modelos em pequena quantidade, pois segundo os idealizadores desta filosofia, a demanda puxa a oferta e como num

supermercado, os produtos terão que ser repostos conforme vão sendo vendidos. A Toyota por exemplo, propulsora do referido sistema, trabalha com estoques de apenas duas horas, demonstrando o grau de intensidade que a flexibilização da produção está atingindo, na atualidade do mundo.

Para JOFFILY, "quando alguém compra um carro, a montadora produz outro igual. As indústrias de autopeças, por sua vez, repõem os componentes. Dentro da fábrica, idem: o setor subseqüente "encomenda" o que necessita ao precedente. Para isso, as máquinas também têm de ser flexíveis." (1996, p.17).

Na produção flexível, decorrente da reestruturação toyotista, a extremada automatização, exige que o trabalhador seja polivalente (tenha conhecimentos sobre diversas habilidades) para que possa executar várias tarefas ou até mesmo operar em média cinco máquinas num único dia, intensificando o ritmo de trabalho, situação que o deixa mais cansado e conseqüentemente intensificando a precarização da força-de-trabalho humana.

Segundo JOFFILY e outros críticos da filosofia de reestruturação produtiva toyotista, com a implantação da polivalência, o trabalhador é treinado para não depender das chefias, executar várias funções, e é induzido a se sentir "dono" da produção, sem que chegue a perceber que a produção não é dele.

FRANCO, diz que "a reestruturação produtiva segundo o toyotismo ou modelo japonês, tal como se realiza no Japão, segue o modelo considerado o mais bem sucedido de "flexibilidade" no uso de máquinas versáteis, organização e gestão da força de trabalho integrada em sistemas flexíveis, desenvolvendo uma subjetividade de participação na empresa e colaboração ativa no aumento da produção e na busca da qualidade e competitividade dos produtos." (1998, 119-20).

A introdução do "padrão flexível" toyotista na produção, faz parte do rol de mudanças e transformações em curso no planeta, e, em tese, foi proporcionada pela evolução tecnológica decorrente do advento da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica; principalmente pelo crescente desenvolvimento ocorrido a partir do anos 50, no campo tecnológico da microeletrônica e consequentemente sobre a informática, a robótica e as telecomunicações, possibilitando entre outras coisas, o desenvolvimento de modernissimos super e micros computadores, robôs, satélites artificiais, entre outros instrumentos.

No comando da rota de um mundo que se transforma, a informática, como um dos principais campos tecnológicos da atualidade, torna-se assim uma nova linguagem do homem; uma nova forma de se comunicar e armazenar o pensamento humano; é por isso chamada de a quarta "linguagem do homem".



Na verdade, o "padrão flexível" desenvolvido e aplicado largamente pela Toyota no setor de produção, tem como meta principal, aprimorar os mecanismos de exploração do trabalho, aumentando a produção e o lucro obtido através da venda dos produtos produzidos e do acúmulo da mais-valia, extraída em decorrência do aumento da exploração proporcionada pela aplicação da polivalência no trabalho.

Podemos dizer que o "padrão flexível" toyotista, nada mais é que a sofisticação da exploração do trabalho em nome dos ganhos em produtividade, no alcance da "qualidade total" e na garantia de competitividade. Para mascarar seus reais objetivos, sua aplicação é justificada em nome da manutenção da "empregabilidade" do trabalhador, isto é, sua capacidade de adaptação em vários segmentos do setor produtivo, mantendo-se empregado, "evitando" a sua exclusão do mercado de trabalho.

Veja o que diz RAMIREZ, sobre o atual processo de reestruturação produtiva e a questão da "empregabilidade":

> As empresas do mundo inteiro, objetivando atingir novos mercados com maior competitividade internacional, atentaram-se à diminuição de custos através da maior produtividade com automação e tecnologias avançadas.
>
> A abertura econômica submete as empresas nacionais a uma concorrência forte, que as obriga a modernizar sua estrutura econômica, e, portanto direcionam-se ao processo de terceirização.
>
> A imigração internacional das estruturas organizacionais tem mostrado que grandes corporações estão transportando seus negócios para fora de seus países, procurando custo menor e pouca distância de seus mercados alvos.
>
> A reflexão sobre a empregabilidade não é privilégio dos trabalhadores brasileiros, pois foi disseminada no mundo inteiro, e de forma mais acentuada, a partir de 1985, quando a automação foi acelerada.
>
> Em conjunto com esse desenvolvimento empresarial, soma-se a necessidade da agilidade de decisão e de elaboração estratégica e consequentemente o achatamento da estrutura organizativa.
>
> Sem dúvida, a empregabilidade já está trazendo um problema para a sociedade e tenderá a crescer para o profissional que não melhorar suas habilidades, conhecimentos e capacitação, pois algumas funções deverão desaparecer como: caixa de banco, cobradores, operários de linha de montagem, entre outras (1997, p.105 – 6).

RAMIREZ conclui o seu raciocínio dizendo que a "empregabilidade" é o conjunto de habilidades, conhecimentos e capacitações. É o aprimoramento dos talentos do trabalhador, e pode ser identificada através de três visões: conseguir um novo emprego; manter seu posto de trabalho e montar seu próprio negócio permitindo a "empregabilidade" de outros trabalhadores.

Como podemos observar, o referido consultor de empresas analisa a questão da "empregabilidade" pela ótica empresarial, desviando-se da seguinte questão: o crescente

desemprego nem sempre é fruto da falta de habilidades ou de melhor qualificação do trabalhador e sim, da perversidade patrocinada pela expansão da economia capitalista globalizada, principalmente devido ao seu crescente processo de automação da produção.

Para FORRESTER,

> a "empregabilidade" é "uma palavra que soa nova e parece prometida a um belo futuro, que se revela como um parente muito próximo da flexibilidade, e até como uma de suas formas. Trata-se para o assalariado, de estar disponível para todas as mudanças, todos os caprichos do destino, no caso dos empregadores. Ele deverá estar pronto para trocar constantemente de trabalho ("como se troca de camisa", diria a ama Beppa). Mas, contra a certeza de ser jogado "de um emprego para outro", ele terá uma "garantia razoável" – quer dizer, nenhuma garantia – "de encontrar um emprego diferente do anterior que foi perdido, mas que paga igual. (1997, p. 118).

Não poderíamos esperar uma posição contraria de RAMIREZ, pois sua visão é a majoritária entre os neoliberais com o objetivo de desviar o foco da perversidade do modelo que defendem, culpam os próprios trabalhadores pelo aumento do desemprego, por não se "esforçarem" na busca de novas habilidades para manter a "empregabilidade", e assim "isentar" a excludente política econômica neoliberal de qualquer responsabilidade.

Para os defensores do ideário neoliberal, a incompetência não é do modelo econômico excludente que disseminaram pelo mundo a partir do início dos anos 90 e sim, dos próprios trabalhadores que "resistem" em se adequar às diretrizes do processo de "modernização" em curso.

As profundas mudanças e transformações oriundas da aplicação das políticas econômicas neoliberais e da globalização da economia capitalista, estão agravando o caos social, fato que reforça a necessidade da construção de uma escola capaz de formar educandos preparados intelectualmente para decodificarem as artimanhas usadas pelo capitalismo globalizado; esta é questão que aprofundaremos em outros capítulos desta pesquisa.

As novas tecnologias advindas da Terceira Revolução Industrial, entre outras coisas, possibilitaram, principalmente na área das telecomunicações, a criação dos satélites artificiais e sua constante sofisticação e ampliação, favorecendo o incremento dos sistemas de comunicação via rádio, televisão, telefones, radares e de equipamentos de comunicação na área militar.

Para NAISBITT:

> As telecomunicações são a força propulsora que está, simultaneamente, criando a gigantesca economia global e tornando as suas parte menores e mais poderosas.



> As telecomunicações fornecerão a infra-estrutura de que toda indústria e toda empresa necessitarão a fim de competir em um mercado realmente cosmopolita. O setor das telecomunicações dobrará e redobrará, à medida que evoluirmos para a interconectividade global.
>
> No processo, a indústria das telecomunicações – que engloba telefones, televisões, computadores e produtos eletrônicos de consumo – ingressou em um período de caos criativo e inquiridor (...) Na rede econômica global do século XXI, a tecnologia da informação impelirá a mudança da mesma forma como, sem dúvida, a fabricação impeliu a mudança na era industrial (1994, p.53).

Sobre a evolução e sofisticação das telecomunicações descrita por NAISBITT, veja-se o exemplo a seguir: "uma fibra ótica com espessura de um fio de cabelo transmite 500 canais de TV simultaneamente e comporta informação equivalente a 1000 freqüências de rádio e na atualidade, o número de ligações telefônicas entre os EUA e a Europa supera 700 milhões ano. Em 1960, elas somaram apenas 2 milhões" (F.S.P. 1997, p.02)

Atualmente, a ampliação e sofisticação dos satélites artificiais intensificou-se nos últimos 20 anos, permitindo as transmissões instantâneas de informações de qualquer lugar do planeta, padronizando e globalizando os sistemas de comunicação e de informações dentro dos moldes preconizado pelo capitalismo hegemônico, controlado pelos sete países mais ricos (G7), que se aproveitam desta condição para imporem cada vez mais as suas regras econômicas, políticas e culturais sobre a grande massa apartada do "boom" econômico "ofertado" pelo mercado-cassino-globalizado.

O controle exercido pelos países ricos sobre as informações que circulam pelo mundo ampliou-se em decorrência das privatizações das empresas estatais de telecomunicações nos países chamados de "emergentes"; entre estes, o Brasil.

Os compradores das empresas estatais de telecomunicações privatizadas nos países "emergentes", foram principalmente empresas norte-americanas e européias, fechando-se o círculo em prol dos interesses hegemônicos do mundo rico e de suas corporações transnacionais.

A edição de número 210 da revista Cadernos do Terceiro Mundo referente ao mês de junho de 1999, trouxe reportagem páginas 60-63 intitulada como: "Sem Licença para Espionar", mostra que, através da estação norte-americana de Segar Grove, localizada a 250 quilômetros de Washington, são controladas as comunicações do Brasil e dos demais países do continente americano, enquanto outras estações vigiam o resto do mundo.

A base que controla a totalidade do tráfico de informações da Europa está situada na Grã Bretanha, a 100 quilômetros de Exeter. As regiões do Oceano Índico e do Pacífico são controladas por três bases: a primeira está localizada no Polígono do Exército norte-americano

em Yakima, a 200 quilômetros de Seattle, a segunda em Waihopai, na Nova Zelândia e a terceira em Geraldton na Austrália.

Segundo a reportagem, para realização deste controle, os EUA dispõem de cinco bases terrestres, a partir das quais são interceptadas as comunicações telefônicas internacionais que passam pelos 25 satélites Intelsat.

Para decifrar as informações transmitidas pelos 25 satélites Intelsat, computadores extremamente poderosos, chamados "dicionários", são capazes de absorver, examinar e filtrar enormes quantidades de mensagens numéricas e analógicas, retirar do conteúdo as palavras-chave programadas e mandar automaticamente os resultados das análises ao quartel-general da National Security Agency. Uma ou duas vezes por semana, os responsáveis pelos "dicionários" retiram algumas palavras-chave ou colocam outras em função dos temas políticos, diplomáticos e econômicos que interessam em determinados momentos aos EUA.

Os EUA, graças a um sistema ultra-sofisticado de espionagem por satélites, têm hoje a capacidade de captar dois milhões de conversações por minuto no mundo, ou seja, aproximadamente três bilhões por dia, registrando tudo o que se diz nos celulares, fax e e-mails.

A denúncia feita pela reportagem publicada na revista "Cadernos do Terceiro Mundo", comprova que com o final da Guerra Fria, os EUA tenta impor a ferro e fogo a "Nova Ordem Mundial" para assegurar o seu papel como única superpotência do mundo. Desta forma, com aval dos demais países do G7, além da sua supremacia militar, agora está impondo ao resto do mundo um terrível projeto de "colonialismo" digital sobre a circulação de informação, para defender os seus interesses econômicos, políticos e culturais.

O minucioso controle que os países ricos estão exercendo sobre as informações que circulam diariamente no planeta, demonstra que estamos vivendo num mundo que transforma positivamente para pouco mais de 20% da população da Terra que está inserida no processo de globalização da economia capitalista. Por outro lado, transforma negativamente para aproximadamente 80% da população do planeta, que está praticamente quase excluída da globalização da economia capitalista. Aliás, uma grande parcela dessa população nem sequer chegou a ser incluída, uma vez que já se encontrava excluída quando do advento da globalização.

Torna-se cada vez mais evidente a hegemonia dos países ricos sobre os meios de comunicação e informação diante da sofisticação tecnológica propiciada pela Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica. Na atualidade, o mercado mundial de transmissão via satélite por exemplo, é composto por um grupo de apenas seis grandes consórcios (um sétimo consórcio do grupo, o Teledesic da Microsoft, entrará em operação em

unesp

2002) e juntos controlam quase 100% dos serviços de transmissão de informação do setor. A tabela abaixo mostra a composição de cada um desses consórcios:

Tabela 1: Principais Consórcios de Satélites existentes no mundo

INMASART:	*GLOBALSTAR:*	*ORBCOMM:*	*ODISSEY:*
- Criado em 1979 *- Organização internacional, com 81 países-membros;* *- Já está em operação.*	*- Consórcio de dez empresas – Alcatel, France, Telcom, Vodafone, Qualcomm, Loral, Airtouch e Hyundai entre outras;* *- São 56 satélites (08 já inativos) alcançando cem países;* *- Custo de US$ 2,5 Bilhões;* *- É usado para voz, dados, fax e outros serviços de telecomunicações.*	*- Pertence às empresas Orbital Sciences Corporation e Teleglobe Inc.;* *- Entrou em operação comercial no começo de 1998;* *- São 36 satélites – 02 já estão em órbita desde 1995.*	*- As duas empresas fundadoras são a TRW e a Teleglobe Inc.;* *- São 12 satélites, a um custo de US$ 1,3 Bilhão;* *- Será usado para transmissão de voz e dados.*

ELLIPSO:	*IRIDIUM:*	*TELEDESIC:*
- São 17 satélites, a um custo de US$ 900 milhões; *- Pertence à empresa norte-americana Mobile Communications Holdings;* *- Transmitirá principalmente voz, mas também dados;* *- Entra em operação no começo do ano 2000;* *- Custo US$ 1,3 bilhão.*	*- Sistema desenhado pela empresa norte-americana Motorola, está sendo implantado por um consórcio de empresas. No Brasil é representado pelo grupo Inepar do Paraná;* *- Entrou em operação em setembro de 1998, a um custo de US$ 3,4 Bilhões.*	*- Fundado em 1990;* *- Seus principais acionistas são Craig McCaw, ex-proprietário da McCaw Celular, e Bill Gates, proprietário da Microsoft;* *- Início das operações está previsto para 2002;* *- Serão 288 satélites, a um custo de US$ 9 bilhões.*

Fonte: Adaptado do Caderno Especial Globalização, Folha de São Paulo, 1997.

Entre as novas tecnologias de comunicação possibilitadas pelo avanço do aparato tecnológico da Terceira Revolução Industrial, a Internet é na atualidade, o mais novo e significativo instrumento de comunicação e de circulação de informação desenvolvido no limiar do século XXI.

Muitos afirmam que a Internet é um meio de comunicação e informação democrático. Doce ilusão! Como já vimos anteriormente, igualmente aos outros tipos de meios de comunicação e informação, ela foi desenvolvida em centros de excelência tecnológica dos países ricos, que controlam diariamente todos os seus passos.

Pela Internet circulam informações e idéias, campos fundamentais para a garantia do domínio econômico, cultural e geopolítico no próximo século e milênio, pois o que está em jogo não é somente o futuro da expansão do campo de tecnologia de ponta, mas também, a sobrevivência do sistema capitalista hegemônico.

unesp

A globalização da economia capitalista, fora concebida dentro da lógica da exclusão pela exclusão, como uma estratégia necessária para acumular riquezas. Assim sendo, aliada à crescente utilização do aparato tecnológico da Terceira Revolução Industrial que se expande por todos os setores da atividade humana, não contribui com a erradicação da fome e da miséria no planeta.

A introdução do processo de livre circulação do capital e das mercadorias no mercado globalizado está intensificando a concentração de riqueza e aumentando a exclusão social nos mais diversos lugares da terra; até mesmo nos países mais ricos do mundo, pois o considerável grau de organização e conscientização existente entre os trabalhadores, não está impedindo que os direitos trabalhistas sofram ameaças da política de ajuste econômico neoliberal.

Atualmente o quadro de exclusão no mundo é alarmante e os exemplos a seguir mostram nitidamente o grau da exploração que atinge os trabalhadores, principalmente nos países pobres:

- 20% da população mundial sobrevive com uma renda diária de menos de US$ 1,00 dólar;

- o salário por hora de um chinês é de US$ 0.03, enquanto que na Alemanha é de US$ 12,32;

- Índia, Indonésia, Malásia, Vietnã, México e Rússia têm salários inferiores a US$ 1,00 por hora;

- segundo o Relatório da Organização das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano de 1997, há cerca 37 milhões de desempregados nos países desenvolvidos.

Este é o quadro do mundo de hoje, diante da chamada globalização da economia capitalista. As tabelas a seguir não deixam dúvidas sobre a situação de exploração e exclusão, que atinge até mesmo o mundo do trabalho nos países ricos:

Tabela 2: A dança dos índices de desemprego nos países do G7

	1980	1985	1990	1993*
EUA	7,0%	7,1%	5,4%	7%
Japão	2,0%	2,6%	2,1%	2,5%
Alemanha**	2,9%	7,2%	5,1%	8,2%
França	6,3%	10,2%	9,0%	11,5%
Itália	7,5%	9,6%	9,9%	10,6%
Inglaterra	6,4%	11,2%	6,9%	10,4%
Canadá	7,4%	10,4%	8,1%	11,3%

Fonte: Institut Syndical Européen, 1992 - *Taxas de maio/junho - **Após 1990, inclui a ex-RDA

unesp

Tabela 3: **Taxas de desemprego nos principais países europeus**

País	Taxa (Dados de maio de 1997, em %)
Alemanha	9,0
Bélgica	9,6
Dinamarca	6,2
Espanha	22,3
Finlândia	32,0
França	12,0
Itália	12,1
Irlanda	12,4
Portugal	7,4
Reino Unido	8,4
Rússia	8,3 (Dado de 1995)
Suécia	10,0

Fonte: Caderno Especial Globalização, Folha de São Paulo, 1997

Os dados acima apresentados mostram que vivemos num mundo de realidades contraditórias, pois ao mesmo tempo que o setor produtivo mundial atinge, na atualidade, índices históricos de produção; o desemprego e a exclusão social também atingem índices nunca vistos anteriormente na superfície do planeta, mostrando o quanto é perversa a liberdade econômica e comercial comandada pelo mercado globalizado, tão endeusado pelos defensores da doutrina econômica, política e cultural neoliberal. Realmente estamos vivendo num mundo que se "transforma".

Sobre a relação entre liberdade econômica e exclusão social, em um de seus últimos livros publicados (Pedagogia da Autonomia"), o educador Paulo FREIRE diz que "a liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. A liberdade de comércio sem limite é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra o direito de muitos, inclusive o direito de sobreviver". (1997, p: 146).

O raciocínio do educador Paulo FREIRE nos leva a desenvolver uma profunda reflexão sobre o poder de exclusão proporcionado até agora pelo ditame econômico neoliberal, em relação a economia capitalista globalizada.

Assim, podemos observar que o ajuste econômico neoliberal, aplicado nos países periféricos pelo Consenso de Washington, Banco Mundial e FMI, veio acompanhado da ancoragem das moedas locais ao dólar e da desregulamentação econômica (privatização dos bens públicos e abertura de mercado).

Por outro lado, a abertura de mercado indiscriminada quebrou a maioria das pequenas e médias indústrias dos países pobres, geradoras de um número muito significativo de empregos, restando somente os grandes grupos nacionais e multinacionais.

unesp

Em nome da garantia de competitividade de seus produtos no mercado globalizado, os referidos grupos aceleraram a partir do início dos anos 90, o processo de automatização da produção em diversos ramos, aplicando principalmente as tecnologias da área da informática e robótica. Eles passaram a importar componentes fabricados em outros países, aumentando o desemprego e o déficit comercial, decretando a vitória do progresso proporcionado pelo meio técnico-científico e informacional, desenvolvido nos países ricos, penalizando os povos oprimidos e indefesos da periferia.

Sobre esta questão o Educador FREIRE é enfático ao dizer que

> "O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior." (1997, p.147).

Diante do ritmo da velocidade de introdução do progresso proporcionado pela revolução do meio técnico-científico e informacional, patrocinada pelo capitalismo globalizado, no limiar do século XX, Paulo FREIRE disse tudo em poucas palavras, uma vez que o mundo ganhou, simbolicamente, a forma de uma antena parabólica, pois as mudanças que são processadas em velocidades supersônicas em virtude do show de instantaneidade das novas tecnologias da informação e da comunicação, vão sendo impostas sobre todos sem respeitar diferenças culturais, políticas, econômicas e sociais; removendo todas as barreiras e deixando o caminho livre para a introdução da padronização do modelo capitalista patrocinado pelo G7 e por pouco mais de 600 de suas corporações transnacionais.

Conforme já comentamos anteriormente, a globalização, "novo" modelo de reestruturação do capitalismo comandado pelo G7 e por suas grandes corporações transnacionais, não está provocando o agravamento da situação de pobreza somente nos países pobre, pois conforme MARCOS, "o progresso das grandes empresas multinacionais não pressupõe o avanço das nações desenvolvidas, ao contrário, quanto mais estes gigantes se enriquecem, mais agrava a pobreza nos países tidos como ricos. A distância entre ricos pobres é enorme - longe de se atenuarem, as desigualdades sociais aumentam." (1997, p.5)

A citação acima demonstra que as tecnologias gestadas a partir da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, juntamente com o fenômeno da globalização da economia

unesp

capitalista e a crescente ação das corporações transnacionais, ao mesmo tempo que produzem novos fatos e conquistas, produzem também novas formas de desajustes sociais e pobreza.

Neste contexto de mudanças instantâneas, o saber e o conhecimento estão se transformando em armas estratégicas para que os países ricos ampliem o leque de dominação global sobre o campo econômico, político e cultural.

Infelizmente, em decorrência do analfabetismo ou dá má formação educacional, grande parte dos habitantes do planeta, praticamente não possuem quase nenhum instrumento para exercer domínios sobre as novas tecnologias.

A dependência externa, a submissão das elites locais aos organismos e capitais externos, aliada ao analfabetismo, a baixa escolaridade decorrente da falta de investimentos na educação e na pesquisa científica, são alguns dos principais entraves para que os povos dos países periféricos possam conquistar sua autonomia econômica, política, científica e cultural. As tabelas 4, 5, 6 e 7 abaixo, mostram a média de estudo da população da América Latina e do Brasil, em comparação com a de seis países avançados do mundo:

Tabela 4: Taxa média de escolarização na América Latina e Caribe, 1960-1989

	1960-70	1970-80	1980-85	1985-89	1980-90
Educação Pré-escolar	5,8	10,6	10,7	6,2	6,7
Primeiro Grau	5,7	3,4	1,5	1,4	1,4
Segundo Grau	7,1	8,1	3,8	2,4	3,2
Educação Superior	11,1	11,5	5,6	3,3	4,5

Fonte: Maddison, 1997. In: Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século. Petrópolis, Vozes, 2ª ed. 1998.

Tabela 5: Taxa de analfabetismo e de escolarização no Brasil - 1996

	Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade			Taxa de escolarização das crianças de 7 a 14 anos de idade		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Brasil	14,7	14,5	14,8	91,2	90,6	91,8
Região Norte Urbana*	11,6	11,2	11,9	92,1	92,1	92,2
Região Nordeste	28,7	31,1	26,6	86,4	84,8	88,0
Região Sudeste	8,7	7,5	9,9	94,1	93,9	94,3
Região Sul	8,9	7,8	9,9	93,6	94,1	93,0
Região Centro-Oeste	11,6	11,3	11,8	92,9	92,5	93,4

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.
*exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

unesp

Tabela 6: Brasil: Média de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo e cor - 1996

	Média de anos de estudo				
	Total	Homens	Mulheres	Branca	Preta e Parda
Brasil	5,3	5,2	5,4	6,2	4,2
Região Norte Urbana*	5,2	4,9	5,4	6,3	4,7
Região Nordeste	3,9	3,6	4,2	4,8	3,5
Região Sudeste	6,0	6,0	6,0	6,6	4,9
Região Sul	5,8	5,8	5,8	6,0	4,.3
Região Centro-Oeste	5,5	5,2	5,5	6,3	4,7

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1996, [CD-ROM]. Microdados, Rio de Janeiro: IBGE, 1997.
* exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Tabela 7: Anos de escolarização da população de 15 a 64 anos em seis países avançados, 1820-1992

Ano	Estados Unidos	França	Alemanha	Países Baixos	Reino Unido	Japão
1820	1,75	n/d	n/d	n/d	2,00	1,50
1870	3,92	n/d	n/d	n/d	4,44	1,50
1913	7,86	6,99	8,37	6,42	8,82	5,36
1950	11,27	9,58	10,40	8,12	10,60	9,11
1973	14,38	11,69	11,55	10,27	11,66	12,09
1992	18,04	15,96	12,17	13,34	14,09	14,87

Fonte: Schiefelbein & Tedesco, 1995. In: Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século. Petrópolis, Vozes, 2ª ed. 1998.

As tabelas acima mostram, com bastante nitidez, a disparidade entre a média de escolarização da população dos países ricos com as dos países pobres.

A pouca escolarização não dá condições suficientes para que esses povos possam avançar no campo do conhecimento científico, desenvolverem modernas tecnologias. Impossibilitados de traçarem os seus próprios caminhos, esses povos ficam à mercê dos interesses dos países ricos e das tecnologias produzidas nos centros de excelências de produção e de propagação de novas tecnologias, controlados principalmente pelas grandes corporações transnacionais.

Dessa maneira, os povos dos países pobres ficam sob a tutela do meio técnico-científico informacional produzido pelos ricos e imposto, através do Banco Mundial, FMI e corporações transnacionais, que sabem usar muito bem o saber e o conhecimento como instrumento de poder e dominação.

Em relação ao domínio imposto pelo meio técnico-científico informacional, o geógrafo Milton SANTOS é enfático ao dizer que "o meio técnico-científico informacional é a nova cara do espaço e do tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais". (1996, p.45)

unesp

Para exemplificarmos o poder de dominação econômica, política e cultural exercido por grandes corporações transnacionais, a partir do domínio do saber e do conhecimento em escala global, tome-se, como exemplo, o poderoso magnata norte-americano Bill Gates, proprietário da Microsoft, uma das maiores empresa do campo da informática no mundo.

A Microsoft, empresa de propriedade de Bill Gates, é um monopólio mundial de produção e comercialização do software Windows, programa utilizado por mais de 90% do microcomputadores existentes no planeta, fazendo com que Gates possua, na atualidade, uma das maiores fortunas individuais do mundo, acumulando até o presente momento, um montante de capital que chega próximo das casas dos 20 bilhões de dólares.

Os produtos produzidos e vendidos pela a Microsoft de Gates são idéias e conhecimentos, que são transformados em programas (produtos - softwares) vitais para o manuseio de uma das tecnologias mais importantes da terceira revolução industrial, científica e tecnológica, a informática.

Na concepção do sistema produtivo clássico (tradicional), o tipo de produção desempenhado pela Microsoft é considerada como não-material, mas como estamos presenciando um novo paradigma de mundo, onde as concepções de produção também ganham novas conotações e denominações; não importa que o produto confeccionado seja material ou não-material, o importante é a sua aceitação, a garantia de venda no mercado globalizado e o conseqüente acúmulo de capitais.

Como já comentamos anteriormente, no novo paradigma de mundo que vivemos atualmente, muitos dos setores vitais para a existência da vida humana, já estão sendo comandados por modernissimas tecnologias que permitem a substituição do homem pela máquina.

Estamos vivendo num mundo que se transforma e as mudanças e transformações em curso não isentam a Educação de responsabilidades; pelo contrário, passou a exigir dela novas posturas e novas propostas, uma vez que o saber e o conhecimento estarem se tornando não mais somente poder de dominação econômico e cultural, mas também geopolítico.

Se a Educação precisa mudar para acompanhar este ritmo de mudança, nós educadores também precisamos repensar a prática didático-pedagógica que usamos no dia-a-dia, principalmente dentro da sala de aula. Se a escola precisa evoluir, ela não evolui sem a evolução do corpo composto por dirigentes e educadores e sem contar com o apoio e participação ativa da sociedade. Uma evolução que precisa ser acompanhada com compromisso e competência político e técnico-pedagógica.

unesp

O desafio é grande e, a análise e a compreensão do real sentido das mudanças e transformações em curso se fazem necessárias e, devem ser feitas tanto nas escolas públicas, quanto nas do setor privado.

A fim de que a Escola tenha condições de realizar uma análise condizente do referido quadro de mudanças, é preciso que diretores, coordenadores pedagógicos, professores, supervisores de ensino, entre outros profissionais da educação, tenham condições intelectuais para repensarem as suas ações, buscando novos horizontes e respostas, para que posteriormente busquem práticas pedagógicas modernas, inovadoras e transformadoras, capazes de permitir a substituição do modelo conservador predominante na escola, por um outro muito mais amplo, moderno, democrático e contemporâneo.

Diante do exposto, os profissionais da educação terão que repensar as suas ações, uma vez que o conjunto de transformações desencadeadas pela globalização capitalista exigi uma formação mais "complexa" do ser humano, em decorrência da aplicação das novas tecnologias que passam pelo campo da microeletrônica, informática, robótica, cibernética, entre outras.

Precisamos formar um indivíduo capacitado para ter múltiplas visões sobre a atual realidade de mundo e seja capaz de decodificar a artimanhas construídas pelo grande capital que quer explorar a maioria em prol de uma seleta minoria.

No entanto, precisamos ser cautelosos, pois como já frisamos por várias vezes, a formação "complexa" do ser humano, defendida pelos neoliberais não significa a preparação dos trabalhadores para a construção da cidadania. O objetivo é fornecer certas habilidades necessárias para o andar do mundo da produção, cada vez mais automatizado e tecnologizado. A verdadeira formação complexa dos trabalhadores só virá a ocorrer, quando for realizada numa Escola composta por educadores compromissados com a realidade cotidiana das classes sociais menos favorecidas.

Diante de um mundo que rapidamente se transforma, buscar o novo é muito importante, mas a busca que defendemos não significa a obrigatoriedade de adotarmos o "novo" apregoado pelo projeto educacional neoliberal, que vem sendo implantado a todo vapor por nossas autoridades governamentais, na Escola Pública brasileira, como a única via capaz de se chegar à "qualidade total na educação", necessária para a formação dos indivíduos para o mundo do "trabalho"; uma incoerência uma vez que o trabalho está ficando cada vez mais distante de nossos jovens e adultos.

A apregoada "qualidade total" na educação está sendo usada para cortar gastos com a educação, fechando escolas, salas de aulas, demitindo professores e excluindo ainda mais as classes menos favorecidas do direito universal de ter uma formação escolar adequada, isto é,

unesp

uma educação escolar centrada na dialética da quantidade e da qualidade capaz de formar um cidadão contemporâneo de nossa época; e que segundo o educador Paulo Freire tenha condições de aprender, conhecer, intervir e ensinar.

A busca do novo que defendemos como educador comprometido com os anseios da massa trabalhadora e excluída dos meios de produção e vida, é o educador capaz de acompanhar o desenrolar dos fatos, com criticidade, propriedade e autonomia, contextualizando-os, analisando-os e discutindo-os com base nos parâmetros da nova conjuntura mundial e consequentemente, primar pelo desenvolvimento de novas propostas pedagógicas, que sejam eficazes no combate da pedagogia neoliberal, imposta por nossos governantes, a mando do FMI e Banco Mundial. O educador Paulo FREIRE, diz que "a educação não pode ser entendida como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista". (1997, p. 66)

Concordamos plenamente com Paulo FREIRE, pois a educação não pode ser praticada de forma mecânica e desvinculada da realidade cotidiana dos educandos das camadas populares.

Infelizmente, os atores hegemônicos do capitalismo globalizado não pensam como nós progressistas, muito menos num período em que a lógica do mundo da produção e do trabalho está estruturada na filosofia do toyotismo, que gira em torno de princípios como "educar", fabricar, vender, acessar mercados, distribuir, competir, trabalhar e organizar-se. Esses são pré-requisitos necessários para que as empresas atinjam o ápice da pirâmide da qualidade total, condição para garantir a competitividade e a sobrevivência, no mercado econômico globalizado.

O "educar" para os atores do capitalismo hegemônico globalizado, significa apenas instrumentalizar os indivíduos com certas habilidades e competências fundamentais, afim de atender as necessidades imediatas do setor produtivo capitalista.

Entendemos, com certas ressalvas, que diante das novas tecnologias e da nova lógica do mundo do trabalho e produção, o trabalhador tem que ser um indivíduo crítico, criativo, flexível (no sentido de sempre estar preparado para mudanças), comunicativo, participativo e que trabalhe em equipe, mas a formação desse "trabalhador" não pode somente atender os pré-requisitos estabelecidos pelas empresas. É fundamental que se instrumentalize o trabalhador para que lhe possa ser um indivíduo consciente e que acima de tudo seja um cidadão digno, capaz de construir a sua história enquanto ser humano, deixando de ser mero objeto para apenas satisfazer os interesses do capitalismo globalizado.

unesp

A mudança do ensinar da Escola nos dias de hoje, é uma necessidade urgente para melhor preparação do indivíduo, diminuindo a chance dele não ser um excluído do mercado de trabalho e dar condições mínimas de vida social, potencializando-o com conhecimentos da realidade cotidiana, dando-lhe consciência crítica que o faça entender que é somente através da organização social que as camadas populares poderão reverter o poder de exploração e de exclusão, exercido pelas elites e pelo grande capital, através da implementação das políticas neoliberais e da globalização capitalista.

Para o educador Paulo Freire, "o horror não dura eternamente. A história do mundo é marcada por fases de horror e de bonança, mas as mais longas são, sempre, as de paz, de construção do belo, em todas as áreas da vida. O que vivemos, hoje, é, sem dúvida, uma fase de horror, às portas da barbárie, marcada pelo aumento do desemprego, em todo mundo". (1997, p. 9)

Reforçando as inquietações de Paulo FREIRE sobre o atual estágio de barbárie patrocinado pelo capitalismo, sobre a importância da Educação para reverter a referida situação, o Geógrafo AZIZ AB'SABER (1997) diz:

> Sem uma renovação da educação, sobretudo de uma educação valorizada para os excluídos, para que eles tenham mais condições de disputar os seus lugares na sociedade e nas regiões onde vivem, nós não teremos condições de superar o problema dos 35 a 40 milhões de excluídos do Brasil. Portanto, o problema da Educação no Brasil tem que ser tratado permanentemente, com muito maior ênfase e com muito mais inteligência, com total desprezo pelos educadores burgueses, pedantes, elitistas e inoperantes. A nossa Educação tem que se preocupar com a recuperação do conhecimento acumulado, procedente de todas as partes do mundo. De todas as regiões. De todas as áreas culturais. De todos os tempos (1997, p.36-37).

A filosofia educacional defendida por Paulo FREIRE e Aziz AB'SABER, reforça a idéia de que perante o horror que o neoliberalismo está impondo à humanidade, mudar o perfil de nossa escola seria um dos caminhos alternativos para combatermos as mazelas profundas advindas com a implantação da referida doutrina econômica e social.

No caminho que precisamos traçar para mudar o perfil de nossa Escola, o papel a ser desempenhado pela Geografia tanto como ciência, quanto como disciplina, deverá ser de total comprometimento na busca de respostas para ajudarmos na solução das grandes questões e problemas que afligem a humanidade neste final de século. Esta é uma questão que trataremos nos próximos capítulos desta pesquisa.

Entre os problemas que afligem a humanidade neste final de século, estão a concentração de riquezas nas mãos de poucos, o aumento do desemprego, a falta de perspectiva de vida da maioria da população, a fome, a miséria, a violência urbana e rural, o aumento da exclusão

unesp

social, a segregação imposta contra as minorias étnicas, o aumento das endemias, da corrupção, dos problemas sócios-ambientais, entre outros, sendo uma empreitada árdua diante dos desafios de um mundo cada vez mais globalizado.

Se vivemos num mundo em constante transformação a pergunta é: Como deverá ser o ensino da Geografia num país que marginaliza a maioria da população para inserir a sua economia de forma subordinada à globalização capitalista? O Geógrafo/Educador consegue lutar em favor dos interesses das classes sociais oprimidas? Estas são questões que abordaremos nos capítulos três e quatro.

No capítulo a seguir vamos centrar nossos questionamentos, indagações e reflexões sobre o neoliberalismo excludente, a globalização capitalista, o discurso da "qualidade total" e o primado da competição.

unesp

Capítulo II:

O NEOLIBERALISMO EXCLUDENTE.
A GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA.
O DISCURSO DA "QUALIDADE TOTAL."
O PRIMADO DA COMPETIÇÃO.

1- O NEOLIBERALISMO EXCLUDENTE

> Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética. A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. A liberdade de comércio sem limite é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra os direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver (FREIRE, 1997, p.146).

O pensamento teórico neoliberal originou-se no pós Segunda Guerra Mundial, na Europa e na América do Norte, centros de gestão e propagação do capitalismo monopolista internacional. Seu nascimento coincidiu com a formação do mundo bipolar, com o início da Guerra Fria e conseqüentemente com a eclosão da corrida armamentista. Segundo ANDERSON, o nascimento da teoria neoliberal neste período, "foi uma reação teórica e política contra o Estado intervencionista e de bem-estar." (1995, p.9)

Para ANDERSON, o economista austríaco Friedrich V. HAYEK foi um dos principais teóricos do pensamento neoliberal pois, já em 1944, no texto "O Caminho Servidão", fazia um ataque apaixonado contra qualquer tipo de intervenção do Estado no mercado, dizendo ser uma ameaça letal à liberdade econômica e política e que era preciso propiciar a libertação da humanidade do terror intervencionista.

Além de Friedrich HAYEK o grupo de teóricos neoliberais na época era composto por Milton FRIEDMAN, Karl POPPER, Leonel ROBBINS, Ludwig VON MISES, Walter EUPKEN, Walter LIPMAN, Michael POLANYI, Salvador de MADARIAGA, entre outros. Juntos fundaram a Sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos, com propósito

de combater o socialismo e o keynesianismo com seu solidarismo reinantes e preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras intervencionista para estabelecer reinado absoluto no futuro.

WAINWRIGHT diz que, com a idéia fixa de instaurar um modelo de capitalismo livre de qualquer regra ou controle estatal, HAYEK concluiu:

> que o livre mercado é um produto espontâneo da civilização. Ele transforma essa reivindicação da teoria social em uma questão moral para o neoliberalismo: enquanto produto de contingências, e não de planejamento, ela não favorece nem discrimina ninguém. (As desigualdades, ao que se presume, são simplesmente os resultados casuais da atividade individual, que poderiam ser revertidas, em seu modelo, por uma nova jogada de sorte). Para HAYEK, o papel do Estado tem de ser, conseqüentemente, o oposto do da engenharia social. Em vez de remediar a desigualdade gerada pela justiça do mercado, seu papel tem de ser o de proteger a ordem espontânea (1998, p.47).

A teoria neoliberal ganhou terreno a partir dos anos 70, quando as economias dos países capitalistas hegemônicos entram numa profunda recessão em decorrência de vários fatores tais como o fim da conversão do dólar em ouro, o choque do petróleo ocorrido em 1973 em virtude do bloqueio árabe, a aceleração da inflação e o esgotamento do padrão de crescimento industrial da Europa e do Japão, que acabaram por reduzir drasticamente a dinâmica de acumulação real dessas economias até então estáveis.

A crise da primeira metade dos anos 70 aumentou o endividamento público do mundo desenvolvido, provocando crises estruturais e fiscais na maioria dos países da Europa Ocidental, EUA e Japão, culminando numa política recessiva, de juros altos. Os juros no mercado financeiro internacional passaram de 7% ao ano em 1979, para 21,55% ao ano em 1981. Os efeitos desta crise no Brasil foram imediatos, liquidando simplesmente com o ufanista "milagre econômico" implantado pela Ditadura Militar, elevando a dívida externa brasileira a patamares astronômicos e aprofundando o caos econômico e social.

A crise dos anos 70, tornou-se assim o principal alvo das criticas dos neoliberais pois, segundo eles,

> "a crise dos Estados nacionais parece ser a comprovação cabal da superioridade da auto-regulação dos mercados e do fracasso das experiências de capitalismo com mercados regulados pelo Estado e por forças sociais, que predominaram do imediato pós-guerra até meados dos anos 70. A hegemonia ideológica neoliberal gerou um certo consenso segundo o qual aos Estados não restaria alternativa frente a globalização senão imprimir políticas econômicas calcadas na estabilização dos preços e do câmbio, na desregulação dos mercados e na privatização: só assim seria possível garantir a competitividade de suas economias" (CORSI, 1998, p.102)

unesp

Diante dos efeitos negativos da crise do início dos anos 70, HAYEK e seus companheiros afirmavam que as causas estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária, para que o Estado aumentasse freqüentemente os gastos sociais, prejudicando os investimentos na área da iniciativa privada.

Segundo ANDERSON (1995), Hayek e seu grupo pregavam que:

a) a desigualdade social era um fator positivo;

b) era preciso manter um Estado forte e rígido somente em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos, partidos políticos progressistas, instituições democráticas contrárias a sua implantação e no controle do dinheiro público, mas quase praticamente ausente em todos os níveis de gastos sociais e nas intervenções econômicas, condições básicas para consolidação do Estado mínimo e supremacia do mercado;

c) o estabelecimento de uma política de estabilidade econômica com disciplina monetária, contenção de gastos com bem-estar e restauração da taxa "natural" de desemprego (chamado de estrutural) era positiva por possibilitar a criação de um exército de reserva de mão-de-obra para quebrar o poder dos sindicatos;

d) a realização de reformas fiscais seriam necessárias para incentivar os agentes econômicos e para reduzir os impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre rendas;

e) que a liberdade total para as regras do mercado e do sistema financeiro.

No início dos anos 80, chega ao poder na Inglaterra, Margaret TATCHER e, posteriormente, nos EUA, Ronald REAGAN. Respectivamente esses governos introduziram, na íntegra, os objetivos do ideário neoliberal apregoados por HAYEK e seu grupo. Em pouco tempo o modelo de ajuste econômico neoliberal desenvolvido por Magareth TATCHER e Ronald REAGAN, se projeta pelo mundo afora como uma nova fórmula de gestão política, econômica e social, capaz de superar a intervenção estatal na economia, liberalizando-a totalmente, fortalecendo o mercado e alavancando a globalização da economia capitalista.

Conforme afirma IANNI:

> "é no contexto do globalismo que o liberalismo se transfigura em neoliberalismo. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção, a crescente articulação dos mercados nacionais em mercados regionais e em mercado mundial, os novos desenvolvimentos dos meios de comunicação, a formação de redes de informática, a expansão das corporações transnacionais e a emergência de organizações multilaterais, entre outros desenvolvimentos

> da globalização do capitalismo, tudo isso institui e expande as bases sociais e as polarizações de interesses que se expressam no neoliberalismo." (1997, p. 260)

Embora o neoliberalismo tenha deslanchado na década de 80, cujas expressões maiores foram os governos de TATCHER e REAGAN, foi no Chile, na década de 70, que essa ideologia foi aplicada pela primeira vez no mundo, respaldada pela ditadura de PINOCHET pois, "os chicago-boys viabilizaram o seu ideal de impor as leis de mercado, suprimindo certas coisas, consideradas desagradáveis, como os protestos, as reivindicações, as freqüentes greves, para que as leis de mercado funcionassem sem fatores de perturbação. Para tanto, eles tiveram que se apoiar em um sistema de repressão, que eliminava qualquer forma de reivindicação social" (BEYBAUT, 1997, p.18).

O Chile, sob a ditadura Pinochet, foi o país que teve "a honra de ter sido o verdadeiro pioneiro do ciclo neoliberal da história contemporânea. O Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização dos bens públicos. Tudo isso foi começado no Chile, quase um decênio antes de Thatcher, na Inglaterra" (ANDERSON, 1995, p.19).

A implantação do ajuste econômico neoliberal no Chile foi um choque duro, perverso e contra os interesses da maioria da população local, demonstrando que o modelo de "democracia" defendida pelos neoliberais foi gestado a partir de uma das mais sanguinárias ditaduras da história da América Latina.

Para o sociólogo e professor Octavio IANNI, o neoliberalismo

> "não é apenas uma réplica do liberalismo clássico, ainda que contenha o núcleo do seu ideário. Ocorre que o liberalismo clássico estava enraizado na sociedade nacional, no capitalismo competitivo, no mercado nacional. (...) O neoliberalismo sintetiza a ciência econômica global, que informa, fundamenta e organiza os movimentos do capital em escala global. Está na base das atividades do FMI, BIRD (Banco Mundial), assim como de empresas, corporações e conglomerados" (1993, p.139-40).

ANDERSON nos alerta que é importante lembrar que, nos anos 80, os governos de THATCHER na Inglaterra, de REAGAN nos EUA e, de outros países da Europa Ocidental, através da implantação da política econômica neoliberal, contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram os fluxos financeiros para favorecer a especulação financeira internacional, criaram níveis de desempregos massivos e estrutural, e desarticularam os sindicatos, implantando uma nova legislação trabalhista anti-sindical. Cortaram os gastos públicos, lançaram um amplo

unesp

programa de privatização passando por setores como o de habitação e atingindo, principalmente os mais lucrativos como os do petróleo, siderúrgico, elétrico, entre outros. No entanto, a pobreza, o desemprego, a violência e a miséria cresceram durante este período, chegando a índices até então nunca visto.

Com objetivo de "derrubar" barreiras (principalmente econômicas) no final dos anos 80 e início da década de 90, o neoliberalismo chega aos países subdesenvolvidos através da mão invisível do "Consenso de Washington", com supervisão do FMI e Banco Mundial, como se fosse uma solução mágica para corrigir todos os desequilíbrios das economias desses países, ancorando as moedas locais ao dólar e desregulamentando suas economias através da abertura de mercado, da contenção dos gastos públicos e das privatizações em massa.

A expressão "Consenso de Washington" foi criada pelo economista anglo-americano John WILLIANSON, em um seminário promovido em 1990, pelo governo norte-americano, para discutir o teor do pacote político e econômico neoliberal que estava sendo preparado para ser implantando nos países subdesenvolvimentos, via Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI).

O projeto de ajuste econômico neoliberal ganha fôlego e se concretiza no referido período, por meio da "mão invisível" do "Consenso de Washington", em decorrência da queda do Socialismo Real no Leste Europeu e do fim da URSS, barreiras que até então tinham dificultado a voracidade da ação capitalista sobre os quatros cantos do Planeta Terra. Agora o caminho se tornava quase que totalmente livre para que as famintas insaciáveis "andorinhas voadoras" do capitalismo hegemônico pudessem dilapidar a seu favor, todas as riquezas do mundo subdesenvolvido.

A expressão "Consenso de Washington" designou as três fases de uma estratégia para realizar o ajuste econômico nos países subdesenvolvidos:

1) estabilização da economia a partir do combate da inflação, da disciplina fiscal, da reforma tributária (mais imposto para os pobres e menos impostos para os ricos) e drásticos corte dos gastos públicos (principalmente em educação, saúde e infra-estrutura de saneamento básico);

2) realização de reformas estruturais tais como: desregulamentação econômica (interferência mínima do Estado na economia e flexibilização das leis trabalhistas), privatização das empresas estatais, liberalização financeira (fim das restrições e total liberdade para os "investimento", estrangeiros, principalmente para o capital especulativo) e comercial (prioridade do comércio exterior em detrimento ao interno, com redução de alíquotas para estimular as importações, cujo objetivo era manter a "estabilização" dos preços);



3) mudanças sobre as regras de proteção a propriedade intelectual (a nova Lei de Patentes brasileira, por exemplo, é totalmente favorável aos interesses dos países ricos) e retomada dos investimentos estrangeiros para alavancar o desenvolvimento (manutenção da política de altos juros para inibir o consumo e atrair os investimentos de capitais predominantemente especulativos) pois, para PETRAS, "um elemento-chave na "reestruturação neoliberal" é a mobilidade do capital: de uma região geográfica a outra, de um setor da economia a outro, do trabalho intensivo ao capital intensivo" (1999, p. 14).

Ao analisarmos as três fases de ajuste econômico propostas pelo Consenso de Washington, fica nítido que a desregulação econômica e financeira, juntamente com a eliminação de todo tipo de protecionismo e interferência estatal são condições primordiais defendida pela doutrina econômica neoliberal com a finalidade de consolidar a implantação do livre mercado e do Estado "Mínimo".

Para SADER, ao propor reformas, o neoliberalismo "reinterpreta o processo histórico de cada país, mostrando que os vilões do atraso econômico são os sindicatos, as conquistas sociais e tudo o que tenha a ver com a igualdade, com a eqüidade e com justiça social. Ao mesmo tempo, a direita, os conservadores, se reconvertem à modernidade na sua versão neoliberal, via privatizações e um modelo de Estado Mínimo" (1995, p.147).

Os efeitos nefastos da reconversão neoliberal e da consolidação do Estado Mínimo já são visíveis em praticamente toda a América Latina e em outras partes do mundo.

Na América Latina, por exemplo, assistimos do México à Argentina, o aumento da concentração de riquezas ao lado da pauperização da pobreza com o aumento da miséria, da fome, da violência e paralelamente o aumento da degradação ambiental em todos os níveis, principalmente em grandes centros urbanos tais como a Cidade do México, Buenos Aires, São Paulo e outros.

A política de ajuste neoliberal implantada sobre as economias dos países da América Latina, a partir do final dos anos 80, fez surgir um fato novo na região: além da histórica desigualdade social existente entre ricos e pobres, presenciamos nos dias atuais a intensificação da desigualdade entre as pessoas que compõem as camadas sociais mais inferiores e até mesmo da "intocável" classe média.

Pessoas que antes da chegada da "modernidade" neoliberal eram bem empregadas e estavam num patamar de vida estabilizado, perderam tudo e muitas delas deixaram de residir em bairros de classe média e foram para os bairros periféricos ou até mesmo para favelas. Em contrapartida, muitos favelados viraram moradores de rua, porque no Brasil, em quatro anos de plano real, somente na grande São Paulo, o índice de moradores de ruas aumentou em 35%.

unesp

Passado quase uma década do início da implantação da política de ajuste econômico do neoliberalismo na América Latina, a tão apregoada e sonhada estabilidade econômica não se concretizou e a pobreza alcança índices assustadores, basta observar que na atualidade temos mais 150 milhões de latino-americanos vivendo na indigência, pessoas que estão excluídas de tudo, até mesmos de serviços sociais básicos tais como a saúde e a educação.

A elevação dos índices de pobreza e miséria na América Latina, patrocinado pelo ajuste econômico neoliberal do Consenso de Washington, é crescente tanto entre os habitantes do campo quanto os da cidade.

O modelo neoliberal chileno por exemplo, até pouco tempo tão elogiado por políticos, empresários e economistas brasileiros, trouxe sérias conseqüências sociais ao povo chileno. Passados quinze anos após a sua implantação, a renda per capita e os níveis de salários ainda não são superiores aos do início dos anos 70. O desemprego pulou para índices altíssimos e o número de famílias abaixo da linha de pobreza dobrou em quinze anos, no Peru, após quase dez anos do governo de Alberto FUJIMORI; aproximadamente 70% da população economicamente ativa está trabalhando na economia informal.

Lembramos que para implantar o neoliberalismo no Peru, FUJIMORI recorreu ao golpe de Estado, destituindo o Congresso Nacional peruano que havia votado contra a introdução do referido modelo de ajuste econômico na economia peruana, demonstrando que o discurso "democrático" neoliberal é uma grande farsa.

Na Argentina, MENEM, está chegando ao final de seu segundo mandato com um "belíssimo quadro": o país vive uma das piores crises econômica de sua história, a forte recessão, combinada com a estagnação econômica e o desemprego, baixaram abruptamente o nível de vida do povo argentino; fazendo com que a violência atinja índices alarmantes, deixando perplexa a população de um país que um dia "sonhou" possuir padrão de vida de europeu, isto é, ser o país mais "europeu" das Américas.

No Brasil, a situação não é muito diferente da presenciada nos demais países latino-americanos. O ajuste neoliberal começou a ser introduzido em 1990, com o governo de Fernando Collor de Mello, deposto por corrupção em 1992. COLLOR impôs um forte ajuste econômico (que incluiu confisco monetário), dando início a abertura econômica, às privatizações e acelerando o processo de sucateamento dos serviços públicos e, reduzindo drasticamente os investimentos sociais.

Itamar FRANCO, que assumiu o comando do país após a impecheament de COLLOR, não alterou em muito a rota seguida por seu antecessor; apenas retardou um pouco o processo de desmonte do Estado em curso.

unesp

Com a chegada do então Senador Fernando Henrique CARDOSO (FHC) ao comando do Ministério da Fazenda, em 1993, a pasta governamental que controla os rumos da economia do país, a introdução do ajuste econômico neoliberal do Consenso de Washington ganha novo impulso, principalmente a partir do lançamento oficial do Plano Real, ocorrido em 1º de junho de 1994, numa manobra eleitoral utilizada para eleger FHC à Presidência da República, posto que assumiu em 1º de janeiro de 1995.

O Plano Real fora concebido como um plano de estabilização econômica capaz de combater a inflação e desregulamentar a economia brasileira, seguindo a risca as normas do ajuste ditado pelo Consenso de Washington, Banco Mundial e FMI. Terminada a implantação do Plano Real, o Real - moeda "forte" ancorada ao dólar, conquistou rapidamente o apoio quase que unânime da população brasileira.

Aproveitando-se dos altos índices de aprovação do Plano Real entre os brasileiros, FHC introduz um amplo processo de desmonte do Estado Brasileiro, centrado em princípios tais como: desregulamentação econômica, liberalização financeira (liberdade total para o capital especulativo internacional) e comercial, flexibilização das barreiras alfandegárias para estimular as importações em detrimentos das exportações, neutralização da ação sindical, supressão de direitos trabalhistas, aumento da carga tributária, cortes dos gastos sociais e a introdução de um suspeito e selvagem processo de privatizações; tudo em nome da garantia da "estabilização" econômica e da "modernização" do país.

Diante do exposto, vale ressaltar que em quatro anos de governo, FHC e seus assessores privatizaram o que THATCHER não conseguiu privatizar em 10 anos sobre o comando do governo da Inglaterra; conseqüentemente, só restaram a Petrobrás, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, BNDES e algumas usinas hidrelétricas que já estão no cronograma de futuras privatizações, o que FHC concretizará em seu segundo mandato.

O processo de privatização desenvolvido pelo Governo de FHC é totalmente suspeito e questionável. A história do "grampo" dos telefones do BNDES, denunciado pela oposição e por alguns setores da Imprensa Nacional no segundo semestre de 1998, revelou que há "sujeira" para ser investigada nos bastidores das privatizações; mas como FHC tem apoio unânime da Imprensa Nacional, as denúncias não tiveram muita repercussão e em pouco tempo caíram no esquecimento.

O professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, Ariovaldo Umbelino de OLIVEIRA, aborda brilhantemente a questão do apoio unânime da imprensa nacional a FHC, ao dizer que:

unesp

> No Brasil, a história na última metade dos anos 90 do século XX está definitivamente marcada pelas ações do governo de Fernando Henrique Cardoso, primeiro governo da República a contar com a unanimidade da mídia, façanha esta que nem os militares conseguiram. A mídia tornou-se o lugar por excelência da política. Fazer política é estar na mídia. É assim que o governo FHC faz política. Duas são as estratégias: a desqualificação do outro, das oposições e dos opositores; e a postura de que são os únicos "donos da verdade."(1999, p. 43)

Os conteúdos das falas gravadas nas escutas e vinculadas em nível nacional por alguns setores da imprensa, demonstram que informações privilegiadas a respeito da privatização do Sistema Telebrás, foram passadas para alguns dos principais grupos estrangeiros interessados em comprá-lo. Essas "maracutaias" ocorreram contra a empresa estatal que controlava os meios de comunicação e de circulação de informação no país; um campo tecnológico extremamente estratégico para o desenvolvimento das nações no próximo século. Um setor estratégico para o futuro do país no próximo século, vendido a preços subfaturados.

Segundo PETRAS:

> O preço pelo qual as empresas públicas são vendidas é normalmente um "preço político", e não seu valor potencial de mercado. O governo, em consulta com conselheiros escolhidos pelos compradores potenciais, fixa um preço. Freqüentemente os investidores ligados ao regime político, sócios do presidente, ou membros graduados do Poder Executivo se beneficiam da privatização. Corrupção maciça, em uma escala sem precedentes, tem acompanhado o processo de privatização. Entre a transferência da propriedade pública para a privada, centenas de milhões de dólares molharam as mãos de políticos, degradando o regime eleitoral (1999, p.52).

Mesmos privatizando quase todo o ativo público, o país não chegou à propagada estabilidade econômica e estabilização financeira, pois a sobrevalorização do Real em relação ao Dólar, o contínuo déficit da balança comercial e a manutenção dos juros altos para atrair o capital especulativo internacional, corroeram as finanças internas e externas do país, elevando a dívida externa para a casa dos US$ 300 bilhões de dólares e a interna em torno dos US$ 400 bilhões de dólares.

A falsa "estabilidade" proporcionada pelo Plano Real, nos últimos quatro anos, quebrou uma significativa parcela de pequenos, médios e até mesmo grandes produtores do ramo industrial, comercial e agropecuário do setor produtivo nacional, aumentando precarização do trabalho e principalmente o desemprego. A introdução do Estado Mínimo sucateou quase que totalmente os serviços públicos, principalmente os da área da saúde e da educação, que atendem a maioria da população e também impôs fortes cortes em investimentos destinados a outros serviços da área social. Alias, o sucateamento do bem público é intencional pois, para PETRAS:

unesp

> "antes da venda das empresas públicas, o Estado se engaja em desinvestimentos sistemáticos, provocando a deterioração dos serviços, para criar um descontentamento popular com o setor público e conseguir apoio para a privatização. O Estado assume os custos de pagar a aposentadoria dos trabalhadores e empregados, baixa os custos de insumos e dá subsídios oferecendo assim aos compradores uma empresa com baixos custos de mão-de-obra e produção. No momento em que se dá a privatização, a imediata "retomada" nas atividades aparenta ser o resultado dos novos proprietários privados em vez de um resultado manipulado de uma política governamental deliberada funcionando concertadamente com as elites privatizadoras" (1999, p.53).

No caso da Telebrás, ex-estatal da telecomunicações, o jogo foi invertido, pois a armação feita para favorecer o grupo do Presidente da República e alguns grupos da iniciativa privada nacional e internacional, lesou vergonhosamente os interesses da Nação Brasileira, pois nos anos de 1996 e 1997, quando "já decidida a privatização, o governo investiu 16 bilhões de reais no sistema Telebrás e, somente no primeiro semestre de 1998, às portas do leilão realizado em julho, mais 5 bilhões de reais. No total, 21 bilhões de reais, praticamente mais de duas vezes e meia (250%) dos 8,8 bilhões de reais recebidos de entrada pela sua privatização" (BIONDI, 1999, p. 25).

Como podemos observar na citação anterior, a política neoliberal em curso no Brasil, é igualmente ou até mais perversa do que a praticada em outros países da América Latina, pois, para administrar os recursos destinados para a manutenção dos serviços públicos que atende a maioria da população e para os investimentos na área social, o Estado é austero, mas para socorrer bancos privados em processo de falência (US$ 40 bilhões de dólares), rolar dívidas do latifúndio improdutivo e de usineiros mal-intencionados, financiar privatizações, dar incentivo fiscal a grandes grupos nacionais e transnacionais, injetar bilhões de dólares em bolsas de valores para favorecer especuladores, o Estado Brasileiro atua com empenho máximo, isto é, assume a conta do prejuízo.

"Vamos gritar contra a política econômica que eleva o endividamento público a mais de 500 bilhões de dólares e que vai consumir cerca de 74 bilhões de dólares a serem pagos neste ano de 1999 aos credores nacionais e internacionais, antes os já absurdos 36 bilhões de dólares pagos no ano de 1998." (OLIVEIRA, 1999, p. 44)

Podemos observar que a velha lógica do capitalismo brasileiro continua prevalecendo mesmo em tempos de neoliberalismo e globalização econômica: as elites continuam privatizando os lucros e socializando os prejuízos com a maioria da população que está sendo cada vez mais sufocada pelo agravamento da crise econômica, do desemprego, pela precariedade dos serviços públicos ofertados pelo governo e pela violência, pois no Brasil a

unesp

vida nunca teve tão pouco valor como em nossos dias. Mata-se por motivos banais e insignificantes; no Brasil morre mais gente assassinada do quaisquer guerras existentes em diversos pontos do planeta.

É uma triste situação, mas o resultado não poderia ser outro, num país que aniquila qualquer projeto de eqüidade social em nome da consolidação do livre mercado, para atender a voracidade concentradora da burguesia nacional e do grande capital internacional. Um exemplo claro tem sido a privatização a qualquer preço, situação que contribui em muito, para o aumento dos caos social no Brasil.

PETRAS retrata bem o conflito das classes sociais no processo de privatização de empresas públicas ao dizer que:

> A privatização polarizou profundamente a estrutura de classes. Por um lado, os compradores de empresas publicas colheram em muitos casos lucros enormes que catapultaram alguns milionários para o status de bilionários. Por outro lado, a demissão de empregados públicos "excedentes" empurrou muitos trabalhadores para uma nova classe de pobres urbanos e para o "emprego informal" mal remunerado. Trabalhadores com segurança no emprego e benefícios sociais vivenciaram uma séria erosão no seu padrão de vida e caíram na escala social. A redução dos benefícios sociais aumentou os ganhos e lucros dos novos proprietários privados (1999, p. 50-1).

Passados, quatro anos, o Real, bandeira número um da estabilidade econômica, e da reeleição de FHC, naufragou por incompetência do governo e de seus auxiliares, que mesmo diante do alerta feito por renomados economistas nacionais e estrangeiros sobre a falência do real, insistiram no erro, não mudando a rota da economia do país e mesmo diante do agravamento econômico e da má qualidade da maioria dos serviços privatizados, as privatizações continuam sendo realizadas a toque de caixa.

Fernando Henrique CARDOSO e seus auxiliares numa tentativa de esconder a incompetência de seu governo, jogaram a culpa na crise internacional decorrente da quebra das bolsas de valores. As elites e a imprensa brasileira, juntamente com o grande capital internacional, retardaram a morte súbita do Real, para reeleger o presidente, praticando o maior estelionato eleitoral da História do Brasil.

Fernando Henrique CARDOSO foi reeleito para "administrar o país por mais quatro anos", mas a estabilização econômica propiciada pelo Plano Real, bandeira eleitoral que o reelegeu, praticamente acabou com a liberalização cambial e com a volta da inflação, que já ultrapassou dois dígitos, no primeiro semestre do corrente ano.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Diante da falência do Plano Real, quais serão as estratégias de marketing utilizadas para melhorar "o índice de aprovação" do presidente que está em pleno processo de queda livre e, para justificar o agravamento da crise econômica decorrente dos desacertos da política de ajuste econômico neoliberal implementada no país por Fernando Henrique CARDOSO?

Estamos no segundo semestre de 1999, e o país se encontra muito mais pobre em relação a 1994, ano de implantação do Plano Real. A situação poderá vir se a agravar devido ao novo acordo assinado no início do ano corrente com o FMI. A assinatura deste acordo aniquilou de vez a "soberania" nacional, pois a subserviência de nossas elites e governantes perante aos ditames dos países ricos é total. Tudo é feito mediante ordens que vêm de Washington; FHC mais parece ser um ministro de Clinton do que Presidente do Brasil.

No ano passado, durante a campanha eleitoral, diziam que Fernando Henrique CARDOSO deveria continuar no comando do país porque era o mais preparado para enfrentar a crise. Quase um ano após a realização da eleição, vemos que tudo não passou de uma grande mentira por sinal, muito bem arquitetada para manter Fernando Henrique CARDOSO no poder e continuar favorecendo os interesses da burguesia brasileira e do grande capital internacional; ambos extremamente arrogantes e preconceituosos.

Segundo OLIVEIRA, em 1994:

> "A arrogância da grande burguesia num encontro justamente chamado de "Decola Brasil", para apoiar a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, mostrou se por inteiro: ali correram "fichas" de inscrição do PT em que candidatos a entrarem neste partido assim se qualificavam: gay, homossexual, negro, nordestino, bicha, analfabeto, drogado, maconheiro, catador de lixo, etc. Escancaradamente, ficha ideológica que resulta dessas "qualidades" não é a dos que simultaneamente entravam no PT, mas a da própria burguesia brasileira: seu atraso cultural, seu preconceito, seu ódio ao povo". (1995, P. 27)

O agravamento econômico está longe de terminar e tudo indica que a crise se aprofundará trazendo mais recessão e aumento do desemprego, tornando uma grande incógnita o futuro do país. Só uma possível mobilização da população poderia abrir novos caminhos para reverter a situação atual, desde que nossas elites não recorram ao autoritarismo para dar continuidade ao modelo econômico neoliberal. Não se esqueça, foi esse o caminho em 1964 e também, esta foi a via utilizada para implantar o ideário neoliberal no Chile e no Peru. Sabemos que o atual modelo neoliberal vigente no mundo não depende de regime político imperante atualmente, exceção feita ao bloco socialista ainda existente (China, Cuba e Vietnã).

Nos quatros primeiros anos de governo de Fernando Henrique CARDOSO, a pobreza e a miséria aumentaram mesmo com a falsa estabilidade do Real, oportunidade em que tanto as

unesp

autoridades governamentais quanto a imprensa diziam que os pobres estavam vivendo melhor com a estabilização econômica. Os dados apresentados pelas tabelas abaixo mostram um pouco da real situação da distribuição de renda na atualidade no Brasil:

Tabela 8: Perfil da população brasileira

Classe social	Número de pessoas em milhões	% da população
Elite	7	7,3%
Batalhadores	2	2%
Remediados	13	13%
Descolocados	15	15%
Excluídos →	63,6	63%
Pobres →	**15**	**15%**
Despossuídos →	**24**	**23%**
Miseráveis →	**25**	**24%**

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 9: Perfil da população brasileira

	Sexo e idade			Escolaridade				Renda (R$)		Região			
	Masc.	Fem.	Idade média (ano)	Até 1° grau	2° grau	Superior	Pós-Graduação	Familiar média	Individual média	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte/Centro Oeste
Elite	53%	47%	36,5	0%	25%	67%	8%	3.724	1.601	63%	16%	11%	9%
Batalhadores	59%	41%	40,2	65%	35%	0%	0%	3.943	1.539	61%	15%	13%	11%
Remediados	53%	41%	37,9	54%	46%	0%	0%	1.692	624	55%	16%	18%	11%
Deslocados	49%	51%	32,3	0%	83%	16%	1%	756	394	49%	18%	22%	11%
Excluidos →	49%	51%	40,1	87%	13%	0%	0%	403	207	37%	15%	34%	15%
Pobres →	**55%**	**45%**	**39,2**	**91%**	**9%**	**0%**	**0%**	**752**	**377**	**56%**	**20%**	**13%**	**11%**
Despossuídos →	**48%**	**52%**	**34,9**	**72%**	**28%**	**0%**	**0%**	**350**	**183**	**35%**	**14%**	**36%**	**16%**
Miseráveis →	**48%**	**52%**	**45,7**	**100%**	**0%**	**0%**	**0%**	**234**	**131**	**27%**	**13%**	**45%**	**16%**
Total	50%	50%	38,4	64%	18%	7%	1%	907	413	43%	15%	28%	13%

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 10: Perfil dos miseráveis brasileiros

Idade em %	Miseráveis em %	Total da população em %
16 a 17 anos	1	2
18 a 24 anos	9	19
25 a 34 anos	20	21
35 a 44 anos	20	21
45 a 59 anos	26	19
60 anos ou mais	25	13

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 11: Perfil dos miseráveis brasileiros

Escolaridade	Miseráveis em %	Total da população em %
Analfabeto/primário incompleto	83	25
Primário completo/ginasial incompleto	17	29
Ginasial completo ou mais	0	46

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 12: Perfil dos miseráveis brasileiros

Renda Familiar Mensal	Miseráveis em %	Total da população em %
Até dois salários mínimos	71	26
Mais de dois até três salário mínimos	15	13
Mais de três até cinco salário mínimos	13	19
Mais de cinco até dez salário mínimos	2	20
Mais de dez salário mínimos	0	19

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

unesp

Tabela 13: Perfil dos miseráveis brasileiros

Renda Familiar Mensal	Miseráveis em %	Total da população em %
Até dois salários mínimos	71	26
Mais de dois até três salários mínimos	15	13
Mais de três até cinco salários mínimos	13	19
Mais de cinco até dez salários mínimos	2	20
Mais de dez salários mínimos	0	19

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 14: Perfil dos miseráveis brasileiros

Renda individual Mensal	Miseráveis em %	Total da população em %
Até dois salários mínimos	88	57
Mais de dois até três salários mínimos	7	12
Mais de três até cinco salários mínimos	4	14
Mais de cinco salários mínimos	0	16

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 15: Perfil dos miseráveis brasileiros

Ocupação	Miseráveis em %	Total da população em %
PEA – População Economicamente Ativa	61	72
Assalariado registrado	10	19
Assalariado sem registro	9	9
Funcionário público	3	7
Autônomo regular (paga INSS)	3	7
Profissional liberal (autônomo universitário)	0	1
Empresário	0	2
Bico/free-lances	25	17
Estagiário/aprendiz remunerado	0	0
Outros	4	2
Desempregados (procurando emprego)	7	8

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 16: Perfil dos miseráveis brasileiros

Não integra a PEA	Miseráveis em %	Total da população em %
Dona-de-casa	18	12
Aposentado	16	10
Estudante	1	4
Rentista	0	0
Outros	1	1
Desempregado (não procura emprego)	3	2

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Tabela 17: Compare a pirâmide social entre:

São Paulo (%)	←→	Ceará (%)
15%	Elite e Batalhadores	3%
19%	Remediados	7%
16%	Deslocados	8%
22%	Pobres	7%
16%	Despossuídos	29%
12%	Miseráveis	47%

Fonte: Adaptado do Caderno Especial: O Mapa da Exclusão Social, Folha de São Paulo, 1998.

Como se pode observar, os resultados colhidos com a implantação do ajuste econômico neoliberal sobre as economias dos países da América Latina, continuou provocando graves fissuras sociais, levando segmentos da crescente massa de excluídos a diversos tipos de reações

que vão desde ao crescimento da violência, da ação do narcotráfico, das religiões pentecostais (um verdadeiro fundamentalismo religioso arquitetado para manipular mentes para não reagirem contra o caos neoliberal) até o surgimento de movimentos de organização social para lutar contra a miséria, contra o neoliberalismo e a globalização, como por exemplo, o Chiapas no México e o MST no Brasil.

O movimento dos índios Chiapas surgiu em 1995 no México, como uma reação dos famélicos indígenas mexicanos contra a assinatura do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), tratado que amarrou totalmente a economia e os recursos naturais mexicanos aos interesses norte-americanos.

Chiapas, juntamente com o movimento social de maior expressão nos anos 90 no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), são os dois movimentos sociais mais bem organizados de toda a América Latina, e talvez do mundo, na atualidade. Ambos fazem fortes críticas ao neoliberalismo imposto pelo Consenso de Washington sobre a América Latina.

O líder do Movimento Chiapas, o Subcomandante MARCOS é enfático ao dizer que:

> O neoliberalismo como um sistema mundial, é uma nova guerra de conquistas de territórios. O fim da Terceira Guerra Mundial, ou Guerra Fria, não significa , de maneira alguma, que o mundo tenha superado a bipolaridade e reencontrado a estabilidade, sob a hegemonia do vencedor. Pois, há um vencido (o campo socialista), é difícil nomear o vencedor. Os Estados Unidos? A União Européia? O Japão? Os três juntos?
>
> A derrota do "império do mal" abre novos mercados, cuja conquista provoca uma nova guerra mundial, a Quarta (...) Vastos territórios, riquezas e, sobretudo, uma imensa força de trabalho disponível aguardam seu novo senhor. Daí a nova guerra entre os que pretendem fazer parte do "império do bem". (1997, p. 5)

A luta contra a miséria e a desigualdade social, historicamente construída na América Latina e aprofundada com a aplicação do neoliberalismo, é foco motor tanto de Chiapas como do MST. Em decorrência deste perfil de luta, ambos ganharam notoriedade e apoio internacional, tornando-os pólos de referência para outros movimentos e organizações que também lutam contra a barbárie social preconizada por esta ideologia, na América Latina e em outros lugares do planeta.

Outra coincidência existente entre Chiapas e o MST é que ambos são de origem camponesa, mas que conseguiram, a partir de suas sistemáticas de organização, apoios de alguns segmentos das massas urbanas excluídas, de instituições democráticas, de intelectuais

unesp

sindicais e partidos políticos progressistas e até mesmo de alguns setores da imprensa de seus países e, em nível internacional.

A origem camponesa dos dois principais movimentos sociais da atualidade é de fácil explicação, pois a questão da pobreza campesina é histórica na América Latina, tendo origem com a colonização européia. Veio sendo perpetuada em virtude do secular domínio latifundiário sobre as terras das Américas.

A introdução do neoliberalismo veio contribuir ainda mais para o aumento da pobreza campesina na região, pelo fato de a "modernidade" e a reengenharia implantada a partir dos anos 90, juntamente com o ajuste econômico ter atingido o Estado e a economia como um todo e conseqüentemente o setor agrícola, que assistiu à total destruição da agricultura familiar camponesa, em favor da grande agricultura mecanizada, que somente prioriza o cultivo de culturas destinadas à exportação (como por exemplo, a soja).

Os produtos básicos (arroz, feijão, milho, amendoim e batata) antes produzidos pela agricultura campesina, agora são importados de outros países, levando à falência da maioria de pequenos e médios produtores rurais que, por falta de recursos e suporte tecnológico, não conseguem competir com a grande agricultura mecanizada e com os produtos importados, favorecendo a ampliação da concentração fundiária na região. Para se ter uma idéia, segundo dados do INCRA, mais ou menos 10% das terras agricultáveis do Brasil, estão nas mãos de grupos transnacionais.

A aliança do neoliberalismo com o grande latifúndio, com a cultura de exportação mecanizada e com a importação de produtos básicos, ao intensificar o processo de extinção de pequenos e médios produtores, acelera o aumento do desemprego, da pobreza e da miséria campesina, provocando a migração e o conseqüente aumento da pobreza nas cidades.

A pobreza campesina atinge, na atualidade, aproximadamente um bilhão de seres humanos em todo o planeta, sendo que, deste total, 45 milhões estão situados no México e no Brasil. Tal situação justifica porque Chiapas e o MST são movimentos sociais de origem camponesa.

Com Chiapas e o MST, o grito rouco da miséria que assola o espaço agrário latino-americano, se torna uma voz que clama por justiça e eqüidade social, alcançando dimensão mundial e irritando profundamente as burguesias locais e os atores propagadores da ideologia neoliberal na região, que usam de todos os meios possíveis para denegrir a imagem desses movimento sociais perante a opinião pública.

A insensibilidade dos neoliberais, não está relacionada ou restrita somente contra a miséria e a pobreza, mas também é estendida contra os trabalhadores, as mulheres, crianças, os

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

homossexuais, negros, nordestinos, analfabetos, entre tantos outros discriminados e excluídos. Enfim, os neoliberais do Brasil ou de qualquer parte do mundo combatem tudo aquilo e aqueles que de certa forma tentam atrapalhar a evolução do excludente processo de globalização da economia capitalista, onde o neoliberalismo vem atuando como agente quebrador de barreiras e de desregulamentação econômica, condições essenciais para a consolidação do grande e livre mercado globalizado.

O neoliberalismo tenta impor a sua hegemonia submetendo milhões de seres humanos à miséria, criando uma legião de homens e mulheres "descartáveis", isto é, pouco importa se morrem de fome ou não; são excluídos mesmo e daí qual o problema? No século XVIII, Malthus já defendia esta idéia! Este é o raciocínio dos defensores desta ideologia.

Podemos notar que o neoliberalismo e a globalização econômica são faces de uma mesma moeda, a moeda da dominação, da submissão, da desigualdade social, da injustiça e da incerteza que vieram para impor a "nova ordem" do capitalismo internacional, comandado pelo Grupo dos Países mais ricos do mundo (G7), sobre nações e nacionalidades em todo o planeta.

Por esta razão, estudar a ação conjunta do neoliberalismo e da globalização sobre o planeta é uma necessidade para a busca de alternativas que possam contribuir com a reversão do quadro de exclusão e de incertezas que rodam a Terra neste limiar do século XXI e início de milênio

O neoliberalismo não assusta somente por apregoar a consolidação do estado mínimo e do livre mercado, mas também pelo fato de estar cada vez mais aperfeiçoando seus mecanismo de concentração de riquezas, onde seus seguidores, os incluídos, ao serem possuídos por uma espécie de fundamentalismo e xenofobia por acumular mais e mais riqueza, passam a tratar o excluído como o outro, o alienígena, o sem vez, o intruso, um monstro que precisa ser calado, banido ou até mesmo extirpado da face da terra.

Como já frisamos em outra ocasião, habitualmente chamam políticos, sindicalistas, professores, intelectuais, entre outros que são contrários ao seu ideário, de "dinossauros", radicais, catastrofistas, retrógrados, negativistas, alarmistas, anti-modernidade e outras coisas mais.

Com esse raciocínio, quatro jovens de classe média de Brasília, formados em "boas" escolas particulares e "bons cristãos", atearam fogo ao índio Pataxó Galdino dos Santos, que, por ser um excluído, cometera um único "pecado": o de ter vindo à Brasília para participar da Marcha dos Sem Terra e reivindicar, junto à FUNAI, a demarcação de suas terras, ocupadas pelos brancos incluídos e defensores da inserção desigual e submissa do Brasil no processo de

unesp

globalização da economia capitalista, que supervaloriza o mercado e o lucro acima do ser humano.

Segundo NETTO, "a tarefa dos opositores do neoliberalismo não consiste apenas em criticá-lo, mas, sobretudo, em oferecer alternativas a ele" (1995, p.29)

Este deve ser o raciocínio, posição e tarefa dos educadores na sala aula, para conscientizar os nossos educandos sobre os males causados pela visão neoliberal. Octavio IANNI lembra que:

> O neoliberalismo dos tempos da globalização do capitalismo retoma e desenvolve os princípios que se haviam formulado e posto em prática com o liberalismo ou a doutrina da mão invisível, a partir do século XVIII. Mas o que distingue o neoliberalismo pode ser o fato de que ele diz respeito à vigência e generalização das forças do mercado capitalista em âmbito global. É verdade que alguns de seus pólos dominantes e centros decisórios localizam-se nos Estados nacionais mais fortes. Em escala crescente, no entanto, formam-se pólos dominantes e centros decisórios localizados em empresas, corporações e conglomerados transnacionais. Daí nascem diretrizes relativas à desestatização, desregulação, privatização, liberalização e regionalização" (1996, p. 78-9).

O individualismo e a "cidadania" do mercado apregoada pelo neoliberalismo é avassaladora, pois ao induzir à indiferença, ao desrespeito ao outro, produz o ódio entre os seres humanos e agiganta a pobreza.

Como a lógica da ideologia neoliberal gira em torno da competição e da concorrência, para os "incluídos" do mundo globalizado, a pobreza e a miséria tornam-se coisas estranhas por "promoverem" a violência e a insegurança. Para alguns extremistas de direita, os milhões de miseráveis existentes no Brasil, são intrusos que atrapalham a "modernização" do país. Talvez foi por não ter "valor" para as pessoas que estão inseridas no mundo da globalização, que o Índio Pataxó Galdino foi queimado pelos jovens de Brasília. Quantos Galdinos e Galdinas serão extirpados da superfície terrestre enquanto prevalecer a hegemonia do neoliberalismo e da globalização?

Não estou exagerando no que estou afirmando. No jornal Folha de São Paulo do dia 14/11/99, o jornalista Clovis ROSSI faz na sua coluna diária o texto "A Banalização da Barbárie", o seguinte comentário a respeito do menino de 11 anos que pedia esmolas na frente de uma loja do Supermercado Pão de Açúcar em São Paulo e, fora preso numa câmara frigorífica por um Policial Militar, que fazia bico como segurança no referido estabelecimento:

> "Vamos ser honestos: o PM travestido de segurança de supermercado que pôs no freezer um garoto que pedia esmolas à frente do estabelecimento fez exatamente o que uma importante fatia da sociedade gostaria de fazer:

unesp

> congelar os miseráveis (já que congelar a miséria não se consegue mesmo; ela só faz crescer).
>
> Claro que há uma outra fatia, espero que menos numerosa, que preferiria uma solução mais radical: deixar os miseráveis no freezer até que morressem e pudessem, depois, ser recolhidos ao lixo, misturados aos dejetos de supermercados, lares, indústrias etc.
>
> É esse o ponto que chegou o Brasil. Em vez de tentar resolver ou ao menos atenuar o seu problema mais crucial, mais infame, uma parte do público prefere ver-se livre do problema pelo meio expeditivo, o congelamento, ou, de preferência, a morte.
>
> Não é outra coisa o que acontece todo santo dia na periferia, ao menos em São Paulo. A eliminação de pobres virou rotina a ponto de figurar nos jornais apenas como mais uma estatística macabra, misturada aos mortos no trânsito dos fins-de-semana prolongados, aos gols de cada rodada, aos prêmios de cada loteria.
>
> Já se viu, aliás, que a maior parte dos eliminados não tem antecedentes criminais. Logo não poderia prevalecer a lógica de que "bandido bom é bandido morto", uma lógica subversiva porque dá a policiais ou parapoliciais o poder de julgar, condenar e executar, tudo ao mesmo tempo.
>
> Subiu-se um degrau na escala da degradação. De "bandido bom é bandido morto, passou-se a "pobre bom é pobre morto", ou, ao menos, congelado, como carne humana, mas imprestável, no mesmo refrigerador dos animais, mas com menos cuidados, porque os animais ao menos têm serventia, sob essa ótica insana.
>
> Já escrevi neste espaço que uma sociedade que tem medo de seus menores é uma sociedade doente. O episódio do supermercado é apenas um passo adiante no rumo da barbárie". (FSP, 14/11/99, p. 1)

As colocações do jornalista Clóvis ROSSI nos levam a inúmeras interrogações, principalmente quando ele aponta que "a eliminação de pobres virou rotina a ponto de figurar nos jornais apenas como mais uma estatística macabra, misturada aos mortos no trânsito dos fins-de-semana prolongados". Isto mostra o quando a vida vale pouco no Brasil neoliberal. A matança indiscriminada de pobres não pode ser também uma eliminação calculada? É difícil acreditar no contrário!

2- A GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA

A economia capitalista, ao longo de sua trajetória evolutiva, passou por diversos estágios de expansão, reestruturação e modernização, principalmente a partir do advento da Revolução Industrial do Século XVIII, que provocou, a partir da Europa, a internacionalização e mundialização do capitalismo, fenômenos desencadeados em decorrência do acelerado desenvolvimento industrial e tecnológico, propiciado pelo avanço das pesquisas científicas. Neste final de século, nos deparamos com mais um desses estágios de expansão, reestruturação e modernização do sistema econômico capitalista, agora denominado de globalização.

unesp

> A globalização é algo que rejubila de sua força darwinista, com sua vontade de excluir os chamados mais fracos e de pôr no topo os chamados mais fortes; isso significa que a globalização é um processo que se define por essa vontade de excluir. A globalização, do modo que vem sendo empreendida no mundo contemporâneo, cria fracos, aumenta a fraqueza dos que já estão fracos e não tolera os fracos. É a primeira vez na História que se decide excluir maciçamente e expropriar as pessoas dos bens que secularmente foram acumulados; bens materiais e não materiais, culturais, políticos, sendo portanto um convite permanente à não política (SANTOS, 1996, p.05).

Tanto entre os teóricos liberais ou neoliberais, como entre os de centro-esquerda ou esquerda, há vários conceitos sobre a origem e evolução da globalização da economia capitalista. O economista liberal ex-deputado Roberto CAMPOS, por exemplo, em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, em 11 de maio de 1997, intitulado "**A Quarta Globalização**", diz que a globalização econômica não é um evento inédito. É um processo que ocorre em ondas, com avanços e retrocessos separados por intervalos que podem durar séculos. Para ele, as quatro fases da globalização econômica ocorreram da seguinte forma:

A primeira globalização foi a do Império Romano. Enquanto os gregos filosofavam em suas cidades e ilhas, os romanos articulavam um império. Construíam estradas e aquedutos, impunham seu sistema legal, difundiam o uso de sua moeda e protegiam o comércio contra os piratas. Eram mais engenheiros do que filósofos. Com a queda do Império Romano, houve a feudalização política e comercial do mundo.

A segunda globalização ocorreu na era das grandes descobertas dos séculos 15 e 16. Desvendaram-se novos continentes e foram abertos os caminho da Índia e da China.

A terceira globalização viria no século XIX, após as guerras napoleônicas. Foi o século em que o liberalismo sobrepujou o mercantilismo e começou a "democracia política".

A quarta globalização viria após a Segunda Guerra Mundial, mas só atingiria seu apogeu com o colapso do socialismo em 1989/91.

Octavio IANNI, analisa a trajetória da globalização num enfoque antagônico a Roberto Campos e, resume a história da globalização do capitalismo em três fases:

A primeira fase começou com as grandes navegações européias do século XV e XVI, que propiciaram a descoberta de regiões do planeta até então desconhecidas pelos europeus. A partir deste período, o capitalismo mercantilista expandiu-se geograficamente por todo o mundo, integrando-o num sistema único de produção e consumo de mercadorias.

A segunda fase veio com a Primeira Revolução Industrial desencadeada na Inglaterra no final do século XVIII, num momento em que o capitalismo europeu já havia construído

mercados consumidores em diversos lugares do planeta. O desenvolvimento tecnológico que acompanhou esta revolução, possibilitou o alcance de elevados índices de produtividade, graças à mecanização da produção e à redução de contratação de mão-de-obra, tornando os preços das mercadorias mais competitivos nos mercados internacionais e conseqüentemente garantindo maior lucratividade aos capitalistas.

A terceira fase, é a que presenciamos na atualidade, e vem sendo a responsável pelo processo de reestruturação e reengenharia da economia capitalista, caracterizando-se pelo domínio completo dos países ricos e corporações transnacionais, sobre a economia mundial. As corporações transnacionais, tomaram grande impulso a partir dos anos 50, após o término da Segunda Grande Guerra Mundial, quando estimuladas pelo Plano Marshall, passaram a investir maciçamente na reconstrução da Europa destruída pelo conflito. Hoje as corporações transnacionais controlam praticamente a economia e o mercado globalizado.

A figura abaixo evidencia o grupo composto por algumas das principais empresas multinacionais ou corporações transnacionais do planeta:

Tabela 18: Empresas globais – multinacionais - corporações transnacionais

São empresas que estão distribuídas pelo planeta. Elas têm esse nome porque estão instaladas em muitos países, embora tenham sede central, denominada matriz. Na matriz, no país sede ficam os laboratórios de pesquisa e projetos. Veja abaixo alguns exemplos:
Citizen, Fiat, Ford, Mitsubishi, Hitachi, *Coca Cola,* Texaco, Microsoft, Mercedes Bens, Alcan, MC Donald's, Nissan, Volvo, Olivetti, IBM, Nestlé, Shell , Toyota, Honda, Renault, Mobil, Monsanto, Pirelli, Hewlett Packard, Cargil, Alcan, BMW, Philips, Wal Mart, Motorola, Scânia, Esso, Toshiba, Parmalat, Aiwa, GM, Exxon, Ciba Geige, Palmolive, Agip, Bayer, Gessy Lever.

Fonte: Adaptado de Ramirez, J.C.L. As corporações multinacionais e a organização espacial: uma introdução. Revista Brasileira de Geografia, RJ, v. 51, n°1, 1989

Ao contrário de CAMPOS e IANNI, O sociólogo James PETRAS, descreve a origem e evolução da globalização a partir de três padrões:

O primeiro padrão começou no século XV com o crescimento do capitalismo e sua expansão ultramarina: a conquista e exploração da Ásia, África e América Latina, e as colônias brancas na América do Norte e Austrália foram todas instâncias da globalização. Em outras palavras, a globalização esteve, desde o início, associada ao imperialismo: a cadeia global era baseada na acumulação européia: a exploração do Terceiro Mundo para a acumulação do Primeiro Mundo.

O segundo padrão de globalização foi construído em torno do comércio interimperial. As trocas dentro da Europa e mais tarde com os Estados Unidos (atualmente com o Japão) criaram

unesp

uma série de agrupamentos regionais ligados entre si via potências hegemônicas regionais. Neste contexto, a globalização envolve competição e colaboração: disputas de mercado entre multinacionais com sedes nacionais, assim como colaboração entre elas para a exploração conjunta de mercados.

O terceiro padrão de globalização envolve o comércio internacional (como conceito distinto da pilhagem, dos investimentos e empréstimos extrativistas). Trocas internacionais de bens unem mercados e classes em hierarquias sociais que dão à globalização seu caráter de classe, tornando-a uma arena para os conflitos de classe e de comércio.

A partir dos três padrões de evolução mencionados acima, PETRAS afirma que:

> "a globalização não é um fenômeno novo: é um novo nome que compreende diferentes processos sócio-políticos e econômicos. As origens históricas imperiais mantiveram-se incrustadas numa matriz na qual novos Estados e atores competem pelo acesso privilegiado a redes e apoio estatal. As principais agências de hoje, as empresas multinacionais, desempenham os papéis que antes cabiam às companhias de comércio, integrando e se apropriando de recursos e explorando mão-de-obra barata." (1999, p.28)

Se há várias definições sobre a origem e evolução da globalização, há também várias propostas para definir o que ela é na verdade. Eduardo GIANETTI, economista neoliberal, em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, no dia 02/11/97 (Caderno Especial Globalização), afirma que a globalização, fenômeno que tanto amedronta povos e nações neste final de século, resulta da conjunção de três forças poderosas:

1) a terceira revolução tecnológica (tecnologias ligadas à busca, processamento, difusão e transmissão de informações; inteligência artificial; engenharia genética);

2) a formação de áreas de livre comércio e blocos econômicos integrados (como o Mercosul, a União Européia e o Nafta);

3) A crescente interligação e interdependência dos mercados físicos e financeiros em escala planetária.

A definição de GIANETTI sobre globalização tem alguns pontos em comum com a visão de teóricos não neoliberais. A diferença está no enfoque que ambos dão para a questão. GIANETTI defende a globalização e o neoliberalismo como o único caminho a ser seguido neste final de século. Os teóricos não neoliberais, além de discutirem a forma de como a globalização e o neoliberalismo foram concebidos, mostram, também, a ação nefasta de ambos sobre os seres humanos que estão excluídos do mercado globalizado, onde só é cidadão o

unesp

indivíduo que tem poder de consumo; é a consolidação da cidadania do consumo, da cidadania do cartão de crédito.

DOWBOR, faz uma ótima explanação sobre a ótica da cidadania em tempos de neoliberalismo e globalização dizendo:

> O que ocorre no mundo contemporâneo, e em escala acentuada e generalizada, é que o cartão de crédito torna-se o principal documento de identidade, credibilidade ou cidadania. O cartão de crédito transforma o seu portador em cidadão do mundo, mas enquanto consumidor, alguém situado no mercado. E o consumismo, por implicação, transforma-se em expressão e exercício de cidadania, quotidiana, recorrente e universal. Assim se forma o cidadão do mundo, o cosmopolita, "alheio" à política, mas produzido no jogo do mercado, como uma espécie de subproduto da lógica do capital. (1997, p.25)

Os teóricos e intelectuais dos países ricos também possuem várias visões sobre a ação do processo de globalização da economia capitalista no mundo. No quadro abaixo, essas visões são classificadas em três categorias, constando também o teórico símbolo:

Tabela 19: A TÍTULO DE ESCLARECIMENTO CONHEÇA AS VÁRIAS VISÕES SOBRE A GLOBALIZAÇÃO*

	Hiperglobalizantes	**Descrentes**	**Transformalistas**
O que acontece	Uma era global	Sobrevivência de modelos do passado	Uma integração global sem precedentes
Traços dominantes	Capitalismo global, governo global	Um mundo menos interdependente do que há cem anos atrás	Globalização intensiva e extensiva
Poder dos Estados nacionais	Diminuindo ou se esfacelando	Aumentando	Em redefinição
Quem comanda o processo	Capitalismo e tecnologia	Estados e mercado	A modernidade
Resumo	O fim do Estado-Nação	Uma internacionalização dependente do consentimento dos Estados	A globalização transforma a política mundial
Relações norte-sul	O fim das velhas hierarquias	Marginalização crescente do sul	Um novo desenho da ordem mundial
Perspectivas sobre a solidariedade global	Maior	Menor	Indefinida
Personagens principais	McDonald's e Madonna	O poder militar	Who is US?**
O conceito de globalização	Uma reorganização da divisão do trabalho	Internacionalização	Reordenação das relações inter-regionais e ação a distância
Cenário para o futuro	Civilização global	Blocos regionais e conflito de civilizações	Fragmentação e integração mundial
Teórico símbolo	Kenichi Ohmae	Paul Hirst	Anthony Giddens

Fonte: Caderno Especial Globalização, Folha de São Paulo, 1997. ** Frase de duplo sentido. Pode significar Quem somos nós? Ou "Quem são os Estados Unidos

Robert KURZ, sociólogo e ensaísta alemão é, na atualidade, um dos mais significativos intelectuais do mundo desenvolvido, a criticar a perversidade desta nova fase de reestruturação da economia capitalista e sobre os efeitos avassaladores do capitalismo financeiro especulativo. De acordo com KURZ, "a globalização é um novo sistema de coordenadas do capitalismo mundial, que surgiu a partir da década de 80, com uma rapidez impressionante, impulsionado pelos satélites, a microeletrônica, a nova tecnologia em comunicação e em transportes e pela queda dos custos energéticos: para além dos limites nacionais, surgindo assim um mercado único e global" (1995, p.5-9).

A fase atual da globalização da economia capitalista, estreou mundialmente pelo viés da imprensa econômica e financeira de língua inglesa e, num curto espaço de tempo encontrou terreno fértil no discurso político do neoliberalismo.

O processo de globalização da economia capitalista ganhou força nos anos 80 e se fortaleceu ainda mais, a partir da queda do Muro de Berlim em 1989, que culminou com o início do declínio do Socialismo Real no Leste Europeu, fato consumado em dezembro de 1991, com a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Na chegada dos anos 90, em virtude da implantação, através do Banco Mundial e FMI, do ideário econômico neoliberal, gestado na Inglaterra e EUA durante os anos 80, as economias dos países pobres passaram por um profundo processo de desregulamentação, abrindo-se radicalmente para o livre mercado e para os capitais especulativos globais, sob comando dos países desenvolvidos e por suas corporações transnacionais e sistema financeiro internacional.

O atual estágio da globalização da economia capitalista, constituindo em uma nova fase da História Humana que vivenciamos neste final de século, criou uma sociedade mundial complexa. Ao mesmo tempo que assistimos a uma tendência de integração econômica entre os países, regiões e continentes, ocorre o enfraquecimento do papel do Estado Nacional, principalmente no mundo periférico, pois os avanços tecnológicos baseados na microeletrônica, informática e na biotecnologia e ainda o desenvolvimento de uma rede de comunicação abrangendo todo o planeta, redesenham de acordo com os interesses do capitalismo globalizado, o secular modelo de Estado, nação e reestruturam os sistemas de trabalho e produção, herdados do fordismo e do taylorismo.

As tecnologias da globalização são resultantes do advento da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, que propiciou o avanço da microeletrônica, da informática e da robótica. No entanto, o computador ocupa um lugar central na Terceira Revolução Industrial.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

JOFFILY afirma que "no fundo o computador é uma nova linguagem. O homem aprendeu a falar há dois milhões de anos, em algum lugar da África; a escrever há 6000 anos, onde hoje fica o Iraque; e a imprimir há 443 anos, na Alemanha. A informática é a quarta linguagem, uma forma nova de comunicar e armazenar o pensamento humano. E mais: através de impulsos elétricos, o computador permite também conversar com as máquinas. Aí reside a base de toda a automação contemporânea". (1996, p.17)

O geógrafo Ruy MOREIRA completa o raciocínio de JOFFILY dizendo:

> O computador é a máquina. Mas de novo tipo. Diferente. A máquina paradigmática das duas revoluções industriais anteriores é uma máquina de movimentos rígidos e incapaz da mínima reciclagem que no decurso da produção se faça necessário. O computador, ao contrário, é uma máquina flexível. Composto por duas partes, o hardware (a máquina propriamente dita) e a do software (o programa), o computador é uma "máquina inteligente". O hardware e o sofware se integram sob o comando do chip, o que faz do computador, ao contrário da máquina comum, uma máquina reprogramável. Basta para isso que se troque o programa ou se monte uma programação adequadamente intercambiável. (1997, p45)

As novas tecnologias da globalização, possibilitaram a fabricação de modernissimos satélites de telecomunicações para a transmissão de rádio, TV, telefonia, dados, entre outros; para realização de pesquisas variadas e até mesmo para espionagem, de sofisticados computadores que através da interação com o telefone, possibilitaram o desenvolvimento da INTERNET (rede global de comunicação via computadores), de robôs e de outros variados tipos de equipamentos e máquinas supermodernas utilizadas no mundo da produção globalizada, aumentando abruptamente o abismo tecnológico entre países ricos e países pobres.

Sobre a inovação tecnológica e aumento do abismo entre países ricos e pobres, GORENDER afirma:

> A revolução tecnológica alargou consideravelmente a distância entre países desenvolvidos e países atrasados em matéria de ciência e tecnologia. Se a tecnologia característica da segunda revolução tecnológica se encontrava difundida e se tornara razoavelmente acessível aos países em desenvolvimento, já o mesmo, de modo algum, se dá com a tecnologia característica da revolução posterior, ora em curso. Essa se correlaciona com grandes investimentos em pesquisa científica, só factíveis aos governos dos países desenvolvidos e às empresas multinacionais. Além disso a concorrência acirrada entre megaorganizações impele à busca frenética de inovações tecnológicas cada vez mais freqüentes, o que, por sua vez, abrevia o prazo de vantagem econômica de tais inovações.
>
> Nessas condições, tornou-se incomparavelmente mais difícil eliminar o fosso tecnológico que separa países desenvolvidos de países atrasados. A

> superioridade tecnológica conferiu aos primeiros uma vantagem inapreciável. A carência tecnológica estabeleceu uma concorrência aguda entre países atrasados pela atração de investimentos estrangeiros, que podem trazer embutidas as inovações pretendidas. Ainda que, comumente, os investimentos estrangeiros não tragam mais do que caixas preta, vedando-se a difusão de conhecimentos que incrementam a autonomia técnica e econômica (1997, p.91-91).

O movimento de mudanças comandado pela globalização e suas novas tecnologias está criando uma sociedade mundial complexa. Assim, assistimos a uma tendência de integração econômica entre os países, regiões e continentes.

Segundo Milton SANTOS:

> O processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico, cujas principais características são, além de uma tendência à formação de um meio técnico, científico e informacional:
> - a transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional;
> - a exacerbação das especializações produtivas no nível do espaço;
> - a concentração da produção em unidades menores, com o aumento da relação entre produto e superfície – por exemplo, na agricultura;
> - a aceleração de todas as formas de circulação e seu papel crescente na regulação das atividades localizadas, com o fortalecimento da divisão territorial e da divisão social do trabalho e a dependência deste em relação às formas espaciais e às formas sociais (jurídicas e outras) em todos os escalões;
> - o recorte horizontal e vertical dos territórios
> - o papel da organização e o dos processos de regulação na constituição das regiões;
> - a tensão crescente entre localidade e globalidade à proporção que avança o processo de globalização. (1996, p.50-1)

SANTOS, continua o seu raciocínio afirmando que:

> A fase atual da história da humanidade, marcada pelo que se denomina de revolução científico-técnica, é freqüentemente chamada de período técnico-científico (...). Em fases anteriores, as atividades humanas dependeram da técnica e da ciência. Recentemente, porém, trata-se da interdependência da ciência e da técnica em todos os aspectos da vida social, situação que se verifica em todas as partes do mundo e em todos os países. O próprio espaço geográfico pode ser chamado de meio técnico-científico ... Essa realidade agora se estende a todo o Terceiro Mundo, ainda que em diferente proporção, segundo os países.
>
> Nesta nova fase histórica, o Mundo está marcado por novos signos, como: a multinacionalização das firmas e a internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenômeno do crédito, que reforça as características da economização da vida social; os novos papéis do Estado em uma sociedade e uma economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator essencial da acumulação; a grande revolução da

> informação que liga instantaneamente os lugares, graças aos progressos da informática (1996, p. 122-3).

Enfatizando ainda mais sobre o contexto de mudanças do mundo atual, Octavio IANNI diz que

> "a globalização do mundo abre outros horizontes sociais e mentais para indivíduos, grupos, classes e coletividade; nações e nacionalidades; movimentos sociais e partidos políticos; correntes de opinião pública e estilo de pensamento. As condições e as possibilidades da cultura e da consciência já envolvem também a sociedade global. Tudo o que continua a ser local, provinciano, nacional e regional - compreendendo identidade e diversidades, desigualdades e antagonismos - adquire novos significados, a partir dos horizontes abertos pela emergência da sociedade global." (1994, p.03)

A globalização além de mudar a Geografia do planeta, pois com ela praticamente não há mais lugares isolados e aos poucos 5,6 bilhões de habitantes da Terra vão se tornando "cidadãos do mundo" sendo que somente os "iluminados" permanecem incluídos; os que não conseguem se inserir na dinâmica da globalização capitalista são excluídos ou apartados, que já estavam excluídos no momento do advento do "novo" processo de reestruturação do capitalismo.

O presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI), durante a conferência de abertura da reunião anual daquele órgão ocorrida em setembro de 1997 em Hong Kong, disse que mais de três bilhões de pessoas vivem no mundo com menos de US$ 2,00 dólares diários; o mesmo é categórico: o mundo está sobre uma bomba de efeito retardado. Reconhece o problema mas, em contrapartida, a instituição à qual preside, continua propondo aos países endividados, medidas que colaboram diretamente com o aumento do caos social.

Aziz AB'SABER, evidência o poder de exclusão da globalização, dizendo que ela "é uma ideologia assimétrica e perversa, que só interessa pelo econômico e, certamente, a favor do Primeiro Mundo. Nesse sentido, não há nenhuma tentativa de globalização para a melhoria da sociedade, da política e da cultura. Pelo contrário, no processo de globalização ocorre, de forma embutida, um enquadramento geopolítico, visando sobretudo, a identidade cultural dos povos envolvidos a as deploráveis condições de vida das populações tradicionais e dos desempregados de todas as áreas de atividades". (1997, p.36)

A fala de Aziz AB'SABER demonstra que, a maneira como a globalização vem sendo empreendida no mundo, ela não prima, em nenhum momento, pela homogeneidade no desenvolvimento dos povos e nações. Assim, ela reforça o seu alto poder de exclusão social, devido ao assustador aumento da concentração de riqueza em favor das elites dos países periféricos e conseqüentemente do grande capital globalizado comandado pelas empresas transnacionais e capital financeiro internacional. Para que possamos entender melhor este novo

unesp

contexto mundial, temos que fazer uma análise coerente da globalização e suas conseqüências na produção e nas relações trabalhistas.

Com a globalização, produtos agropecuários e industriais circulam por todo o planeta, num movimento econômico que está transformando o mundo em um grande mercado de atacado e varejo sem fronteira e nacionalidade. Um mundo cada vez mais urbano e industrial, onde a globalização permite a livre circulação das mercadorias e do capital e não da maioria das pessoas, pois os países ricos fecham cada vez mais suas fronteiras, não permitindo a entrada dos excluídos do mundo globalizado vindos dos países pobres, vítimas mais uma vez, da nova arquitetura adotada pelo sistema de acumulação do grande capital internacional. Um neocolonialismo tecnológico-global, que, não estando contente em dominar totalmente o econômico, passa agora a dominar com mais intensidade o campo do saber de conhecimento, pois segundo KUMAR:

> O aumento do conhecimento é qualitativo e não apenas quantitativo. Os antigos meios de comunicação transmitiam mensagens padronizadas a platéias uniformes de massa. Os novos meios de comunicação permitem não só a "irradiação" mas também a "concentração". Ligados ao computador, ao cabo e ao satélite, permitem a segmentação e divisão de transmissores e receptores em unidades separadas e descontínuas. A informação pode ser processada, selecionada e recuperada para satisfazer as necessidades especializadas e individuais (...).
>
> A nova esfera de informação opera em um contexto global. O homem não tem mais necessidade de buscá-la, já que pode ser trazida ao lar ou ao escritório. Uma rede eletrônica mundial de bibliotecas, arquivos e bancos de dados surgiu teoricamente acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer momento (1997, p.22).

Como podemos observar, "circulam" as mercadorias, as "idéias" e os "conhecimentos", mas não os milhões de famintos existentes sobre a superfície do Planeta Terra.

O ostensivo policiamento efetuado pelos EUA na fronteira com o México e as ações realizadas pelos países da Europa Ocidental para impedir a entrada de imigrantes vindos da Europa do Leste e das mais diversas partes do mundo, comprovam que a globalização é um processo que vem acelerando a circulação das mercadorias, transformando o mundo num único e grande mercado e paralelamente excluindo milhões do direito de pelo menos ser um cidadão deste próprio mercado. Só obtêm visto e passaporte para adentrarem na disneylândia global, os indivíduos possuidores de condições financeiras para consumirem os diferentes tipos de mercadorias disponíveis no mercado globalizado; é um grupo seleto de pessoas que estão inseridas no mercado e na sociedade global.

unesp

Segundo MORANDI (1995), a existência da sociedade global pode ser associada a cinco fenômenos interligados:

1- a integração econômica entre países, regiões e continentes, comandada pelos países do G7 e grandes corporações transnacionais;

2- as novas formas de gestão do mundo da produção e do trabalho (reestruturação produtiva: substituição da rigidez fordista pela flexibilidade toyotista);

3- os avanços tecnológicos baseados nas tecnologias advindas da terceira revolução industrial tais como, a microeletrônica, a informática, a robótica e a biotecnologia;

4- o desenvolvimento de uma rede de telecomunicação instantânea que abrange todo o planeta, sendo facilitada pelo o surgimento de modernissimos satélites artificiais e da telemática (refere ao casamento da telecomunicação com a informática);

5- a padronização cultural a serviço dos interesses dos países ricos. Em Hollywood, por exemplo, um filme produzido no mundo pobre, dificilmente será valorizado, pois os melhores filmes credenciados ao Oscar sempre foram aqueles produzidos no mundo rico.

No mundo globalizado, a comunicação instantânea e a padronização cultural também chegam até as pessoas em forma de produtos pois, "na aldeia global, além das mercadorias convencionais, sob formas antigas e atuais, empacotam-se e vendem-se as informações. Estas são fabricadas como mercadorias e comercializadas em escala mundial. As informações, os entretenimentos e as idéias são produzidas, comercializadas e consumidas como mercadorias" (IANNI, 1996, p: 16).

Entretanto, na dita sociedade global, o fracasso e a incompetência do sistema em gerar empregos e melhores condições de vida para a sociedade, fica creditado para as próprias vítimas e não para os governantes, as elites, os grupos e corporações transnacionais e organismos internacionais como o Banco Mundial e FMI, que são gestores de tais políticas. Esta isenção de culpa ocorre porque os arquitetos e seguidores da modernidade neoliberal globalizante não admitem os erros e descaminhos do modelo de ajuste econômico implementados por eles. Qualquer desajuste e fracasso, a incompetência é do outro, isto é, aqueles que não conseguem acompanhar a "modernidade" em curso.

Certamente, é dentro desta sociedade global, gerada pela expansão e transformação do capitalismo, que surgem os blocos econômicos, uma inédita produção de mercadorias, propiciada pelas inovações tecnológicas e novas formas de organização do trabalho.

unesp

Conseqüentemente surgiram também o desemprego estrutural, e por fim, a globalização da pobreza, mesmo diante de um notável progresso tecnológico propiciado pelo advento da terceira revolução industrial, científica e tecnológica. A fome, por exemplo, em nossos dias não é mais fruto da escassez de alimentos e sim, de um padrão mundial de acumulação e desenvolvimento, que ao valorizar a competição favorece os poderosos e reforça a tendência de aumento da exclusão social.

No Brasil, embora os efeitos da globalização já venham provocando inúmeras mudanças, que vão desde o campo econômico até o social, uma significativa parcela dos brasileiros ainda não a conhece ou não sabe o seu significado, desconhecendo totalmente o seu poder de ação e dominação. O próprio Presidente da República Fernando Henrique CARDOSO admitiu essa desinformação da maioria da população brasileira numa visita à Índia, no primeiro semestre do ano de 1996; pois em conferência que proferiu num seminário sobre globalização disse que esta é uma palavra que pouca gente sabe o que significa.

Diante da desinformação de grande parte dos brasileiros, o poder econômico e o governo aproveitam da situação para dar seqüência à implantação das normas do ideário neoliberal no país, espinha dorsal da globalização da economia capitalista e, assim uma significativa parcela da população que não consegue decodificar as artimanhas do poder de manipulação do aparelho ideológico de dominação imposto pelas elites, via imprensa, acaba acreditando que a recessão econômica, o sucateamento dos serviços públicos, o aumento do desemprego, miséria e violência e a falência de milhares de micros e pequenos produtores rurais e urbanos é um mal necessário para alcançarmos o desenvolvimento que dará ao país o passaporte para o "ingresso" ao primeiro mundo.

Segundo dizem, já somos "um país emergente" e não mais subdesenvolvido. Será este é o que realmente queremos construir para os nossos filhos no futuro? Até quando seremos submissos aos interesses internacionais? Até quando vamos continuar calados diante dos desmando da globalização excludente?

3- O DISCURSO DA "QUALIDADE TOTAL"

"A qualidade poderá ser atingida quando todas as camadas sociais tiverem acesso ao ensino, porque se eu busco a qualidade e a instalo só num segmento da sociedade, estou na realidade, criando conseqüências futuras muito terríveis" (SANTOS, 1996, p.06)

unesp

Podemos dizer que qualidade é a somatória das características de uma determinada coisa, produto e serviço.

Segundo RAMIREZ, "a qualidade não é modismo, ela sempre existiu no mundo inteiro. Na Roma dos Césares, a qualidade registrou-se quando ocorria de ruir de uma construção; tal fato fazia com que as autoridades analisassem o tamanho e a resistência dos tijolos utilizados, e se, estivessem em desacordo com os padrões estabelecidos, independente da causa do desabamento, o construtor era decapitado." (1997, p. 118)

Entretanto, no mundo moderno as normas de garantia de qualidade não são tão radicais quanto às estabelecidas no Império Romano.

A questão da qualidade, embora em graus diferentes, sempre esteve presente nas diferentes fases de evolução da produção industrial e também, nas fases de reestruturação da economia capitalista desde o advento da Primeira Revolução Industrial Inglesa do Final do Século XVIII, até a atual Terceira Revolução Industrial.

Talvez um dos saltos mais significativos para a gestão da qualidade e do aprimoramento da produção, melhorando principalmente o aproveitamento da força de trabalho, surge com as idéias do engenheiro norte-americano Frederich Winslow TAYLOR, no final do século XIX e depois com FORD, no início do atual século.

A produção industrial daquela época caracterizava-se por grandes perdas de matérias-primas, má qualidade dos produtos (alto índices de defeitos) e mal aproveitamento da mão-de-obra (excesso de vadiagem no trabalho).

Para TAYLOR, a vadiagem no trabalho era provocada por três determinantes:

"Primeira – O erro, que vem de época imemorial e quase universalmente disseminado entre os trabalhadores, de que o maior rendimento do homem e da máquina terá como resultado o desemprego de grande número de operários.

Segunda – O sistema defeituoso da administração, comumente em uso, que força os empregados a fazerem cera no trabalho, a fim de melhor proteger seus interesses.

Terceira – Os métodos empíricos ineficientes, geralmente utilizados em todas empresas, com os quais o operário desperdiça grande parte de seu esforço" (1970, p. 34).

O excesso de vadiagem no trabalho passou a incomodar a TAYLOR de tal forma, que no crepúsculo do século XIX, o instigou a desenvolver inovações que passaram a ser testadas na fábrica em que trabalhava, posteriormente, dando origem à teoria que hoje conhecemos como taylorismo.

Segundo TAYLOR, era preciso remodelar o sistema produtivo, tornando-o mais eficiente e conseqüentemente erradicando as perdas que atingiam as matérias-primas em todos os setores

unesp

produtivos da nação norte-americana. Seu estudo tinha por objetivo mostrar às empresas o quanto lucrariam se trocassem os métodos de produção empíricos pelos científicos.

No decorrer do desenvolvimento de sua teoria, TAYLOR foi organizando "cientificamente" a produção, criando tipos de planejamento para cada etapa do processo produtivo, antes inexistentes, aproveitando melhor a capacidade produtiva das máquinas (devido a uma melhor otimização de seu uso) e da mão-de-obra (diminuição da vadiagem no trabalho). Desenvolve assim, os princípios de administração científica, composta por quatro elementos essenciais:

> "Primeiro – O desenvolvimento (pela direção e não pelo operário) da ciência de assentar tijolos, com normas rígidas para o movimento de cada homem, aperfeiçoamento e padronização de todas as ferramentas e condições de trabalho.
> Segundo – A seleção cuidadosa e subseqüente treinamento dos pedreiros entre os trabalhadores de primeira ordem, com a eliminação de todos os homens que se recusam a adotar os novos métodos, ou são incapazes de segui-los.
> Terceiro – Adaptação dos pedreiros de primeira ordem à ciência de assentar tijolos, pela constante ajuda e vigilância da direção, que pagará. a cada homem, bonificações diárias pelo trabalho de fazer depressa e de acordo com as instruções.
> Quarto – Divisão eqüitativa do trabalho e responsabilidade entre operário e a direção. No curso do dia, a direção trabalha lado a lado com os operários, a fim de ajudá-los, encorajá-los e aplainar-lhes o caminho, enquanto no passado, ao contrário, a direção permanecia de lado, proporcionava-lhes pouco auxílio e sobrecarregava-os de quase toda a responsabilidade quanto aos métodos, uso dos instrumentos, velocidade e cooperação." (1970, p. 83).

Através do treinamento proporcionado pela aplicação da "administração científica" e da introdução da cronometragem do tempo gasto por cada operário no fabrico de uma determinada peça, TAYLOR subdividiu o trabalho de tal forma, ao ponto de um operário ficar apertando parafuso durante 12 ou 14 horas de trabalho por dia, realizando funções extremamentes repetitivas, cansativas e absurdas.

Como podemos observar, TAYLOR desenvolveu os chamados princípios de "administração científica" na produção, a partir de uma intensa e minuciosa pesquisa sobre o tempo e movimentos dos trabalhadores na produção e nos equipamentos e ferramentas utilizadas.

TAYLOR, no decorrer da aplicação dos princípios da "administração científica" na produção, conseguiu que as fábricas alcançassem um alto índice de diminuição na ociosidade das máquinas, no desperdício de material e do número de horas gastas por cada operário na execução das tarefas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Desta forma, TAYLOR conseguiu incrementar a produção, aumentando a qualidade dos produtos fabricados e garantindo uma maior lucratividade aos capitalistas donos das fábricas, os maiores beneficiados por tal inovação. No entanto, o melhor aproveitamento das máquinas e da mão-de-obra propiciado pelas idéias de TAYLOR e tão festejado pelos capitalistas, em nenhum momento significou melhores condições de vida para os operários, que se viram ainda mais explorados.

Para fechar o círculo do projeto de "administração científica", sobre a produção e o trabalho, TAYLOR percebeu que precisava arrumar uma forma para tirar o controle da produção que estava nas mãos dos trabalhadores pois, a oficina que estava sobre controle dos operários, era o espaço estratégico da produção capitalista e precisava ser retomada urgentemente pelos patrões. Segundo TAYLOR, juntos os trabalhadores planejavam com exatidão em quanto tempo o trabalho tinha de ser feito, fazendo isto em defesa de seus interesses e não em favor dos interesses dos patrões, impedindo desta forma que o ritmo de trabalho fosse acelerado.

Diante de tal situação, o engenheiro TAYLOR propôs que essa situação fosse revertida a partir de três princípios:

a) organizar "cientificamente" o trabalho de modo que ele fosse independente das habilidades pessoais do trabalhador;

b) separar a concepção da execução. A sala-de-planejamento antecede o trabalho na oficina. Poucos programas; a maioria simplesmente executa o que foi planejado;

c) fazer com que um grupo de gerentes e administradores usassem o monopólio do conhecimento adquirido para controlar cada passo do processo de trabalho parcelarizado.

Assim sendo, no esquema hierárquico estabelecido por TAYLOR, o trabalhador tornou-se um mero repetidor de tarefas, sofrendo constantes pressões por aumento de produtividade e diminuição de perdas, sendo a principal chave de todo o processo, mas totalmente subordinado à rotina do trabalho, explorado e marginalizado do conhecimento.

O taylorismo caracteriza por separar o trabalho de concepção e o trabalho de execução, com intuito de retirar a autonomia de ofício dos trabalhadores, pois segundo MOREIRA, com isso passou para:

> A classe patronal e engenheiros a função de pensar deixando para a massa operária a função exclusiva de executar, desqualifica-se e massifica-se o trabalho enquanto se qualifica o capital. O alvo são os movimentos gestuais do trabalhador e as ferramentas que utiliza. Para isso, o trabalho manual é

> reduzido ao máximo da sua simplificação. Gestos e ferramentas são decompostos e reduzidos nos seus aspectos mais simples, de modo a assim poderem ser reduzidos à especialização absoluta. O trabalhador fica limitado a uns poucos movimentos corporais e ao uso de poucas ferramentas a eles correspondentes. E o trabalho é transformado numa rotina de repetição ao infinito dos mesmos gestos e numa cadência de velocidade crescente (1997, p. 44).

Alguns anos depois de seu desenvolvimento e aplicação, os princípios de administração científica na produção de TAYLOR, é introduzido por Henry FORD, na linha de montagem para a fabricação de automóveis em grande escala, dando uma forma mais prática ao taylorismo. A partir daí, juntos predominaram o mundo da produção e do trabalho até praticamente os anos 80, quando passaram a perder espaço para um novo sistema de gestão do trabalho e da produção: o "toyotismo".

O sistema de gestão da produção fordista surgiu em 1914, quando Henry FORD introduziu o dia/trabalho de oito horas e cinco dólares, como recompensa para os trabalhadores da linha de montagem automática (esteira rolante) em sua fábrica, a FORD, montada para a fabricação de automóveis em grande escala, popularizando assim, o seu mais clássico modelo, o Ford "T".

A esteira rolante utilizada na montagem de automóveis inventada por FORD, praticamente eliminou do processo de trabalho industrial a competência artesanal que de certa forma, ainda se fazia presente na produção industrial até o presente período. O novo sistema adotado por Ford na época, foi uma grande revolução, pois entre 1908 e 1914, o número de empregados em sua fábrica cresceu 700% e a produção 3000%. Para se ter uma idéia, em 1921, 53% dos carros fabricados no planeta eram da marca FORD.

Para MOREIRA, a FORD ao instalar a linha de montagem na sua fábrica:

> Parte da padronização, desqualificação e massificação do trabalho, com seus corolários no salário padrão, tarefa padrão, horário padrão com os quais a regulação taylorista extingue o salário por peça, o trabalho por ofício e a porosidade do trabalho do paradigma anterior, e os simplifica nos processamentos produtivos de sua fábrica automobilística. Assim cria o sistema que se difundirá com o seu nome para ser o paradigma técnico e do trabalho de todo o período da Segunda Revolução Industrial.
>
> Daí o trabalho taylorizado ser especializado, fragmentado, não qualificado, rotineiro, insalubre e hierarquizado. Sobretudo hierarquizado. Há um engenheiro em cima projetando no escritório, para que os de baixo executem no chão da fábrica. Para que chegue aos trabalhadores de execução, o projeto deve passar por toda uma rede intermediária de chefias. A fábrica é

> dividida em vários setores, cada setor tendo um chefe. Se o número de trabalhadores do setor é ainda grande, as chefias são divididas em comandos de grupos de quatro ou cinco trabalhadores de execução. O resultado é explicado em cima pelo engenheiro e a explicação percorre de chefe em chefe até que sua compreensão chegue ao executor (1997, p. 44).

As colocações de MOREIRA deixam evidente que no paradigma taylorista-fordista, o trabalhador era o último de uma escala hierárquica, mesmo sendo o principal agente do processo produtivo, isto é, o que realmente executa a principal fase do processo produtivo: a de fabricar, modelar e de dar o toque final em cada produto fabricado.

Os "fundamentos da direção científica de empresas", de TAYLOR, isto é, a decomposição de processos de produção e sua recomposição sintética, sob o comando da lógica econômica do entrelaçamento "ótimo", somente poderiam ser realizados em grande escala, como por exemplo a produção na esteira rolante efetuada por FORD.

Assim, este tipo de produção vai muito além da indústria automobilística, pois a produção em massa foi sendo introduzida em muitos setores da produção que até então tinham escapado ao cálculo de valorização da administração de empresas de TAYLOR; até a educação passou a ser moldada sobre os seus princípios.

Entretanto, é no pós Segunda Guerra Mundial, que o sistema de produção taylorista/fordista ganha dimensão universal, atingindo outros setores de atividades industriais, estimulado principalmente pela expansão das indústrias multinacionais em direção principalmente ao mundo subdesenvolvido.

As indústrias de produção em massa, inspiradas no modelo taylorista/fordista não apenas tornaram-se o centro de acumulação de capital como também num "modelo social"; "um modo de viver" marcado pela totalização do trabalho abstrato em combinação com uma "cultura do tempo livre", compensatória e uniformizada.

Embora qualquer desvio ou pequeno problema que viesse a acontecer na programação do rígido sistema produtivo taylorista/fordista se revertesse em defeitos na produção, o taylorismo e o fordismo em relação à desorganização que imperou sobre a produção industrial até o final do século XIX, significou um salto considerável na questão da qualidade da produção e no aproveitamento da força de trabalho.

O fordismo foi um sistema de produção em massa e padronizado, baseado na linha de montagem, voltado para um regime de consumo de massa também padronizado, sendo na verdade, uma designação sociológica moderna para a fase de desenvolvimento mais recente da produção de mercadorias, que se estende aproximadamente de 1920 até 1980, quando é praticamente suplantado pelo toyotismo.

unesp

No início dos anos 50, enquanto a administração científica do trabalho e da produção taylorista/fordista vivia o seu "boom" nos EUA e na Europa Ocidental; no Japão, país que se recuperava da destruição provocada pela Segunda Guerra Mundial, germinava a semente de outra virada na gestão do mundo do trabalho e da produção.

A indústria japonesa que fora arrasada pela Segunda Guerra Mundial tinha de ser reestruturada urgentemente e a pergunta era: como reestruturar a produção industrial num país arrasado pela guerra, pobre em recursos naturais e com um mercado pequeno? A resposta foi a seguinte: se os japoneses se empobreceram em virtude da guerra e a concorrência norte-americana é sufocante, para que o Japão pudesse ser mais competitivo no mercado internacional, o sistema produtivo japonês não poderia mais ficar preso ao rígido modelo taylorista/fordista e sim, tinha que se tornar mais flexível, isto é, apresentando ao mesmo tempo muitos modelos, em pequena escala e com qualidade.

Diante deste desafio, a montadora TOYOTA desenvolve, adapta e modifica o fordismo, dando origem à "filosofia do toyotismo", que passa ser um marco de ruptura entre a rigidez taylorista/fordista e o sistema flexível, que fora possibilitado graças ao advento das novas tecnologias oriundas da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, desencadeando desta forma, um amplo processo de reengenharia (reestruturação) sobre a produção industrial a nível mundial.

Conforme CORIAT (1992), quatro fases levaram ao advento do toyotismo: a primeira ocorreu com a introdução, na indústria automobilística japonesa, da experiência do ramo têxtil, dada especialmente pela necessidade de o trabalhador operar simultaneamente com várias máquinas; a segunda ocorreu devido a necessidade de a empresa responder à crise financeira, aumentando a produção sem aumentar o número de trabalhadores; a terceira ocorreu através da importação das técnicas de gestão dos supermercados dos EUA, que deram origem ao kanban.

A reengenharia imposta pela flexibilização do toyotismo, derrubou muitas das estruturas da modernidade fordista, principalmente em relação à organização do trabalho e da produção, em decorrência do uso de novas tecnologias surgidas a partir dos anos 50, quando o toyotismo ensaiava os seus primeiros passos.

Para a TOYOTA naquele momento (anos 50), uma coisa era bastante clara: o sucesso do seu sistema flexível de produção que estava aliado as novas tecnologias da Terceira Revolução Industrial, dependia diretamente do desenvolvimento de um amplo processo de controle de qualidade, necessário para viabilizar a meta de produzir mercadorias com baixos custos, com qualidade e competitividade, pois os japoneses da TOYOTA sabiam que não poderia existir

unesp

controle de qualidade sem levar em consideração o custo da produção, visando a competitividade dos produtos no mercado internacional.

No entanto, somente o uso de novas tecnologias não era suficiente para atingir a meta da qualidade na produção e assim, também era preciso "reorganizar" o trabalho na fábrica e motivar o trabalho em equipe e a produção com "alto" índice de qualidade. É isto, que a TOYOTA passou a fazer. Então, o primeiro passo dado foi a "educação" e o treinamento dos trabalhadores e dos funcionários dos altos escalões, buscando incorporar nesses trabalhadores os princípios básicos para garantir a qualidade e distribuindo responsabilidade, pois os méritos e os ônus na produção não iria recair sobre a empresa e sim, sobre eles trabalhadores.

Se no sistema produtivo taylorista/fordista o inspetor de qualidade controlava o trabalhador independente da produção, no toyotismo passou a ser sobre todo o processo produtivo (fornecedores, compras, engenharia de processo, produção e vendas).

CORIAT, citado por ANTUNES:

> Fala em quatros fases que levaram ao advento do *toyotismo*. *Primeira*: a introdução, na indústria automobilística japonesa, da experiência do ramo têxtil, dada especialmente pela necessidade de o trabalhado operar simultaneamente com várias máquinas. *Segunda:* a necessidade de a empresa responder à crise financeira, aumentando a produção sem aumentar o número de trabalhadores. *Terceira*: a importação das técnicas de gestão dos supermercados dos EUA, que deram origem ao *Kanban*. Segundo os termos atribuídos a Toyota, presidente fundador da Toyota, "o ideal seria produzir somente o necessário e fazê-lo no melhor tempo", no modelo dos supermercados, de reposição dos produtos somente depois da sua venda. Segundo Coriat, o método *kanban* já existia desde de 1962, de modo generalizado, nas partes essenciais da Toyota, a partir do pós-guerra. *Quarta fase*: a expansão do método *kanban* para as empresas e fornecedoras (1997, p. 24).

Como se vê, a conquista da qualidade na produção toyotista se dá a partir de um processo muito amplo, pois ao estar centrada no desenvolvimento de novos produtos, passa pelas áreas de projeto, pesquisa e planejamento; uma condição básica para se chegar à gestão e ao controle da qualidade total pois, o sistema de Controle de Qualidade Total desenvolvido pela Toyota situa a qualidade da produção em cinco dimensões: qualidade do produto, custo, eficiência da entrega, moral (satisfação dos consumidores), segurança (trabalhadores, usuários e comunidade vizinha à fábrica).

O sistema não está centrado somente sobre os requisitos mínimos de qualidade e produtividade, mas também na competição e no melhoramento contínuo de produtos e mercados.

unesp

Definidos os parâmetros vitais para se chegar ao Controle de Qualidade Total (TQC), o toyotismo como um novo sistema de organização do mundo do trabalho, da produção e de gestão das empresas, com o intuito de credenciar o Japão para assumir uma posição de ponta na economia mundial, introduz, numa velocidade alucinante, a automação e racionalização do trabalho.

Segundo ANTUNES, concretizada a gestação do toyotismo no Japão:

> Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são "substituídos" pela flexibilização da produção, pela "especialização flexível", por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado (...). Ensaiam-se modalidades de desconcentração industrial, buscam-se novos padrões de gestão da força de trabalho, dos quais os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), a "gestão participativa", a busca da "qualidade total", são expressões visíveis não só no mundo japonês, mas em vários países de capitalismo avançado e do Terceiro Mundo industrializado. O toyotismo penetra, mescla-se ou mesmo substitui o padrão fordista dominante, em várias partes de capitalismo globalizado (1997, p. 16).

Além dos CCQs (Círculo de Controle de Qualidade) mencionado na citação acima, destacam também o TQC (Controle de Qualidade Total) e novos sistemas científicos de organização do trabalho tais como: TQM (Gestão da Qualidade Total), JIT (Just-In-Time), KANBAN, KAIZEN entre outros. São sistemas que foram desenvolvidos para substituir os do taylorismo e fordismo e, assumiram um papel fundamental nas novas formas de gestão das empresas, alterando a relação entre capital x trabalho. Esses sistemas desenvolvidos pela Toyota, sofisticaram ao máximo os princípios da produção flexível, criando uma base tecnológica própria para a Terceira Revolução Industrial Científica e tecnológica.

Assim, para MOREIRA, "a tecnologia característica desse período técnico que no Japão se inicia é a microeletrônica, a informática, a máquina CNC (de controle numérico computadorizado), o robô, o sistema integrado à telemática (telecomunicações informatizadas), a biotecnologia. Sua base mistura à física, à química, a engenharia genética e a biologia molecular" (1997, p. 45).

A filosofia básica da Qualidade Total toyotista é elevar os níveis de produtividade eliminando os desperdícios, ajustando à produção a demanda, suprimindo estoques e aumentando a comunicação entre os setores produtivos com as técnicas do Just-In-Time. O toyotismo prega entre outras coisas:

a) o aumento da produtividade, a partir da diminuição de custos na produção;

unesp

b) a flexibilização do trabalho ao nível da produção que é desenvolvida geralmente em módulos;

c) a busca da qualidade total na produção e conseqüentemente a competitividade dos produtos em nível do mercado nacional e global.

Depois de ser viabilizada pela Toyota, aos poucos a filosofia do Toyotismo foi ganhando espaço na indústria japonesa e, seu domínio territorial ultrapassa os limites do Japão expandindo pelo mundo afora, sendo que a aplicação de sua filosofia passou a ser um estágio obrigatório para as empresas obterem o certificado de qualidade total (Série ISO 9000), o passaporte da qualidade na produção e para adentrarem com competitividade no mercado globalizado.

Portanto, o processo da conquista da Qualidade Total é demorado; os japoneses por exemplo levaram 25 anos para alcançá-lo. Porém, em nossos dias, com o avanço da computação já é possível implantá-lo numa indústria num tempo que varia entre sete e dez anos.

Com a globalização da economia capitalista, a "flexibilidade" do toyotismo passou a coluna-mestre para que as empresas alcançassem a tão sonhada competitividade para seus produtos pois, "a demanda puxa a oferta. Como num supermercado, os artigos são repostos nas prateleiras à medida que são vendidos. Quando alguém compra um carro, a montadora produz outro igual. As indústrias de autopeças , por sua vez, repõem os componentes. Dentro da fábrica, idem: o setor subseqüente "encomenda" o que necessita ao recendente. Para isso, as máquinas também têm de ser flexíveis".

A busca da qualidade total é um das principais bandeiras do toyotismo, para isto desenvolveu as novas formas de organização da produção e do trabalho, etapas que uma empresa terá que passar para atingir a qualidade total ou melhor, conseguir o ISO 9000.

Para RAMIREZ (1997), o projeto das normas da série ISO 9000 (**ISO - Internacional Organization for Standardization**) é elaborado pelas Organizações Internacionais para a normatização, com sede em Genebra na Suíça, dirigida à área da Qualidade para produto e serviços, permitindo que os clientes avaliem seus fornecedores, em qualquer parte do mundo.



Tabela 20: O esquema abaixo ilustra muito bem os critérios da série ISO 9000:

NBR - ISO	DESCRIÇÃO/APLICAÇÃO
9000	Define a natureza orientativa para uso das demais normas desta série (aspectos internos e externos).
9001 9002	Estabelece exigências de qualidade em projeto/desenvolvimento, produção, instalação e assistência técnica (aspectos externos).
9003	Define exigências de garantia de qualidade em testes e especificações finais (aspectos externos).
9004	Estabelece diretrizes para disciplinar a Gestão de Qualidade quanto ao gerenciamento da política, objetivos e responsabilidade.

Fonte: RAMIREZ, Paulo. Caderno SERT, 1997, p.119

Como podemos notar na figura acima, as normas da série ISO 9000 são bem abrangentes, exigindo para sua concessão, uma quase que total reengenharia nas empresas.

Se a meta final do toyotismo é atingir a qualidade total na produção, para concluirmos o nosso raciocínio, faremos uma breve análise sobre a filosofia Just-In-Time desenvolvida pela TOYOTA, para mostrar que neste processo de reestruturação do mundo da produção, o trabalho ganha novas características em relação as que tinha no sistema produtivo taylorista/fordista.

Conforme afirma LEITE:

> "O just-in-time consiste num instrumento de controle da produção baseado no propósito de atender a demanda com a maior rapidez possível e de minimizar os estoques de matéria-prima, bem como os intermediários e finais. Para tanto, assenta-se num sistema de informações preciso que estabelece o momento exato, o material exato e a quantidade exata de produção. O sistema pode envolver a relação da empresa com fornecedores (just-in-time externo) ou apenas as várias etapas da produção que têm lugar no interior das empresas (just-in-time interno)." (1994, p.39)

A filosofia "Just-In-Time" desenvolvida pela Toyota, tem como objetivo otimizar a produção, combatendo em todas as suas etapas, os desperdícios de mão-de-obra e de matéria-prima e também, derrubar as barreiras que impedem as pessoas de terem "orgulho" pelo trabalho. É preciso resgatar o orgulho que o artesão tinha antes do advento da Revolução Industrial do século XVIII, que fora eliminado com a evolução da indústria moderna.

Enquanto a administração científica de TAYLOR provocou a "automatização" (rigidez) do homem, a filosofia just-in-time visa como parte de um processo, "desrobotizar" (flexibilizar) o homem, para que possa ser mais flexível, criativo, participativo, comunicativo e tenha capacidade de se relacionar bem em equipe, durante o desenvolvimento das funções na fábrica.

Com a restruturação produtiva toyotista, mais uma vez quem saiu ganhando, foi o capital (detentor da posse dos meios de produção) em detrimento do trabalho, agora constantemente ameaçado pela automatização da produção.

unesp

Uma das principais características da produção toyotista, é o seu ritmo acelerado para renovar modelos e para desenvolver novos produtos, conseqüência de sua flexibilidade produtiva, que fora alcançada por meios de inovações organizacionais. Na verdade, o capital se utiliza do mecanismo da flexibilidade para tirar ainda mais proveito do trabalho, em nome da ampliação do lucro pelo lucro, sem se importar com o crescimento dos índices de exclusão social.

O ritmo imposto pela flexiblidade toyotista, exige constantemente mais e mais eficiência e produtividade das empresas e, nesse contexto, a filosofia just-in-time entra como suprimento de componentes vitais para o bom desempenho na produção, tais como o combate ao desperdício e o "orgulho pelo trabalho", requisitos fundamentais para garantir a troca rápida de matrizes ou linha de montagem adaptadas para fabricar vários modelos de produtos, exigindo a predominância da rotação de cargos, do trabalho em equipe e de outras formas de flexibilidade funcional, em amplos segmentos da força de trabalho.

A maioria das empresas aposta na filosofia just-in-time com o propósito de tornar seus produtos mais competitivos em nível nacional e, principalmente em nível internacional devido à globalização da economia capitalista.

O "Just-in-Time", é usado pelas empresas como uma arma vital contra os desperdícios no processo de produção. As principais armas utilizadas pela filosofia "just-in-time" para esta batalha são: a célula de manufatura, o kanban, o CEP (controle estatístico do Processo), o "set-up" (Preparação e ajustes de máquinas), o APG's (Atividades de pequenos grupos) e o TPM (Manutenção produtiva total).

Segundo a filosofia "just-in-time", as empresas vencedoras dessa batalha serão aquelas que inicialmente atacarem com força, o desperdício de matérias-primas, a incidência de produtos com defeitos e o não aproveitamento do talento criativo de seu corpo de empregados.

Um dos exemplos mais bem acabados da aplicação da flexibilização toyotista da produção e do trabalho que encontramos no mundo depois da Toyota, é a da chamada Terceira Itália (la Terza Italia)que emergiu a partir da década de 1960.

Para KUMAR, "a Terceira Itália é uma área dinâmica de pequenas empresas e oficinas localizada nas regiões central e norte-oriental do país (Toscana, Úmbria, o Marche, Emilia-Romagna e Trentino-Alto Ádige). Cada uma dessas regiões especializou-se na fabricação de uma série de produtos poucos relacionados entre si, onde as pequenas oficinas e fábricas empregam entre 5 e 50 empregados, realizando ao mesmos tempo "descentralização produtiva" e "integração social" (1997, p.49-51).

unesp

KUMAR comenta no livro, Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna, que a maioria dos operários da Terceira Itália são altamente especializados, havendo poucas diferenças entre eles e seus supervisores. Os produtos fabricados são sofisticados e possuem design apurado, o que lhes permite penetrar não só nos mercados nacionais, mas também nos internacionais.

O objetivo de criar novos produtos e de explorar aberturas de mercado sempre implicou na colaboração constante entre empresários, projetistas, engenheiros e operários. Em conjunto com o pequeno tamanho das empresas, essa situação tornou propícia para a realização de uma divisão flexível do trabalho, nivelando as hierarquias dentro da firma.

A Terceira Itália caracteriza de forma exemplar a tecnologia e a especialização flexível do Toyotismo, pois suas máquinas-ferramentas, numericamente controladas, permitem a produção econômica de pequenos lotes de bens - tanto de capital quanto de consumo - voltados para setores especializados do mercado global.

Além da flexibilização, da polivalência e da automação, a produção toyotista é acompanhada por um amplo processo de terceirização da produção, sistema muito adotado na Terceira Itália.

O grau de terceirização na produção toyotista é muito elevado, pois apenas 25% dos componentes dos carros da Toyota são produzidos em suas próprias fábricas, isto é, muitos dos componentes são fabricados por empresas localizadas a milhares de quilômetros do Japão, mostrando o domínio econômico de empresas globais como a Toyota, no processo de globalização da economia capitalista. Outro exemplo significativo de terceirização e flexibilização, é o apresentado pela Nike:

> A NIKE vende tênis no mundo todo, mas não tem uma só fábrica nem emprega nenhum operário. Ela compra os calçados de indústrias instaladas principalmente no Leste Asiático (Os modelos são desenhados por especialistas nos EUA). Essa é uma característica essencial de uma empresa global: a facilidade para identificar locais onde existam as condições mais atraentes para suas operações. Uma das conseqüências desse processo é que empresas não privilegiam a compra de máquinas e equipamentos, mas de mercados. No início dos anos 80, o comércio mundial de bens e serviços girava cerca de US$ 5 trilhões anuais. Atualmente, o valor aproxima-se dos US$ 14 trilhões, segundo dados do Banco Mundial. (**Folha de São Paulo.** Caderno Especial Globalização. 02/11/97, p. 11)

O exemplo da Nike demonstra que no campo industrial, a aplicação do padrão de acumulação flexível "toyotista", está sendo acompanhada pela automatização da produção e flexibilização do trabalho, provocando profundas transformações na relação capital x trabalho,

unesp

onde a meta das empresas é alcançar a qualidade total na produção e conseqüentemente ter competitividade, no mercado global.

A flexibilização da produção da Nike demonstrada acima, entre outras coisas foi possibilitada pela flexibilização do trabalho, pois enquanto o sistema de gestão Taylorista/Fordista estava centrado num perfil de trabalho rígido, automatizado e "burro", a filosofia just-in-time toyotista centrou-se num perfil de trabalho "desrobotizado" e flexível, exigindo do trabalhador mais criatividade, comunicação, participação e visão de trabalho em equipe, como pré-requisito necessário para garantir o sucesso da acumulação flexível capitalista, a partir do aumento da intensidade da exploração da força de trabalho; principalmente a exploração do "exército de reserva" de mão-de-obra, que cresce assustadoramente neste final de século.

Segundo GOUNET, citado por ANTUNES, "o sistema toyotista supõe uma unificação da exploração do trabalho, quer pelo fato de que os operários atuam simultaneamente com várias máquinas diversificadas, quer através do sistema de luzes (verde= funcionamento normal; laranja= intensidade máxima, e vermelha= há problemas, deve-se reter a produção) que possibilitam ao capital intensificar – sem estrangular – o ritmo intenso de trabalho e produção" (1997, p.27)

A fragmentação do trabalho imposta pelo toyotismo, adicionada ao incremento tecnológico, pode possibilitar ao capital tanto uma maior exploração, quanto um maior controle sobre a força de trabalho; onde a diminuição da "porosidade" (mal aproveitamento) no trabalho é ainda maior do que no fordismo. A efetiva flexibilização do aparato produtivo, é também imprescindível a flexibilização dos trabalhadores. Direitos flexíveis, de modo a dispor desta força de trabalho em função direta das necessidades do mercado consumidos.

Segundo ANTUNES,

> "o toyotismo estrutura-se a partir de um número mínimo de trabalhadores, ampliando-os através de horas extras, trabalhadores temporários ou subcontratação, dependendo das condições de mercado. O ponto de partida básico é um número reduzido de trabalhadores e a realização de horas extras. Isto explica por que um operário da Toyota trabalha aproximadamente 2300 horas, em média, por ano, enquanto, os trabalhadores das principais montadoras da Bélgica, trabalham em média 1550 a 1650 horas por ano (1997, p. 28).

Como observamos, na lógica da flexibilização toyotista, para sobreviver no emprego o trabalhador tem que ser extremamente polivalente. Aliás, ao invés da defesa da diminuição do número de horas trabalhadas para possibilitar a contratação de trabalhadores que estão desempregados, as empresas incentivam os trabalhadores polivalentes a efetuarem horas extras

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

de trabalho, como forma de "ampliarem" seus salários e evitar a contratação de novos trabalhadores.

"Aparentemente, em um contexto produtivo que defende a necessidade da polivalência do trabalhador, estaria desaparecendo a idéia de profissão, de formação profissional em favor da idéia de qualificação, requalificação, desqualificação, conceitos mais gerais, aplicáveis a qualquer tipo de competência para o trabalho." (FRANCO, 1990, p.107)

A polivalência toyotista associada ao ritmo e à intensidade decorrente da incessante corrida em busca do aumento da produtividade, tem provocado danos ao trabalhador, inclusive em certos casos levando até morte, como por exemplo o karoshi, termo que se refere à morte súbita no trabalho.

Em suma, podemos dizer que em relação ao taylorismo e ao fordismo, o toyotismo apenas mudou de forma, para poder aproveitar melhor a força de trabalho pois, diante da crescente automatização da produção o trabalhador tem de ser um ser humano "criativo" e flexível para que tenha condições de discutir os acertos e erros no dia-a-dia da produção, com o intuito de aprimorar cada vez mais a produção.

O trabalhador constantemente analisa, interpreta e reflete sobre tudo aquilo que é de interesse da empresa, "restando" muito pouco tempo para discutir sobre sua condição de vida e o futuro do trabalho (emprego) cada vez mais ameaçado pelo avanço das tecnologias da automatização da produção em nível planetário; surge assim, um novo "padrão" de trabalho.

Conforme RATTNER, "o novo padrão exige que o indivíduo tenha capacidade de analisar, interpretar e, se for necessário, corrigir as instruções que lhe chegam, sejam de quem for." (1994, p. 81)

A aplicação do novo padrão mencionado acima, é fundamental para que as empresas possam atingir a meta da qualidade total na produção, tornando-a mais competitiva; mas nem sempre esta conquista significa melhores condições de trabalho e de salários para o trabalhador.

O discurso em prol da flexibilidade e da qualidade total toyotista predominante no mundo da produção e do trabalho da esfera industrial, se espalha para outros setores das atividades desenvolvidas pelo o homem, dentre eles a educação, por intermédio da implantação da política educacional neoliberal.

A Educação ao ser trabalhada sob a ótica da flexibilidade e da qualidade total, não prima pela formação ampla do ser humano. Ela torna-se mais uma mercadoria disponível no mercado, onde as escolas são administradas dentro da lógica empresarial, ganhando a concorrência aquela que oferecer a melhor "produto", isto é, aquela que conseguir ser mais competitiva,

unesp

cabendo a país e filhos, a tarefa de escolher a "melhor" escola, aliás, o melhor produto, a melhor oferta. A questão da competição, será objeto de análise a seguir.

4- O PRIMADO DA COMPETIÇÃO: A COMPETITIVIDADE COMO VALOR MAIOR NA ERA DA EXCLUSÃO

SANTOS tem por certo que "o imperativo da competitividade, uma carreira desatinada sem destino, é o apanágio da dissociação entre a moralidade e ação que caracteriza a implantação em marcha da chamada "nova ordem mundial", em que os objetivos humanos e sociais cedem a frente da cena, definitivamente, a preocupações secamente econômicas, com papel hoje omnímodo da mercadoria." (1996, p. 24)

Ao consultar um dicionário, observamos que as palavras competição e competir entre outras coisas significam ato ou efeito de competir, rivalidade, pertencer por direito e ser da competência. Enfim, as palavras competição e competir estão ligadas ao sinônimo de disputa, rivalidade, concorrência entre outras coisas; onde somente será vencedor aqueles que tiverem competência para vencer uma disputa ou um jogo.

No campo da produção, competir significa ter produtividade, capacidade de oferecer menores preços e produtos com melhor qualidade e conseqüentemente desbancar a concorrência.

O modelo de produção toyotista produção segue à risca esta concepção, pois no decorrer da aplicação da filosofia just-in-time, as empresas passam por todas as etapas de reestruturação e de organização necessárias para a inserção na nova lógica do mundo do trabalho e da produção. Ao vencerem todas as etapas estabelecidas, os produtos confeccionados por essas empresas deverão estar aptos para concorrerem com competitividade no mercado global.

A competição que nem sempre está associada à competência e sim, à força e ao poder de dominação de uma determinada empresa, pois neste jogo nem sempre vence o melhor e sim, o mais forte.

A competitividade da produção toyotista é alcançada às custas da flexibilização do trabalho e da automação que possibilita um aumento formidável da produtividade e uma redução drástica dos custos operacionais. Lembramos ainda que a flexibilidade adotada pelo modelo de produção toyotista é fundamental para manter a competitividade das empresas mesmo em momentos crise, na economia capitalista.

Competição, competir, competitividade na lógica da economia globalizada significa medir força e vencer os concorrentes "ineficientes". Com esse pensamento, os neoliberais dos países subdesenvolvidos estão aniquilando as industrias nacionais, para favorecer as grandes

corporações transnacionais que controlam a produção e a circulação dos produtos industrializados em nível global.

Igualmente a qualidade total, a competitividade saiu do campo da produção industrial e também chega ao campo educacional. O próprio governo vem pregando sua aplicação nas escolas públicas, pois segundo a lógica do mercado só sobreviverão aquelas escolas que oferecem um ensino de melhor "qualidade", cabendo a pais e alunos a tarefa de escolher a escola que está vendendo a "melhor" educação mercadoria para ser comprada.

Desta forma o Estado se isenta de sua responsabilidade com a educação pública destinada a camada mais pobre da população. Esta é uma questão que abordaremos oportunamente em outro capítulo.

5- TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO, TEMPOS DE EXCLUSÃO E POBREZA

O Brasil chega ao final do século XX, numa situação não muito diferente da vivenciada no Período Colonial. Concentração fundiária, fome, miséria, violência, desigualdades de todos os tipos e falta de perspectiva de futuro, são imperativos que infelizmente predominam no nosso cotidiano.

A subserviência da época colonial permanece travestida em nome da modernidade e assim, diante da globalização capitalista, temos um Brasil que sendo inserido e outro Brasil que segue sendo excluído.

O Brasil que está sendo inserido no mundo globalizado, é o Brasil do **$Real**. Um país feito para poucos privilegiados, isto é, o Brasil "moderno", em franco desenvolvimento onde sua população, mesmo diante da grave crise que estamos presenciando em nossos dias, participa do processo de globalização da economia capitalista, comprando carros importados, consumindo uma infinidade de produtos da "modernidade global" e fazendo "city tours" nos mais belos e badalados lugares do planeta, como se estivessem saindo de São Paulo e indo para as praias do litoral paulista ou carioca.

O Brasil do **$Real**, inserido na globalização capitalista, é o país que ajuda banqueiro e especuladores, que privatiza empresas estatais a preços aviltantes, que protege o latifúndio improdutivo, responsável pela ocupação de vastidões de terras devolutas e que em nome do direito de propriedade, condena à prisão os indivíduos que lutam contra a miséria e a exclusão social e, ao mesmo tempo inocenta policiais e políticos corruptos, bandidos e narcotraficantes.

O Brasil que está sendo excluído do mundo globalizado, é o **Brasil real**, o Brasil da maioria excluída e apartada, o Brasil das chacinas do Carandirú, de Matupá, da Candelária, dos

unesp

Índios Ianomamis, de Vigário Geral, de Corumbiara, da hemodiálise de Caruaru e de Eldorado do Carajás

O Brasil real que possui 32 milhões de indigentes, 19% da população analfabeta, 4,8 milhões de famílias de trabalhadores sem terra, 12 milhões de trabalhadores rurais sem terra, 35% das terras agricultáveis nas mãos de apenas 1% dos proprietários, 46% dos jovens entre 14 e 18 anos trabalhando sem carteira assinada, 10 milhões de desempregados

O Brasil onde a cada 10 trabalhadores, 07 trabalham na economia informal, que apresenta o maior índice de concentração de renda do mundo, da pior escola básica do mundo, dos 88 milhões de pessoas que têm ganho igual ou inferior à três salários mínimos, onde 25 milhões de pessoas sobrevivem com renda mensal inferior a R$ 30,00, das 47% de crianças que começam trabalhar antes dos quatorze anos de idade, das 8 milhões de crianças de rua, da maior evasão escolar do mundo, das 4,5 milhões entre 5 e 14 anos que trabalham ao invés de estudarem e das mais de 72 mil famílias vivendo em acampamentos do MST, como demostra a tabela abaixo.

Tabela 21: Brasil: Acampamentos - MST

Estado	Nº de acampamentos	Nº de famílias
Alagoas	31	7.869
Bahia	39	4.113
Ceará	3	370
Distrito Federal	1	40
Espírito Santo	5	700
Goiás	9	1.796
Maranhão	13	1.924
Minas Gerais	7	868
Mato Grosso do Sul	4	2.200
Mato Grosso	4	2.800
Pará	10	3..321
Paraíba	13	1.866
Pernambuco	133	18.048
Piauí	7	611
Paraná	103	6.194
Tocantins	7	720
Rio de Janeiro	7	1.030
Rio Grande do Norte	13	953
Rondônia	8	909
Rio Grande do Sul	5	3.700
Santa Catarina	13	3.242
Sergipe	34	3.471
São Paulo	30	5.703
Total	499	72.447

Fonte: MST – Atualizado em 4/06/99

O Brasil dos Sem Terra, Sem Teto, dos sem escolas, dos sem nada, dos sem identidade, dos sem direitos, dos sem infância, dos sem comida, dos mais de mil trabalhadores Sem Terra

assassinados nos últimos dez anos, das mais de trinta mil famílias que improvisam moradia nas ruas segundo dados do IBGE e da pior estrutura fundiária rural e urbana do mundo. As tabelas abaixo evidenciam bem esta realidade.

Tabela 22: O Brasil empobrece - números de favelas nos principais centros urbanos

Cidade	Nº de favelas	Nº total de domicílios em favelas	% do total
Recife	233	131.325	42,2
São Paulo	594	134.448	5
Rio de Janeiro	394	203.226	12,4
Belo Horizonte	103	51.735	10
Porto Alegre	69	25.371	6,5
Laranjal do Jari (SP)	1 favela com	2802 domicílios	59,9
Brasil	3221	1.048.057	-

Fonte: IBGE, 1991

Tabela 23: Brasil: Estrutura fundiária - Distribuição das Terras em 1985

Grupos de área (ha)	N.º de estabelecimentos		Área ocupada	
	Total	%	Total	%
Menos de 10	3.085.841	52,90	10.029.780	2,60
10 a menos de 100	2.166.424	37,10	69.678.938	18,50
100 a menos de 1000	518.618	8,90	131.893.557	35,00
1000 e mais	50.105	0,80	164.684.300	43,90
Total	5.834.779*	100,00*	376.286.575	100,00

Fonte: IBGE, 1985

*A diferença entre a soma dos estratos de área e o total refere-se aos outros estabelecimentos

A situações descritas acima mostram dois contextos, duas realidades antagônicas, retrato de um país, de uma realidade que parece virtual, mas é a verdade nua e crua. É a realidade de um país que está entre as dez primeiras economias do mundo, mas que é injusto para a maioria de seus filhos. A realidade do Brasil real é uma realidade de quinto mundo e o Brasil do $Real, de primeiro mundo.

Para que possamos reverter o antagonismo e a situação apontada, a nação como um todo e a educação de modo especial, têm que urgentemente buscar caminhos viáveis para efetuarmos o desenvolvimento de um projeto econômico e social alternativo ao neoliberal vigente, capacitado para combater a exclusão social, buscando desenvolver atividades alternativas voltadas à produção de bens e serviços necessários a toda sociedade, gerando empregos, erradicando a miséria, distribuindo renda.

Temos que desenvolver um projeto de desenvolvimento econômico, político e social, que promova justiça social e seja capaz de inserir o país como um todo na economia capitalista globalizada, sem que haja perda comercial e financeira. Esta é a condição básica para que os

milhões de excluídos de nossa sociedade tenham pela primeira vez na História desse país, a chance de iniciar uma caminhada que os levem à construção da cidadania secularmente negada.

O combate da desigualdade, passa pela a educação. Desta maneira a construção de uma escola pública moderna, democrática, laica e contemporânea é essencial para ajudar o país, como um todo, na busca do desenvolvimento de um projeto econômico, político e cultural que propicie a construção da cidadania para todos.

Diante do terrível quadro de desigualdade que apontamos nas reflexões que fizemos até o presente momento, pergunto: será que a Geografia enquanto ciência e disciplina tem condições de contribuir para a construção da escola pública que sonhamos e, dar conta da sua parte de responsabilidade dentro do processo de ensino e aprendizagem, cumprindo o seu papel como disciplina de formação crítica, com plena mobilidade para conseguir acompanhar a velocidade das mudanças impostas pelas novas tecnologias da Terceira Revolução Industrial e ajudar na construção de um novo caminhar?

Sabemos que a globalização da economia capitalista está imprimido ao mundo, um ritmo astronômico de mudanças em decorrência do advento da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica. Este novo ritmo tecnológico é comandado pelo domínio de novas tecnologias emergentes, como por exemplo a microeletrônica, a informática, a robótica, a cibernética, dentre outras, que estão sendo introduzidas com bastante intensidade, principalmente na produção industrial e nas telecomunicações (através de satélites e fibras óticas), setores comandados pelas grandes corporações transnacionais, condutoras do processo de globalização da economia capitalista.

No entanto, com todo esse avanço tecnológico, o homem ainda não conseguiu resolver o problema da fome e da miséria, pois temos atualmente mais de um bilhão de famintos no planeta, comprovando que a globalização da economia está sendo acompanhada pelo o aumento da desigualdade social, isto é, existe também a globalização da pobreza.

Podemos observar que a globalização da economia capitalista está ampliando o espaço geográfico da fome e da miséria, pois a política econômica neoliberal que a acompanha, está promovendo um processo de concentração de riqueza nunca visto anteriormente, excluindo uma maioria para manter incluída uma minoria.

Desta forma, com o objetivo de satisfazer as sempre renovadas necessidades de uma sociedade pós-moderna, individualista e consumista, os "iluminados" do mundo globalizado vêm desenvolvendo, nos tecnopólos (centros de excelência tecnológica) como, por exemplo, os localizados no Vale do Silício na Califórnia (EUA), tecnologias cada vez mais sofisticadas e poderosas, objetivando ampliar o poder de acumulação de riquezas e de dominação econômica,

unesp

política, intelectual e cultural para manter caladas milhões de pessoas excluídas da "cidadania" do mercado na economia globalizada.

É importante ressaltar que as novas tecnologias desenvolvidas por esses tecnopólos, em sua maioria não são aplicadas em prol da sociedade humana como um todo, mesmo sendo em sua maioria financiadas por capitais públicos, acabam beneficiando os grandes grupos econômicos e as corporações transnacionais.

Sabemos que a concentração das tecnologias de ponta nas mãos do grande capital, ocorre com aval de políticas governamentais, conduzidas dentro de parâmetros econômicos neoliberais, que favorecem somente os interesses das elites que tanto no mundo desenvolvido, quanto no mundo subdesenvolvido, estão juntas trabalhando na construção e consolidação de um projeto econômico de dominação global.

Como já observamos anteriormente, o mundo do capitalismo globalizado por estar sendo comandado por modernísimas tecnologias e acompanhado por um crescente processo de concentração de riqueza e degradação ambiental, está fazendo crescer a fome e a miséria até mesmo nos países desenvolvidos, o que faz um sistema de exclusão calculada em nível global pois, enquanto a produção de bens cresce em índices recordes, paralelamente também cresce assustadoramente o desemprego, agora chamado de estrutural.

Como já observamos anteriormente, no mundo globalizado, a miséria não é mais privilégio só de países subdesenvolvidos, pois basta olharmos para ruas e periferias das grandes metrópoles e megalópoles norte-americanas, européias e japonesas para percebermos os efeitos nefastos da política econômica neoliberal, que na verdade é a principal âncora da globalização da economia capitalista neste final de milênio.

A maioria dos atores sociais da globalização, para camuflar a concentração de renda, principal causa da exclusão social, culpam a técnica por esta situação, pois sabemos que a técnica em si não é responsável pela desumanização dos espaços mas sim, a maneira como é utilizada pelo capitalismo, tornando-a nociva e, conseqüentemente, desumanizadora dos espaços da maioria excluída do usufruto das tecnologias de ponta e das riquezas do planeta, ou melhor, da "Disneylândia Global".

O avanço da biotecnologia, da medicina preventiva, a descoberta de novas drogas para combater doenças e prolongar a vida humana, o desenvolvimento de técnicas para melhorar a produção na agropecuária e na indústria para produzir mais sem degradar o meio ambiente e baratear alimentos e objetos, são pequenos exemplos entre tantos outros que comprovam que a técnica quando empregada em favor do coletivo é capaz de humanizar o espaço geográfico construído pelo homem.

unesp

Para a economia de mercado continuar avançando, a regra defendida pelos neoliberais é o corte de todos os gastos sociais, com o objetivo de acumular dólares necessários para socorrer banqueiros, bolsas de valores, grandes latifundiários, dar incentivo fiscal para as corporações transnacionais, financiar privatizações e grandes obras tais como pontes, estradas, túneis e viadutos, ditas necessárias para o país alcançar a "modernidade" e "alavancar" rumo ao primeiro mundo .

No entanto, enquanto bilhões de dólares do dinheiro público são despejado em favor dos interesses de nossas elites e do grande capital globalizado, milhões de pessoas das camadas populares amontoam-se diariamente em ônibus e trens, viajando horas para conseguir chegar ao trabalho, para fazer compras ou até mesmo para ir em busca de lazer. São trabalhadores que nos grandes centros urbanos moram em bairros periféricos, em cortiços ou em favelas sem água encanada, sem rede de esgoto, sem luz elétrica, sem asfalto, sem áreas de lazer, sem hospitais, sem escolas, etc. São os chamados de "sem nada" que assistem com um certo conformismo, a desumanização crescente do seu espaço. Dizem resignados que a situação caótica em que vivem é coisa do destino, obra de Deus.

O avanço tecnológico é de fundamental importância para o ser humano, mas enquanto ele for usado como fonte de poder para poucos, mais primitivo se torna, já que as tecnologias avançam enquanto a miséria e a exclusão social aumentam e segundo o geógrafo Manuel Correia de Andrade, "uma modernidade que exclui e mata de fome é pior que o atraso".

Com o objetivo mostrar as conseqüências negativas do neoliberalismo e da globalização no Brasil e no Mundo, a partir de agora trabalharemos com diferentes dados estatísticos, disponibilizados pelo o IBGE, DIEESE, SEADE, Instituto Datafolha e organismos internacionais tais como a ONU, OIT, Banco Mundial, entre outros. A opção de trabalhar com esta série de dados estatístico é demonstrar que em nome do lucro e da concentração de novas riquezas, o capitalismo hegemônico vem desenvolvendo um processo de globalização e exclusão calculada.

Sobre esta questão MARCOS é categórico ao dizer que "a Terra soma 5 bilhões de seres humanos: 500 milhões vivem confortavelmente, 4,5 bilhões padecem de pobreza. Os ricos compensam a sua inferioridade numérica graças a seus bilhões de dólares. Só a fortuna das 358 pessoas mais ricas do mundo é superior à renda anual da metade dos habitantes mais pobres do planeta, ou seja, por volta de 2,6 bilhões de pessoas. (1997, p. 5)

Diante do exposto por MARCOS, abaixo segue uma série de dados que demonstram a triste realidade de um mundo cada vez mais globalizado e tecnologizado:

unesp

• Em 1995, a circulação financeira ultrapassou o limite de um trilhão de dólares por dia, para uma base de trocas efetivas de bens e serviços da ordem de 20 a 25 bilhões, o que significa trocas 40 vezes maiores do que as que seriam necessárias para cobrir atividades econômicas reais.

Esta ampliação dramática da especulação financeira realizada por grandes corporações financeiras do mundo desenvolvido, é comandada por novas tecnologias que realizam a integração dos espaços mundiais de comunicação, via satélites, fibras óticas e através de uma capacidade de tratamento instantâneo de informação, através da informática.

• A globalização da economia capitalista vem ocorrendo de forma hierarquizada. Cerca de 500 a 600 grandes empresas transnacionais comandam 25% das atividades econômicas mundiais, e controlam de 80% a 90% das inovações tecnológicas do planeta. Essas empresas são norte-americanas, japonesas, alemãs e inglesas.

Enquanto o capitalismo segue seu processo de globalização, aplicando com velocidade crescente as sofisticadas tecnologias da Terceira Revolução Industrial nos diversos segmentos do setor produtivo, temos hoje no mundo:

• Quase 4 bilhões dos 5,9 bilhões de habitantes do planeta vivendo na pobreza;

• Mais de um bilhão de pessoas vivendo na indigência;

• Mais de 800 milhões de trabalhadores desempregados, sendo que 36 milhões deste total, estão nos 24 países mais industrializados do mundo;

• Segundo a ONU, 250 milhões de pessoas não recebem água tratada, 400 milhões não possuem esgoto e 500 milhões estão sem moradia;

• Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), mostram que um quinto da população dos países em "desenvolvimento" passam fome, sem acesso a uma alimentação adequada às suas necessidade básicas. Na África Ásia e América Latina, cerca de 200 milhões das 583 milhões de crianças menores de cinco anos têm crescimento retardado e 49 milhões sofrem de fraqueza;

• Aproximadamente dois bilhões de pessoas ganhando menos de um dólar por dia.

No Brasil, país que está sendo inserido de maneira passiva na economia globalizada temos os seguintes indicadores econômicos e sociais:

• O número de pobres no Brasil é de quase 42 milhões (26,8% da população, estimada em 156,3 milhões), dos quais 16,5 milhões são indigentes que estão muito abaixo da linha de pobreza estabelecida pela ONU;

Sobre a distribuição de renda no Brasil temos:

unesp

- 10% mais ricos da população detêm 48,1% da riqueza nacional;
- 1% mais ricos da população detêm 13,9% do total de rendimentos;
- 10% mais pobres da população detêm apenas 0,8% do total de rendimentos;
- 50% mais pobres da população detêm apenas 12,1% do total da renda nacional;
- 1% das famílias ricas brasileiras consomem mais do que as 80 milhões de pessoas que compõem a metade mais pobre da população;
- dos 371 milhões de hectares de solo classificado pelo IBGE como ótimo, bom e regular para a prática da agricultura, apenas 60 milhões de hectares são utilizados.

Eis ainda, mais alguns dados sobre a realidade brasileira:

- 61 megaestabelecimentos agrícolas de mais de 100 mil hectares, existentes no Brasil, cultivam apenas 0,14% da área disponível, enquanto as pequenas propriedades cultivam 65% da área disponível;
- A cidade de São Paulo, uma das metrópoles mais modernas do mundo subdesenvolvido, tem 4 milhões de pessoas que vivem em condições subumanas, em ruas, favelas e cortiços. Nesta mesma cidade são roubados em média 420 carros por dia, representando um valor da ordem de 700 milhões de dólares por ano.

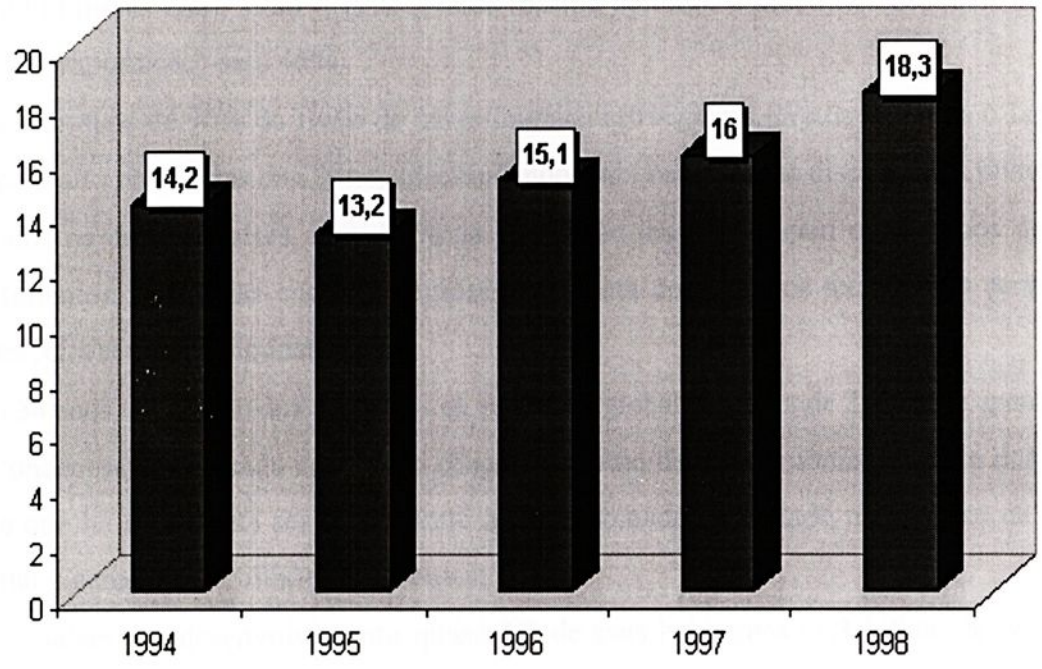
A grande indústria da prostituição infantil, o tráfico de drogas e os jogos ilegais, como o videopôquer e outros, representam um setor econômico da ordem de 3 bilhões de dólares por ano, valor equivalente ao orçamento da cidade;

- Entre os trabalhadores brasileiros, 52% ganham menos de dois salários mínimos e as mulheres, quando trabalham, ganham, em média, apenas 54,1% do que recebem os homens
- A esperança de vida do brasileiro é de 65 anos;
- No Nordeste, a mortalidade infantil é de 88,2 por mil crianças nascidas, ao passo que no sul essa taxa cai para 26,7%;
- Entre os jovens de 10 a 14 anos, 16, 9% já trabalham;
- 31% ou 3,1 milhões das pessoas idosas não recebem nenhuma modalidade de auxílio da previdência social;
- Cerca de 4 milhões de crianças estão fora da escola;
- As demissões aceleram-se na indústria. Só no ano de 1995, as vagas fechadas atingiram 252.697 postos de trabalho;
- Somente 33% da PEA (População Economicamente Ativa) consegue completar o 1º grau escolar e a escolarização média do trabalhador brasileiro é de apenas 3,5 anos.



- De janeiro de 1990 a junho de 1996, o Brasil perdeu 2 milhões de empregos formais (carteira assinada). As empresas contrataram 52.508 milhões de trabalhadores e demitiram 54.568 milhões de trabalhadores. A diferença resultou em 2.060 milhões de vagas suprimidas.
- De 1990 para 1996, a PEA cresceu da 64.467.981 para 74.138.441 de trabalhadores. Aumentaram portanto, 9.670.460 trabalhadores na população economicamente ativa. Como mais de 2.060 milhões de empregos foram cortados, podemos afirmar que o mercado informal recebeu um total de 11,7 milhões de pessoas ao longo dos anos 90 (quantidade superior à população do Uruguai e do Paraguai;
- Segundo pesquisa Seade/Dieese, no mês de março de 1998, o desemprego atingiu 1 milhão e 500 mil trabalhadores na região metropolitana de São Paulo ou melhor, 18,3% da população economicamente ativa:

Gráfico 1 - Taxa de desemprego total anual
Região Metropolitana de São Paulo - 1994-1998 (em % da PEA)



Fonte: DIEESE/SEADE. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Obs.: Médias anuais
Elaboração: DIEESE

O Brasil tem ainda:

- 14,3 milhões de pessoas sem água encanada;
- 42,1 milhões de pessoas não têm saneamento básico;
- De cada mil crianças, 375 estão fora da escola;

• De cada mil crianças com menos de 5 anos de idade, 339 são subnutridas;

• 6,2% das famílias da região metropolitana de São Paulo moram em barracos ou favelas, o que corresponde a 1,9 milhões de pessoas.

• 70 milhões de pessoas vivem com no máximo US$ 2,00 por dia e 36 milhões de pessoas sobrevivem com renda inferior a R$ 1,00 dia; • 5% dos desempregado do planeta, ocupa o quarto lugar do mundo.

Vejamos mais alguns dados sobre a exclusão social no mundo:

• Quase 1 bilhão de trabalhadores desempregados;

• 3 bilhões de pessoas vivem com menos de US$ 2,00 por dia;

• 1 bilhão de pessoas vivem na indigência;

• Os 20% mais ricos têm renda 78 vezes superior à dos 20% mais pobres;

• Segundo Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre desenvolvimento Humano, de 1997, os países menos adiantados podem perder com o processo de globalização até US$ 600 milhões/ano, e a África ao Sul do Saara, US$ 1,2 bilhão/ano;

• Para o conjunto de países em desenvolvimento, a globalização impôs perdas comerciais de US$ 290 bilhões entre 1980 e 1991. Nesse mesmo período, o preço dos produtos básicos (sua principal exportação) caiu 45%.

• Por ano mais de 90% do fluxo de investimentos estrangeiros diretos vão para o Japão, EUA, Europa e oito províncias da China, aprofundando cada vez mais, as disparidades mundiais;

• Todos os demais países, com 70% da população mundial, ficam com menos de 10% dos investimentos, excluindo enormes regiões do planeta dos avanços tecnológico proporcionado pela terceira revolução industrial;

• Em 34 anos, o quinhão dos excluídos na economia global minguou de 2,3% para apenas 1,1%;

• A concentração de renda no mundo chegou ao ponto de o patrimônio conjunto dos 447 bilionários que há no planeta ser equivalente à renda somada da metade mais pobre da população mundial – cerca de 2,8 bilhões de pessoas;

• Nos países em desenvolvimento quase 1/3 de seus habitantes (1,3 bilhão de pessoas) vive com menos de US$ 1,00 por dia;

• Com 10% da população do planeta, os países mais pobres detêm apenas 0,3% do comércio mundial, a metade do que detinham há 20 anos.

• No últimos anos, as tarifas alfandegárias caíram muito mais no mundo subdesenvolvido do que no mundo desenvolvido, que continua a subsidiar setores como o da agricultura (em 1995, os países desenvolvidos gastaram nada menos do que US$ 182 bilhões em subsídio à agricultura), impondo perdas aos países não desenvolvidos. Se os países desenvolvidos

reduzissem o subsídio agrícolas em 30%, os países em desenvolvimento ganhariam US$ 45 bilhões por ano. Especialista calcula que a tecnologia ameaça quase três quartos dos empregos nos EUA. O salário no México não acompanha o aumento da produtividade dos empregados;

• Das 100 maiores economias do mundo, 50 são megaempresas como a GM, cujo faturamento em 1994 foi superior ao PIB de países como Turquia, Dinamarca e África do Sul.

O quadro descrito acima comprova que em tempos de globalização, estamos vivendo também tempos de exclusão e pobreza, pois segundo SANTOS (1996), a globalização acelera a produção da desigualdade, basta pensar que ela vem com aceleração e toda aceleração produz distanciamentos maiores que antes. Então, no caso da globalização a coisa é grave porque ela é algo que rejubila de sua força darwinista, com sua vontade de excluir os chamados mais fracos e de pôr no topo os chamados mais fortes; isso significa que a globalização é um processo que se define por essa vontade de excluir sempre o mais fraco.

A globalização do modo que vem sendo empreendida no mundo contemporâneo, cria fracos, aumenta a fraqueza dos que já estão fracos: é a primeira vez na história do homem que se decide excluir maciçamente e expropriar as pessoas dos bens que secularmente foram acumulados; bens materiais e não materiais, culturais, políticos, sendo portanto um convite permanente a não-política O importante é manter a estrutura do grande capital globalizado intacta, para que as empresas transnacionais e o sistema financeiro internacional possam ampliar seus horizontes de acumulação de capitais, mesmo que seja preciso sobrepor o capital sobre o ser humano.

Em suma, podemos dizer que a globalização com seu irmão siamês o neoliberalismo, está transformando o ser humano em um objeto do mercado, onde é considerado cidadão, o indivíduo que tem potencial para consumir e consumir uma infinidade de produtos e serviços oferecidos pelas empresas no mercado globalizado. É a lógica da "cidadania" do mercado que está criando um fenômeno novo em nossos dias, uma espécie de tríplice aliança entre: incluido-excluído-apartado; onde é necessário manter a existência do segundo e do terceiro em escala de constante ascendência para que o primeiro, os chamados cidadãos do mercado ou cidadãos mercadorias, possam continuar existindo.

Até quando o capitalismo vai continuar excluindo e apartando milhões de seres humanos em nome da manutenção do status quo de uma minoria privilegiada; excluir e apartar milhões do direito à vida e à construção da cidadania.

Dando seqüência ao nosso trabalho, no próximo capítulo, vamos dissertar sobre o ensino de Geografia diante as mudanças decorrentes da globalização capitalista.

CAPÍTULO III

O ENSINO DE GEOGRAFIA DÁ CONTA DAS MUDANÇAS ATUAIS?

1- GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E ENSINO DE GEOGRAFIA

"Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Calculada - Reflexões Sobre o Ensino de Geografia", é tema instigante para pesquisar e desafiador para os Educadores que, no limiar do século XXI, estão na vertente oposta ao discurso hegemônico neoliberal, presente no econômico, no político, no social e cultural, difundido macivamente na mídia nacional e internacional.

No primeiro e segundo capítulos desta pesquisa, dissertamos sobre o processo de mudanças e transformações que vivenciamos atualmente no mundo, fruto da ação das políticas neoliberais, da globalização capitalista e da crescente introdução das novas tecnologias da terceira revolução industrial, científica e tecnológica, que possibilitaram entre outras coisas, a concepção de um novo sistema de gestão do mundo do trabalho e da produção, trazendo inúmeras conseqüências sobre a vida dos seres humanos que habitam o planeta Terra, neste final de século e milênio. Neste capítulo que estou iniciando e no quarto capítulo desta pesquisa, pretendo refletir sobre a educação e o ensino da Geografia diante deste "novo" paradigma de mundo. No terceiro capítulo, refletirei sobre se o ensino de Geografia dá conta das mudanças atuais e no quarto sobre o ensino de Geografia numa concepção cidadã, tomaremos como base a experiência de vida de um Geógrafo/Educador.

Como já demonstramos no primeiro e segundo capítulos, vivemos num mundo cada vez mais contraditório e paradoxal. O nível tecnológico atual por exemplo, que fora construído pela humanidade no decorrer das três revoluções industriais (principalmente durante o século XX), comparado com o das sociedades pré-industriais foi e é extremamente fantástico. Para se ter uma idéia da amplitude alcançada, tomamos como exemplo, as novas tecnologias da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, hegemônicas na atualidade.

As novas tecnologias da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica pela primeira vez na História da humanidade e do mundo moderno, foram gestadas fora do campo industrial, isto é, elas surgiram primeiro no mundo da pesquisa técnico-científica para daí, implantar-se nos demais setores do sistema econômico e da vida social do homem, ocorrendo uma verdadeira revolução e domínio do meio técnico-científico informacional sobre os

unesp

inúmeros segmentos das atividades desenvolvidas pelo ser humano. No campo das telecomunicações, por exemplo, a transmissão das informações é cada vez mais instantânea, acelerando a padronização e a globalização dos sistemas e modos de produção e do senso comum apregoado pelo capitalismo hegemônico.

Sobre a questão do meio técnico-científico SANTOS diz que

> "O conteúdo técnico-científico do espaço permite, em áreas cada vez menos extensas, a produção de um mesmo produto em quantidades maiores e em tempo menor, rompendo os equílibrios preexistentes e impondo outros, do ponto de vista da quantidade e da qualidade da população, dos capitais empregados, das formas de organização, das relações sociais etc.
>
> Ao mesmo tempo em que aumenta a importância dos capitais fixos (estradas, portos, silos, terra arada etc.) e dos capitais constantes (maquinário, veículos, sementes especializadas, adubos, fungicidas etc.), aumenta também a necessidade de movimento, crescendo o número e a importância dos fluxos, também o do dinheiro, e dando um relevo especial à vida de relações.
>
> Valores de uso são mais freqüentemente transformados em valores de troca, ampliando a economização da vida social, mudando a escala de valores culturais, favorecendo o processo de alienação de lugares e de homens". (1996, p. 127)

SANTOS em poucas palavras mostra que no mundo globalizado, as pessoas têm valor de acordo com a sua capacidade de consumir mercadorias, situação que justifica o porquê, ao mesmo tempo que a revolução do meio técnico-científico e informacional ganha dimensões globais, quase que na mesma proporção acontece o aumento da exclusão social em escala planetária, em virtude do crescimento progressivo da concentração de riqueza, **pois para acumular é necessário explorar e excluir**; nunca se viu tantas pessoas vivendo na miséria e passando fome como nos dias atuais.

No entanto, neste crepúsculo de século XX, a produtividade nos mais diversos setores da atividade econômica atingem níveis jamais presenciados pela humanidade e a agricultura planetária. Pela primeira vez na História, a capacidade produtiva é suficiente para satisfazer as necessidades alimentares de toda a população da Terra, comprovando que nos dias atuais a existência da fome não é decorrente da falta de alimentos e sim, do sistema de acumulação capitalista vigente, que ao globalizar-se beneficia amplamente as corporações transnacionais, o capital financeiro e as elites dos países periféricos.

Por várias oportunidades demonstramos que o assustador aumento da exclusão social na atualidade é decorrente da ação das políticas de ajuste neoliberais e da consolidação da globalização capitalista. Até mesmo o Banco Mundial (BM), organismo financeiro internacional responsável pela aplicação dessas políticas em nível planetário, lamentavelmente comprova esta realidade apenas retóricamente.

Em relatório anual divulgado no dia 15/09/99, o B.M. mostra que entre 1987-1998, período em que a maioria dos países existentes no mundo, principalmente os localizados no mundo pobre, aderiram maciçamente e implementaram a política de ajuste econômico neoliberal, o número de seres humanos vivendo com menos de US$ 1,00 dia, pulou de 1,2 bilhão para 1,5 bilhão e se as tendências atuais persistirem, em 2015 teremos 1,9 bilhão de pessoas vivendo em condições de indigência total, um crescimento assustador para um curto período de 11 anos. Lembremos que a América Latina está entre as regiões do planeta onde a pobreza mais cresce.

O relatório mostra ainda que além dos 1,5 bilhão de pessoas vivendo com menos de US$ 1,00 dia, 3 bilhões vivem com menos de US$ 2,00 dia. Estes dados demonstram que, na atualidade, temos em torno de 60% população mundial, estimada em 6 bilhões de pessoas, vivendo abaixo da linha de pobreza estabelecida pela ONU.

O referido relatório ainda vai mais longe, mostrando que das 4,4 bilhões de pessoas que vivem nos países em "desenvolvimento", cerca de "60% não têm acesso a condições básicas de saneamento, um terço não sabe o que é água limpa, 25% não têm moradia adequada e 20% estão sem acesso aos serviços médicos. Entre as crianças, 20% não completam cinco anos de escolaridade, nem se alimenta de modo adequado." (Folha da São Paulo, 16/09/99)

Entretanto, mesmo diante do agravamento da fome e da miséria, os bilhões de excluídos existentes no mundo permanecem inertes sem esboçar qualquer tipo de reação, vítimas de um engenhoso e hábil processo de manipulação, propagado pela mídia e por outros atores, as Igrejas conservadoras - pentecostais e católica, serviçais prestimosas da manutenção do "status quo" capitalista.

Homens e mulheres dessas camadas sociais excluídas não reagem e não se organizam para buscar melhores perspectiva de vida para um futuro melhor, ao contrário, geralmente recorrem às religiões pentecostais e a outros tipos de manifestações messiânicas, em busca da salvação da alma. Este tipo de reação virou uma espécie de moda neste limiar de século XXI, pelo o fato do corpo físico já ser uma matéria castigada e corroída pela a miséria. Em virtude da bem arquitetada manipulação religiosa, para esses desvalidos, os sindicalistas, políticos e partidos de esquerda verdadeiros representantes dos interesses dos pobres, viram "filhos" do satanás. Por outro lado, os representantes da direita, verdadeiros responsáveis pela propagação da miséria que assola o país e o mundo, são os "filhos de Deus" ou de Jesus Cristo, dignos para governarem o povo.

O agravamento da pobreza e da miséria não é o único problema trazido pela voracidade do capitalismo moderno. Os resultados da agressão, patrocinada por seu processo de

unesp

dilapidação de riquezas naturais, instaurado a partir do advento da Primeira Revolução e renovado a cada novo estágio tecnológico; são cada vez mais visíveis e, podem ser constatados através do aumento dos desertos e a desertificação de áreas até então produtivas, causando a diminuição do volume de água potável do planeta, o aquecimento global, as mudanças climáticas já detectadas por renomados cientistas, entre tantos outros problemas, são os sinais visíveis da degradação ambiental que está se agravando na atualidade, devido à ação predatória do capitalismo globalizado.

Podemos observar que o atual contexto de mundo foi concebido por um profundo processo de mudanças, decorrentes da globalização da economia capitalista que, para garantir o aumento da concentração de riqueza em favor de pouco mais de 20% da população mundial, elevou o assustador aumento da exclusão social como peça "vital", no funcionamento do processo de reestruturação do sistema de produção capitalista em curso.

Diante desta situação, qual projeto de educação devemos seguir? O apregoado pelos neoliberais que visa apenas tecnificar as pessoas ou um projeto de educação que luta pela inclusão e não pela exclusão dos seres humanos? Ou um modelo de educação que realmente propicie formação adequada a todos, contribuindo para a construção de um amplo projeto capaz de promover a eqüidade social.

Analisando o modelo de educação neoliberal com um certo rigor, percebemos que diante de seu tecnicismo extremado, ele não propicia praticamente nenhuma chance de ascensão econômico-social e cultural para as camadas populares.

Para se opor ao modelo de educação neoliberal e buscar a construção de uma escola pública democrática e cidadã capaz de atender a todos, dentro da dialética da quantidade e da qualidade, vemos na Educação Pública Popular, uma das alternativas a ser seguida, por ser uma educação libertadora e transformadora, capaz de contribuir com a formação de um ser humano crítico e contemporâneo.

VALE lembra que a Educação Pública Popular é a

> "Educação alternativa comprometida com diferentes movimentos sociais. A educação popular passa a ser um instrumento de conscientização e de libertação. Não basta apenas alfabetizar, será preciso ir além e fazer a leitura da realidade social, política, econômica e cultural do país. A "leitura do mundo" deveria preceder a "leitura da palavra", como ensinava Paulo Freire. A educação popular adquire foros de contra-ideologia, e o político se instala no âmago da ação pedagógica. Agora, num contexto de exceção, a educação popular é o contraponto da educação escolar em termos de qualidade (a recuperação da cidadania e da liberdade democrática contra o arbítrio e a prepotência)." (1994, p.39)

A Educação Pública Popular ao primar pela conscientização e pelo propósito de libertação de homens e mulheres, meninos e meninas das camadas sociais menos favorecidas é, sem sombra de dúvida, um caminho que pode contribuir com o ascender da luz no fim do túnel, demonstrando a milhares de desvalidos ou melhor, excluídos que, mesmo diante da globalização excludente e de um mundo cada vez mais tecnologizado e marcado por profundas transformações, é possível vislumbrar dias melhores.

Se a construção de um perfil de escola pública pautado nos princípios da Educação Popular é uma alternativa viável a ser seguida, qual seria então o papel da Geografia tanto como ciência quanto como disciplina nesta empreitada? Que Geografia devemos ensinar? Será que "o ensino de Geografia dá conta das mudanças atuais"? A Geografia seria capaz de questionar o primado da globalização?

O aumento da exclusão social, a submissão total dos países pobres aos interesses dos países ricos, das corporações transnacionais e do sistema financeiro internacional, o aumento da degradação sócio-ambiental e o alto índice de desemprego são atenuantes que devem ser levados em consideração e a Geografia tanto como ciência, quanto como disciplina e por trabalhar a relação homem-natureza-espaço; tem a obrigação de questionar as ações do capitalismo em nossos dias, mostrando aos seres humanos que as conseqüências não são irreversíveis como nos colocam através do discurso único neoliberal. A Geografia, como ciência social de grandes implicações naturais e sociais, pode trazer uma contribuição valiosa à solução dos grandes problemas nacionais e internacionais, que assolam na atualidade o mundo.

A educação é peça chave na decodificação das estratégias de dominação capitalista. Ela é o alicerce necessário para a construção da cidadania, pois segundo VALE, "ser cidadão significa, hoje, participar da vida da sociedade contemporânea, lutar para que o desenvolvimento social, econômico e cultural atinja beneficamente a todos sem distinção. Isso significa que a Educação, principalmente a pública estatal, terá a responsabilidade de criar as bases para o exercício da própria cidadania formando, na medida de suas possibilidades, um aluno capaz de dominar e utilizar com propriedade as ferramentas essenciais, conceituais e simbólicas, necessárias para sua inserção no processo civilizatório." (1996, p. 47-48)

A Geografia tanto como Ciência quanto como disciplina é, juntamente com a educação, peça indispensável para instrumentalizarmos nossos educandos com os conhecimentos críticos e reflexivos acima mencionados por VALE. Seres humanos ativos, autônomos e questionadores, capazes de suplantar o imobilismo presente entre a maioria da população que, mesmo sufocada pelo modelo vigente, fica calada por achar que não adianta gritar, pois sempre foi assim e nunca se mudará a realidade.

unesp

Neste limiar de século XXI, defendo a concepção de que o estudo sobre a concepção e ação das novas tecnologias da terceira revolução industrial, a implementação da política de ajuste neoliberal e a globalização capitalista são processos que não podem ser desprezadas e ignorados pelo ensino de Geografia, quando trabalhados numa concepção crítica e cidadã, pois se o espaço é o objeto de estudo da Geografia e o conhecimento da natureza e leis dos movimentos da formação econômico-social é o seu objetivo.

Ignorar as transformações e a desarrumação sócio-ambiental em escala planetária decorrentes do atual paradigma de mundo, é negar o processo histórico de reprodução capitalista e também, a contribuição da Geografia como ciência social comprometida com a libertação e transformação das camadas sociais desprovidas de direitos fundamentais para a construção da cidadania.

Para geógrafo pernambucano Manuel Correia de ANDRADE,

> "A Geografia ainda dispõe de meios para orientar o processo de desenvolvimento dentro de uma linha de visão total da realidade, procurando preservar os direitos sociais da população e os recursos naturais que devem ser explorados de forma a que não degradem a natureza. O homem tem o direito de explorar os recursos de que dispõe, mas não pode fazê-lo pensando apenas na maximização dos lucros e na apropriação por minoria ávidas de riquezas, esquecendo os direitos da população e a necessidade de preservação da natureza. A Geografia, por uma posição dinâmica, pode conduzir a sociedade a produzir sem destruir". (1996, p. 85-86)

Se para ANDRADE, a Geografia "pode conduzir a sociedade a produzir sem destruir" a natureza, para VALE, "seria todo conveniente pensar numa educação que além de armar as pessoas com conhecimento caminhasse no sentido de uma educação democrática que, ao desenvolver o espírito crítico-reflexivo dos alunos, os incitasse à construção de uma sociedade em que os benefícios econômicos, financeiros, culturais, etc. fossem compartilhados evitando a criação social do cidadão expropriado do próprios bens sociais, o cidadão de 3ª categoria que se marginaliza engrossando as fileiras dos despossuídos deste mundo." (1996, p. 48)

Como Geógrafo/Educador afirmo que separar o ensino da Geografia do processo de globalização da economia é ser serviçal dos atores sociais deste novo modelo. Se a Geografia, quando trabalhada dentro de uma visão crítica e reflexiva de mundo "não for capaz" de levar aos educandos a verdadeira realidade do mundo atual, mostrando os possíveis caminhos que poderão contribuir para reverter quadro vigente, dificilmente outra disciplina conseguirá realizar esta tarefa.

unesp

O estudo do conflito entre a Geografia crítica e reflexiva e a globalização é ao mesmo tempo uma alteração e exposição de conteúdos. Basta ver que, a nova linguagem trazida pelas novas tecnologias da terceira revolução industrial vem introduzindo uma séries de novas palavras estranhas para a maioria das pessoas, mas importantes para as estratégias do capitalismo globalizado.

Diante destas breves reflexões, tenho certeza que o estudo da Geografia numa concepção crítica e cidadã, é um instrumental formidável para decodificar e entender os reais objetivos da globalização capitalista e seus reflexos sobre a realidade da vida cotidiana de milhões de seres humanos, em todo o planeta. É um instrumento que poderá em muito contribuir na construção de um projeto social transformador.

Não é possível entender a Geografia na atualidade, sem entendermos as ações do neoliberalismo como instrumento de consolidação do processo de globalização em curso. Não é possível ser um Geógrafo/Educador sem a indignação como alimento necessário para questionarmos a exclusão social que atinge milhões de homens e mulheres em todo o planeta. Sem indignação não ocorrerá a busca da transformação e da superação. Indignação é sensibilidade social, é se colocar no lugar do excluído, é sentir o seu clamor silencioso por justiça e dignidade social, pois segundo ANDRADE, "o geógrafo necessita conscientizar-se de que, antes de profissional ele é cidadão, que habita um país que é uma parcela do globo e que suas atitudes e ações têm que ser condicionadas pelo momento histórico em que vive. Ele não pode analisar as formas de produção e reprodução do espaço sem estar conscientizado de que as suas proposições, para serem examinadas e creditadas, necessitam ser passíveis de realizações". (1994, p. 54-55)

Ensinar a Geografia numa concepção cidadã é assumir compromisso com o homem do povo, é lutar contra a exclusão social, em prol da dignidade humana e da construção da cidadania, historicamente negada para milhões de homens e mulheres deste Brasil gigante em dimensão territorial, mas anão em justiça e equidade social.

2- QUESTIONANDO A GEOGRAFIA TRADICIONAL. NOVA PROPOSTA E NOVOS CAMINHOS

A Geografia Tradicional incorpora todas as correntes geográficas que "ignoram" a relação homem-natureza-espaço, priorizando o estudo do universo e do mundo físico, mesmo assim de forma não interligada; uma Geografia que rejeita quase totalmente os problemas políticos, econômicos, ambientais e sociais.

unesp

A origem da Geografia Tradicional data-se do século XIX, mais especificamente na França, com Vidal de LA BLACHE e se baseia sobre a descrição das coisas e dos fenômenos.

Segundo MORAES, o fundamento comum de todas as correntes da Geografia Tradicional se assenta sobre as bases do positivismo. Para ele,

> "é nesta concepção filosófica e metodológica que os geógrafos vão buscar suas orientações gerais (as que não dizem respeito especificamente à Geografia) Os postulados do positivismo (aqui entendido como o conjunto das correntes não-dialéticas) vão ser o patamar sobre o qual se ergue o pensamento geográfico tradicional, dando-lhe unidade.
>
> Uma primeira manifestação dessa filiação positivista está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, em circunscrever todo trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos. Assim, no positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria mero observador. Daí a limitação de todos os procedimentos de análise à indução, posta como a única via de qualquer explicação científica. Tal postura aparece na Geografia através da desgastada máxima – "A Geografia é uma ciência empírica, pautada na observação" – presente em todas as correntes dessa disciplina. Em primeiro lugar, coloca-se algo que é comum a todas as ciências – o referir-se ao real – como um elemento de especificidade da Geografia. E mais, numa visão empobrecedora da realidade, reduz-se esta a mero empirismo. A descrição, a enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço são momentos de sua apreensão, mas a Geografia Tradicional se limitou a eles; como se eles cumprissem toda a tarefa de um trabalho científico. (1992, p. 21-2)

No Brasil, embora já estivesse quase que praticamente cristalizada dentro da escola tradicional, a geografia tradicional passa a ser difundida a partir dos anos 30, com o movimento da "Escola Nova".

Conforme os dizeres de PEREIRA, a "Escola Nova" passou a criticar "a escola tradicional por apegar-se aos conteúdos e a iniciativa do professor dentro do processo de ensino. A Escola Nova, propugnava, então, que para melhor aprender, o aluno deveria fazer ou praticar determinadas experiências sobre vários temas para que pudesse "aprender a pensar" e não receber o conhecimento pronto e acabado. Familiar essa discussão, não é ? Nem parece que estamos falando de algo que ocorreu a 60 anos atrás (...). A "Geografia Tradicional " é prima-irmã da "Escola Tradicional" na medida em que pressupõe, apenas uma descrição das paisagens". (1995, p. 64-5)

No entanto, o "aprender a pensar" e não receber o conhecimento pronto e acabado propagado pelo discurso da "Escola Nova" pouca influência teve sobre a Geografia Tradicional, que mesmo assim, continuou pregando o seu discurso referente a descrição e classificação das

unesp

paisagens, sendo hegemônica até recentemente e tendo ainda, uma influência considerável no âmbito da rede escolar pública e privada.

PEREIRA, trabalha bem esta situação dizendo que:

> "Um dos emblemas da chegada da mensagem escolanovista à geografia é a reificação dos "Estudos do Meio": finalmente tinha se conseguido um objeto para a geografia fazer observações e experiências. Mas a novidade da aplicação pedagógica dos "Estudos do Meio" na escola, de forma alguma rompeu os princípios e métodos da "Geografia Tradicional", uma vez que o "Meio" passou a ser enfiado naquela estrutura tão conhecida nossa, que muitos pensam, até hoje, ser a única forma de pensar a geografia: a descrição do meio começa, portanto, pela descrição do meio físico, sucedido pelos aspectos humanos e finalmente pelos econômicos. Uma variação nessa estrutura, quando existia um pouco mais de ousadia, era colocar os aspectos físicos em primeiro lugar. (1995, p. 65)

Sobre a origem da Geografia Tradicional, Milton SANTOS diz que "foi a crise do imperialismo que fez nascer esta geografia "moderna". Nos inícios dessa época, Vidal de LA BLACHE, orientado, em princípio a uma geografia aberta, teve depois de modificar sua orientação, ao mesmo tempo em que as portas da Sorbonne se fechavam a um geógrafo como Elisée RECLUS, em virtude de sua idéias de progresso social. Isso ajudou a que se constituísse a geografia oficial, aliada fiel do capitalismo, do imperialismo, do racismo, tal como foi concebida nos fins do século XIX, e tal como dura até hoje". (1989, p. 12)

Em decorrência de sua característica oficial, isto é, estar ligada ao poder, a Geografia Tradicional ganhou espaço rapidamente, principalmente entre as escolas de nível fundamental e médio, que atendem a maioria da população.

No Brasil, a renovação pela qual passou a Geografia, principalmente a partir de 1978, fez com que tenhamos, na atualidade, uma das melhores geografias universitárias do planeta, predominantemente nas universidades públicas. No entanto, a Geografia Tradicional, por uma série de razões, é ainda predominante nos livros didáticos e conseqüentemente no ensino fundamental e médio e na maioria dos cursos de graduação oferecidos pelas Faculdades e Universidades particulares, que formam 80% dos professores que ensinam nossas crianças e adolescentes.

Para RUFINO (1995), o ensino tradicional se fez e se faz presente na maioria das escolas, por algumas razões: em primeiro lugar, os professores necessitam de cursos mais dinâmicos que pudessem atingir a todos, cursos de formação que propiciasse a articulação entre o conteúdo específico com a discussão pedagógica e, em segundo lugar, a necessidade de mudar os materiais utilizados, principalmente aquele que era e é o maior sustentáculo das aulas, o livro

unesp

didático que, em quase sua maioria ainda mantém a estrutura de um curso tradicional, onde os conteúdos aparecem de forma fragmentada e descritiva.

SANTOS reforça esta questão dizendo: "A geografia tradicional é, a meu ver, o procedimento quase comum, quase geral, entre os geógrafos. A maior parte da geografia que se ensina e se aprende, que se escreve e que se difunde, é a geografia tradicional. Os esforços para torná-la não tradicional são limitados e seus efeitos são ainda a medir. A geografia tradicional é a geografia que não evolui". (1989, p. 07)

Diante dos dizeres de SANTOS, percebemos que a geografia tradicional por ser meramente descritiva e classificatória, é desinteressada pela sociedade e pelos problemas sociais. É uma geografia imóvel, pois nem mesmo as grandes mudanças ocorridas no decorrer do século XX mudaram ou alteraram a sua trajetória. Mesmo estando num mundo conduzido por transformações rápidas e as vezes instantâneas, as coisas são vistas por ela como se estivessem paradas.

As citações que utilizamos anteriormente, deixam evidente as reais intenções da Geografia Tradicional que, ao ser trabalhada na sala de aula, descrevendo, classificando e enumerando os fatos, isto é, os aspectos visíveis do real, camufla o não visível, fragmentando a construção do todo no conhecimento geográfico, estratégia necessária para o capitalismo perpetuar a sua estrutura de exploração do homem sobre o homem e a dilapidação desenfreada dos recursos naturais. Daí a razão da manutenção, a qualquer preço, do ensino da Geografia Tradicional nas escolas de ensino fundamental e médio, pois a fragmentação na construção do conhecimento evita o desenvolvimento da consciência crítica, a politização, a investigação e o surgimento de uma consciência de classe.

Se numa concepção crítica de mundo, o espaço é o objeto da Geografia e o conhecimento da natureza e das leis dos movimentos econômico-social é o seu objetivo, a Geografia (não tradicional) é uma das Ciências mais credenciadas para estudar o movimento da globalização capitalista, que neste final de século vem provocando em todo o planeta, profundas transformações de ordem econômica, política, cultural e social, distanciando ainda mais o rico e o pobre, o homem e a natureza.

Obviamente que o questionamento a respeito da dilapidação capitalista reestruturada a cada nova da revolução industrial, científica e tecnológica, não poderá ser feito a partir de uma concepção geográfica que sempre esteve a serviço a manutenção do "status quo" do capitalismo e sim, por uma concepção geográfica que suplante a Geografia Tradicional e vá além da crítica, da militância e do "denuncismo" (o que estou mencionando aqui, é oposto ao apregoado pelos

unesp

PCNs; é ir além da denúncia e propor a construção de um projeto transformador), que prime pela a investigação e construção de um pensamento crítico.

Como já mencionamos por várias vezes, a Geografia Tradicional que é ainda hoje, a mais ensinada nas escolas públicas e privadas, historicamente por estar a serviço das forças dominantes, nunca se interessou em levar aos educandos, um conhecimento mais aprofundado sobre a relação contraditória entre homem-espaço-natureza. Ela praticamente foi concebida para transmitir um conhecimento acrítico e fragmentado, razão dos livros didáticos tradicionais que infelizmente ainda estão na atualidade entre os mais adotados entre os professores, sempre foram concebidos de forma compartimentada, isto é, uma espécie de "armário" com gavetas separadas uma das outras, para evitar a visão do todo geográfico.

A Geografia Tradicional, serviçal do poder dominante é representada por várias vertentes tais como: Geografia Descritiva, Fenomenológica, Pragmática que se divide em Nova Geografia (NEW GEOGRAFY) ou Quantitativista (que nos anos 70, serviu como difusora das "vantagens" do crescimento econômico proporcionado pelo milagre da Ditadura Militar, utilizando o método matemático-estatístico) e da Percepção.

Para MORAES, "a Geografia Quantitativista permite a elaboração de "diagnósticos" sobre um determinado espaço, apresentando uma descrição numérica exaustiva sobre as suas características, e ainda as tendências de evolução dos fenômenos ali existentes." (1992, p. 107)

A Geografia Quantitativista, foi a responsável pela introdução dos modelos e da teoria dos sistemas (geossistema) que se desenvolveram sob a denominação de Geografia Teorética, que vincula a pesquisa às novas tecnologias da terceira revolução industrial, principalmente a da informática e da telecomunicação (satélites artificiais), difundindo no Brasil, o Sistema de Geoprocessamento.

Segundo ANDRADE, na Nova Geografia a

> "contribuição científica elaborada (...), sobretudo, pelos EUA, onde os interesses dominantes levavam os estudiosos a pensar na superfície da Terra como um todo uniforme e a desejar, para manter uma estrutura de dominação, que o pensamento científico se tornasse o mais possível abstrato, divorciando da realidade, a fim de impedir que se pusesse em dúvida este sistema de dominação. Na verdade, utilizar dados estatísticos obtidos com alguma precariedade, formular matrizes e programas para computação eletrônica, manipulando estes dados com a finalidade de provocar certas conclusões dava, conforme os fins almejados, mais objetividade. Evitava-se a pesquisa de campo, a observação direta e a pesquisa histórica que necessitavam de maior emprego de tempo e provocavam o levantamento de problemas que demandavam mais estudos e reflexões para se chegar a alguma conclusão. Daí a generalização do uso de modelos matemáticos como fim e não como meio e a formulação de modelos inflexíveis que deveriam funcionar para qualquer país em qualquer tempo". (1993, p. 191)

unesp

Já a Geografia da Percepção ou Comportamental é a que se aproxima da psicologia. MORAES diz que ela busca "entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza ambiente , e como este processo se reflete na ação sobre o espaço. Os seguidores desta corrente tentam explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivenciado, o comportamento em relação ao meio. Estes estudos fazem uso instrumental desenvolvido pela psicologia, em particular as teorias behavioristas". (1992, p. 106)

Esta Geografia, essencialmente tecnicista, é a linha que nos dias atuais está voltada principalmente ao estudo do meio ambiente, unindo o seu tecnicismo com a perspectiva ambiental neoliberal.

Difundida por professores do Departamento de Geografia da UNESP de Rio Claro, é uma das linhas do pensamento geográfico, que vem conquistando a simpatia de alguns burocratas da Secretaria Estadual de Educação e camufladamente, também está embutida na concepção da Geografia "Humanista" apregoada e difundida pelos PCNs.

No entanto, a supremacia da geografia tradicional, principalmente no ensino superior, começa a ser ameaçada no ano de 1978, com a instituição da abertura política e da Anistia, que iria propiciar o início da renovação da Geografia Brasileira.

A ruptura com a geografia oficial vai ocorrer durante o 3º Encontro Nacional de Geógrafos realizado em Fortaleza, no Ceará, onde geógrafos afinados com o pensamento de geógrafos marxista, principalmente europeus, descontentes com o caminho até então em curso, romperam com a geografia da Ditadura Militar e proporão novos rumos para a Geografia em nosso país, culminando com o surgimento de uma nova concepção geográfica, a Geografia Crítica, que a partir da chegada dos anos 80, passa a ser difundida em todo o território nacional; principalmente por geógrafos de esquerda que estavam exilados, entre eles Milton SANTOS.

Para MORAES, "a Geografia Crítica tem suas raízes na ala mais progressista da Geografia Regional francesa. A figura de Jean DRESCH aparece, no seio deste movimento, como um exemplo único de afirmação de um discurso político crítico; suas teorias foram já uma antecipação (Dresch escreve suas obras nas décadas 30 e 40)". (1992, p.117)

A partir do ano 50, surge uma significativa geração de geógrafos marxistas, que vão se destacar e influenciar a Geografia no cenário internacional. Entre eles se destacaram franceses Pierre GEORGE, Yves LACOSTE, Bernard KAYSER, Raymond GUGLIELMO, Jean TRICART e o italiano geógrafo Massimo Quaini, autor de duas importantes obras: "Marxismo e Geografia" e a "Construção da Geografia Humana".

unesp

A Geografia Crítica marxista chegou ao Brasil nos anos 70, através de geógrafos que estavam no exílio, principalmente com Milton SANTOS.

Ao contrário da Geografia Tradicional que tem como base o método científico empírico, a Geografia Crítica tem como base o método dialético, razão pela qual é denominada de Geografia Marxista.

Para MOREIRA, "a introdução da dialética espaço-tempo nos estudos de geografia é fundamental para compreender-se as leis de movimentos das formações espaciais e seu conteúdo histórico. Sem ela, a noção de arranjo espacial torna-se uma estática, meramente de "estrutura" da formação espacial". (1982, p. 45) OLIVEIRA (1999), completa o raciocínio de MOREIRA, dizendo que a visão de totalidade trouxe a concepção dialética para o interior do pensamento geográfico. Visão de totalidade que permite ao sujeito do conhecimento, a compreensão do mundo em que vive e que, antes de tudo, permite pensar a superação.

A Geografia Crítica, ao adotar o método científico dialético, busca superação da dicotomia presente na Geografia Tradicional, que separa o estudo do mundo físico do mundo humano. Através do uso das categorias de MARX para estudar a relação homem-natureza-espaço geográfico é possível, entender o todo geográfico, pois segundo OLIVEIRA, "com o marxismo, começa a batalha pelo desmascaramento do discurso pretensamente neutro e objetivo presente no positivismo e no empirismo lógico, e mesmo no historicismo". (1999, p. 59).

A partir deste momento, esta nova concepção geográfica passa a contribuir com a mudança no rumo da Geografia Brasileira, dando novo enfoque principalmente aos estudos sobre a relação homem-natureza-espaço (geográfico), bem como a relação capital-produção-trabalho, através da introdução de categorias de análises marxistas, fazendo com que a criticidade e a investigação surgissem como elementos questionadores do "status quo" vigente, possibilitando a construção de um pensamento crítico e autônomo dentro de uma visão dialética sobre o todo geográfico, sem ignorar as diferenças e especificidades de cada elemento que compõem este todo.

A Geografia Crítica estuda o todo geográfico de maneira dialética, sem separar (dicotimizar) o meio físico do humano, pois o homem, é o único ser vivo que tem a capacidade de pensar. Através desta condição, consegue transformar o espaço natural em segunda natureza, isto é, o espaço geográfico que construído através do trabalho e da aplicação de um amplo conjunto de técnicas desenvolvimento ao longo da história da humanidade.

Diante do processo de "redemocratização" do país em curso e da eleição de alguns governadores considerados como progressistas para o período, como por exemplo, Franco Montoro no Estado de São Paulo, inicia-se um processo de reforma da educação, surgindo em

unesp

vários Estados, as propostas curriculares. Desta maneira, a nova perspectiva de estudo geográfico trazida pela Geografia Crítica passa ser a linha mestra de algumas das principais propostas curriculares de Geografia.

A proposta paulista, elaborada pela Coordenadoria de Normas Pedagógicas (CENP/SE), foi a que teve maior repercussão entre os meios políticos e educacionais conservadores, sendo objeto de discussão na grande imprensa paulista. O jornal "O Estado de São Paulo" por exemplo, publicou em 1988, uma reportagem fazendo várias críticas a este documento, denominando-a de "proposta vermelhinha".

A Geografia denominada como "humanista" dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que surgiu como uma abordagem geográfica "inovadora" por ser "capaz" de romper com o positivismo da Geografia Tradicional e com o marxismo ortodoxo da Geografia Crítica, na verdade é mais uma das estratégias utilizadas pelo neoliberalismo para desarticular e desqualificar seus opositores, a fim de alavancar a globalização capitalista.

Nosso propósito de educador e pesquisador é a busca de uma nova proposta e novos caminhos. Cremos que a geografia escolar brasileira não pode mais ficar presa à Geografia Tradicional, pois estamos vivendo num mundo marcado por grandes mudanças e transformações. Nunca a natureza foi tão dilapidada e o espaço geográfico fora tão transformado como em nossos dias e a diferença entre rico e pobre foi tão grande.

Diante das artimanhas articuladas pelo neoliberalismo e pela globalização capitalista, mais do que nunca o ***conhecimento geográfico crítico*** é necessário para instrumentalizar os seres humanos com conhecimentos necessários para a decodificação das coisas que direta ou indiretamente infligem nas nossas vidas. Este é o compromisso a ser assumido incondicionalmente por um Geógrafo/Educador.

Esta nova proposta e novos caminhos estão na Geografia Crítica, que ao ser enriquecida com os princípios da geografia cidadã, é capaz de priorizar a os interesses do homem comum, o todo geográfico através do estudo da interação entre a sociedade, natureza e espaço geográfico, palco de todas as realizações e contradições do seres humanos. Diante deste compromisso, o Ensino da Geografia não poderá ficar restrito apenas à descodificação das imagens das paisagens, de suas aparências e visibilidade; ela tem que ir mais além, buscar decodificar os códigos utilizados para transformar esta paisagem ou melhor, o espaço geográfico construído pelo homem, através da aplicação dos seus conhecimentos, técnicas e máquinas, comandado por um fator determinante na vida humana, o trabalho, pois sem a presença dele nada se constrói.

unesp

Segundo KAERCHER, "compreender as desigualdades sociais e espaciais é uma das grandes tarefas dos Geógrafos Educadores para que nossa ciência instrumentalize as pessoas a uma leitura mais crítica e menos ingênua do mundo, que desemboque numa maior participação política dos cidadãos a fim de que possamos ajudar a construir espaços mais justos e um homem mais solidário e tolerante com o outro". (1998, p.164)

Transformar o Ensino da Geografia e a sala de aula num espaço de criação, investigação, participação, libertação e transformação é a essência necessária para que os educandos possam entender o mundo em que vivemos.

Tenho consciência de que o trabalho de um Geógrafo/Educador deve ser coerente e sem falsas ilusões; esta é minha proposta, que procurarei explicitar melhor no quarto capítulo desta pesquisa. Antes apresentamos reflexões sobre a "Geografia dos Professores", uma das principais vertentes da Geografia Tradicional.

3 - "GEOGRAFIA DOS PROFESSORES", REFLEXO DE PRESSUPOSTA "CIÊNCIA GEOGRÁFICA"

A origem da Geografia é muito antiga; surge na Antigüidade Clássica ligada ao pensamento grego. Segundo o geógrafo francês Yves LACOSTE, "durante séculos, o desenvolvimento dos conhecimentos geográficos esteve, em grande parte, estreitamente ligado unicamente às necessidades das minorias dirigentes, cujos poderes se exerciam sobre espaços muito vastos para se ter deles um conhecimento direto: a massa da população, por viver então da auto-subsistência aldeã ou no quadro de trocas, muitas limitadas parcialmente, não tinha necessidade de conhecimento do espaço longínquo." (1993, p.53)

LACOSTE diz que o "discurso geográfico escolar vai ser imposto a todos no fim do século XIX e cujo modelo continua a ser reproduzido hoje, quaisquer que pudessem ter sido, aliás, os progressos na produção de idéias científicas, se mutilou totalmente de toda prática e, sobretudo, foi interditada qualquer aplicação prática. De todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a geografia, ainda hoje, é a única a aparecer, por excelência, como um saber sem a menor aplicação prática fora do sistema de ensino. (...) A imagem que deveria ser, inúmeras vezes reproduzidas por todos os alunos era, primeiro, a da pátria." (1993, p. 56)

O culto à pátria relatado por LACOSTE se referia ao final do século XIX, só que no Brasil, quase cem anos depois, isto tornou-se uma prática no discurso da geografia oficial

escolar, mais precisamente durante o período da Ditadura Militar. Como iniciei a minha vida escolar em 1972, momento mais obscuro deste regime, vivenciei esta realidade.

Naquela época não tinha idéia do mal que a Ditadura fazia para o país, mas lembro como se fosse hoje, dos comentários que ouvia dentro e fora da escola, onde diziam que a Revolução de 1964, trouxe de volta ao país, a paz, o progresso e a harmonia. Diziam também que ela fora necessária para eliminar o perigo do comunismo (não tinha a mínima idéia do que se tratava), para proteger a família, a religião, nossas casas e terras. Ouvia estes comentários de pessoas ricas (fazendeiros e comerciantes), de alguns sitiantes, de religiosos e também de alguns professores durante o período que cursei da 1ª a 8ª série do então Primeiro Grau. Entre eles estava um professor de Geografia.

O professor que ministrou as aulas de Geografia na 5ª série, durante ano de 1977, na EEPSG Prof. Homero Calvoso, na cidade de São Pedro do Turvo - SP, na verdade era formado em Estudos Sociais e como cabo da Polícia Militar, era partidário, defensor e propagador número um da ideologia militar que nos impunha a Ditadura.

Na época, não tinha noção do que ele falava sobre a Ditadura; aliás nem sabia do que se tratava além do mais, tinha apenas 13 anos de idade, morava na roça e, o único meio de informação que tinha acesso era o rádio AM. Os programas mais ouvidos eram de música sertaneja, comandado por radialistas que geralmente enalteciam os feitos da ditadura. Entre eles destacavam Edgar de Souza, Oswaldo e José Bétio. O Repórter ESSO e a Voz do Brasil eram as únicas fontes de notícias que se tinha para saber o que ocorria, no Brasil e no mundo.

Hoje, vejo o quanto este referido professor era reacionário, mal intencionado e manipulador de idéias, pois fazia eu e os demais colegas de classe cultuarmos um falso patriotismo através do canto do Hino Nacional no início de suas aulas, do hastear a Bandeira do Brasil uma vez por semana, de ouvir as suas calorosas enaltações sobre as realizações e feitos da Ditadura Militar. Lembro que sempre falava de uma tal rodovia Transamazônica que estava sendo construída para promover a integração e o desenvolvimento da região Norte do país.

A Geografia ensinada por ele durante todo o ano letivo de 1977, resumiu-se ao estudo da Terra no universo, os meios de orientação e representação do espaço (principalmente os pontos cardeais - perdi a conta de quantas rosas-dos-ventos desenhei), a superfície terrestre, entre outras coisas, menos sobre o homem e sua relação com a natureza e espaço geográfico. Todos os conteúdos eram trabalhados desconectados um dos outros.

O ano de 1977 foi um ano tão "bom", que acabei sendo reprovado por indisciplina, pois por ser a escola muito tradicional, a maioria dos professores davam mais atenção aos educandos mais ricos, quase que ignorando os educandos pobres que vinham da roça ou que eram da

própria cidade. Sentíamos a diferença de tratamento claramente, só que infelizmente eu e meus colegas tentávamos respondê-la pelo lado errado, pois qualquer que fosse o tipo de insulto, a resposta dada ao colega mais rico autor da desfeita, era a agressão física.

Neste mesmo ano, minha família se mudou para o município de Ubirajara; acabei ficando sem estudar no de 1978, voltando em 1979, novamente na 5ª série do Primeiro Grau.

Em relação à escola que estudava anteriormente, a nova escola que passara a estudar, aparentemente não havia preferências pelos alunos mais ricos. Embora não defendesse a Ditadura Militar, a professora de Geografia era bastante autoritária e conservadora; sua prática de ensinar era muito tradicional, igualmente à do professor a que me referi anteriormente.

Esta professora ministrou aulas de Geografia durante o período que cursei da 5ª a 8ª série. Na sala de aula, sua autoridade era absoluta, não dando nenhuma chance para que pudéssemos perguntar sobre coisas que não estivessem ligadas ao assunto que estava sendo trabalhado ou a sua visão geográfica. Falar de política em sala de aula era proibido; ela dizia que política não era coisa para se discutir na escola.

A metodologia utilizada por ela era do tipo "bancária"; depositava conteúdos e posteriormente dava maçantes questionários de até 100 perguntas que tinham que ser decoradas para fazermos as provas. O livro didático era única fonte bibliográfica utilizada por ela, durante os quatro anos que tive aulas com mesma.

Todos os conteúdos eram trabalhados em forma de "gavetinhas, como compartimentos" estanques e tanto nas aulas sobre o estudo da Terra e do Universo, os meios de orientação e representação do espaço, a superfície terrestre quanto sobre a Geografia do Brasil e Geografia Geral: o clima, o relevo, a vegetação, a hidrografia, as fontes de energia, mineração, a população, a indústria, a agricultura, a pecuária, a pesca, o extrativismo, os meios de transportes, o comércio, o processo de urbanização. O estudo sobre o homem se desse tempo, só ocorria no final do ano letivo. Desta forma eu e meus colegas construímos uma formação geográfica a partir de conhecimentos fragmentados.

Sobre esta fragmentação do conhecimento, Douglas SANTOS traz a seguinte pergunta e resposta:

> "Em que consiste a chamada "fragmentação do conhecimento" quando falamos da Geografia? Ora, num primeiro momento temos de levar em consideração a impossibilidade de retirarmos de nosso campo de referência, se o discurso geográfico que estamos produzindo se identifica mais com a Geografia Humana ou com a chamada Geografia Física. Mais que isso! Teremos na nossa listagem a Geografia Econômica, Urbana, Agrária, da População, Política, além da Climatologia (Geografia do Clima), Geomorfologia (Geografia do Relevo?) Pedologia (Geografia dos Solos?) Biogeografia e outras mais ou menos famosas que todas essas. A junção de

> tudo isso em um único discurso é uma tentativa da chamada Geografia Regional ou Geral (o termo "geral" é uma espécie de eufemismo da geografia regional só que numa escala planetária).
>
> O que observamos de sintomático na identificação desses diversos "pedaços da Geografia"? A busca de identificação de um objeto. O que isso significa? Ora, ao que parece, a legitimidade dos discursos está na necessidade que ele tem de discorrer sobre "algo". Na medida em que, ao olharmos o mundo, nos deparamos com infinitas possibilidades de identificação dos fenômenos (reunimos milhões de árvores sob o nome de floresta; diferentes relações e processos de trabalho sob a denominação de "agrário" ou "industrial"; bilhões de pessoas as mais diferentes são identificadas simplesmente por "população"; bem como montanhas, planaltos e planícies, dos mais diferentes tipos e lugares, são denominados de "relevo" e assim por diante) pode-se afirmar que tendemos a crer que - independentemente da arbitrariedade com que fazemos tais generalizações - o recurso de abstração é, na verdade, uma identidade específica de um fenômeno "em si".
>
> Assim, relevo, clima, população, urbano, agrário etc. passam a identificar coisas passíveis de serem estudadas e reestudadas como se a identificação de tais "fenômenos" não dependessem dos parâmetros que cada estudioso possui para efetivar as devidas identificações e, portanto, delimitar até onde fala-se do relevo e quando se começa a falar do clima ou da população ou do agrário ou do urbano. Para além desse tipo de dúvida uma outra surge em decorrência: quando estamos falando do urbano estamos, necessariamente, fazendo Geografia ou tal "fenômeno" poderá ser visto (e analisado, evidentemente) por antropólogos, sociólogos, economistas etc.? Quando e como poderemos saber se o que fazemos é Geografia e não qualquer outro tipo de discurso científico? Mais, ainda: qualquer estudo sobre o relevo é geográfico? O que faz a Geologia? O que nos diferencia?
>
> Outro dilema: será que a Geografia é a História do presente e História a Geografia do passado? Não há diferença, portanto, entre História e Geografia além da datação do fenômeno? Tempo e Espaço são categorias que identificam as mesmas variáveis dos fenômenos?
>
> Por fim: é a Geografia uma ciência social? O que será que isso quer dizer? A Geografia enquanto ciência se contrapõe às ciências da natureza?
>
> Em resumo: o problema é, realmente, o da identidade do objeto ou do objetivo do sujeito? (1995, p. 48-50)

SANTOS nos faz um questionamento crucial em relação ao ensinar a Geografia, dizendo que o professor deve ter clareza sobre a identificação do objeto e do objetivo do sujeito a ser estudado, relação ignorada pela Geografia dos Professores. Continuando o seu raciocínio ele diz por que:

> "O apontamento fundamental está embutido na última pergunta que fiz: é preciso assumirmos, definitivamente, que a construção do discurso científico é uma das resultantes - absolutamente humanas - da relação entre sujeito e objeto. É , evidentemente, uma prerrogativa do sujeito, a condição de sistematizar suas experiências na forma de um discurso, mas este jamais conseguirá fazê-lo (ou dar significância ao jogo simbólico que domina e, concomitantemente, cria ou recria) por fora do processo de objetivação de sua relação com o "outro", com sua auteridade ou, como dissemos até aqui, com o objeto.

> Somente para ficarmos em um único exemplo, pode-se dizer que é o sujeito que chama o relevo de relevo já que este, da forma que hoje o entendemos, não se auto identifica. Por isso mesmo o relevo só é relevo para o sujeito. Historicamente falando pode-se dizer que milhares e milhares de anos foram necessários para que as experiências humanas - de, ao deslocar-se, ter de fazer esforços diferenciados dependendo da declividade do terreno e da direção tomada - criasse uma idéia geral de tais diferenças e denominasse tudo isso de "relevo". Senão podemos negar que as diferenças de altitude e declividade existem independentemente da existência dos homens, por outro lado a idéia de relevo é absolutamente humana e os conceitos que lhe dão sentido estão diretamente vinculados à nossa experienciação com relação a tal diferencialidade.
>
> Em outras palavras: a existência objetiva dos fenômenos não retira do sujeito a responsabilidade sobre a leitura (observação e sistematização). Assim, as conclusões que proponho aqui podem ser resumidas do seguinte modo:
>
> - O fenômeno, enquanto tal, não é prerrogativa deste ou daquele campo do conhecimento, aliás, o fenômeno não é científico. Tocando diretamente em nossa área de interesses, pode-se afirmar que nada resolve procurarmos fenômenos geográficos (ou físicos, ou históricos, ou biológicos etc.);
> - A ciência (o dar ou ter conhecimento sobre) é a leitura que fazemos do fenômeno, isto é, mediação simbólica (sistemática) da relação homem x meio - homem x homem;
> - A fragmentação dos discursos científicos não é exigência da diferencialidade fenomênica mas da sofisticação do questionamento socialmente construído. O que existe, portanto, são perguntas geográficas (físicas, históricas etc.) cuja demanda implica na construção de respostas igualmente específicas.
>
> Saber geografia, portanto, não se resume ao domínio intelectivo deste ou daquele fenômeno mas, sim, a um certo tipo de domínio, fundamentado num questionamento específico e na construção de respostas igualmente específicas. (1995, p. 50-51)

Ao contrário do que diz Douglas SANTOS, a geografia que aprendi na escola, jamais trabalhou a questão do sujeito - objeto ou objetivo dentro da concepção dialética; pelo contrário, o objeto ou objetivo da Geografia dos Professores é, segundo LACOSTE, transformar a Geografia numa verdadeira arma de alienação coletiva das massas.

Voltando a falar sobre a trajetória da Geografia que aprendi na escola, digo que segundo grau a situação não foi muito diferente do primeiro grau. A referida professora transferiu-se para outra escola e os professores que ministraram as aulas de Geografia nos três anos de colegial, não fugiram da regra; dois deles sequer eram formados em Estudos Sociais ou Geografia. No segundo colegial, por exemplo, as aulas de Geografia foram ministradas durante vários momentos por professores formados em Matemática, Língua Portuguesa, Educação Artística e Pedagogia. No entanto, mesmo só conhecendo a Geografia Tradicional, fui cada vez mais tomando gosto por esta Ciência.

unesp

Optei em dissertar sobre a Geografia dos Professores a partir da realidade vivida na minha formação escolar básica e média, para mostrar o quanto esta Geografia é reacionária e limita a ampliação do conhecimento humano, principalmente em relação ao homem-natureza-espaço (geográfico) pois, diante do atual contexto de mundo, não podemos continuar priorizando o estudo de uma geografia que mostra as coisas como estivessem constantemente paradas?

O geógrafo francês Yves LACOSTE explica, com propriedade, esta questão, dizendo que a Geografia dos Professores é a Geografia que fora criada para difundir entre os homens comuns (povo) o discurso ideológico dos Estados-maiores no qual uma de suas funções é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço.

LACOSTE diz que desde, o fim do século XIX, pode-se considerar a existência de duas geografia:

> - "uma, de origem antiga, a geografia dos Estado-maiores, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variáveis referentes ao espaço; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder.
> - a outra geografia, a dos professores, que apareceu há menos de um século, se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios no espaço". (1993, p.31)

LACOSTE frisa que existem duas geografias: uma para o poder dominante traçar suas estratégias de ação sobre o espaço geográfico e a outra, a Geografia dos professores destinada a inculcar entre a maioria, o discurso ideológico do poder dominante.

Nunca a geografia teve tanta importância para a expansão do capital, como nos dias atuais. A circulação financeira, das mercadorias e das idéias em nível planetário, ampliaram as estratégias de ações de bancos e empresas, na busca das melhores oportunidades no mercado globalizado, isto é, novos espaços para venderem seus produtos ou traçam novas estratégias de ação.

O estudo do espaço é o limiar das estratégias traçadas principalmente pelas corporações transnacionais, pois é sobre um espaço contraditório de dimensão global que são desencadeadas as suas ações.

A importância da Geografia fica bem evidente no mundo de hoje, quando assistimos em inúmeros tipos de propagandas e lances de marketing voltados para a divulgação de produtos e serviços oferecidos pelas corporações transnacionais, aparecem imagens relacionadas com à globalização, o avanço tecnológico, o meio ambiente, o mundo global e a tantas outras situações evidenciando aspectos geográficos dos mais diversos lugares do planeta Terra, às vezes vendendo falsas ilusões sobre algumas realizações do homem como por exemplo, a

unesp

propaganda de uma marca cigarro que diz: "venha para o **mundo** (Planeta Terra) de marlboro". Nele você "encontrará" os melhores **prazeres da vida** pois, ao contrário da má intenção da propaganda, prazeres da vida é para a Geografia, o exercício pleno da cidadania.

A presença da Geografia no cotidiano das pessoas e nos lances de marketing não é por acaso, pois não podemos nos esquecer que todas as realizações do homem ocorrem sobre o espaço geográfico. Assim sendo, por mais que o homem tente desvencilhar do instrumental Geográfico, é quase impossível ele conseguir, pelo fato dele estar presente em todos lugares e momentos.

Daí a preocupação constante do capitalismo de evitar que a Geografia, ciência que estuda a relação homem-natureza-espaço torne-se eficaz aos interesses do homem comum explorado por ele, deixando ao alcance dos excluídos somente a Geografia dos Professores. LACOSTE explicita muito bem esta questão dizendo:

> "Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como decisões econômicas (pois os professores nisso não tem participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente "inútil" (1993, p.31)

Hoje, mais do que nunca, em tempos de globalização o capitalismo hegemônico internacional está aprimorando os seus mecanismos de regulação, principalmente diante de sua globalização e de seu assustador poder de exclusão social, muito bem calculado.

Poderiam me questionar que a exclusão não é calculada, dizendo que o processo histórico de evolução do capitalismo, a exclusão social sempre existiram, principalmente em decorrência do inevitável embate entre capital x trabalho, condição essencial para o acúmulo de riquezas e para a garantia da propriedade privada. Ora, temos plena consciência desta situação, mas em nossos dias é exclusão calculada de várias maneiras; no quarto capítulo vamos evidenciar melhor esta questão.

Para alavancar a sua fase de globalização, o capitalismo, principalmente o ligado à vertente neoliberal, calculou o combate contra a intervenção do Estado na economia, o comunismo, os direitos dos trabalhadores e contra as políticas de investimentos sociais.

Em nome do combate à inflação, a implantação do ajuste neoliberal sobre as economias dos países periféricos foi calculado para: ancorar as moedas desses países ao dólar, privatizar

as empresas estatais com preços aviltantes, desregulamentando essas economias através da abertura econômica, diminuindo as taxas de importação, mantendo altas taxas de juros para atrair o capital especulativo internacional, agora com trânsito livre para circular, enfraquecendo os Estados Nacionais e fortalecendo o poder das grandes corporações transnacionais. Para completar, iniciou-se uma bem arquitetada campanha de desvalorização dos sindicatos e demais movimento sociais, principalmente contra aqueles que defendem a construção de uma educação transformadora.

VALE, trabalha esta questão com propriedade, cobrando por exemplo, um pensar crítico da Geografia, dizendo que:

> "o neoliberalismo é o capitalismo sem escrúpulos, que admite como mecanismo natural o crescimento das taxas de desemprego. Gera com isso multidões de excluídos e de não-cidadãos. É a política da desigualdade elevada à categoria de prática comum. Cria-se um mundo sem preocupações ética e esteticamente feio mercê da existência efetiva de multidões de deserdados à margem da sociedade, morando em condições deprimentes, vivendo da caridade pública ou embarcando em atividades marginais condenadas socialmente.
>
> É neste contexto perverso, centrado na competição, que se deve pensar a Educação, a Geografia, a História e a Cultura em geral.
>
> A Educação é acionada nos países dependentes para resolver uma contradição séria gerada pelas condições sócio-econômicas impostas pelos países hegemônicos. É o embate entre a preservação da cidadania e da desigualdade humana e as condições adversas, inevitáveis, colocadas pela competição desmedida exigida pela lógica capitalista embutida no neoliberalismo. Ao Educador consciente fica difícil defender os direitos civis numa sociedade desumana que gera, continuamente, multidões de desempregados e excluídos, à vista de todos, em decorrência de competição estruturalmente desigual. A exclusão econômica afeta diretamente a vida civil das pessoas desarticulando a família e, por extensão, a sociedade como um todo. É preciso lembrar que o valor da competição é o contrário do valor da solidariedade ou do valor da cidadania, entendida esta, como autonomia ou emancipação da pessoa. O busílis da questão é descobrir como adequar o indivíduo e a sociedade à estrutura competitiva da economia neoliberal sem que se perca a justiça social, ponto central de qualquer proposta de caráter educativo. Tarefa difícil principalmente quando os países periféricos são obrigados a fazer ajustes econômicos e financeiros a curto prazo e ao mesmo tempo resolverem problemas de grandes contingentes da população marginalizada, de repente, da produção e do consumo, e, por extensão, dos demais bens sociais coletivos. Não é de se estranhar , portanto, que a escola se transforme em caixa de ressonância das questões sociais, sem muita possibilidade de resolvê-los porque as causas são estruturais e não apenas conjunturais. (1999, p. 65)

Diante da exclusão calculada patrocinada pelo neoliberalismo e globalização capitalista e da difícil tarefa que segundo VALE temos que enfrentar, como geógrafo/educador tenho que

buscar alternativas à Geografia dos Professores, pois ela tende (sobre a forma de uma falsa roupagem "humanista") a ser mantida pelo "status quo" neoliberal, por ser uma boa serviçal aos interesses das elites dos países periféricos e do grande capital internacional.

Sobre esta geografia LACOSTE diz com bastante propriedade:

> "A geografia dos professores funciona, até certo ponto, como uma cortina de fumaça que permite dissimular, aos olhos de todos, a eficácia das estratégias políticas, militares, mas também estratégias econômicas e sociais que uma outra geografia permite a alguns elaborar. A diferença fundamental entre essa geografia dos estados-maiores e dos professores não consiste na gama dos elementos do conhecimento que elas utilizam. A primeira recorre, hoje como outrora, aos resultados das pesquisas científicas feitas pelos universitários, quer se trate de pesquisa "desinteressada" ou da dita geografia "aplicada". Os oficiais enumeram os mesmos tipos de rubricas que se balbuciam nas classes: relevo-clima-vegetação-rios-população..., mas com a diferença fundamental de que eles sabem muito bem para que podem servir esses elementos do conhecimento, enquanto os alunos e seus professores não fazem qualquer idéia". (1993, p.33)

As colocações de LACOSTE são sérias, mas em pleno final de século XX, esta Geografia muito pouco se renovou. Se pegarmos um dos primeiros livros didático de Geografia publicados no Brasil no final do século XIX por Delgado de CARVALHO e o comparamos com muitos livros que na atualidade são adotados por professores e as apostilas utilizadas nas escolas particulares e nos cursinhos, quase nada mudou. Podemos dizer que a Geografia dos Professores continua sendo importante em tempos de globalização e exclusão calculada, pois sempre se mostrou eficiente em relação à ocultação da realidade cotidiana das camadas populares.

No entanto LACOSTE, nos alerta sobre a questão do papel do professor que dissimula esta geografia nas escolas dizendo:

> "É preciso analisar os procedimentos que acarretam essa ocultação. Pois ela não é o resultado de um projeto consciente, voluntário, dos professores de geografia: deveras suas tendências ideológicas estão longe de serem idênticas. Se eles participam da mistificação, eles próprios são mistificados. Contudo, antes de procurar esclarecer isso, é preciso assinalar que a geografia dos professores não é o único pára-vento ideológico permitindo dissimular que o saber referente ao espaço é um temível instrumento de saber". (1993, p. 33-4)

Será que o professor é o culpado, é o irresponsável e mal intencionado? E a Faculdade ou Universidade que o formou também não foi negligente, irresponsável e reprodutora dissimuladora desta geografia? Sem sombra de dúvida que sim, como 80% do professores que

lecionam Geografia são formados por Faculdades ou Universidades Privadas, que na verdade atuam muito mais como empresa do que escola, essas vão procurar "formar" um profissional pouco crítico e reprodutor da Geografia que interessa ao poder dominante. Em muitas dessas instituições, os livros didáticos são usados por alguns professores, priorizando o prático e o tradicional sobre o científico.

Estas empresas/escolas usam do marketing e da mídia para difundirem as vantagens que poderão oferecer a todos os seus clientes e segundo elas necessárias para "formar" um profissional "moderno" ou melhor, o profissional mal treinado. A educação torna-se assim, apenas mais um produto disponibilizado pelo mercado.

GHIRALDELLI JÚNIOR diz que o discurso pedagógico no mundo atual

> "se transforma em um discurso exclusivamente técnico: o tecnicismo pedagógico do pós-guerra e atual. E se a criança só é criança segundo o que a mídia autoriza, definindo sua condição a partir da determinação do que deve ser consumido pelo seu corpo, então devemos, para fazer existir crianças na escola, isto é, seres infantis, reproduzir na escola todo o esquema de treinamento acoplado à forma de comunicação determinada pela mídia. A escola passa a ter como modelo a academia de ginástica, mas não a academia real, e sim aquela representada pela TV, a que se cristaliza ou em novela (vide "Malhação" - novela da Rede Globo cuja vida se reduz ao que pode acontecer em torno de uma academia de ginástica)." (1997, p. 24)

As reflexões feitas por GHIRALDELLI JÚNIOR são pertinentes ao momento atual. Como diante da lógica neoliberal consumir e consumir é o que importa, uma nova onda está chegando às escolas, faculdades e universidades do setor privado. Além de terem transformado a educação numa mera mercadoria a ser vendida sem qualquer controle de qualidade, estão agora instalando em suas dependências físicas, lanchonetes tipo fast-food, lojas de calçados, roupas, diversos tipos de entretimento e até mesmo academias de ginástica. Assim seus clientes, além da educação, podem também consumir produtos, ampliando desta forma a ação do mercado sobre todas as coisas, preparando milhares de jovens com uma "formação cidadã" voltada meramente para os interesses do mercado. A geografia dos professores ensinada nestas instituições por exemplo, ao permanecer estática, colabora imensamente com a perpetuação desta situação.

Neste tipo de escola, o professor que deveria ser um agente mediador na construção do conhecimento no decorrer do processo de ensino e aprendizagem não precisa ter boa formação, pois para agradar a "galera" basta ter habilidades e técnicas para dar aulas-shows, meramente reproduzindo o conteúdo tradicional e maçante das apostilas.

unesp

4 - LIMITES À TRANSFORMAÇÃO PELA EDUCAÇÃO

A Educação é um dos alicerces necessários para a construção do conhecimento humano. No entanto ela tem seus limites, porque há uma série de outros fatores de organização social, econômica e política da sociedade, que interagem com ela.

Nos entanto, para MAURO e Outros (1991), em uma sociedade capitalista a escola tem servido de "Aparelho Ideológico do Estado". Por isso ela desempenha o papel de agente para a transmissão da ideologia vigente, inculcando no aluno o conteúdo e a ação que o manterá como reprodutor das idéias e sujeitado ao sistema.

Dessa forma a Escola tem-se colocado como um instrumento de alienação das classes dominantes com o objetivo de mantê-las submetidas à ideologia desta mesma.

A situação descrita acima, não é para nós nenhuma novidade; pois historicamente a educação e a escola sempre estiveram a serviço da formação dos filhos das classes sociais mais abastadas; proporcionando ensino de baixa qualidade ou excluindo a maioria da população do direito de estudar.

Em cada período da evolução humana, a educação foi tratada por diferentes concepções, muitas delas foram muito prejudiciais aos seres humanos. A educação praticada na Idade Média por exemplo, desconsiderava totalmente a infância, pois as crianças tinham uma educação que as preparava para ocupar um lugar no mundo dos adultos.

Por vários séculos, a Educação e a Escola ficaram sobre o controle das Igrejas, principalmente da Católica, sendo destinava principalmente para a formação do clero, dos filhos dos nobres, dos aristocratas, dos senhores de terras e do comércio.

Com o advento do capitalismo moderno, que fora gestado a partir da expansão ultramarina e da primeira revolução industrial, as necessidades da instauração de uma educação de caráter universal tornava-se uma necessidade premente, pois a produção comandada pelas máquinas deixa de ser empírica para ser cientificizada.

A propriedade não será mais centrada somente sobre a terra e sim, sobre os meios de produção. Agora só poderia ter a posse sobre alguma coisa, quem tivesse capital para comprá-la; quem não tinha passou a vender o único instrumento que lhe restou para garantir a sobrevivência, a sua força de trabalho em troca de um salário. O homem pela primeira vez passa a ser considerado como trabalhador "livre", remunerado.

As transformações provocada pelo advento indústria e da ciência moderna sobre a produção da vida material, muda radicalmente a relação homem/natureza/espaço geográfico e, as transformações na organização política irão desencadear a formação do Estado Moderno,

unesp

surgindo a idéia de que os homens seriam todos "iguais" (Revolução Francesa) gerando a necessidade da criação de um Sistema Escolar Público e obrigatório para poder atender também as camadas populares, vítimas da exploração desenfreada imposta pelo o capitalismo moderno.

O processo de transformação que estava em curso passa a exigir alterações no saber escolar, propiciando o início da universalização da educação, surgindo assim, a escola moderna pois, para BUFFA (1987), era preciso laicizar o saber, a moral, a política e separar nitidamente fé e razão, natureza e religião, política e Igreja.

Diante da nova realidade de mundo, a educação "para todos" ficará a cargo do recém formado Estado Moderno. Segundo BUFFA (1987), escola para todos tinha de ser otimizada e prática, capaz de fazer o aluno aprender a fazer fazendo, e o professor através da divisão em classes, teria que ensinar a muitos alunos de uma só vez (tecnicismo pedagógico). O livro didático passa ser o único livro que os alunos das camadas menos favorecidas passaram a ter acesso; o pior tudo, duzentos anos depois, continua ainda sendo a única fonte de conhecimento da maioria dos filhos das camadas sociais desvalidas.

Segundo BUFFA, "o livro didático será, pois, o grande recurso para a educação padronizada que se propõe. O livro didático surge visceralmente ligado à educação que a burguesia emergente propõe para difundir sua visão de mundo (dominação através da propagação de sua ideologia). E, com o livro didático, ficam dados, desde já, os limites epistemológicos para todos". (1987, p.22)

Os tempos foram se passando, veio a segunda revolução industrial, científica e tecnológica e o discurso de educação para todos (universalização e laicização) vai se popularizando e sendo difundido pelo planeta, entrando pelo século XX adiante.

No Brasil, a partir dos anos 30, a Educação Tradicional gestada a partir da Primeira Revolução Industrial, apegada aos conteúdos e à iniciativa do professor dentro do processo de ensino e aprendizagem, começa a perder terreno para o movimento da Escola Nova, defensora da idéia que era preciso fazer o educando "aprender a pensar" valorizando o interesse do aluno. Na segunda metade dos anos 60, esta tendência educacional perde terreno para tendência educacional tecnicista, implantada pelos militares via acordo MES/USAID.

Passado a segunda revolução industrial, científica e tecnológica, veio a terceira revolução e a educação, principalmente nos países pobres, ainda não se universalizou para todos. Sem uma articulação com o todo social, conseqüentemente não conseguiu propiciar a construção da cidadania para milhões de seres humanos que se encontram excluídos até do mínimo necessário a um viver digno.

unesp

Em relação às radicais transformações ocorridas no final do século XVIII, em virtude do advento da Primeira Revolução Industrial, hoje, com a terceira revolução, as transformações ainda estão sendo mais intensas. No campo da comunicação e da informação, por exemplo, as novas tecnologias advindas desta revolução, são potencializadas para transmitir notícias e fatos em tempo real, de qualquer lugar do planeta.

No entanto, a escola pública destinada à maioria da população parece estar vivendo ainda em uma realidade semelhante à do início da escola moderna, no final do século XVIII. Ela continua sendo diferente da escola oferecida para os segmentos mais ricos da sociedade, com salas superlotadas, sendo que duzentos anos se passaram e o livro didático continua reinando quase que absolutamente.

No ensino fundamental e médio, os filhos das elites e da classe média estudam nas escolas/empresas da esfera privada, por serem consideradas melhores em relação à escola pública, oferecendo uma sistemática de ensino de maior "qualidade" e voltado basicamente para o adrestramento ou treinamento visando apenas promover os educandos nos concorridos vestibulares realizados pelas universidades públicas, que apesar do sucateamento provocado pelos cortes patrocinados pela política de ajuste econômico neoliberal, ainda oferece um ensino de boa qualidade. Mais de 60% de seu corpo discente das Universidades Públicas é composto por egressos, vindos de escolas da esfera privada.

Enquanto os estudantes filhos das elites e da classe média são majoritários na universidade pública, o contrário ocorre nas faculdades e universidades da iniciativa privada, onde a maioria dos estudantes são trabalhadores egressos da escola pública, comprovando que o sucateamento desta é realizado intencionalmente, para favorecer o ensino superior privado.

A ação da política de ajuste econômico e a implantação do modelo pedagógico neoliberal, a escola pública que agrega o nível fundamental e médio, a única disponível aos educandos vindos das classes sociais menos favorecidas, está passando por processo de quase total desmonte, além de sofrer a introdução de um currículo padrão (PCNs) que, em nome da flexibilidade produtiva, reforça a tese de que o seu papel deve ser o de "preparar" (treinar) o educando para o mundo do trabalho e não, formá-lo para a luta pela existência. Diante do aumento assustador do desemprego perguntamos: para qual mundo do trabalho? Paulo FREIRE é categórico ao dizer que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas". (1996, p.15)

O pior de tudo é que a ideologia da pedagogia neoliberal difundida principalmente pelo Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), se apresenta encoberta por um verniz "progressista", dizendo que é importante formar cidadãos críticos, mas na verdade, visa apenas

unesp

oferecer certos conhecimentos e habilidades, para evitar a formação de um ser humano crítico. Evitar a construção de uma escola que prime pela defesa dos verdadeiros valores e objetivos da educação e a organização dos docentes como categoria profissional é também uma das estratégias usadas por este modelo de educação. Sobre os valores e objetivos da educação veremos no quarto capítulo desta dissertação.

Enquanto a sociedade não se organizar, pressionando o Estado a estabelecer diretrizes educacionais que atendam aos anseios de toda a população em detrimento aos interesses da minoria dominante, a Educação mesmo sendo desenvolvida numa concepção progressista, continuará tendo seus limites em relação ao processo de transformação social pois, ao continuar não tendo condições de articular o todo social, a luta pela construção de uma escola pública democrática e autônoma, promotora de uma formação transformadora pode redundar em fracasso. É preciso ampliar o leque de ação da educação, para construirmos uma sociedade justa e cidadã. Acreditamos que a aliança de uma educação progressista, alinhada aos interesses de todos, seria possível trilhar novo caminho com desenvolvimento e transformação social.

OLIVEIRA (1996), analisando o pensamento de SAVIANI sobre a relação entre educação e transformação social, tendo em vista a superação do capitalismo, diz que esta questão está diretamente ligada ao conceito de educação como mediação no interior da prática social, isto é, a importância da função da educação para a transformação social; não considerando a educação como aquela mediação que poderia transformar diretamente a sociedade, mas que, dentro de sua especificidade, constitui-se num dos aspectos imprescindíveis desse processo de transformação.

OLIVEIRA então pergunta: Por que SAVIANI define a educação como mediação?

> "Por que concebe a educação como o processo do homem se tornar homem, processo histórico social de humanização do homem. E isso implica necessariamente, na sociedade de hoje, assumir a transformação social, a superação da sociedade alienada, como meta. Nesse sentido, educar não é somente educar sujeitos para esta sociedade, mas sujeitos que a transformem, tendo em vista determinados valores que sintetizam as possibilidades já existentes historicamente do homem humanizar-se e que, como tal, caracterizam o ser do homem enquanto síntese das múltiplas determinações. SAVIANI não vê a educação como um processo que produz diretamente a transformação social. A educação não transforma imediatamente a sociedade. Ela transforma de forma mediatizada. Isto é, o processo de transformação que se dá pela educação refere-se não ao processo de transformação no plano das condições materiais da estrutura social em que vivemos, mas no plano da transformação das consciências. E as consciências são os sujeitos que atuam na prática social. E será o conjunto da prática social que gerará a transformação da sociedade. Mas é preciso também considerar, ao mesmo tempo, que essa transformação das consciências pela educação não se dá de forma inteiramente autônoma. Não é um processo independente das determinações sociais, mas uma prática determinada pelas estruturas sociais e

> econômicas, uma prática que não se dá independentemente da situação vigente, uma prática que se processa dentro das circunstâncias possíveis já existentes na sociedade dividida em classes, uma sociedade marcada pelas relações de dominação (...).
>
> Para SAVIANI a educação enquanto atividade mediadora no seio da prática social global pressupõe a educação comprometida com a elevação da consciência das massas, e esse processo de elevação das consciências é uma parte integrante, necessária e fundamental do próprio processo de transformação social. Assim ele assume uma posição de classe dentro da sociedade dividida em classes antagônicas e sua proposta de construção de uma pedagogia histórico-crítica implica num posicionamento de classe. Ele vê que sem a elevação do nível cultural da massa, esta não consegue se erigir em força hegemônica. (I996, P. 56-7)

Como pudemos constatar na citação acima, sem a Educação como um processo de mediação não servir para o homem se tornar homem, não haverá a construção de uma consciência e cultura de massa, não ocorrendo portanto, a transformação social.

Os limites da transformação pela educação ficam bem evidenciados quando OLIVEIRA, mostra, com propriedade, citando que SAVIANI

> "considera que a educação por si só, como também outras modalidades da prática social, não transforma diretamente a estrutura social. A transformação que a educação opera é aquela que se dá através do processo de transformação das consciências. E, no processo global de transformação das estruturas, a educação enquanto transformação das consciências é condição essencial. Ou seja, a transformação das consciências aí não existe como uma mera conseqüência da transformação das condições materiais da sociedade. Mas ela é parte do processo. (1996, p. 59)

Enquanto SAVIANI analisa a questão dos limites da educação com bastante profundidade teórica, numa outra vertente Milton SANTOS analisa esses limites a partir do fator discriminação racial e social dizendo que a Educação:

> "não é tudo, pelo menos contra a discriminação racial, porque há uma série de outros fatores de organização social e econômica que não podem ser deixados de lado, mas a educação tem um papel muito importante porque, uma boa parte do processo de discriminação está ligado às representações que são feitas; e as representações só são aprendidas ou apreendidas através da educação formal e informal. Não podemos esquecer que a educação tem, também um papel em estabelecer discriminações, em legitimar as discriminações; assim, ela pode também fazer um papel totalmente oposto a sua função legitima.
>
> Creio então, que através da educação, um caminho pode ser aberto. Mas se você me perguntar exatamente quando à discriminação em relação ao negro no caso do Brasil, eu diria que o caminho da educação poderá ser muito estreito.
>
> Há muitas outras coisas para serem feitas, sem as quais a educação sozinha não apresentará resultados, porque a educação é um momento na

> vida, e a vida está centrada no trabalho; com o trabalho tudo se transforma; é por este caminho que as coisas devem ser atacadas.
>
> A educação ajuda criar as condições de trabalho, abrindo as portas das boas escolas e universidades, possibilitando a chegada do negro ou de outros discriminados a lugares centrais da vida nacional, da vida da sociedade. A educação é um caminho viável para combater esta discriminação; com isto quero dizer que não podemos cair num círculo vicioso.
>
> A educação é um processo cujo fruto é a longo prazo; neste particular, penso mais exatamente no processo de instrução que é de médio prazo.
>
> O processo de recriação de uma representação favorável ao negro por exemplo, é a longo prazo, porque há outros fatores agindo ao mesmo tempo, além da escola, a questão do negro não é só uma representação; é uma questão do lugar que ele ocupa na sociedade. O problema é muito mais grave. Só para terminar, insisto que o processo educativo é central nesta questão." (1996, p. 04)

Tanto SAVIANI quanto SANTOS mostram com clareza que há limites na educação, mas ambos deixam bem explicitado que acreditam nela por ser indispensável para a superação das relações de dominação, pois só ela é capaz de construir o ser humano intelectualmente consciente, não importa se de esquerda ou de direita, rico ou pobre, branco ou negro etc.

5 - SALA DE AULA: ESPAÇO DA CIDADANIA

"Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro." (SANTOS, 1996, p. 121)

É com essas palavras de SANTOS que começo fazer minhas reflexões sobre a sala de aula como espaço de construção de cidadania, uma necessidade primordial num mundo globalizado e cada vez mais tecnologizado.

Espaço de mediação, reflexão, investigação e transmissão do conhecimento, a sala de aula em muitas situações se tornará um espaço pouco atrativo ao ser humano neste limiar de século XXI.

Em pleno processo de consolidação da globalização capitalista e da chegada do século do conhecimento, a escola pública está se transformando num espaço mecânico e pouco atraente em decorrência da superlotação e obscuro por causa da violência que até então era uma realidade que assustava a todos, nas ruas de muitas cidades.

unesp

Depois de se fazer presente em diversos pontos do espaço urbano das cidades, a violência entre tanto fatores originária da miséria social, chega também ao interior das escolas. Brutais assassinatos que infelizmente tornaram-se rotineiros na vida de muitos seres humanos, antes praticados fora do espaço escolar, hoje também estão no interior das escolas, mais precisamente na sala de aula, espaço que teoricamente seria usado para a nobre tarefa de construção e desenvolvimento do conhecimento humano e, consequentemente da cidadania.

Por que será que esta violência também chegou até a escola? A resposta a esta situação caótica podemos buscá-la na própria estrutura econômica e social do país, que desde o período colonial veio privando a maioria da população do direito de viver dignamente, para favorecer uma minoria que concentra em seu favor, mais de 50% da riqueza do país. Em decorrência desta estratégia, a educação destinada a maioria da população nunca foi disponibilizada para contribuir com a construção de um projeto capaz de promover a eqüidade social.

Nem mesmo o início da industrialização do país trouxe a esperada valorização da educação. Pelo contrário, a educação destinada aos mais pobres passou a ser orientada por projetos importados dos países ricos, cuja o objetivo principal era treinar os educandos das camadas populares como mão-de-obra a ser utilizadas pelas indústrias.

Nos dias atuais, a reforma educacional em curso sobre os ditames do ideário neoliberal não se preocupa em nenhum momento com a melhoria da qualidade do ensino público e sim, em cortar gastos e mecanizar ao máximo a "formação" dos filhos das camadas populares. Uma formação meramente tecnicista necessária para atender o "perfil" profissional exigido pela produção globalizada, onde o indivíduo tenha condições de desenvolver diversas habilidades dentro da fábrica, devendo ser simpático e não contestar nenhuma das manobras realizada pelo sistema em curso e, necessárias para a consolidação da ideologia neoliberal da livre iniciativa e do mercado global.

Como para os neoliberais o mercado é a essência da política econômica, para não fugir a regra, a educação, também é vista por esta ótica. Assim, a educação que para os progressistas é garantia para a construção da cidadania, passa a ser vista pelos adoradores da livre iniciativa, como apenas mais uma mercadoria para ser disponibilizada aos consumidores pelo mercado. É em virtude desta ótica, que defendem uma privatização radical, transferindo o comando da Educação da esfera pública, para a esfera privada.

Segundo Milton FRIEDMAN, um dos idealizadores da teoria Neoliberal, a transferência da Educação da esfera pública para privada, dá aos "cidadãos" a liberdade de escolha, onde os pais poderão escolher a dedo a "melhor" escola para seus filhos estudarem. Para ele, esta liberdade de escolha estimula a melhoria no ensino, pois como a educação é mais uma

unesp

mercadoria disponível no mercado, a competição entre as escolas vai estabelecer um parâmetro de qualidade, onde as vencedoras serão as escolas que forem mais competitivas, isto é, as que oferecem uma educação (mercadoria) com "qualidade" e com melhor preço.

FRIEDMAN vai mais longe dizendo que os pais têm o direito de escolhere as melhores escolas para seus filhos, aceitando até mesmo a ajuda do Estado, através de políticas compensatórias, como por exemplo, a bolsa-escola introduzida no Chile através da receita do Banco Mundial. Para RECH, "a forma de se fazer isso, seria pela concessão de bolsas às famílias mais carentes, para que os pais pudessem escolher para os filhos, as melhores escolas". Como já mencionamos anteriormente, a "competição", um dos valores sagrados da política econômica neoliberal, entra em cena para regular a "qualidade" da educação-mercadoria, oferecida pelas escolas aos seus consumidores no mercado. (1998, p: 77)

Este modelo de educação-mercadoria se expande por toda a América Latina a partir dos anos 90, quando o projeto econômico neoliberal do Consenso de Washington começou a ser implantado nesta região do continente americano, que abriga mais de 150 milhões de indigentes; isto numa região que na atualidade possui alguns países classificados como emergentes (Brasil, México e Argentina), pela lógica do capitalismo globalizado.

A desregulamentação econômica imposta a partir desde período pelo Consenso de Washington, foi implacável em relação ao controle dos gastos públicos na área social, principalmente no campo da educação pública, tanto no ensino fundamental e médio, quanto no superior, onde a meta principal é o sucateamento total, para privatizá-lo em favor dos interesses do ensino empresa que recebe anualmente vultuosas quantias de dinheiro público em renúncia fiscal; uma incoerência absurda, pois as escolas/empresas cobram altíssimas mensalidades de seus alunos clientes.

Diante do exposto anteriormente, fica ainda mais evidente que a violência presente nas escolas, em nossos dias, é fruto do agravamento da miséria social e a degradação e sucateamento da escola pública decorrente do descaso das autoridades governamentais e da aplicação dos seguidos ajustes, como por exemplo, o neoliberalismo em nossos dias, colaborando ainda mais com o agravamento da situação econômica e social.

O estado de abandono que podemos verificar em certas escolas públicas, de cidades do interior e da Grande São Paulo é tamanho, que além da crônica falta de professores, falta de tudo, até mesmo carteiras nas salas para os alunos, tornando-as pouco atraentes para os educandos; incentivando e facilitando a ação do tráfico de drogas e o conseqüente aumento da violência no interior das escolas. Em determinados locais, a presença dos narcotraficantes é tão marcante que as aulas são freqüentemente suspensas em virtude do toque de recolher

unesp

determinado por eles, deixando a desequipada e despreparada Polícia Militar atônica, sem qualquer poder de reação.

Se na escola pública a sala de aula está longe de ser um espaço de construção da cidadania, a escola ofertada pela a iniciativa privada também não cumpre esta louvável função, pois o ensino tradicional é predominante nesta rede de ensino.

Para difundir a idéia da oferta de um ensino de qualidade e moderno, estas unidades escolares mesclam o seu ensino tradicional através do uso das novas tecnologias da comunicação e da informação, como uma cortina de fumaça utilizada com o intuito de encobrir o adestramento e treinamento que submetem os educandos visando um único objetivo, promovê-los nos vestibulares, de preferência nas universidades públicas. A escola/empresa não vê a educação como um instrumento necessário para formar o ser humano para a vida e sim, para a competição e também não vê como um meio (instrumento de formação e preparação do ser humano para a vida) e sim, um fim para se ganhar dinheiro.

Será que diante da difícil realidade da escola pública, a única disponível para os seres humanos das classes sociais menos favorecidas, tudo está perdido? Com convicção digo que não, pois os governantes neoliberais passarão e a escola pública sempre estará presente entre nós.

Obviamente que a mudança de rumo não está somente ligada ao fator político. Depende de outros fatores, como por exemplo, a organização, competência técnica e compromisso político dos educadores, condições fundamentais para transformar o espaço opaco e triste da sala de aula, num lugar de alegria, criticidade, investigação, transformação, criatividade, mediação do conhecimento, cooperação, harmonia, respeito, atualidade e de construção da cidadania e de projeto de vida para todos ali presentes. Um espaço de construção do saber necessário para a concepção de um mundo mais humano e com cidadãos contemporâneos de nossa época. Isto não é uma utopia é uma possibilidade que através de muita luta e organização, poderemos alcançar um dia.

Acredito na escola pública e a sua democratização possibilitará o início da construção de um projeto de transformação social, promovendo um ensinar vivo, atual e libertador pois para FREIRE, "saber ensinar não é transferir conhecimento , mas criar as possibilidades para a sua própria construção. Quando entro numa sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento." (1996, p. 52) FREIRE fala de possibilidades no ensinar, isto é, possibilidades da Educação para libertar e transformar o ser humano.

unesp

Como Geógrafo/Educador munido de competência técnica e compromisso político temos condições de transformar a sala de aula da escola pública popular num espaço de cidadania pois, ao contrário da educação tradicional que trabalha o processo de ensino e aprendizagem descolado da realidade dos seres humanos; transformando a sala de aula num espaço mecânico para a transmissão do conhecimento, a prática da Educação Pública Popular e da Geografia Crítica/cidadã, numa escola pública democrática popular, poderá transformá-la num espaço onde prevaleça a criticidade, a criatividade e a construção da cidadania plena, dando sentido às coisas e à realidade cotidiana desses educandos.

LINHA DO TEMPO:
LOCALIZAÇÃO CRONOLÓGICA DE ELEMENTOS MENCIONADOS

Final do século XIX — Oficialização da Geografia Escolar (Vidal de La Blache)

Início do século XX — Primeiros manuais da Geografia Brasileira para a Escola Pública

1934 — Fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros

Início dos primeiros cursos superiores de Geografia no Brasil

1937 - Estado Novo (Ditadura Vargas) — Criação do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE)

1945 - Fim da Segunda Guerra Mundial
Início da descolonização

1947 - Reunião de Mont Pèlerin - Início da consolidação da teoria neoliberal

1950 - Avanço da Geografia Crítica na Europa

1964 - Início da Ditadura Militar

Experiência Pessoal

1977 - Mudança para Ubirajara

1978 - "Flexibilização" da Ditadura e início da abertura democrática

1978 — Demoratização da Associação dos Geógrafos Brasileiros

Introdução da Geografia Crítica no Brasil

Apogeu da New Geografy (Geografia Teorética)

1979 - Ingresso na 5ª série

1982 — Propostas Curriculares - São Paulo SEE/CENP

1985 - Ingresso na Faculdade

1988 - Conclusão da Graduação

1989 - Cadastro para pegar aulas

Escolha de 8 aulas livres na Escola Estadual "Dr. Anis Dabus - Avaí

1989 - Queda do Muro de Berlim e início da derrocata do Socialismo Real

Realização da primeira eleição presidencial pós Ditadura Militar

1991 - Mudança do campo para cidade

Fortalecimento do neoliberalismo no Brasil

1994 - Ingresso como professor efetivo no Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza"

Fundação da Associaçãos dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru (AGB/Bauru)

1996 - Ingresso como aluno regular no Programa de Pós-Graduação da UNESP Campus de Marília

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Século XXI



CAPÍTULO IV

O ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA CONCEPÇÃO CIDADÃ

1 - COMPROMISSO POLÍTICO E COMPETÊNCIA TÉCNICA: A SÍNTESE POSSÍVEL

> "A competência técnica é mediação, isto quer dizer que ela está entre, no meio, no interior do compromisso político. Ela é mediação, ou seja, é também (não somente) por seu intermédio, que se realiza o compromisso político. Ela é, pois, instrumento, isto quer dizer que ela não se justifica por si mesma mas tem o seu sentido, a sua razão de ser no compromisso político. Portanto, ela não explica o compromisso político mas se explica por ele, embora seja uma das formas por meio das quais (sempre o conceito de mediação) se explicita, se realiza o compromisso político. Em suma, a competência técnica é um momento do compromisso político (sob a condição de se entender a palavra momento como uma categoria dialética)." (SAVIANI, 1991, P. 41-42)

A nova onda da educação brasileira na atualidade é da avaliação das competências no processo de ensino e aprendizagem. Avaliação das competências da escola, da direção, dos professores, das disciplinas e dos educandos, como quer a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada sob n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

No capítulo II que se refere à Educação Básica, no artigo 23 diz: "A Educação Básica poderá se organizar em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de período de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na **competência** e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar." (1996, p.10 - o negrito é meu)

Podemos observar que outros requisitos exigidos da Educação Básica, aparece no referido artigo, a palavra "competência", que coincididamente também está presente nas reformas implementadas sobre todos os níveis da educação brasileira, financiadas com dinheiro do Banco Mundial.

O modelo de competência originou-se da noção oriunda do discurso empresarial, a partir dos anos 90, sendo adotado por economistas e sociólogos.

A pedagogia da competência escolar está centrada na passagem de um ensino centrado sobre saberes disciplinares, a um ensino definido para produzir competências verificáveis em

situações e trabalhos específicos. Assinala o momento das grandes avaliações nacionais, todas com a mesma "preocupação" de proceder, a partir de critérios objetivos e de medir a capacidade dos alunos efetuarem uma operação ou um trabalho determinado, em uma dada situação.

No novo projeto curricular implantado no início de 1999 pelo o Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS), instituição pública voltada ao ensino técnico de nível médio e tecnológico de nível superior, os objetivos da pedagogia da competência descritos acima, aparecem como a essência central dos projetos educacionais.

No modelo de plano de ensino enviado para as escolas no início do ano letivo de 1999, com a justificativa de possibilitar as disciplinas a oportunidade da elaboração padronizada dos planos (estratégia sutil encontrada para não dizer que tal adoção era obrigatória), a palavra competências aparece em vários itens: competências gerais a serem desenvolvidas no Ensino Médio e Técnico; competências a serem desenvolvidas na área de estudo ou habilitação; competências a serem desenvolvidas no componente curricular (competências almejadas por cada componente curricular a partir das habilidades, conhecimentos e comportamento do aluno, em sala de aula).

Para os responsáveis pela elaboração do documento do CEETEPS, as definições de currículo e competências terão que ser discutidas levando-se em conta a evolução dos processos produtivos, organizacionais e de ensino e aprendizagem, dentro da visão da flexibilidade determinada pelas empresas no mundo da produção. Assim, construção de competências significa saber, saber fazer e saber ser (dentro da ótica empresarial), voltadas para a "formação integral", para a cidadania (ser cidadão aqui, é o indivíduo ter o conhecimento de certas habilidades "necessárias" para sua inserção no mercado de trabalho, vivendo constantemente entre a dialética da inclusão (quando está empregado) e da exclusão (deixa de ser cidadão quando torna-se um desempregado) e para a profissionalização no contexto da sociedade tecnológica atual.

Os responsáveis pela reforma curricular do CEETEPS, não vêem a Educação como atividade para formar o indivíduo para a vida, isto é, para a construção da cidadania. Segundo eles, tais competências deverão possibilitar a formação de indivíduo "crítico", "participativo", flexível e comunicativo, dentro do perfil profissional exigido pelas empresas; um profissional que desenvolva bem as suas obrigações sem questionar ação expoliatória do capital sobre o trabalho.

No documento denominado como "Conceitos de planejamento e gestão de trabalho", destinado para estimular as discussões durante a realização do 7º encontro do curso: Construção da Identidade do Coordenador de Área, no item que discute a reestruturação das escolas

unesp

técnicas públicas, fica evidente o caráter empresarial da reforma que vem sendo implementada pelo CEETEPS, que trata o educando como se fosse um mero cliente da escola.

ARAÚJO e SACILOTTO, reforçam esta questão dizendo:

> a) "O êxito das escolas públicas deve ser julgado pelos seus clientes, que são tanto os consumidores imediatos do serviço (alunos e pais), quanto a comunidade em geral;
>
> b) As escolas, a exemplo de outras organizações, respondem a sinais de seu ambiente. Ao se alterar as regras e os incentivos pelos quais as escolas funcionam, mudará o que elas ensinam e também o que fazem;
>
> c) Na sala de aula, a estrutura apropriada é a que favorece a sensibilidade dos professores em relação aos alunos, considerados individualmente, e às preferências dos pais quanto ao conteúdo da aprendizagem do aluno;
>
> d) Na escola, deve-se valorizar os educadores que tomarem decisões compatíveis com as preferências dos clientes." (1999, p. 4)

Diante o exposto por ARAÚJO e SACIOLOTTO, faço alguns questionamentos: primeiro, na escola pública o educando não é cliente e sim, "patrão", pois o dinheiro que a mantém, é originário de impostos pagos por toda a população; segundo, o professor não é nenhum balconista para tomar decisões segundo as preferência do cliente; terceiro, a escola pública é um espaço nobre de construção do conhecimento humano e não pode ser vista como outra instituição qualquer; quarto, o professor tem autonomia para trabalhar o conteúdo que achar mais condicente com a realidade de seus educandos e não os conteúdos de preferência de seus pais.

Esta situação deixa claro os reais objetivos das reformas educacionais neoliberais, na tentativa de transformar a escola pública como empresa evitando a formação crítica dos educandos, através do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem numa concepção meramente tecnicista, visando desarticular a ação didático-pedagógica dos educadores comprometido com a construção de um mundo justo, em prol da construção de um modelo de escola simpático aos interesses empresariais, que preferem um profissional light ao invés de crítico.

Indo na direção apontada anteriormente, o professor de sociologia Philippe ZARIFIAN da Universidade de Marnela-Vallée de Paris, em palestra proferida no CIET/SENAI, no Rio de janeiro, no dia 26 de agosto de 1998, disse que entende por competência, a tomada de iniciativa e de responsabilidade assumida com sucesso, por um indivíduo ou por um grupo, diante de uma situação profissional.

unesp

Para ZARIFIAN, é competente aquele que sabe responder com sucesso a uma situação profissional, em função dos objetivos ou da missão que lhe foram confiados. É competente também aquele que sabe chamar os colegas de trabalho mais experientes, quando se vê desorientado diante da complexidade de uma situação, para que o ajudem a dominá-la. É portanto quem sabe ativar uma rede de cooperação.

Como falar de competência e de cooperação num mundo corroído pelo individualismo neoliberal, onde os homens se afastam cada vez mais de si mesmo, por causa do futuro incerto, do medo da violência, do desemprego e da miséria. Para mim ser competente significa ouvir e entender o outro; este não é o objetivo do modelo educacional neoliberal que visa somente formar cidadãos que apenas se enxerguem como indivíduos, não conseguindo enxergarem-se como classe social.

Ao primarem por um modelo de escola que transforma os educandos em clientes e os formas para no futuro desenvolverem algumas competências, os técnicos do CEETEPS ignoram totalmente a questão do compromisso político da escola e do professor; aliás, falam de competências, mas não de competência técnica. Por mais modernos que digam ser, eles reproduzem a "eficiência técnica" que segundo SAVIANI, é a marca registrada da pedagogia tecnicista reeditada pela pedagogia neoliberal.

Sobre a questão do tecnicismo na educação FREIRE diz "que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador." (1996, p. 37)

Dando continuidade à sua análise, FREIRE fala que "educar é substantivamente formar; diz também que divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado." (1996, p. 37)

As reformas educacionais em curso na atualidade, ao elegerem a profissionalização do ser humano dentro dos princípios da sociedade tecnológica atual, promovem o que SAVIANI chama de "eficiência técnica" e FREIRE de divinização perigosa da técnica. A prioridade é formar o indivíduo para o mundo especializado do trabalho e não dentro de um sentido mais amplo, o educar para vida, para a liberdade e autonomia no pensar e agir. Pelo contrário, em tempos de neoliberalismo e globalização excludente, quanto mais tornarem as pessoas acríticas, melhor será para manter sem alterações o projeto político em curso.

No entanto, o discurso sobre as competências, que não está presente somente no âmbito do CEETEPS, na Rede Pública Oficial de Ensino também já começa a aparecer. O documento denominado "Plugando a Rede na Rede", distribuído entre as escolas no início de 1999, fala

unesp

sobre a questão no tópico denominado: Ensino e Aprendizagem no Cotidiano da Escola, seguindo o estilo neoliberal propagado pelos PCNs.

A respeito desta questão, ALVES JÚNIOR, chama nos a atenção, falando que a "fumaça neoliberal" busca ocultar antes de qualquer coisa, a profunda regressão histórico-humanista que caracteriza a aceitação acrítica de seus postulados. A hipervalorização da **competência** e a proposição da competitividade como um ideal educacional sugerem, a realidade, a volta ao "darwinismo social" e à simples luta pela sobrevivência entre as diferentes espécies do reino animal, que termina, inevitavelmente, com o extermínio dos mais fracos pelos mais fortes." (1996, p.77)

Entretanto, tanto no CEETEPS quanto na Rede Oficial de Ensino, vejo poucos colegas questionarem a real intenção da nova proposta curricular e seus possíveis resultados a serem alcançados com a sua aplicação, no processo de ensino e aprendizagem. Uma inércia quase que total e por que não a falta de competência técnica e compromisso político, em sua maioria resultado da má formação que tiveram no ensino superior. Este é um ponto que quero discutir antes de abordar a reflexão que SAVIANI faz sobre a questão da competência técnica e do compromisso político.

Igualmente a 80% dos professores que trabalham no magistério público e privado, fiz o curso de graduação numa instituição de ensino superior da iniciativa privada, que por falta de investimento material e humano me ofertou-me um ensino de nível que julgo como satisfatório, em virtude do compromisso político e competência técnica de alguns professores que tínhamos e de cobranças de melhoria que fazíamos, devido à organização política da turma a qual pertencia.

Como consegui aulas 90 dias após a minha formatura de graduação, estou trabalhando há exatamente 10 anos no magistério e de um certo tempo para cá, uma questão passou a me incomodar: o baixo grau de conhecimento e de comprometimento dos novos professores que a cada novo ano ingressam no magistério. Estou me referindo principalmente aos oriundos de instituições particulares de ensino.

Diante de tais inquietações resolvi a partir de trabalho que realizamos na Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru (AGB), fazer algumas observações sobre o nível de ensino oferecido por cursos de licenciatura em Geografia (minha área de conhecimento) de instituições de ensino da esfera privada.

Desde a graduação, quando começei a militar nos movimentos estudantis, passando a relacionar com colegas dos cursos de Geografia das universidades públicas, havia constatado que o nível ensino oferecido pelas faculdades e universidades particulares, na área do

unesp

conhecimento geográfico, estava muito distante do ofertado pelos cursos de graduação em Geografia de universidades como a USP e a UNESP.

Na maioria dos cursos de licenciatura em Geografia da iniciativa privada, os principais problemas encontrados, estão relacionado:

a) a má qualidade do ensino está na má formação do corpo docente, que em sua maioria são apenas graduados e as vezes se graduaram na própria instituição em que trabalham. Raros são os profissionais titulados em nível de pós-graduação na área (mestrado e doutorado) e também, poucos sabem da existência e da atuação da Associação dos Geógrafos Brasileiros);

b) a bibliografia básica necessária para uma boa formação na área é quase inexistente, nas bibliotecas destas instituições. Quando encontramos uma quantidade razoável de livros, muito dos mesmos já estão ultrapassados;

c) a não existência de laboratórios voltados ao ensino, ao urbano e ao mundo físico e humano;

d) a pesquisa de campo quando é realizada, na maioria das vezes volta-se apenas ao estudo da Geografia Física, desvinculada da questão social.

Em muitos destes cursos, o livro didático de Geografia de nível fundamental e médio e até mesmo apostilas de cursinho, acabam sendo o principal referencial de leitura e de pesquisa para os graduandos. Como majoritariamente os mesmos são confeccionados dentro dos requisitos do mercado (o bom livro é aquele que vende bem), geralmente seguem a linha téorica da Geografia Tradicional, difundindo conseqüentemente a ideologia do poder dominante. Os graduandos por mais bem intencionados que possam ser, acabam tendo uma formação inserida neste perfil. São formados ou melhor treinados para não serem críticos e muitas vezes para darem "show" ao invés de aulas críticas e reflexivas.

Em muitas destas instituições de ensino superior privado há professores no curso de graduação em Geografia, que ensinam em suas aulas, as melhores técnica e dinâmicas necessárias para dar aulas em cursinho (tive dois professores que se utilizavam destes métodos), negando aos educandos, o conhecimento sobre as modernas práticas do ensinar criticamente a Geografia desenvolvidas por profissionais oriundos principalmente das universidades públicas, durante longos anos de reflexões e de pesquisas.

No entanto, a nova LDB promulgada em 1996, até agora não trouxe mudanças significativas aos cursos de graduação em licenciatura plena em Geografia. Os vergonhosos cursos de "fim de semana" criados durante a vigência da Ditadura Militar, "discretamente" continuam suas atividades, oferecendo muitas facilidades aos interessados que optarem por um

unesp

de seus cursos. Entre tantas facilidades, está a indicação de profissionais para fazerem os trabalhos exigidos, casos os graduandos não tenham tempo para confeccioná-los.

Recentemente, conversando com um amigo, ele chamou-me a atenção sobre uma questão que até então não tinha atinado. Ele disse: "Você ainda não observou que uma parcela significativa dos professores que lecionam nas escolas particulares possuem menos de 35 anos de idade"? Então perguntei a ele: "o porquê da opção por este patamar de idade". Por serem mais jovens, se adaptam mais facilmente ao perfil de profissional em alta entre os proprietários de escolas particulares, em decorrência do acirramento da disputa por novos clientes e também, as tradicionais apostilas com os maçantes e mecânicos conteúdos que diariamente são descarregados sobre os educandos, estão se tornando cada vez menos estimulantes, sendo necessário a adoção dinâmicas e técnicas para tornar as aulas mais "atraentes".

Além do mais, disse ele, em certos casos são contratados e antes de começarem a lecionar são treinados por "especialistas", para dominarem algumas dinâmicas e técnicas usadas nas aulas ou melhor, nos "shows" e performances que vão proporcionar momentos "agradáveis" de confraternização e de "reflexão" entre os educandos (que acham que estão estudando numa escola de qualidade).

Achando que meu amigo havia esgotado as suas observações, novamente ele me surpreende, dizendo: "Você sabia que uma das mais novas estratégias de marketing utilizada pela indústria da moda nos grandes centros urbanos é o uso das escolas/empresas e dos professores 'marionetes', como vitrine para difundirem seus lançamentos"?

Desta forma, "o professor que recuso chamar de Educador", "além contribuir com o adestramento e treinamento de meninos e meninas torna-se um agente propagador das estratégias de incentivo ao consumo, fundindo intencionalmente tecnicismo e consumismo, que é a essência da cidadania neoliberal, que estimula as realizações individuais em detrimento das coletivas, criando o espírito da competição ao invés da cooperação e solidariedade, perfil presente no próprio professor adestrador, que intelectualmente, na sala de aula, só domina os conteúdos presentes nas apostilas".

Indo ao encontro da análise que estou efetuando, GHIRALDELLI JÚNIOR em artigo intitulado como: O que é um bom professor, faz uma pergunta:

> "Mas o que faz, concretamente, o professor gerado pelo tecnicismo pedagógico de nossos dias? É um professor que lida com uma nova noção de infância (e de juventude). Uma noção que se liga à idéia do eu como corpo-que-consome, e, ainda, na análise de Jean Baudrillard, eu como corpo que consome o corpo - dado que o corpo é, em nossa época, objeto de consumo. Como o consumo é algo diretamente ligado à mídia - e é ela, também que possui a linguagem mais adequada aos processos de treinamentos, isto é,

> processos de "educação" que visam respostas comportamentais, "respostas corporais" -, então não é difícil percebermos o quanto ela passa a determinar o que em nossa sociedade atual entende-se por educação. Neste caso, o "bom professor" é aquele que, reproduzindo formas estereotipadas (o estereótipo do estereótipo) - de adestramento promovidas pela mídia (principalmente TV), consegue tornar o corpo mais "hábil", mais "saudável", mais "belo" - enfim, nos tornar simplesmente ... felizes! Nos tempos atuais, nos sentimos mais hábeis quando aprendemos várias técnicas de leitura de textos científicos e filosóficos. Nos sentimos mais saudáveis quando aprendemos os rituais obrigatórios de dieta alimentar, higiene, ginástica etc. Nos sentimos mais belos quando aprendemos o que fazer com adornos, como utilizar perfumes, como nos vestir. Ou, ainda, e mais significativamente, como fazer nosso corpo se amoldar à vestimenta atual, o que significa que temos de unir o aprendizado para ser belo. Em suma, , trata-se de sabermos como lidar conosco mesmo enquanto corpo, enquanto objeto - um objeto a mais no mundo (ao fazermos um corpo sujeito, fizemos do sujeito objeto - realizamos uma paródia perversa de Hegel). Na lógica atual, tudo isso é o paraíso na Terra, o fim dos dissabores, pois os objetos não nos dizem não, não nos contrariam. Eles são dóceis. Basta apanhá-los e moldá-los. O "bom professor" deve acreditar nisso. Aliás, ele não possui motivos para não acreditar nisso. Ele deve transmitir essa boa nova do final do século. Cumprindo esses três itens, nos consideramos educados, e o nosso "bom professor" nos diz: "agora podem ir, vocês são felizes". (1997, p.25)

O perfil de professores descrito acima por GHIRALDELLI JÚNIOR, como já disse anteriormente, é na atualidade, o preferido pelos proprietários das escolas/empresas, principalmente em decorrência do acirramento da concorrência e do agravamento da crise econômica, que vem provocando a transferência de uma boa parcela de alunos para a escola pública.

Assim, é preciso cada vez mais recorrer a diversos tipos de estratégias de marketing, com o objetivo de conquistar novos clientes para consumirem o modelo de ensino "moderno" e de "qualidade" que disponibilizam como uma mercadoria no mercado. Além do professor "marionete", entre essas novas estratégias de marketing usadas, está o uso das novas tecnologias da informação, mais precisamente a informática.

Na maioria destas escolas é possível encontrar um computador para cada aluno, com multimídia, Internet, com inúmeros jogos e softwares pedagógicos, simuladores, entre outras, coisas. Muitas vezes são materiais de péssima qualidade produzido pelos próprios grupos franqueadores ou importado do exterior. São verdadeiros lixos didáticos-pedagógicos informatizados que só corroboram com o avanço do adestramento e treinamento proporcionado pelo tradicional tecnicismo pedagógico. Esta é mais uma ação calculada do globalizado capitalismo neoliberal.

unesp

Diante das observações do meu amigo e de GHIRALDELLI JÚNIOR, digo que esse professor tem pavor de ouvir falar de sindicatos e política, seja partidária ou não. Assim, geralmente "apropria-se" do discurso do patrão, voltando se contra si próprio pois, ao se sujeitar a trabalhar no esquema da escola/empresa, as vezes até mesmo sem registro em carteira; torna-se um mero reprodutor um sistema de ensino tradicional e tecnicista, desvinculado da realidade do mundo atual, deixando de colaborar com a organização da sua categoria. Mas por que esses profissionais fizeram a graduação em instituições particulares e optaram pelo magistério?

Com o golpe de 1964, a partir das reformas decorrentes do acordo MEC/USAID, o Estado Brasileiro acelera o processo de sucateamento do ensino público Fundamental e Médio, incentivando a expansão das escolas privadas e, principalmente os cursinhos pré-vestibulares que vão colaborar ainda mais com elitização das universidades públicas, que passaram a secundarizar as licenciaturas em seus "campi".

Como o Estado vai quase que praticamente se eximir da responsabilidade pelas licenciaturas, passa a deixar esta função a cargo das faculdades e universidades particulares, que passam a graduar a maioria dos professores do 1° e 2° graus. São essas faculdades e universidades que irão atender a maioria dos trabalhadores que buscam uma formação de nível superior; muitos por não conseguirem passar pelo funil do processo seletivo das universidades públicas, outros atraídos pelas facilidades de conseguir um diploma nas instituições privadas de ensino.

Recentemente, em entrevista dada a revista Veja, Di GENIO, proprietário do Grupo Objetivo, admite que muitas vezes seus clientes que estudam na UNIP (Universidade Paulista), cuja estrutura arquitetônica dos prédios de seus "campi" mais parecem com Shopping Centers do que uma escola, buscam conseguir um diploma não necessariamente para exercer a profissão na qual está se graduando, mas para aumentar suas chances de ascender no emprego.

As declarações de Di GENIO evidenciam que qualidade no ensino não é uma questão para se discutir; o que importa é o diploma. Para se ter uma pequena dimensão do adestramento, as salas de aulas da UNIP chegam a reunir 100 alunos, obrigando os professores a darem aulas com microfones, utilizando o mesmo esquema, técnicas e dinâmicas para descontrair a platéia no cursinho. O show tecnicista, predominante na educação fundamental e média deste sistema de ensino, se estende para o nível superior, fazendo o jogo da ideologia do pensamento único neoliberal, que prega o fim das utopias e ideologias.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Voltando à pergunta que fiz anteriormente sobre o porquê da maioria dos profissionais que trabalham com educação, cursaram a graduação em instituições particulares e optaram pelo o magistério. Algumas considerações se fazem necessárias.

Mencionamos anteriormente, que a reforma da educação brasileira imposta pela Ditadura Militar, obrigou as Instituições de Ensino Superior Público, a deixar as licenciaturas em segundo plano, estimulando as instituições da iniciativa privada a ocuparem o vácuo que estava sendo deixado pelo público, deturpando-as e banalizando-as, através de cursos com muito pouca seriedade e de péssima qualidade. Em muitos deles, por exemplo, os graduandos assistiam as aulas uma vez por semana, mês ou até mesmo por semestre.

Embora seja uma profissão nobre, mas cada vez mais desprestigiada em decorrência da falta de investimento na educação, a graduação para o magistério ainda significa para muitos indivíduos das camadas sociais menos favorecidas, uma forma de ascensão social. Para outros, um caminho mais fácil para a obtenção de um diploma de nível superior. Quando formados, estes profissionais passam ver a educação apenas como um "bico" e às vezes, não conseguindo se dar bem em outra profissão, transformam-se definitivamente em profissionais da educação, pois como nesta área a questão da qualidade ainda não é levada muito a sério tanto pelo público quanto pelo particular, basta reproduzir alguns conteúdos e dominar algumas técnicas para agradar a platéia cada vez mais presa num individualismo consumista. Eis a receita para ser um "bom" professor.

Procurando uma resposta, observamos que uma considerável parcela dos professores que ministram aulas nas escolas particulares são jovens, isto porque a educação tradicional e tecnicista não valoriza a experiência e o saber acumulado então, coloca como parâmetro ser jovem e falar "a língua da moçada", para que o papel docente seja bem cumprido. Para que formar um educador compromissado com a construção de um mundo justo? É muito mais cômodo reproduzir na escola a ideologia da elite dominante e do próprio Estado que no Brasil, historicamente sempre esteve a seu serviço.

GHIRALDELLI JÚNIOR diz que "como se vê, agora podemos compreender porque a maior parte da literatura atual sobre a questão da formação de professores não pode colocar a pergunta que, a meu ver, seria a mais importante, a saber: "o bom professor é aquele que melhor ensina ou aquele que melhor ensina de modo que as pessoas sejam mais sensíveis à dor alheia?" (1997, p.25) Segundo ele, a postura de educar crianças e jovens para a sensibilidade à dor alheia, é visto na atualidade como uma peça desajustada.

Como a rede privada não consegue absorver todos os licenciados lançados anualmente no mercado de trabalho, e, em muitos casos quando se empregam na rede privada não conseguem

unesp

ganhar o suficiente para sobreviver, a Rede Pública Oficial de Ensino absorve a maioria desses profissionais, que irão reproduzir entre os filhos dos trabalhadores, o tecnicismo educacional praticado na rede particular, sendo que em certas escolas, os mesmos têm total apoio da direção, que geralmente preferem professores "bonzinhos", no lugar de questionadores.

No entanto, o Estado como maior contratador, conhecendo o problema dá má formação desses docentes, ao invés de cobrar mais qualidade das instituições particulares formadoras, acaba gastando vultuosas quantias de dinheiro público em projetos capacitação, beneficiando por extensão a rede privada que também os emprega e que geralmente não se preocupa com a capacitação do docente. Muitas vezes esses cursos de capacitação acabam surtindo pouco benefício ao processo de ensino e aprendizagem, pois grande parte desses professores tiveram uma formação voltada para o treinamento e adestramento e reagem negativamente a qualquer tipo de proposta que lhes obrigue repensar as técnicas, dinâmicas e métodos tradicionais que utilizam, no desenvolvimento de suas aulas.

Não resta dúvida que o discurso pedagógico tecnicista dominante na atualidade e respaldado pelos princípios do neoliberalismo e da globalização capitalista, através da flexibilização dos currículos e do desprestígio estabelecido contra as ciências humanas está contribuindo com o movimento de despolitização da escola e da sociedade, desencadeado pelo poder hegemônico no decorrer dos anos 90, sobre influência do discurso do pensamento único neoliberal que prega o fim da História, das utopias e da ideologias (obviamente somente a socialista) e que não vale a pena lutar contra a pobreza e a miséria, pois ambas são decorrentes de um processo natural de acúmulo de riqueza. Desta forma, as instituições particulares reproduzem na íntegra a filosofia do referido projeto.

Em razão desta lógica e estratégia do pensamento único neoliberal, tem piorado a cada ano que passa o nível de conhecimento do perfil profissional dos novos professores lançado no mercado de trabalho. Ao ingressar no magistério, uma considerável porcentagem desses profissionais passa a reproduzir o discurso pedagógico tecnicista e conservador. Em certos casos são extremamente individualistas, não primam suas ações em prol do trabalho coletivo, não assumem nenhum compromisso com a escola, são moralistas e seguidores das religiões conservadoras.

Diante destas reflexões feitas por mim anteriormente, como falar de compromisso político, de competência técnica, da construção de uma escola democrática e cidadã e de um ensino de Geografia voltados para a realidade do homem contemporâneo? Mesmo diante deste quadro desanimador, acredito no poder da Educação, pois segundo SAVIANI, "o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a

unesp

humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo." (1992, p.21).

Diante do nobre objetivo da educação descrito por SAVIANI, para superar a lamentável situação, o caminho viável a ser seguido, é buscar a superação, trabalhando o processo de ensino e aprendizagem com compromisso político e competência técnica, numa perspectiva contrária a tecnicista.

Na verdade, para um Geógrafo/Educador compromisso político e competência técnica representam estar atento aos destinos da maioria desprovida dos bens individuais e sociais, necessários para um viver digno, desenvolvendo aquilo que SAVIANI chama de consciência real, indo na direção da consciência possível, procurando articular um projeto educacional e de organização social, desvinculado dos interesses das burguesias. Um projeto de superação que leve em consideração o processo histórico responsável por tal situação.

As reflexões de SAVIANI são extremamentes pertinentes e suscitam, nos educadores comprometidos com a prática de uma educação transformadora e libertadora, profundas reflexões sobre o momento atual da educação brasileira. Diz SAVIANI:

> "a competência técnica é uma das (não a única) formas através das quais se realiza o compromisso político. Isto significa que ela permite (entre outras condições) efetuar a passagem entre o horizonte político (o compromisso político pensado como uma possibilidade delineada no horizonte) e o compromisso político assumido na nossa prática profissional cotidiana. A competência técnica é, pois necessária, embora não suficiente para efetivar na prática o compromisso político assumido teoricamente (...)
>
> Consequentemente, é também pela mediação da competência técnica que se chega ao compromisso político efetivo, concreto, prático real. Na verdade, se a técnica, em termos simples significa a maneira considerada correta de se executar domínio das formas adequadas de agir; é, pois, o saber-fazer. Nesse sentido, ao nos defrontarmos com as camadas trabalhadoras nas escolas não parece razoável supor que seria possível assumirmos o compromisso político que temos para com elas sem sermos competentes na nossa prática educativa. O compromisso político assumido apenas a nível do discurso pode dispensar a competência técnica. Se se trata, porém, de assumi-lo na prática, então não é possível prescindir dela. Sua ausência não apenas neutraliza o compromisso político mas o converte no seu contrário, já que dessa forma estaremos caindo na armadilha da estratégia acionada pela classe dominante que, quando não consegue resistir às pressões das camadas populares pelo acesso à escola, ao mesmo tempo que admite tal acesso esvazia seu conteúdo, sonegando os conhecimentos também (embora não somente) pela mediação da incompetência dos professores." (1992, p.42-43)

unesp

SAVIANI através de suas reflexões deixa claro que, sem a ação conjunta da competência técnica com o compromisso político, o processo educativo não consegue realizar a sua ação transformadora necessária para libertar as camadas populares da ação ideológica imposta pelas classes dominantes, pois segundo ele, o que é mais temido por elas, é a concretização do compromisso político transformador. Esta é uma alerta que temos de levar em consideração no desenvolvimento da nossa ação pedagógica.

Diante da ação expancionista do discurso pedagógico tecnicista atual, do discurso fatalista neoliberal e da falta de compromisso político e de competência técnica de muitos colegas de profissão que "fingem" que dão aulas, SAVIANI dá um importante suporte teórico aos educadores empenhado na construção de um mundo justo, quando sobre o fruto proibido, diz que é preciso "desobedecer, quebrar as regras estabelecidas, ousar comer do fruto da "arvore da ciência do bem e do mal" negando, assim, a inocência paradisiática que reina na escola capitalista. Afirma ele, " utilizo essa simbologia porque ela me parece rica na medida em que permite entender o processo de desvelamento das leis que regem a sociedade capitalista . Nessa tarefa, o educador não necessita começar do zero." (1992, p. 52)

Não tenho dúvidas; as reflexões de SAVIANI evidenciam claramente que quem tem medo da competência técnica e do compromisso político não são as camadas trabalhadoras e nem os intelectuais verdadeiramente empenhados em assumir, de fato, um compromisso político articulado com os interesses das camadas populares. Temem a competência técnica e o compromisso político, a classe dominante e todos aqueles (entre eles muitos professores) que, embora procurem assumir esse tipo de compromisso político, encontram-se ainda sob a influência dominante das teorias educacionais chamadas por SAVIANI de "crítico-reprodutivistas".

Para concluir o raciocínio, digo que os professores "marionetes" dizem que politicamente são "neutros", mas não o são, pelo fato de reproduzirem constantemente a ideologia educacional tecnicista propagada pelo neoliberalismo, assumindo com ela compromisso político, pois para FREIRE, "é impossível pensar a educação de forma neutra é impossível igualmente pensar a valoração que se dê a ela neutralmente." (1993, p. 41)

Neste limiar de século XXI, repleto de transformações decorrentes da globalização capitalista e das novas tecnologias da terceira revolução industrial, científica e tecnológica, compromisso político e competência técnica são condições primordiais para qualquer educador que queira instrumentalizar seus educandos com conhecimentos necessários para decodificar as

unesp

manobras estratégicas, o discurso manipulador hegemônico e desqualificador, propagado pelo projeto educacional neoliberal.

Hoje mais do que nunca, se faz necessário que o Geógrafo/Educador conheça com profundidade os problemas e desafios enfrentado no dia-a-dia pela sociedade, buscando sempre "o novo" com ousadia, colaborando desta forma com a construção de uma escola onde o aprender acrítico, proposto pelo neoliberalismo, seja substituído por uma educação investigadora, libertadora e transformadora, capaz de propiciar aos educandos, uma formação ampla, autônoma e crítica, isto é, transformá-los em cidadãos contemporâneos de nossa época.

Na seqüência, será preciso mostrar a viabilidade da Geografia Cidadã e a contribuição que o Geógrafo/Educador, munido de competência técnica e compromisso político, poderá oferecer na construção de um mundo onde os seres humanos possam ter acesso a moradia, a educação e saúde de qualidade, trabalho e lazer, condições básicas de sobrevivência necessárias para que qualquer pessoa possa viver dignamente.

2 - GEOGRAFIA CIDADÃ E A DEFESA DE VALORES FUNDAMENTAIS: A GEOGRAFIA PARA UM MUNDO JUSTO E HUMANO

No primeiro capítulo, trabalhei sobre um mundo que se transforma. No segundo, o neoliberalismo, a globalização da economia capitalista, as novas tecnologias da terceira revolução industrial, a produção flexível e a qualidade total toyotista.

Neste, discorreremos sobre as possíveis contribuições do ensino de Geografia numa concepção cidadã, como garantia para a construção e a manutenção da cidadania plena, da preservação e respeito as diferenças, da identidade, das diversas manifestações culturais da miscigenada população que compõem a nação brasileira e o respeito às maiorias discriminadas (mulheres, crianças, velhos, negros, indígenas e trabalhadores). Valores que devem ser difundidos, pois são fundamentais para a construção de um país desenvolvido, moderno e justo e no quarto capítulo, o papel da Educação-ensino de geografia, perante a globalização capitalista e a exclusão calculada..

Num mundo marcado por um profundo processo de transformação decorrente da reestruturação capitalista e de seu mais recente e moderno estágio tecnológico, as transformações mais visíveis estão relacionadas com o homem como ser social e com o espaço geográfico, fruto das atividades desenvolvidas pela humanidade, através da aplicação dos mais

unesp

diversos tipos de técnicas, e principalmente pelo trabalho, elemento concretizador da ação humana.

Perante tal situação, será que nada do que está acontecendo no mundo tem relação com a Geografia? Será que o ensino de Geografia não poderia colaborar com a decodificação das manobras realizadas pela globalização capitalista?

Com intuito de demonstrar que a Geografia enquanto ciência e disciplina poderá contribuir em muito para desmistificação do senso comum, construído pelo capitalismo hegemônico para manter a sua atual estrutura intocável; mesmo diante do assustador aumento da exclusão social, é que faço a seguinte pergunta:

Como o ensino de Geografia deverá encarar o paradigma de mundo que estamos vivenciando? Qual Geografia devemos ensinar? A Geografia que segundo Milton SANTOS, manipula o meio técnico-científico e informacional para transformar o espaço dentro de seu projeto de acumular mais riquezas e comandar cada vez mais os destinos dos seres humanos, de acordo com os interesses escusos do capitalismo, em sua fase de globalização e das corporações transnacionais? Ou a Geografia que busca investigar, decodificar e desmascarar a padronização e a alienação impostas pelo o capitalismo neste limiar de século XXI?

Fico com a segunda opção e busco no Geógrafo Milton SANTOS, o suporte intelectual, metodológico e prático necessário para trabalhar a concepção de ensino de Geografia, chamada por ele de Geografia Cidadã.

O que é na verdade a Geografia Cidadã? Para responder a esta questão, SANTOS faz duas perguntas: Por uma Geografia Cidadã. Por que uma Geografia Cidadã?

Como primeira observação SANTOS diz

> "que a cidadania se dá segundo diversos níveis. Sobretudo neste país, todos não são igualmente cidadãos, havendo os que nem são cidadãos e havendo os que não querem ser cidadãos, aqueles que buscam privilégios e não direitos.
>
> Duas questões aqui se colocam do ponto de vista da nossa disciplina: a primeira é como ajudar construir a Geografia através da idéia de cidadania e a segunda é como construir a Geografia através da idéia da cidadania, tarefas inseparáveis. O que seria esta geografia do cidadão? Seria uma geografia engajada? Cabe conversar um pouco sobre essa palavra. Quando utilizamos a expressão "geografia engajada", estaremos falando de uma geografia engajada a priori, decidida a encetar a tarefa da crítica, mesmo antes de concluir a tarefa da análise. Mas isto pode ser apenas uma geografia com um discurso vazio e vadio, incapaz de oferecer aqueles instrumentos analíticos de que necessitamos para enfrentar a dura tarefa de interpretar a realidade social". (1996, p. 7-8)

SANTOS aprofunda suas reflexões sobre a questão da Geografia Cidadã dizendo que:

> O ensino de Geografia deve ser um exercício na produção da cidadania, pois o espaço geográfico retrata a realização da sociedade. Quando explico aos meus alunos seja de qualquer nível de ensino, o que é o espaço, estou explicando a sociedade, mostrando por conseguinte como as relações sociais se cristalizam, e como elas apesar de se darem de forma cristalizada também se dão de forma dinâmica. Acho que o papel do aprendizado para a cidadania é central no trabalho do geógrafo e pode ser fundamental no ensino de Geografia tanto no nível de primeiro e segundo graus, como no superior. Então a filosofia geral, creio que seria dentro da idéia da cidadania a da Geografia Cidadã. (1996, p.07)

Como podemos observar, a Geografia Cidadã defendida por Milton SANTOS permite uma constante interação entre educadores e educandos, onde cada um procura absorver num processo mútuo e contínuo, os conhecimentos e as experiências de vida trazidas por ambos, instrumentalizando desta forma os indivíduos no decorrer do processo de ensino e aprendizagem com habilidades e conhecimentos que os levem à reflexão, à análise, a interpretação e ao entendimentos sobre os acontecimentos e transformações que ocorrem no dia-a-dia, estudando e entendendo o contexto geográfico com um todo, isto é, mostrando que a Geografia tanto como ciência quanto como disciplina tem de estar inserida e não dissociada do cotidiano dos seres humanos.

Para SANTOS,

> "O cotidiano supõe o passado como herança. O cotidiano supõe o futuro como projeto. O presente é esta estreita nesga entre o passado e o futuro, que oferece margem para todas as nossas esperanças, exatamente porque ainda não existe. É a base do fato é que cada um de nós são dois, oscilando entre a necessidade e a liberdade, entre o que somos e o que queremos ser, entre a dificuldade de afirmação diante das situações e a crença de que podemos ser outra coisa e de que podemos construir outra coisa. Esse duplo homem e duplo cotidiano nos remetem de volta às relações de corporeidade, individualidade. socialidade e espacialidade." (1996, p. 10)

É diante do cotidiano descrito por SANTOS, que o embate entre o ensino da Geografia Tradicional que sempre esteve a serviço dos interesses da camada dominante e o ensino da Geografia Cidadã, compromissada com os destinos das camadas populares, deverá estar constantemente presente na luta travada pelos educadores comprometidos com os interesses da maioria, contra os educadores que compactuam com as artimanhas impostas nas escolas pelas estâncias superiores que dirigem o ensino público no país

Como frisamos, por várias vezes, as reformas introduzidas recentemente na Educação Nacional, estão seguindo à risca a política educacional neoliberal imposta a partir dos anos 90, pelo Banco Mundial e FMI, aos países chamados "emergentes", implantando entre outras coisas, parâmetros tipo PCNs (modelo pedagógico desenvolvido na Espanha pelo Educador

unesp

espanhol César Coll, especialmente para o Banco Mundial), que objetivam direcionar numa única linha a educação a ser seguida pela escolas públicas de todo o país, desarticulando ou tolhendo a implantação de práticas pedagógicas progressistas e inovadoras.

Segundo a crítica ao processo de elaboração dos Parâmetros Curriculares elaborada pela Comissão Nacional de Ensino da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), da Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990 na cidade de Jpmtien, na Tailândia, pela UNESCO, UNICEF, PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento das Nações Unidas) e Banco Mundial,

> "resultaram posições consensuais na luta pela satisfação das necessidades básicas de aprendizagem para todos, capazes de tornar universal a educação fundamental e de ampliar as oportunidades de aprendizagem para crianças, jovens e adultos.
>
> Diante de tal compromisso assumido internacionalmente, o governo brasileiro através do Ministério da Educação e do Desporto coordenou a elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003), concebido como um conjunto de diretrizes políticas em contínuo processo de negociação, voltado para a recuperação da escola fundamental do país, a partir do compromisso com a equidade e com o incremento da qualidade, como também com a constante avaliação dos sistemas escolares visando o seu contínuo aprimoramento.
>
> O Plano Decenal de Educação, com consonância com o que estabelece a Constituição de 1988, afirma a necessidade e a obrigação do Estado elaborar parâmetros claros no campo curricular, capazes de orientar as ações educativas do ensino obrigatório, de forma a adequá-lo aos ideais democráticos e à busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras." (1998, p. 4)

Para se ter uma idéia, a palavra "parâmetro" origina-se de: para - ao lado de, e de metro - medida. Ou seja, nela está subjacente a idéia de constituição de um instrumental de medida e, paralelamente, de verificação, controle, aferição.

Numa educação verdadeiramente democrática, os conteúdos não podem ser decididos fora do âmbito didático e por agentes externos à instituição escolar. A concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais ao ignorar as bases (não deu ouvidos aos professores da educação básica) torna-se prática autoritária que, delega para as escolas apenas as decisões relativas a execução, adaptações e variações do que já fora concebido pelo poder central.

A reforma curricular do ensino fundamental demonstra uma descabida obediência às políticas do Banco Mundial, que entende por currículo o rol de conteúdos, e conteúdos, por sua vez, como disciplina; dissociando conteúdo de método, privilegiando os primeiros. Trata-se de uma visão academicista e teoricista, baseada no ensino tradicional e na mera transmissão de informações. É, nesse sentido, uma postura elitista e centralizadora, que não consulta nem

unesp

incentiva a participação dos agentes envolvidos na ação educativa. Considera os professores e alunos como meros receptores e executores passivos. Ignora as reais condições do magistério e não leva em conta a experiência, conhecimentos, inquietudes e dificuldades próprias do cotidiano do professor, deslegitimando-o como produtor de saber.

Tanto nos PCNs de 1ª a 4ª séries quanto nos de 5ª a 8ª séries, a Geografia Crítica de origem marxista e a Tradicional, são taxadas como ineficientes, ultrapassadas e panfletária (no caso da crítica) e "substituídas" por uma Geografia denominada de "humanista" que, travestida por um verniz "progressista", camufla as reais intenções das políticas neoliberais em relação à Geografia a ser "ensinada" aos filhos das camadas populares.

A tentativa dos PCNs em negligenciar a ação da Geografia Tradicional e a Geografia Crítica fica evidente quando, tratando da questão do estudo da relação homem e natureza, coloca-se as duas concepções geográficas num mesmo nível. Vejam como este assunto é tratado pelos PCNs: "tanto a Geografia Tradicional quanto a Geografia Crítica Marxista ortodoxa negligenciaram a relação do homem e da sociedade com a natureza em sua dimensão sensível de percepção do mundo: o cientificismo positivista da Geografia Tradicional, por negar ao homem a possibilidade de um conhecimento que passasse pela subjetividade do imaginário; o marxismo ortodoxo, por tachar de idealismo alienante qualquer explicação subjetiva e afetiva da relação da sociedade com a natureza" (PCNs, 1997, p. 105).

No entanto, a visão dos PCNs em relação à questão homem e natureza, praticamente em nada se diferencia da visão defendida pela Geografia Tradicional e, ainda mais, a sua opção neoliberal fica evidente quando ela prioriza o estudo da natureza enquanto elemento dissociado do homem, pois o homem não é entendido ou considerado enquanto natureza. Essa se restringe-se às paisagens físicas.

A responsabilização dos indivíduos é tida como condição para solução ou amenização dos problemas ambientais. Sobre os indivíduos cai a culpa da degradação, isentando os principais agentes que são os grandes grupos industriais nacionais, as corporações transnacionais, os países desenvolvidos e a política que adotam em relação aos países subdesenvolvidos no tocante a produção, na exploração irracional, irresponsável e irresponsabilizada. Não se questiona a manutenção dos elevados índices de pobreza absoluta enquanto causa da degradação da natureza.

A má intenção dos PCNs não pára por aqui. Na página 63 (volume 5 – História e Geografia) o texto referente aos eixos temáticos diz que "compreender a paisagem enfocando o tema da água remete-nos, necessariamente, ao estudo de como estruturamos nossas vidas em relação a este recurso, como cuidamos dos nossos mananciais...".

unesp

Os alunos mais uma vez, são levados a se responsabilizarem pela questão da manutenção dos recursos, quando sabemos que a exploração predatória e impensada, que afeta o equilíbrio natural não é responsabilidade das práticas individuais e coletivas mas dos atos do interesse do grande capital. O Estado e as empresas são dessa forma mais uma vez isentados da grande responsabilidade que possuem.

Como podemos observar, são muitas as más intenções dos PCNs, e uma delas não poderíamos deixar de citá-la: a vergonhosa camuflagem feita, visando não mostrar a professores e educandos, que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais antagônicas, com diferenças sócio-econômicas e culturais gritantes, objetivando manter o "status quo" atual, que favorece somente os interesses das elites brasileiras, dos países ricos e das corporações transnacionais..

Diante de tamanha incoerência pergunto: Será que num passe de mágica a política econômica neoliberal acabou com as desigualdades sociais, com a pobreza, miséria, fome, indigência, violência, analfabetismo, corrupção, concentração de riqueza e com os conflitos sociais, principalmente com os sem-terra e sem teto? Será que estamos vivendo no país da Alice e das mil e uma maravilhas e ainda não sabemos?

O quadro descrito acima, referente ao ensino de Geografia proposto pelos PCNs, reforça a nossa tese, que somente com a prática de um ensino de Geografia baseado na concepção Cidadã miltoniana e a construção de uma escola pública popular contemporânea, democrática e laica, poderemos instrumentalizar os indivíduos com conhecimentos da realidade cotidiana do mundo contemporâneo, preparando-os para a construção da cidadania.

A prática da Geografia Cidadã, tanto de forma individual quanto numa ação interdisciplinar com outras disciplinas que compõem a grade curricular das escolas, é vital para que possamos fazer com que a sociedade, como um todo, tenha condições de lutar para mudar o rumo do Brasil, que em pleno limiar do século XXI, ainda exclui a maioria de seus filhos.

Ao trilharmos por este caminho, podemos dizer que a Geografia tem condições de acompanhar o ritmo de um mundo "novo", dando conta das mudanças e das transformações da atualidade, podendo também auxiliar nesta empreitada, outras áreas do conhecimento humano.

A prática da Geografia Cidadã é de fundamental importância para enfrentarmos a chamada Geografia Tradicional, que se encontra travestida como "Humanística", nos PCNs.

Ao dar conta das mudanças e transformações do mundo de hoje, a Geografia Cidadã em muito contribuirá para a modernização da Escola Pública, priorizando uma formação inserida na nova lógica da produção globalizada, mas dando também ênfase ao estudo da realidade cotidiana, formando indivíduos críticos, isto é, cidadãos contemporâneos de nossa época.

unesp

Condição que julgamos ser o papel a ser desempenhado pela escola e pela educação, perante os interesses da sociedade como um todo.

A Geografia trabalhada numa concepção Cidadã que não dicotomiza o conhecimento do físico e do humano, prima pela prática de um ensino que trabalha com os grandes acontecimentos da realidade, acompanhando o nosso dia-a-dia, considerando os valores culturais do homem comum e tendo a preocupação de entender o conhecimento do todo geográfico, no decorrer de seu contexto histórico; centrado numa visão crítica de mundo, enfatizando a ocupação e transformação do espaço através do uso da técnica e da apropriação do conhecimento, que para MOREIRA é "uma Geografia que olhando para a diversidade, o homem busca nela um ponto de referência. Uma Geografia que lê o mundo, através das suas paisagens" (MOREIRA, 1997, p. 4)

A Geografia Cidadã, tanto como ciência quanto disciplina, tem toda as condições para dar conta das mudanças e transformações que estão ocorrendo no mundo de hoje, pois seu objetivo é o de acompanhar a mobilidade dos acontecimentos, mostrando aos educandos todos os estereótipos produzidos pela sociedade no seio do capitalismo globalizado, através de seu aparelho ideológico e de seus meios de produção, apropriação e concentração de riqueza.

Sem sombra de dúvida é uma proposta de ensino que coloca a Geografia Cidadã como antagônica à Geografia Tradicional, dos PCNs e dos livros didáticos usados pela maioria dos professores das escolas públicas e particulares e pela Geografia sem rumo das apostilas e livretos, feitos geralmente através de colagem de livros didáticos e paradidáticos, sem menção das fontes, utilizada por inúmeros cursinhos existentes em todo Brasil. Uma Geografia onde o conhecimento geográfico é passado de forma estática e sem lógica da realidade, reproduzindo "o espaço geográfico construído pelo capital monopolista que dimensiona a alienação do trabalho e do homem numa escala que vai do indivíduo à bola planetária" (MOREIRA, 1985, p.107).

A prática da Geografia Cidadã além de dinamizar o trabalho docente na sala de aula, contribui somando forças para que possamos construir uma escola democrática, atualizada e centrada nos princípios da Educação Pública Popular. Uma escola concebida por uma educação investigadora, questionadora e libertadora, capacitada para atender aos filhos das camadas populares quantitativamente e qualitativamente, contrapondo-se a ideologia fatalista neoliberal.

A Geografia Cidadã segundo Milton SANTOS "é uma Geografia feita pelo homem da rua, no seu dia-a-dia, que então seria o resultado e um contato de um não-especialista com o seu espaço, o espaço de vida que ele freqüenta ocasionalmente". (1996, p.06)

unesp

O educador Paulo FREIRE, em seu livro "*Pedagogia da Autonomia*", demonstra sua indignação contra a ideologia fatalista neoliberal e reforça a prática da Geografia Cidadã contra a Geografia Tradicional ao dizer que:

> O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. A radicalidade desta exigência é tal que não deveríamos necessitar sequer de insistir na formação ética do ser ao falar de sua preparação técnica e científica. É fundamental insistirmos nela precisamente porque, inacabados mas conscientes do inacabamento, seres da opção, da decisão, éticos, podemos negar ou trair a própria ética. O educador que, ensinando Geografia, "castra" a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica. Tal qual quem assume a ideologia fatalista embutida no discurso neoliberal..., e aplicada preponderantemente às situações em que o paciente são as classes populares. "Não há o que fazer, o desemprego é uma fatalidade do fim do século".
>
> A "andarilhagem" gulosa dos trilhões de dólares que, no mercado financeiro, "voam" de um lugar a outro com a rapidez dos faxes, à procura insaciável de mais lucro, não é tratada como fatalidade. Não são as classes populares os objetivos imediatos de sua malvadez. Fala-se, por isso, da necessidades de disciplinar a "andarilhagem" dos dólares.
>
> No caso da reforma agrária entre nós, a disciplina de que se precisa, segundo os donos do mundo, é a que amacie, a custo de qualquer meio, os turbulentos e arruaceiros "sem-terra". A reforma agrária tampouco vira fatalidade. Sua necessidade é uma invencionice absurda de falsos brasileiros, proclamam os cobiçosos senhores das terras. (FREIRE, 1998, p.62-63)

A palavras de FREIRE demostram que a Geografia, ao ser trabalhada numa concepção Cidadã, tem condições de acompanhar as transformações do mundo atual e de contribuir com a busca de alternativas que tenham forças para se opor ao projeto de educação neoliberal que apenas prioriza o aprender pelo aprender mecânico, adestrando os seres humanos dentro dos interesses do perfil profissional, concebido pelo capitalismo globalizado.

A carência de informação predominante entre a maioria dos brasileiros sobre o seu cotidiano é nítida, pois muitos trabalhadores ao ficarem desempregados, dizem que estão nesta situação por não terem buscado o aprendizado de novas habilidades, tornando-os desqualificados perante o novo ritmo de produção imposto pelas novas tecnologias.

Ao invés de questionarem e criticarem a ineficiência do modelo econômico vigente, como já falamos anteriormente, esses trabalhadores se auto-criticam, se culpabilizam achando que são ineficientes e culpados por tudo o que está acontecendo, embutindo de maneira impensada, o discurso propagado pela mídia que o desemprego é uma fatalidade deste final de século,

unesp

assumindo segundo Paulo FREIRE "a ideologia fatalista embutida no discurso neoliberal". (1997, p.114)

Diante dos aspectos da nova conjuntura mundial que até agora analisamos, percebemos que as pessoas das camadas populares terão de ter uma formação para a vida, onde o aprender centrado sobre os princípios do aprender pelo aprender defendido pelos neoliberais, tem de ser substituído por um aprender com dimensões amplas, onde o processo de ensino e aprendizagem possa ser realizado com intensa troca de conhecimentos e experiências, fundamentais para formação e qualificação profissional dos indivíduos e para a construção da cidadania plena. Um processo de ensino e aprendizagem amplo, capacitado para sobrepor o aprender pelo aprender meramente mecânico dos neoliberais, que visa apenas treinar os indivíduos para certas habilidades

A mudança de rumo na economia nacional e internacional, juntamente com a construção de uma escola capaz de propiciar uma ampla formação aos seres humanos são cruciais na luta para a superação da exclusão neste final de século pois, o atual processo de reestruturação produtiva imposta pela globalização econômica e pelas novas tecnologias, estão fechando as portas das empresas, tanto no mundo desenvolvido quanto no subdesenvolvido para a mão-de-obra que dizem não ser qualificada, principalmente em virtude da expansão da automatização da produção.

Além do mais, as novas tecnologias gestadas pela Terceira Revolução Industrial Científica e Tecnológica, comandadas pela microeletrônica, informática, robótica, cibernética e telecomunicações, estão introduzindo nas empresas mecanismos tais como a reengenharia, a flexibilização, o "just-in-time", entre outros, decorrentes de novos sistema de gestão do mundo do trabalho e da produção, como por exemplo o Toyotismo, que acabam desempregando até mesmo a mão-de-obra que dizem ser qualificada.

O toyotismo como novo modelo de gestão, novos sistemas de gestão do mundo do trabalho e da produção, prega a qualificação contínua da mão-de-obra, cobrando também mais polivalência. Diante de tal fato e do agravamento do desemprego e da crise social, os atores desta nova lógica do mundo da produção e do trabalho dizem constantemente, que a Escola, a Educação, são uma das armas para que o trabalhador possa melhorar a sua qualificação profissional, instrumentalizando-o a lutar pela a sua permanência no emprego ou na busca de um outro, uma estratégia utilizada para desmobilizar a classe trabalhadora, ferindo os princípios da cidadania.

Por esta e outras razões, tenho convicção que é a Geografia como disciplina ao ser trabalhada na sala de aula, numa concepção cidadã, tem competência para instrumentalizar os

unesp

indivíduos com conhecimentos necessários para que possam decodificarem o que está por de trás das profundas mudanças que estão ocorrendo na atualidade.

Segundo Milton SANTOS (1996) há duas formas de ver a Geografia Cidadã:

A primeira seria a feita pelo homem da rua, no seu dia-a-dia, que então seria o resultado e um contato de um não especialista com seu espaço, o espaço de vida que ele freqüenta ocasionalmente.

A segunda Geografia Cidadã seria produzida por especialistas e transmitida por educadores e aí creio que poderá haver uma oposição nítida entre a Geografia Cidadã e a Geografia dos "Experts".

O "expert" segundo SANTOS, não é uma pessoa que sabe as coisas, ele se encontra com a realidade já com as respostas. Santos continua seu raciocínio dizendo que o "expert", quase por definição, tem limitações de método porque está a serviço de alguém, o que reduz o seu escopo porque ele quer também um resultado que deve apresentar num prazo determinado, e seu escopo é, por conseguinte, o seu achado que também é limitado. Seu compromisso é com os resultados que lhe pedem e não é com o problema em si. Este é o problema da Geografia dos "Experts", pois o "expert" é enviado para encontrar uma resposta; ele vai viabilizar esta resposta, o que quer dizer que pode haver "experts" cidadãos. Se lhe dizem que esta não é a resposta, então ele vai procurar outras.

Ainda segundo SANTOS, a Geografia Cidadã parte de valores, uma palavra que a gente não pronuncia mais porque está riscada do panorama intelectual. Para ele, o que devemos procurar são valores. Se temos um conjunto de valores que desejamos ver triunfar, por conseguinte os mesmos tem a haver com o homem em sua plenitude; É daí que temos que partir.

A viabilidade é um trabalho dos "experts", a viabilidade é um trabalho deste ou daquele político, partido político. O nosso trabalho é o de partir sempre de valores, o bem público, a solidariedade social, uma boa convivência humana. Só assim podemos fazer uma ciência cidadã, pois para SANTOS, a ciência sendo ciência, é comprometida, e por conseguinte é militante. A militância da ciência vem de seu compromisso com valores.

Para o educador Dermeval SAVIANI (1996), os valores da educação "indicam as expectativas, as aspirações que caracterizam o homem em seu esforço de transcender-se a si mesmo e à sua situação histórica; como tal, marcam aquilo que dever ser em contraposição àquilo que é, enquanto que a valoração é o próprio esforço do homem em transformar o que é naquilo que deve ser. Valores e valoração estão intimamente relacionados; sem os valores, a

valoração seria destituída de sentido; mas, em contrapartida, sem a valoração os valores não existiriam.

Segundo SAVIANI,

> "Indicando-nos aquilo que deve ser, os valores nos colocam diante do problema dos objetivos. Com efeito, um objetivo é exatamente aquilo que ainda não foi alcançado, mas que deve ser alcançado. A partir da valoração é possível definir objetivos para a educação. Considerando-se que a educação visa a promoção do homem, são as necessidades humanas que irão determinar os objetivos educacionais. Essas necessidades devem ser consideradas em concreto, pois a ação educativa será sempre desenvolvida num contexto existencial concreto.
>
> Os objetivos indicam os alvos da ação. Constituem, como lembra o nome, a objetivação da valoração e dos valores. Poderíamos, pois, dizer que se a valoração é o próprio esforço do homem em transformar o que é naquilo que deve ser, os objetivos sintetizam o esforço do homem em transformar o que deve ser naquilo que é." (1996, p. 39)

Analisando as reflexões de SAVIANI sobre valores e objetivo da educação, temos a certeza que a Geografia Cidadã tem condições de contribuir na defesa de valores fundamentais tais como o bem público, os culturais, a solidariedade social, a universalização da educação, entre tantos outros, necessários para uma boa convivência humana e consequentemente para a construção de um mundo digno de justiça.

Assim como a Educação Pública Popular, a Geografia Cidadã exige do Geógrafo/Educador conhecimentos técnicos e científicos e compromisso político, tão necessários no desenvolvimento de projeto de transformação social. Esses instrumentos reforçam o papel da Geografia Cidadã como uma ciência e disciplina comprometida com a formação do povo em geral, contribuindo para a construção de uma escola libertadora; uma Geografia credenciada para acompanhar as mudanças e transformações do mundo atual, onde o espaço geográfico sofre alterações e mutações a cada nova tecnologia gerada pelo meio técnico-científico e informacional.

3-A FUNÇÃO LIBERTADORA DO GEÓGRAFO/EDUCADOR: UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Com objetivo de concluir as reflexões do quarto capítulo de **"Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Calculada - Reflexões Sobre o Ensino de Geografia"**, vou procurar evidenciar, que um Geógrafo/Educador de origem humilde ao primar pela defesa dos

interesses de suas origens, considerando a sua própria história de vida e, apoiado por experiências, metodologias e práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas com base numa Educação Pública Popular libertadora e transformadora, é possível, mesmo diante do discurso único e desarticulador do projeto de educação neoliberal e da globalização, desenvolver um ensino de Geografia capaz instrumentalizar os educandos com conhecimentos sobre a realidade cotidiana de mundo.

Pretendo demonstrar que um Geógrafo/Educador trabalhando com a Geografia Cidadã com compromisso político e competência técnica, é capaz de usufruir e disponibilizar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias (principalmente vídeo e computador), a serviço de uma prática educacional libertadora, universalizando-a para todos os seres humanos, contrapondo com os ideais neoliberais que vêem a educação como uma mercadoria a mais ser disponibilizada no mercado.

A ingerência estrangeira sobre o país é histórica, mas a Ditadura Militar ao assumir o comando político do país em 1964, atrelou em definitivo os rumos da nação aos interesses do capitalismo internacional, apoiando-se na política de desenvolvimento interno a custas de financiamentos externos, culminando com a origem do "milagre econômico", projeto que tentou vender para toda população, uma falsa idéia de desenvolvimento econômico. Na verdade, o milagre favoreceu exclusivamente as elites e setores da classe média, que passaram a apoiar incondicionalmente a Ditadura Militar.

Como historicamente os bons momentos de nossa economia sempre foram fictícios, o Brasil do Ame-o ou Deixe-o, vai assistir o naufrágio do "Milagre" Econômico da Ditadura Militar, com a eclosão da Crise do Petróleo de 1973. A alta nos preços do petróleo ao abalar a economia mundial, atinge em cheio a frágil economia brasileira; os juros internacionais se elevaram a patamares muitos altos, bem como a dívida externa brasileira e assim, o falso paraíso proporcionado pelo "milagre" se desfaz como num passe de mágica.

As medidas de impacto adotadas pelos militares na tentativa de combater o rombo decorrente do aumento abrupto dos juros internacionais e da dívida externa, foram os cortes nos gastos públicos e o incentivo às exportações de bens industrializados e do setor primário.

Entre os setores beneficiados com a política de incentivos à exportação estava em alguns ramos industriais (principalmente o siderúrgico e metalúrgico) e do setor primário (extração de madeira, minério de ferro e produtos agropecuários).

No setor agropecuário, os maiores beneficiados foram principalmente os grandes criadores de gado de corte e os grandes produtores de soja, cultura que naquele período estava em pleno processo de expansão, indo Sul rumo ao Centro-Oeste do país.

unesp

Através do projeto de incentivos fiscais instituído no final dos anos 60, esses grandes latifundiários passaram a ter acesso a linhas de créditos com juros especiais ou até mesmo recursos a fundo perdido, para produzirem carne e soja destinadas à exportação. O negócio era tão vantajoso que empresários do Centro-Sul do país que não tinham conhecimento algum sobre a agropecuária, entraram no ramo, dando origem ao escândalo dos incentivos fiscais.

Assim, depois do café que da segunda metade do século XIX até nos anos 30 deste século, fora o principal produto das exportações brasileiras, a soja e a carne mesmo com o processo de industrialização do país se encontrando num estágio significativamente elevado, ganham notoriedade entre os principais produtos de exportação da nação brasileira.

A pecuária de corte extensiva tradicionalmente já ocupava grandes extensões de terras, mas a soja vai ser a grande novidade.

Introduzida inicialmente pelas corporações transnacionais Bunge & Born, Cargil e Anderson Clayton no Rio Grande do Sul, Estado de clima temperado, graças a constantes modificações genéticas, surgiram novas variedades que permitiram a sua expansão trópico acima. A Rota da soja iniciada no Rio Grande de Sul, na atualidade extrapolou os limites do território nacional, pois há brasileiros cultivando-a em grandes extensões de terras da Amazônia boliviana e do vale do rio Magdalena na Venezuela (regiões de clima equatorial).

Como acontece com toda grande monocultura na atualidade, a expansão do cultivo da soja do Sul para as demais regiões brasileiras, fora sendo acompanhada por um intenso processo de mecanização, inviabilizando o seu cultivo entre os pequenos produtores. Juntamente com sua expansão ocorreu o aumento da concentração fundiária, dos danos ambientais causados pelo uso de adubos químicos, de inseticidas, de fungicidas e das mais variadas substâncias tóxicas, a criação de trabalhadores rurais temporários e periferias pobres nas cidades que entraram na rota expansionista da soja.

Assim, a soja foi eliminando milhares de pequenas propriedades, principalmente nos Estados da Região Sul. Na região Centro-Oeste passou a ocupar grandes áreas de pastagens nativas, antes utilizada para a prática da pecuária extensiva, destruindo grandes extensões de vegetação de cerrado e trazendo inúmeros danos ambientais.

Sobre a interferência dos países ricos das corporações transnacionais na agricultura dos países pobres, MARTIN diz:

> "Em meados da década de setenta, documentos secretos que mais tarde viriam a público - elaborados por estrategistas da CIA - já anunciavam: os alimentos seriam a verdadeira arma na decisão das guerras do futuro. Anos depois, já em 1974, um documento da Comissão Trilateral afirmava que a

> base do crescimento do produto mundial bruto dos próximos anos se radicaria na expansão do setor agrícola. O documento da CIA dizia ainda que a Nação ou o grupo de nações que controlasse o mercado mundial de alimentos teria nas mãos um poder de barganha fundamental sobre a evolução política do planeta.
>
> A lógica agrícola num mundo de esferas de poder hipertrofiadas, deveria ser arrancada a qualquer custo das mãos de chefes rurais de mentalidade arcaica. Definia-se a transferência do poder para as mãos do capital industrial e financeiro.
>
> Sobre esta visão foram sendo montadas as estratégias para a manutenção do equilíbrio de poder e dos lucros do mundo capitalista ocidental. O ponto central destas estratégias previa a implantação de modelos monocultores e dependentes nos países produtores periféricos e o controle de tecnologia e comercialização pelos países centrais. Lançando mão do estoque tecnológico acumulado no pós-guerra, os EUA deflagraram a execução deste projeto de poder, que mais tarde seria conhecido pelo nome de Revolução Verde". (1985, p. 17)

O Brasil, foi um dos países periféricos que aderiram ao projeto de dominação imposto pelo EUA. Assim, a expansão da cultura da soja é um exemplo da influência da chamada Revolução Verde sobre a nação, pois com o propósito de aumentar as exportações para "equilibrar" as finanças externas do país, na assinatura de inúmeros acordos para a liberalização de recursos para financiar projetos de expansão da agricultura monocultora destinada à exportação, o Brasil foi obrigado a comprar grandes quantidades de fertilizantes químicos e venenos dos EUA.

Com a implantação do Proálcool em 1975, juntamente com a soja, a cana-de-açúcar destinada à produção de álcool, vai selar o destino da agricultura produtora de produtos básicos como o arroz, feijão, milho e mandioca, desenvolvida principalmente entre os pequenos e médios produtores rurais.

A opção governamental em incentivar as grandes culturas destinadas as exportações, "necessárias" para aumentar as divisas externas do país, aliada à alta da inflação e dos juros no mercado interno decorrente da elevação dos juros internacionais e da dívida externa, vai quase que totalmente, inviabilizar a pequena e média propriedade rural, produtoras dos alimentos básicos destinados ao consumo interno.

Entre os anos 70 e 80 por exemplo, somente no Estado do Paraná desapareceram 45% do total dessas propriedades. Para compensar a queda na produção dos chamados alimentos básicos, a solução encontrada pelo o governo, foi a de importá-los de outros países; uma vergonha para um país que possui 93% de seu território de dimensão continental apto para a prática agrícola.

unesp

Como filho de camponês assisti os efeitos desta política, assistindo o desaparecimento de inúmeras pequenas e médias propriedades rurais. Nasci e vivi uma parcela de minha infância na região de confluência norte do Vale do Paranapanema, área com solo de terra roxa classificado pela FAO/ONU entre uns dos mais férteis do mundo. Meu pai, que por muito tempo trabalhou como colono em fazendas no cultivo do café e da alfafa, conseguira com muito esforço um pequeno sítio de 5 alqueires, localizado na linha de fronteira entre os municípios de Santa Cruz do Rio Pardo e São Pedro do Turvo. No bairro da Água das Perobas onde morávamos e no bairro Tarumã, localizado no município vizinho de São Pedro do Turvo, éramos aproximadamente 50 famílias de pequenos e médios agricultores. Hoje, passados 25 anos, restam menos de 20 famílias.

A crise que atingiu bruscamente a pequena e média propriedade agrícola, para favorecer a expansão das grandes propriedades, expulsou milhares de ex-proprietários para a cidade ou para outras regiões onde as terras ainda eram mais baratas.

Meu pai por exemplo, vendeu a sua pequena extensão que tinha e migrou para região de cerrado. Devido à baixa fertilidade do solo e por ser uma área a ser desbravada, com pouco dinheiro, ele conseguiu comprar uma porção de terra mais extensa, tornando-se assim, proprietário de terra de cerrado no município de Ubirajara, um dos únicos do Estado de São Paulo a contar com uma única e precária ligação asfáltica até o ano de 1999, quando foi inaugurada a segunda via, ligando este município com o de Alvinlândia.

Entretanto, a maior extensão territorial da nova propriedade não significou nos primeiros 10 anos subseqüente, melhores condições de vida, pois apenas uma pequena parte era desbravada e como não tínhamos dinheiro, fomos desbravando o restante aos pouco; processo que só conseguimos concluir no ano de 1986, quase 20 anos depois de seu início. O ano de 1986 foi muito marcante, pois conseguimos pela primeira vez em nossas vidas ter acesso à energia elétrica e a equipamentos tais como: geladeira, televisão, entre outros e também darmos início à construção a uma casa de alvenaria.

No entanto, as dificuldades não paravam por aí. Enquanto na terra roxa cultivávamos o milho, o arroz, o feijão e a alfafa sem precisar usar fertilizantes e criávamos gado sem a necessidade de suplementos minerais. Agora, devido à baixa fertilidade do solo de cerrado era necessário recorrer ao calcário e a quantias consideráveis de fertilizantes químicos, encarecendo sobremaneira o custo da produção.

Muda-se então radicalmente os hábitos, pois para sobreviver satisfatoriamente era necessário diversificar a produção, baixar os custos para tentar aumentar a lucratividade já que os preços dos produtos agrícolas tradicionalmente oscilam de um ano para o outro. Assim,



passamos a cultivar o arroz sequeiro, o amendoim, o café e dedicar a criação de gado corte, de leite e de porcos. O feijão e o milho, culturas que exigem solos mais férteis, passaram a ser cultivados somente nas terras que apresentavam melhores índices de fertilidade por estarem próximas a um rio, por exigir a utilização de menos calcário e de adubos químicos. Naquele período jamais imaginava fazer um curso superior, muito menos de vir a ser um Geógrafo/Educador. Coincidência ou não, foi nesta época que passei a me identificar com a Geografia.

Estávamos no ano de 1976 e tinha 12 anos de idade. Devido ao meu baixo nível cultural, não conseguia entender muito sobre tudo o que estava se passando com a vida minha e de meus familiares. Entre tantas coisas, uma questão passara a me incomodar muito: queria entender de qualquer maneira porque no solo de terra roxa onde morava anteriormente, produzia qualquer variedade de planta sem nenhum tipo de suporte orgânico ou químico; enquanto o solo de cerrado da região na qual acabará de nos fixar, necessitava dos referidos suportes para produzir satisfatoriamente. Sabia que a causa era a diferença de fertilidade, mas queria saber o que provocava aquela diferença. Perguntara um dia ao meu pai, e ele me disse o que já sabia: é por causa da diferença de fertilidade, não conseguindo ir além disso.

A primeira tentativa feita para desvendar as minhas inquietações sobre o problema, ocorreu quando meu pai contratou os serviços de um engenheiro agrônomo para orientá-lo na formação das novas pastagens de brachiaria. Ao indagá-lo, explicou que a causa da diferença estava no nível de PH presente no solo (potencialidade de hidrogênio). Como era previsível, não consegui entender quase nada do que ele havia explicado. Mas não fiquei aborrecido.

Na segunda visita do engenheiro agrônomo, novamente voltei a questioná-lo sobre o problema. Educadamente explicou-me sobre o assunto de maneira didática e bem detalhada. Na próxima vez que voltou, trouxe-me um livro que trazia em seus conteúdos informações sobre a formação do relevo, dos tipos de rocha e solo. Como o texto era muito velho, acabou se estragando com o tempo e hoje, não consigo mais lembrar o nome do autor e se o mesmo era geógrafo, agrônomo ou geólogo, mas de uma coisa me lembro muito bem: em várias de suas páginas aparecia a palavra Geografia.

A partir da leitura do livro e de suas explicações acabei encontrando parte das respostas para as inquietações que me incomodavam e conseqüentemente aumentaram as minhas curiosidades sobre a origem e formação do planeta Terra, surgindo outras indagações: entre tantas, queria saber porque havia as diferenças de temperaturas no decorrer do ano, a razão da existência do rico e do pobre e porque os grandes fazendeiros da região haviam sido beneficiados com financiamentos do projeto de incentivo fiscal da Ditadura Militar para formar

unesp

suas propriedades e meu pai, que também fizera o pedido, não recebera nenhum centavo de ajuda. Novamente sem saber, a Geografia se fazia presente na minha vida.

Ao iniciar a segunda fase do ensino de 1º grau (5ª a 8ª séries) passei a ter um contato mais direto com a Geografia, pois eram quatro aulas semanais mas, como já mencionei em outros momentos, só fui ter contato com a corrente não tradicional da Geografia (Geografia Crítica) na Faculdade, momento que percebi esta ciência tinha muito mais utilidade para os homens do que até então imaginava ter. Percebi que fazer Geografia não se resumia somente ao mundo físico, mas tinha o político, o econômico e o social (homem).

Como milhares de brasileiros que hoje habitam as cidades, nasci e fui criado no campo, tornando um habitante urbano não por opção mas, por obrigação; justamente por ser filho de um produtor rural não incluído no rol dos produtores beneficiados pelos incentivos fiscais e juros subsidiados pelo governo, por serem eles grandes proprietários de terras e voltarem o seus cultivos para agricultura de exportação.

As constantes crises econômicas decorrentes do processo de elevação das taxas de juros internacionais e o conseqüente aumento da dívida externa, desencadeados a partir da crise do petróleo de 1973, atingiram em cheio a agricultura básica e os trabalhadores assalariados. Desta forma, a cada ano que se passava a sobrevivência no campo ia ficando cada vez mais inviabilizada e como em minha família somos cinco irmãos, a diminuição constante dos rendimentos em conseqüência do contínuo processo desvalorização da produção agrícola, nos obrigou a migrarmos para a cidade, sendo a única perspectiva na busca de dias melhores que restava.

A minha trajetória da vida rural para a urbana e ao magistério, começa a ser definida no final do ano de 1984, momento que estava prestes a concluir a 3ª série do segundo grau. Meu pai repetiu o que já havia falado aos meus dois irmãos mais velhos: "Mesmo diante das inúmeras dificuldades, quero que continuem os seus estudos, para deixem de ser roceiros, como até hoje sou. Disse ainda, não quero que sejam no futuro, um homem rústico e cansado igual a mim".

Naquele momento eu era o filho mais velho que vivia com a minha família, não podia deixá-los e como gostava da Geografia, optei em cursar o nível superior numa faculdade particular localizada na cidade de Ourinhos, a 80 Km de onde morávamos. Assim sendo, o período de 1985-1990, tornou-se para mim uma fase de transição que passam por três etapas.

A primeira etapa teve início em 1985, quando prestei o vestibular e comecei a cursar a licenciatura plena em Geografia pelas Faculdades Integradas de Ourinhos. Todas as tardes após um dia exaustivo como trabalhador rural, saía as 17 horas para a faculdade e chegava de volta

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

somente as 2 horas da manhã do dia seguinte, viajando 160 km (ida e volta), quase um repeteco do que fizera durante o período que cursei o ginásio e o colegial, quando saia às 17:00 e chegava à meia noite, viajando centenas de quilômetros por semana sobre a carroceria ou até mesmo caçamba de caminhão.

O pior de tudo, viajava consciente que estava sujeito a certos perigos, pois o percurso que percorria de carro a partir do sítio onde morava até a cidade de São Pedro do Turvo (30 km) para pegar o ônibus que fazia o restante da viagem, ia num fusca movido a gás de cozinha; pelo fato de não ter condições financeiras suficientes para comprar gasolina (tinha noção da ilegalidade e do perigo ao qual estava exposto, mas o gás me propiciava no final de cada mês, uma economia de 65%).

A ação constante do narcotráfico facilitada pelo isolamento da região, em virtude do predomínio de latifúndios improdutivos era outro perigo constante. Por várias vezes em plena madrugada deparei me com aviões que desciam em determinado ponto da estrada com uma largura considerável e com mais de quatro quilômetros de extensão em linha reta sendo que no dia 8 de outubro de 1987, fui perseguido por traficantes em plena madrugada. Tive a impressão que só queriam me intimidar, pois se quisessem teriam atentado de fato contra a minha vida.

Perante tal situação, uma coisa era bem clara na minha mente: diante do esforço sobrenatural que estava fazendo e do perigo que sempre estava à vista, não poderia haver margem para erros. O curso era caro demais para o meu padrão de vida e ser professor significava uma chance de tentar vislumbrar no futuro, uma atividade profissional menos sofrível, tanto no aspecto físico quanto no financeiro.

Contudo, já tinha noção que ao terminar a graduação e iniciar a carreira como professor, teria que procurar ampliar os meus conhecimentos para não ser mais um entre tantos outros, porque acho que todo ser humano deveria construir a sua história de vida para deixar seu legado para as gerações futuras, pois um homem que deixa de construir a sua história, é um homem condenado ao esquecimento.

A segunda etapa referiu-se ao andamento e a conclusão do curso de licenciatura em Geografia. Fugindo um pouco do padrão encontrado na maioria das faculdades e universidades privadas, tive a sorte de estudar com um grupo de colegas conscientes sobre a necessidade de termos uma boa formação, pois seríamos futuros educadores e de ter encontrado no quadro de profissionais que ministravam aulas no curso, alguns professores sérios que eram compromissados com um ensino de Geografia transformador, razão pela qual seguiam os princípios da Geografia Crítica.

unesp

A estrutura material do curso era frágil, mas a organização do grupo, a partir de movimento liderado por colegas ligados ao Partido dos Trabalhadores e a sindicatos da região, foi decisiva para mudar o rumo do próprio Curso.

Através de movimento que desencadeamos no interior do curso, entre outras coisas, conseguimos fazer com que a direção da faculdade renovasse a biblioteca de Geografia com livros de renomados geógrafos brasileiros e do exterior. Foi a partir deste momento que através de inúmeras leituras passei a ter contato com pensamento de geógrafos como Milton SANTOS, Manuel Correia de ANDRADE, Ruy MOREIRA, Yves LACOSTE, Massimo QUAINI, David HARVEY, Antonio CHRISTOFOLETTI, Edward SOJA, Ariovaldo Umbelino de OLIVEIRA, entre outros. É neste período que passo a perceber que a Geografia era uma ciência muito diferente da qual até então imaginava; uma vez que só conhecia a Geografia Tradicional, a única que me fora ensinada pelos os professores tanto no 1º quanto no 2º graus. Nossa organização e luta nos proporcionaram também momentos de extrema tensão em decorrência da reação desencadeada pelos mantenedores da faculdade, contra os líderes do nosso movimento (foram até mesmo ameaçados de expulsão da faculdade).

Além da atualização da biblioteca, tivemos outros bons cursos, palestras e conferências com renomados geógrafos, historiadores e sociólogos tais como: Gil Sodero de TOLEDO (USP), Marcos ALEGRE (UNESP/Presidente Prudente), André Roberto MARTIN (USP), Sérgio MAGALDI (UNESP/Presidente Prudente), Antonio THOMAZ JÚNIOR (UNESP/Presidente Prudente), Paulo DANTAS (UNESP/Assis), Alice ASARI (UEL), Joel Simões COIMBRA (UEL) e Lúcia MARQUES (USP); além de boas viagens para realização de pesquisa de campo. Foi a partir de contatos com algumas dessas personalidades da Geografia brasileira, que tive conhecimento sobre a origem e ação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), entidade da qual tornei sócio pela primeira vez em 1986.

A militância e a atuação juntamente com os demais colegas em prol da melhoria do curso, as leituras, os cursos, as palestras e as conferências colaboraram para reforçar algumas das idéias de esquerda com as quais tinha uma certa identificação, fruto da contraditória visão política de meu pai, que mesmo diante da sua pouca instrução, nunca votou em candidatos da situação. Meu primeiro voto para governador em 1982, foi exatamente para o candidato da oposição, por ver nele uma imagem e semelhança com a vida rústica que vivia no campo, e por reconhecê-lo como um representante nato do povo, identificando-o com às minhas origens.

O compromisso assumido por alguns bons professores que tive no curso, foi fundamental na opção em prol de uma geografia afinada com as questões sociais. A professora de prática de

ensino em geografia por exemplo, nos possibilitou uma formação centrada nos princípios da Proposta Curricular de Geografia da CENP, da qual era uma grande difusora.

A terceira etapa da transição iniciada em 1985, acontece em 1989, quando após ter feito cadastramento na Delegacia de Ensino de Bauru, foram-me atribuídas, no dia oito de março, 8 aulas livres na EEPSG "Dr. Anis Dabus", no município de Avaí - SP, ano da primeira eleição presidencial pós fim da Ditadura Militar, da queda do Muro de Berlim e do início do declínio total do pseudo socialismo vigente até então, nos países do Leste Europeu e na ex-URSS.

O então Diretor Antonio Carlos Mady, pessoa que tenho profundo respeito e gratidão, deu me apoio e em nenhum momento interferiu no meu trabalho como educador e também, mesmo sendo maçom, nunca questionou a minha opção de escolha por um ensino de Geografia, baseado, na linha filosófica proposta pela CENP. No começo foi duro; tinha pouca prática didático-pedagógico, não tinha boa fluência na fala e conseqüentemente apresentava dificuldades para transmitir meus conhecimentos, por muitas tinha consciência até da falta de conhecimento sobre determinados assuntos de interesse dos educandos. Ao contrário do que imaginava, aquela escola me recebeu com braços abertos, respeitando minhas falhas e limites e até a forte carga cultural que me acompanhava como campesino de origem

O pseudo processo de "redemocratização" avançava em direção a todos os países do Leste Europeu, sendo objeto de longas e tendenciosas reportagens na grande mídia nacional, tanto como na escrita, falada e televisiva, com o objetivo de inculcar na mente de todos brasileiros, que o povo do leste estava se libertando das amarras do comunismo.

A intenção da grande imprensa nacional não era somente desqualificar o pseudo socialismo em franca queda no Leste Europeu, também pretendia-se associar a "falência" do comunismo às idéias de LULA, o então candidato a presidente da República pela Frente de Esquerda Brasil Popular, que crescia nas pesquisas eleitorais e passava a polarizar a disputa presidencial com o candidato mais viável para a direita naquele momento, Fernando Collor de MELLO, em decorrência do naufrágio da candidatura Mário COVAS. Diante de tal situação, questionava constantemente: como sustentar o discurso em prol de uma Educação e de uma Geografia Progressista perante uma bem arquitetada propaganda contra o socialismo que, desde a sua origem, incomodara e continua incomodando os capitalistas?

Contudo, quando entrava nas salas para dar aulas e me deparava com uma legião de excluídos oriundos das camadas populares como eu, índios discriminados e segregados, filhos de pequenos produtores rurais, bóia-frias e assalariados em fazendas, por mais que a imprensa mostrasse que a defesa para a consolidação de uma sociedade justa era coisa ultrapassada, coisa

de "dinossauro" ou de anti-"modernidade" entre outros adjetivos, tinha em mente a certeza de não estar indo na contramão da história.

O tempo foi passando, e, numa manobra escusa realizada pelo grande capital nacional, pelas elites e grande imprensa, com apoio internacional, Collor fora eleito Presidente da República, sendo empossado em 1990. Um ano depois (1991), para o delírio dos capitalistas, o pseudo socialismo ruiu em todo o Leste Europeu e a URSS fora extinta, no final deste referido ano.

No dia oito de fevereiro de 1990, seguindo os mesmos passos de outros dois irmãos, deixei para trás a vivência com a minha família, os meus costumes, cultura e tradição, fui para a cidade, realizando o mesmo movimento migratório feito por milhões de brasileiros, principalmente a partir dos anos 50, quando o processo de urbanização e de industrialização se intensificara (nos dias atuais quase 50% dos brasileiros não moram em sua cidade de origem).

Ao chegar à cidade, deparei me com um mundo estranho e distante da minha realidade. Confesso que, passados quase 10 anos, ainda não consegui entender direito os modos da vida urbano (que aos poucos se estendem para campo em virtude da sua modernização e mecanização) e me adaptar a eles. Estou inserido na vida urbana, mas as minhas raízes campesinas permanecem vivas.

No mesmo ano de 1990, consegui ampliar a minha jornada de trabalho para 30 horas aulas semanais e, através de constantes leituras buscava ampliar meus conhecimentos e visões. Assim, o olhar crítico de um Geógrafo/Educador foi ganhando dimensão e possibilitando a decodificação de muitas outras coisas, como por exemplo, que a escola pública, a única disponível aos filhos das camadas populares, vinha sendo sucateada para limitar o trabalho docente através dos maus salários pagos e da falta de estrutura material adequada para propiciar o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem.

Aos pouco fui percebendo que tudo era bem planejado, pois o sucateamento e a falta de apoio à comunidade escolar, principalmente aos docentes, era a garantia da permanência de uma prática pedagógica conservadora, pois enquanto os educandos do povo continuarem sendo formados com conteúdos desconectados da sua realidade cotidiana, as classes dominantes com certeza seguirão manipulando-os em prol da manutenção de seus interesses e privilégios.

Entretanto, com o fim do mundo bipolar e da Guerra Fria, da bancarrota do socialismo real comecei a observar que algo de "novo" vinha sendo planejado pelo capitalismo hegemônico que havia se tornado "senhor do mundo".

Os primeiros sinais deste algo "novo" em curso, começava a ser difundido pela grande imprensa nacional, que passara a dar destaque a um modelo de ajuste econômico implantado

unesp

primeiramente nos anos 70, no Chile por PINOCHET e depois no México por SALINAS DE GORTARI, no final dos anos 80. Pela primeira ouvira falar sobre o neoliberalismo e a globalização da economia capitalista. Surgia então um grande nó na minha mente: afinal de contas qual era o real significado dessas palavras?

Como Geógrafo/Educador compromissado com uma educação transformadora não pode ficar a margem dos fatos, passei a buscar informações mais detalhadas sobre a questão. A primeira tentativa foi entre os meus colegas de algumas escolas da D.E. de Bauru, mas percebi que como eu, eles também estavam fazendo as mesmas interrogações e perguntas.

Na época em que COLLOR começa a aplicar na economia nacional, o ajuste neoliberal, não desanimei e segui em frente na busca de respostas a tal situação, conseguindo clarificar um pouco mais as minhas inquietações e dúvidas através de leitura das várias edições do caderno especial World Media, publicado em 1990 pelo o jornal Folha de São Paulo, em conjunto com jornais de 14 países, analisando as mudanças em curso no mundo Pós-Guerra Fria e em especial sobre a globalização, neoliberalismo e as novas tecnologias da terceira revolução industrial.

No entanto, não encontrando nessas publicações, respostas para a maioria das inquietações, resolvi procurar outra bibliografia sobre o assunto, dentro do campo acadêmico-científico, que naquele momento começava a disponibilizar de bons livros dos teóricos nacionais e estrangeiros (A Terceira Onda - Alvin TOFFLER, As Conseqüências da Modernidade - Anthony GIDDENS, O Colapso da Modernização - Robert KURZ, A Sociedade Global - Octavio IANNI, Geografias Pós-Modernas - Edward SOJA etc.). Somente após ter feito a leitura de vários livros, consegui entender em parte os reais objetivos do neoliberalismo e da globalização em curso.

Depois de ter decodificado partes dos princípios básicos do neoliberalismo e da globalização, voltei novamente para a minha realidade cotidiana, procurando refletir quais seriam as conseqüências futuras deste novo projeto de reengenharia capitalista sobre a economia do país e, principalmente sobre os seres humanos das camadas populares e na educação.

Como Geógrafo/Educador sabia que era preciso levar ao conhecimento de todos, as novas estratégias do capitalismo internacional e informações sobre a globalização em curso. Depois de muita leitura, pesquisa e reflexão, escrevi em 1992, um pequeno e didático texto com 11 páginas (ver em anexo) denominado: ***Neoliberalismo: Origem e Estratégia,*** (anexos) para ser trabalhado com alunos do 2º grau e repassado a outros colegas professores de Geografia e de áreas afins.

unesp

O referido texto faz um breve histórico sobre a origem e a evolução da teoria liberal surgida no século XVIII na Inglaterra, tomando como ponto de referência os pensadores Adam SMITH e David RICARDO.

Na seqüência procurei destacar a importância do liberalismo para a ampliação do domínio econômico e político da burguesia mercantil inglesa e sua relação com o advento e avanço da Primeira Revolução Industrial desencadeada neste período e posteriormente difundida mundo afora.

Outro ponto que destaquei no texto, foi a ocorrência do crack da Bolsa de Valores de Nova Iorque, ocorrido em 1929, em decorrência do excesso de liberdade (especulação) predominante até então na economia norte-americana, sobre o comando do partido republicano. O passo seguinte foi um breve comentário sobre o New Deal e sobre o Estado de bem-estar social (o Estado interventor e regulador da economia), responsável pela origem do pensamento neoliberal, que nasceu para contrapor este sistema de intervencionismo. A parte final do texto era dedicada à discussão sobre a origem, ação e reflexos do pensamento neoliberal sobre o mundo, principalmente entre os países pobres.

Dando seqüência ao raciocínio sobre as mudanças em curso, após novas leituras e pesquisas, escrevi vários outro textos didático-pedagógicos, sendo um deles denominado de "O Mundo da Globalização", onde procurei fazer um histórico sobre a origem e evolução deste processo até chegar no seu estágio atual, para que meus educandos tivessem uma visão mais ampla sobre o assunto. Em parte, consegui alcançar meus objetivos, pois no final dos trabalhos fiquei surpreso com o nível de entendimento demonstrado pela a maioria dos educandos nos **painéis** que confeccionaram sobre o assunto em foco (neoliberalismo e globalização).

Em 1995, com a chegada de FHC ao posto de Presidente da República, o processo de implementação das reformas neoliberais e da inserção da economia nacional a globalização capitalista, desacelerada durante o governo de Itamar FRANCO, avança rapidamente com o advento do Plano Real.

O Plano Real vai ancorar a moeda nacional ao dólar, diminuindo as barreiras econômicas para favorecer as importações em detrimento das exportações, acelerando as privatizações selvagens, elevando as taxas de juros para atrair o capital especulativo internacional, flexibilizando as leis trabalhista e efetuando drásticos cortes nos gasto públicos (principalmente saúde e educação), quebrando de grande parte da indústria nacional e a maioria dos pequenos e médios produtores rurais, aumentando assustadoramente o desemprego, a fome e a miséria.

Entretanto, as minhas inquietações e questionamentos aumentavam ao invés de diminuírem, e isto, levou-me à realização de novas pesquisas e a escrever outros textos sobre o

unesp

diminuírem, levando a realização de novas pesquisas e a escrever outros textos sobre o neoliberalismo, a globalização capitalista e as novas conjunturas geopolíticas e econômicas. Mas mesmo assim achava que isto só não bastava e que era preciso, conhecer e entender melhor o verdadeiro propósito da educação e sua relação com a cidadania, dentro deste novo paradigma de mundo.

A partir destas indagações, achávamos que deveríamos transformar o discurso sobre cidadania, vendido naquela ocasião pela Escola Pública paulista, em discussões reais dentro da sala de aula. Rapidamente cheguei a conclusão que este, tal trabalho não poderia ser realizado somente pela Geografia e por um Geógrafo/Educador, seria preciso envolver professores de outras disciplinas e, principalmente a comunidade escolar.

Depois de muitas discussões e sugestões, definimos a estrutura do projeto e decidimos também que o resultado final que viesse a ser alcançado seria transformado num documentário em forma de vídeo, abordando a questão da cidadania no Brasil por vários ângulos, amarrando-a dentro de uma perspectiva de mundo vinculada aos jogos de interesses do neoliberalismo e da globalização capitalista.

Com apoio integral dos professores de História e de Língua Portuguesa e de mais de 90% dos alunos do 2º grau conseguimos, no primeiro semestre de 1994, dar início ao projeto que fora denominado de "Projeto Cidadania", que iria ser concluído no segundo semestre de 1995; foram 21 meses de trabalho.

As condições técnicas que tínhamos para realizar a tomada das imagens eram bastante precárias, pois para a realização das filmagens, dependíamos da disponibilidade do professor de Língua Portuguesa que possuía filmadora e também, da boa vontade da Câmara Municipal de Bauru, que liberava periodicamente um cinegrafista para fazer as tomadas de imagens.

Metodologicamente, colhemos o material necessário para elaborarmos o referido documentário, a partir das discussões e reflexões que fazíamos com colegas de profissão e com os alunos. Posteriormente, para cada ponto discutido, foram levantadas as facilidades e dificuldades na obtenção de imagens e conteúdos necessários para viabilizar a proposta. Solucionadas as dificuldades, íamos colher o material em suas fontes. Além das imagens produzidas, utilizamos também algumas de outros autores, além de manchetes de jornais e revistas, para que pudéssemos ilustrar um determinado fato que seria narrado, no roteiro do documentário.

Denominado como: **Brasil: Fome, Miséria e Violência - "Cidadania",** nome escolhido através de votação, realizada entre todos os participantes do projeto, o documentário foi dividido em três partes.

unesp

Na primeira parte, fizemos um relato sobre a dimensão territorial brasileira, mostrando o seu potencial em recursos naturais e indagamos: Por que o Brasil possuindo tanta riqueza, a maioria da população vive na miséria? Perguntamos: Qual a razão da existência de tantas desigualdades na sociedade brasileira? Em seguida a resposta: Tal fato ocorre em virtude da falta de exercício da cidadania. E o que é cidadania? pergunta o narrador do roteiro. Na seqüência vem a reflexão sobre cidadania, mostrando que a educação e a organização social são peças importantes na busca da superação da dominação capitalista.

Após uma sessão de entrevistas com sindicalistas e políticos de diferentes partidos, na segunda parte onde é abordada a questão da exclusão, concentração de riqueza, degradação social e ambiental, o racismo, a sobrevivência das minorias, a história da dependência externa e seus reflexos sobre o desenvolvimento do país e a degradação da educação pública, entre outros assuntos relevantes.

Na terceira e última parte discutimos as inúmeras crises econômicas pelas quais o país passou, sobre a ingerência de organismos como o FMI e Banco Mundial. Abordamos ainda a questão da corrupção, do trabalho infantil, da concentração de terras, o sucateamento dos serviços públicos, as privatizações e por último, o papel da educação e da escola na superação das diferenças e desigualdades, para possibilitar a construção da cidadania.

A qualidade do produto final não foi das piores, pelo fato de termos conseguido realizar a edição do trabalho no laboratório de jornalismo da UNESP/Bauru, resultando num vídeo com uma hora de duração; com inúmeras falhas, principalmente no âmbito técnico, mas pioneiro no sentido de termos atingido, em parte, o nosso propósito. Só o fato de vermos os nossos alunos falarem com orgulho do trabalho que ajudaram a construir, foi algo extremamente importante para um educador comprometido com os destino de suas origens.

Este trabalho valeu também pelo nosso atrevimento e pela a coragem de ousar, de buscar e fazer algo novo e diferente, de mostrar que a escola pública não é um espaço estático, frio e desumano. Ela é o espaço do conhecimento, da alegria, do respeito às diferenças, da construção da vida, da ética, da consciência crítica, da utopia e dos sonhos.

Se no campo do trabalho didático-pedagógico conseguira até então atingir satisfatoriamente alguns dos objetivos traçados, no profissional também consegui conquistas significativas, como por exemplo, o ingresso como Educador no Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS), em concurso público realizado em dezembro de 1994, ano que também fundamos a Seção de Bauru da Associação dos Geógrafos Brasileiros, sendo na atualidade, uma das seções mais atuantes em nível nacional. Em 1996, veio o ingresso, como aluno regular, no curso de Pós-Graduação em Educação da UNESP, Campus de Marília,

unesp

possibilitando um salto considerável e extremamente positivo para a evolução da minha carreira como Educador.

Os cursos de aprimoramento profissional realizados mensalmente pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" e os novos contatos, estudos e leituras possibilitados pelo Programa de Pós-Graduação, em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências; passaram a possibilitar uma dimensão muito mais ampla sobre o verdadeiro papel da Educação e da Geografia, reforçando as minhas posições como Geógrafo/Educador defensor da escola pública e comprometido com a construção de uma sociedade justa, urgência número um, num mundo controlado pelo ideário neoliberal e da globalização capitalista.

Tornar-se Educador no Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza", rede pública de ensino técnico de nível médio mais importante do país, foi profissionalmente muito significativo por vários aspectos. Além da qualidade dos cursos de capitação profissional disponibilizado a todos os professores, a Instituição valoriza mais seus bons profissionais e também, apoia a busca de novas alternativas pedagógicas, através dos chamados projetos institucionais. Em cada um desses projetos, cada professor pode se envolver em um ou mais projetos, recebendo por um número determinado de aulas semanais, além das aulas que já leciona, na unidade escolar.

Foi no ano de 1997, que me envolvi pela primeira vez em três desses projetos: Coordenação de área, Projeto de Informatização da Base Nacional Comum (Projeto INCOM) e Projeto Canudos. Este último, de caráter interdisciplinar (Geografia, Sociologia, Língua Portuguesa e Literatura, História e Educação Artística) fora desenvolvido no ano de 1997, em 09 das 100 unidades de ensino técnico de nível médio do CEETEPS, sendo que uma das nove escolhidas foi a Unidade Escolar onde trabalho.

No decorrer do ano letivo, todos os alunos e professores das escolas envolvidas no projeto fizeram reflexões sobre o movimento de Canudos, a partir de pesquisa bibliográfica, de campo, visitas a acampamento de sem terras, a bairros periféricos e favelas, a acampamento de sem teto, ao Museu Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo, à Pinacoteca do Estado de São Paulo, à Brasília para participar da Marcha realizada pelo o MST, entre outros.

O Projeto Canudos foi concebido para estudar o contexto histórico e social do movimento composto por sertanejos flagelados pela seca e comandados por Antonio Conselheiro, associando-se às graves questões sociais que cem anos depois continuam castigando a maioria da população brasileira.

O projeto trouxe saldo positivo para o Educador que conseguiu viabilizar o trabalho interdisciplinar e de campo, vencendo o sedentarismo didático-pedagógico, permeando o

processo de ensino e aprendizagem de novos procedimentos, marcados pela a mobilização dos educandos. Para os educandos o saldo também foi positivo.

Quando os alunos viram que suas iniciativas e atividades desenvolvidas no projeto foram consideradas, uma vez que foram ouvidos e sentiram o respeito em relação as suas opiniões, cresceram em empolgação e curiosidade, diante do novo e alternativo contrapondo ao rito tradicional da sala de aula; o que em si assegurava a divisão do trabalho e a atribuição de responsabilidades, condição fundamental para a prática de uma educação libertadora e transformadora.

No encerramento do encontro realizado em dezembro de 1997, na sede central do CEETEPS, cada uma das nove unidades envolvidas apresentou atividades tais como: ensaios fotográficos sobre Canudos, MST e Sem-Teto, ensaios escritos realizado por alunos retratando o tema "Os Sertões", vídeos, teatros, dramatizações e um jornal organizado e confeccionado pela minha escola (anexos).

O jornal "**CANUDOS**", que fora organizado por mim e por meu colega professor de Sociologia juntamente com nossos alunos, reuniu reflexões de alunos e professores de todas as nove unidades envolvidas no projeto; toda as fotos e ilustrações presentes foram feitas por nossos alunos, no decorrer das atividades realizadas durante todo o ano.

Ao verem o jornal confeccionado, a reação dos alunos envolvidos no projeto, foi igualmente aos da Escola de Avaí (SP), quando concluímos o vídeo sobre cidadania em 1995. O educando sentiu-se valorizado, pois ao invés de ser um agente passivo como acontece na educação tradicional, fora um agente ativo, justamente porque, o jornal como "produto" saído do projeto, materializou a sua ação, comprovando que houve a mediação no processo de ensino e aprendizagem e a ação transformadora da educação.

No Projeto de Coordenação de Área (respondo pelas disciplinas da Base Nacional Comum) que coordeno desde de 1997, tenho procurado desenvolver um trabalho articulado entre docentes - alunos - direção escolar, buscando uma relação harmoniosa entre todos os componentes da comunidade escolar, para propiciar o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem.

Dentro das condições materiais que temos disponíveis na escola, constantemente tenho a preocupação de fazer o melhor no acompanhamento da evolução do processo de ensino e aprendizagem, onde procuro dar o máximo de assessoria aos docentes:

1- facilitando o seu trabalho a partir da busca de material didático pedagógico de apoio indicado por eles;

2- digitando e imprimindo as provas confeccionadas;

unesp

3- agendando e preparando material audiovisual conseguido por mim ou por eles;

4- orientando sobre o manuseio dos softwares pedagógicos do Projeto INCOM, entre outras coisas.

Uma vez por mês, eu e o coordenador da área técnica, fazemos as reuniões em conjunto, visando uma maior articulação entre as disciplinas e áreas. A reflexão sobre o processo de reforma pela qual passa a Educação Brasileira e as diferentes visões sobre educação, são assuntos discutidos em todas as reuniões, a partir da leitura de textos dos mais renomados educadores do Brasil e exterior, pois um Geógrafo/Educador comprometido com a função transformadora da escola tem que estar sempre atento aos acontecimentos e fatos que envolvem a educação; principalmente em tempos de globalização, neoliberalismo e exclusão calculada.

Outro Projeto didático-pedagógico que assumi no CEETEPS, em 1997, foi o INCOM.

Como se sabe, as tecnologias predominantes no mundo da globalização são resultantes do advento da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, que propiciou o avanço da microeletrônica, da informática e da robótica. O computador, máquina símbolo da Terceira Revolução Industrial, ocupa um lugar central neste mundo "novo", passando a ser considerado portanto, a quarta linguagem do homem.

Dentre as novas tecnologias da informação e da comunicação, o microcomputador é o instrumento que mais vem se ocupando de tarefas antes desempenhadas pelo homem, em decorrência de sua agilidade e extraordinária capacidade de armazenar e transmitir informações, em tempo real.

Diante de tal contexto, aceitei o convite da Coordenadora Estadual da disciplina de Geografia no CEETEPS, para participar do Projeto INCOM, por achar que a informática, principal campo tecnológico da terceira revolução industrial, poderia ser, quando trabalhada numa concepção crítico-reflexiva, importante instrumento didático-pedagógico para o professor em sala de aula; também estava convicto de que a Geografia tinha muito a contribuir com o projeto, não podendo ficar à margem dele.

Os programas do Projeto INCOM são desenvolvidos de duas formas: software pedagógico feito no programa Visual Basic e operado no ambiente Windows (não imprimível) e os programas de auto-aprendizagem, feito e operado em ambiente Word, podendo ser impresso pelo professor.

Outro fator que contribuiu para o meu envolvimento no projeto foi a competência técnica e o compromisso político do coordenador, um profissional que conhece bem o assunto como qual está trabalhando e também tem consciência e noção sobre o que está fazendo em termos de educação.

unesp

Como responsável pelas disciplinas de Geografia, Tecnologia e Meio Ambiente e possivelmente de Geografia do Turismo no próximo ano (2000), realizo as pesquisas bibliográficas, elaboro os textos, os mais variados tipos de exercícios, faço a criação das ilustrações e seleciono as fotos que serão utilizadas em cada atividade programada, pois as mesmas devem estar inseridas no contexto do assunto trabalhado. Após o término desta etapa, o material é enviado ao nosso coordenador que o transforma em software. Atualmente, o referido coordenador está ensinando todos os professores "conteudistas" do projeto a operarem os diferentes programas, utilizados na montagem dos referidos softwares.

Outro ponto positivo e estimulador do projeto é a sua flexibilidade, temos liberdade de escolher os temas geradores, mesmo que estes estejam fora da linha filosófica da proposta curricular de cada disciplina, constante na grade de cada curso técnico oferecido pelo o CEETEPS.

O primeiro programa que desenvolvi, fora lançado no final do ano de 1997, denominado como o vocabulário da nova lógica do mundo da produção e do trabalho. Os educadores e educandos têm disponibilizados no programa, a definição de um conjunto de mais de 50 palavras, confeccionadas a partir e uma minuciosa pesquisa bibliográfica; foram seis meses de trabalho para se chegar ao produto final. A aceitação do programa foi surpreendente.

Após o primeiro vieram outros programas, tratando de assuntos tais como a biorrevolução, biotecnologia, terceira revolução industrial, blocos econômicos, poluição do ar, transgênicos, saque das riquezas da biodiversidade e ação das madeireiras na Amazônia brasileira, a pesquisa biotecnológica no Brasil, e seu comprometimento com os interesses de grandes grupos empresarias nacionais e internacionais, progresso e desenvolvimento, taylorismo/fordismo x toyotismo, Mercosul, Euro, reforma agrária e meio ambiente. Até o presente momento, confeccionei 18 softwares pedagógicos e 15 programas de auto-aprendizagem.

Dos 18 softwares prontos, "O Mundo da Globalização" concluído no final de 1998, após um ano e sete meses de pesquisa, é o programa mais importante e criativo de todos. Educadores e educandos têm a disposição de forma didática, pedagógica e crítica, uma ampla visão sobre a globalização, neoliberalismo, novas tecnologias e outras diferentes informações impossível de serem encontradas em qualquer livro didático e paradidático, isto é, uma verdadeira Geografia da globalização capitalista, dentro da linha crítico-reflexiva da Geografia Cidadã.

Este é e sempre deverá ser o papel a ser desempenhado por um educador progressista, que prime pelos princípios da competência técnica e do compromisso político bem defendido por SAVIANI, caracterizando a função libertadora de um Geógrafo/Educador.

unesp

O Projeto INCOM, desenvolvido por professores da própria Instituição, consta atualmente (novembro de 1999) com 155 softwares (ambiente Windows) e 106 programas de auto-aprendizagem (word), somando, até o presente momento, 438 CD com todo o acervo.

Os softwares e os programas de auto-aprendizagem do Projeto de Informatização do Núcleo Comum (Projeto INCOM) são distribuídos gratuitamente para as 100 unidades escolares de Ensino Técnico Médio do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS) bem como para escolas municipais, da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo e de outros Estados Brasileiros, além de outros interessados. Esta é talvez, a mais relevante função do projeto e do CEETEPS, que facilita ao máximo, o acesso para todos os interessados em conhecer os softwares e os programas de auto-aprendizagem.

O projeto também é divulgado constantemente em inúmeros eventos das áreas das disciplinas envolvidas e educação, no âmbito geral. Em todos os eventos que participo sejam eles realizados pela Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Bauru (AGB), por outras seções locais ou pela AGB/Nacional ou na área da educação, divulgo este projeto, que é ímpar em relação aos softwares que encontramos no mercado editorial, justamente por primar pela criticidade nos conteúdos trabalhados e por não ter conotação mercantil.

Graças a recursos conseguido por nosso coordenador junto à FAPESP, o projeto já está disponibilizando também, softwares confeccionados a partir de imagens captadas em vídeo e com outros tipos de técnicas de simulações e de animação. Também estão sendo confeccionados programas, através do programa Power Point.

Assim, caminhando ao encontro do novo paradigma de mundo com criticidade, o Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS), ao possibilitar o desenvolvimento do Projeto Informatização da Base Nacional Comum (Projeto INCOM), voltado para a produção de softwares pedagógicos e programas de auto-aprendizagem; transforma a tecnologia da informática num importante instrumento didático-pedagógico rico e atualizado, permitindo que educandos e educadores realizem contato crítico-reflexivo com este importante campo tecnológico.

Tanto as disciplinas da base nacional comum quanto as da área técnica do ensino técnico de nível médio oferecidos pelo o CEETEPS buscam, no desenvolvimento dos softwares pedagógicos do Projeto INCOM, disponibilizar, aos educadores, um material didático-pedagógico alternativo, capaz de contribuir com o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, instrumentalizando os educandos com conhecimentos de nosso tempo, preparando-os para a construção e exercício da cidadania, pois sabemos que o espaço geográfico retrata a realização de nossa sociedade e que o papel do aprendizado para a

unesp

cidadania deve ser central, no ensino de todas as disciplinas, num mundo cada vez mais globalizado e excludente.

Através do Projeto INCOM, estamos demonstrando que é possível aliar o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, com o estudo da realidade do mundo atual, buscando o desenvolvimento de um processo educacional libertador e transformador, que permita aos educandos e educadores serem contemporâneos de nossa época.

Durante esses 10 anos de magistério lutando em favor de uma Educação transformadora e de um ensino de Geografia compromissado com a realidade cotidiana de milhões de trabalhadores e excluídos, não tive somente a preocupação de buscar novas metodologias e técnicas para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, transformando o ambiente escolar num espaço de construção do conhecimento com criticidade, de alegria, de prazer e esperança; preocupei me em ir ao encontro de caminhos que pudessem trazer novas contribuições a outros educadores.

Foi assim, que no dia 29 de outubro de 1994, eu e mais um grupo de colegas fundamos a Seção Local da Associação dos Geógrafos Brasileiros, entidade fundada em 1934, sendo histórica no processo de renovação da Geografia Brasileira, pois sabíamos que através dela poderíamos nos manter em contato com uma discussão e reflexão de ponta, muito restrita ainda ao meio universitário. Nosso objeto era e continua sendo o de absorver ao máximo desses conhecimentos, para posteriormente socializá-los entre muitos outros colegas.

Primando por esse princípio, o que inicialmente parecia uma grande loucura ou um grande sonho, foi aos poucos se viabilizando. Publicamos o primeiro número do informativo "O Espaço do Geógrafo" e da revista "Ciência Geográfica", no início de 1995, publicações inicialmente muito rústicas, sem qualquer projeto gráfico, pois os recursos que tínhamos disponíveis mal davam para cobrir as despesas.

Assim, com propósito e dedicação seguimos em frente e aos poucos nosso trabalho foi ganhando credibilidade e confiabilidade. Nossa opção foi pelo desenvolvimento de um trabalho que ao mesmo tempo contemplasse o aspecto científico, o papel político da entidade, mas tendo como prioridade principal o aspecto pedagógico.

Tendo clareza do papel da AGB como entidade civil, de caráter técnico-científico e cultural, sem fins lucrativos, procuramos atingir um dos seus objetivos estatutário mais nobre que é o de "promover o desenvolvimento da Geografia no Brasil, pesquisando e divulgando assuntos geográficos, principalmente brasileiros", "estimular o estudo e o ensino da Geografia, propondo medidas para o seu aperfeiçoamento", "propugnar pela maior compreensão e mais estreita colaboração com os profissionais e os estudantes de disciplinas afins" realizando



palestras, conferências, simpósios, fóruns e encontros sobre educação e ensino de Geografia, em diversas cidades do interior paulista, totalizando até o presente momento 21 eventos, somados às 03 semanas de Geografia (1996, 1997 e 1999) realizadas em Botucatu, envolvendo nesses diversos eventos, mais de 4000 estudantes de graduação e professores das redes pública e privada de ensino fundamental, médio e superior.

A AGB/Bauru ministrou ainda 02 cursos nos Encontros Nacionais de Geografia, em Recife (Questão da Colonização) e em Vitória da Conquista - BA (Ideologia na Cartografia). Nos referidos Encontros, sócios nossos foram responsáveis pela apresentação de 13 comunicações livres e dois painéis.

O Simpósio Multidisciplinar Internacional "O Pensamento de Milton Santos e a Construção da Cidadania em Tempos de Globalização", realizado em julho de 1997, que contou com a participação de 577 inscritos e 122 convidados do Brasil e do exterior; o Encontro Regional de Araçatuba: "Discutindo o Ensino de Geografia diante das Transformações do Mundo Atual", realizado no dia 8 de outubro de 1998, com 427 participantes; o Fórum Regional em Defesa da Escola Pública, realizado em Bauru, no dia sete de maio de 1999, com a presença de aproximadamente 400 pessoas; o Encontro de Geografia de Machado - MG, realizado no final de maio de 1999, com a presença de 257 participantes e o Encontro Regional: Impasses da Globalização no Limiar do Século XXI: Ações da Educação Brasileira e Caminhos para a Geografia, realizado nos dias 21 e 22 de outubro de 1999, na cidade de Votuporanga – SP, com a presença de 437 participantes inscritos, foram até o presente momento, os eventos mais significativos realizados pela AGB/Bauru.

Seguindo os princípios estatutários, buscamos o estabelecimento de intercâmbio e "colaboração com outras entidades dedicadas à pesquisa geográfica ou de interesse correlato, ou ainda à sua aplicação, visando o conhecimento da realidade brasileira". Surgiram a parceria com a Agência de Produção Hideki Comunicação e Marketing (1997), visando o desenvolvimento de projeto gráfico para o jornal "O Espaço do Geógrafo" e para a Revista "Ciência Geográfica", graças aos recursos liberados pelo Instituto alemão Konrad Adenauer, a parceria com a Delegacia de Ensino de Bauru e CENP (1996) para a realização de curso de extensão cultural, atendendo a 43 professores da rede oficial e à parceria com a Delegacia de Ensino de Lençóis Paulista (1998) para a realização da Semana Paulo Freire, envolvendo 500 professores.

Nosso envolvimento político-pedagógico previsto estaturiamente estende-se à "análise dos atos dos setores público ou privado que interagem e envolvem a ciência geográfica, os geógrafos e as instituições de ensino e pesquisa da Geografia", manifestando-se a respeito. O

unesp

reconhecimento e respaldo ao trabalho da AGB/Bauru por parte da comunidade, espelha-se na procura por parte de entidades que solicitam cooperação e intercâmbio para a análise de situações de risco resultantes da degradação ambiental, da falta de planejamento e gerenciamento públicos e privados, sendo emitidos através das comissões responsáveis, laudos técnicos e pareceres, que respaldam as reivindicações populares.

A Comissão de Ensino da Entidade posicionou-se perante a Universidade envolvida no Programa de Educação Continuada (PEC) realizado para capacitar os professores da Rede Pública (Delegacias de Ensino de Araçatuba, Bauru, Itararé, Lençóis Paulista e Santa Cruz do Rio Pardo), através da análise e crítica à organização das atividades, aos materiais impressos e utilizados pelos "MONITORES" envolvidos.

A AGB/Bauru também saiu em defesa do Ensino Público ao manifestar-se contrária à resolução do governo paulista que ao seguir a lógica ultraliberal de Estado mínimo, iniciou em 1998, acelerando o desmonte da Rede Oficial de Ensino, a redução de aulas nas grades curriculares das escolas, contrária ao sistema de atribuição de aulas desorganizado e autoritário utilizado este ano pela Secretaria de Estado da Educação, contrária ao tratamento do professor enquanto mero executor de políticas elaboradas por "instâncias" reconhecidamente especializadas da burocracia do Estado, contrária ao desmonte da escola pública e gratuita, em prol do ensino privado de "qualidade duvidosa, publicando o manifesto: "EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA NA REDE OFICIAL DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO", lavrado na AGB/Bauru e publicado na 13ª edição de "O Espaço do Geógrafo".

A AGB/Bauru também foi co-signatária e participou da elaboração do manifesto: "FÓRUM REGIONAL EM DEFESA DO ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS", com inúmeras entidades de classe e universidades, dado a público no ano em curso, publicado na 14ª edição de "O Espaço do Geógrafo" e também organizou o documento intitulado: "GEOGRAFIA E HISTÓRIA NA ESCOLA É GARANTIA DE CIDADANIA", publicado na Revista de Educação nº 10, 2ª edição, maio de 1999, da APEOESP, com discussões voltadas para a questão curricular do Ensino Médio (ver em anexo).

Nessa mesma direção a AGB/Bauru, a pedido do MEC, avaliou através de parecer institucional os PCNs de 1ª a 4ª e 5ª a 8ª séries (Geografia – Documento Introdutório) questionando seus fundamentos ideológicos e levantando sérias ressalvas à estruturação dos documentos, especialmente no que diz respeito a fidelidade científica das abordagens e da bibliografia mencionada.

unesp

As realizações desenvolvidas até o presente momento pela AGB/Bauru, contemplam um trabalho político-pedagógico sério de uma Entidade que historicamente sempre foi compromissada com o desenvolvimento de uma Educação que atenda em quantidade; mas que não se isenta da responsabilidade pela qualidade, contribuindo com a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Até o presente momento, tive um envolvimento direto e por força do destino estou terminando meu terceiro mandato de Diretor; este último, mesmo não querendo mais ocupá-lo este posto, fui reconduzido de forma unânime por todos os sócios presente na votação, premiando desta forma o esforço e dedicação de minha pessoa e dos demais colegas envolvidos na condução da entidade.

A AGB/Bauru, fundada oficialmente em 29 de outubro de 1994, fez recentemente 5 anos de existência, constituindo-se atualmente numa das mais dinâmicas do país, já com conceito firmado além fronteiras. Nossa seção estruturou-se através da constituição de núcleos semi-autônomos, para atendimento das necessidades em cidades ou áreas cuja estrutura não permita a formação local. Face a este procedimento, a AGB/Bauru atua de forma efetiva em 32 áreas do Estado de São Paulo. Instalaram-se também quatro núcleos fora do Estado de São Paulo, por iniciativa dos professores locais, que viram na AGB/Bauru e sua estrutura, a oportunidade de levarem atividades científico-culturais da Geografia Brasileira às áreas de atuação: trata-se de Cáceres (MS), Cornélio Procópio (PR) Machado (MG) e Marechal Cândido Rondon (PR), totalizando atualmente 36 Núcleos Regionais e quase 1000 associados distribuídos por todo o território nacional e no exterior (10 sócios no Uruguai, 3 na Argentina, 2 no Paraguai e 1 no Peru).

A revista "Ciência Geográfica" (envolvendo Ensino-Pesquisa-Método), idealizada pelo Professor Álvaro José de Souza é hoje a de maior periodicidade (circulação quadrimestral) entre as publicações da ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASIELIROS (AGB), figurando também entre as de maior tiragem (1500 exemplares por edição). Sua credibilidade é atestada pelo nível do seu Conselho Editorial, composto por renomados educadores e geógrafos brasileiros.

Os principais objetivos da revista "Ciência Geográfica" são: difundir a produção científica e a prática pedagógica desenvolvidas pelos membros da AGB/Bauru e por Instituições que com ela mantenham intercâmbio; propiciar, no âmbito da AGB/Nacional, troca de experiência e aprofundamento da base científica mediante a divulgação de trabalhos propostos e informar o associado da AGB/Bauru acerca de trabalhos e produções de interesse científico, cultural e pedagógico. O seu público alvo é a Comunidade científica constituída por

unesp

geógrafos e pesquisadores afins no contexto dos associados da AGB/Bauru, da AGB/Nacional, de Entidades afins, de Universidades e de pesquisadores e professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior

A Revista "Ciência Geográfica" nasceu de um projeto modesto, levado a cabo em março de 1995, no âmbito do núcleo AGB/Bauru de Botucatu. Seu objetivo é o de difundir e incrementar à pesquisa na área da Geografia, estabelecendo uma ponte entre a universidade e o Ensino Fundamental e Médio. Com uma tiragem inicial de 500 exemplares por edição e de forma ainda bastante amadora, a revista lançou, algumas de suas marcas:

- Estruturação de suas seções básicas: Artigos Científicos; Contribuição ao Ensino; Monografias e Resenha Bibliográfica;

- Mescla de autores consagrados, com produção científica comprovada e oportunização de autores novos, com trabalhos realizados;

- Auto-financiamento, baseado em seus próprios recursos, com ausência total de investimentos publicitários, de conformidade com o que ocorre com as revistas científicas internacionais.

A proposta inicial, como revista de circulação quadrimestral, pôde ser efetivada a partir do segundo número, quando a revista efetivamente assumiu seu compromisso de regularidade. A cada novo número, a qualidade da publicação foi sendo aprimorado, tendo sido alcançadas as seguintes conquistas: constituição de um Conselho Editorial, constituído por doutores de diversas universidades brasileiras, a partir do quarto número; obtenção do ISSN (N.º 1413-74-61) e registro na Biblioteca Nacional, a partir do 3º número; lançamento de número especial comemorativo ao Simpósio Multidisciplinar Internacional: "O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO", com identificação temática e participação do autor na escolha dos artigos representativos em sua carreira; aumento sucessivo de tiragens atualmente, chegando-se a marca de 1500 exemplares; supervisão de jornalista profissional com registro profissional junto ao Ministério do Trabalho; aumento de 50 para 60 páginas no conteúdo de cada exemplar. Diante da escassez de recursos, busca-se tratamento profissional da capa e da configuração da revista e convênio com os Correios para oficialização e padronização das remessas.

A revista chega atualmente à 14ª edição, não tendo obtido até o presente momento, qualquer tipo de financiamento oficial, circulando sem fins lucrativos, mas unicamente voltada para sua manutenção; contudo mantém intercâmbio com um bom número de bibliotecas nacionais e internacionais.

unesp

Ao longo deste tempo, desde a sua criação, publicou artigos de 81 autores novos, resenhou-se 283 livros e 70 periódicos; foram publicadas 8 monografias, 95 artigos oriundos de pesquisas ou de elaborações metodológicas e 42 artigos voltados para o ensino.

Entre os profissionais de gabarito que têm contribuído com artigos para a revista "Ciência Geográfica", encontram-se profissionais de importantes Instituições Nacionais e Internacionais, num universo de 126 autores. Assim, estão representadas as seguintes instituições: USP, UNESP, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Federal do Pará, Universidade do Amazonas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade de Santa Cruz – BA, PUC-SP, UNIJUÍ-RS, UEL-PR, UECE - Ceará, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba.

Até o presente momento, foram publicados 13 números normais da revista "Ciência Geográfica", além de um número especial alusivo ao Simpósio Multidisciplinar Internacional: "O Pensamento de Milton Santos e a Construção da Cidadania em Tempos de Globalização". Este último, que foi orientado pelo próprio homenageado, reuniu 22 dos trabalhos mais relevantes de sua carreira profissional, inclusive artigos inéditos no Brasil, publicados em revistas internacionais. Os números 14 e 15, estão previstos respectivamente para dezembro de 1999 e abril de 2000. Já existe também parte do material para os números 16, 17, 18 e 19 onde serão incluídos artigos de professores de Cuba e Porto Rico.

Procurando cumprir o seu compromisso de facilitar a prática docente principalmente para os professores do ensino fundamental e médio da Rede Pública, o acesso a materiais científicos e didático-pedagógicos, função atendida muito bem pela revista Ciência Geográfica, recentemente lançamos o Encarte Pedagógico, publicado trimestralmente no informativo "O Espaço do Geógrafo", que possui atualmente, uma tiragem de 4000 exemplares por edição. Este espaço é dedicado à divulgação de experiências didático-pedagógicas que possam auxiliar o professor, no dia-a-dia da sala de aula (anexos).

Todas essas e outras informações sobre a AGB/Bauru podem ser encontradas na Home-Page que inserimos na rede, a partir do mês de junho de 1999. Nela temos uma sessão onde qualquer interessado poderá encontrar links das mais diversas instituições de ensino, pesquisa e de outras inúmeras finalidades do Brasil e do mundo.

Outro meio de comunicação que criamos para agilizar as mais diversas informações entre nossos associados, foi o informativo mensal "Linha Direta", distribuído internamente entre os coordenadores de Núcleos da AGB/Bauru.

As inúmeras atividades que a AGB/Bauru realizou nesses seus cinco anos de existência comprovadamente foram e são muito úteis para a melhoria da educação e do ensino da

Geografia; como um dos mentores desta realização tenho plena certeza de que atingimos em parte o objetivo na busca de novas alternativas para o professor de Geografia da Rede Pública.

Penso que minha atuação a frente dessas realizações, comprova que um Geógrafo/Educador adepto da Geografia Cidadã e comprometido com a construção de uma escola democrática e cidadã, tem condições de trabalhar em prol da libertação da maioria excluída.

Para finalizar, interpreto ROCHA, que diz acreditar que o projeto político-pedagógico a ser pensado pelo Geógrafo/Educador não pode divorciado do "reforçar do poder popular" e, nesse sentido a preocupação básica do ensino de Geografia deve ser a de contribuir com a construção da cidadania. Daí a razão de nossa opção pela Geografia Cidadã e pela Educação Pública Popular pois, negar esta condição é negar o meu passado, a minha história de vida narrada neste trabalho. É negar o meu papel como Educador Popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

GLOBALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO: HÁ EXCLUSÃO CALCULADA?

Quando eu e meu Orientador optamos em denominar esta pesquisa para a obtenção de título de Mestre junto ao curso de Pós-Graduação da UNESP/Campus de Marília, tínhamos plena consciência que o título sugerido por nós: "GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO CALCULADA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA", iria causar certa polêmica e questionamentos, mesmo entre os colegas marxistas.

Na introdução deste trabalho fiz um breve histórico sobre a origem e evolução do liberalismo no decorrer da primeira e da segunda revolução industrial. Entretanto, na passagem da segunda para a terceira revolução, pouco mais de 15 anos após o estouro da Bolsa de Nova Iorque, ocorrido em outubro de 1929 e a quase 150 anos depois da origem do liberalismo, eis o início da primeira reedição (revisão) do liberalismo pensado por LOCKE e teorizado por SMITH, agora com o nome de neoliberalismo.

Quais foram os motivos que levaram alguns teóricos do mundo ocidental rico a reeditar uma versão do liberalismo muito mais ortodoxa em relação a teoria de SMITH? Muitos eram os motivos:

1- A crise de 1929, provocou o surgimento e a expansão do Estado de bem-estar social (Walfare State), que passa a ser visto pelos liberais ortodoxos, como uma ameaça constante ao capital, devido a intervenção estatal e por favorecer a organização e promoção social;

2- A projeção da ex-URSS como potência mundial e a conseqüentemente expansão do socialismo pelo planeta, levou ao início da bipolaridade mundial entre EUA (capitalista) e URSS (socialista). O comunismo é um novo inimigo que precisava ser combatido;

3- Iniciava-se a terceira revolução industrial, científica e tecnológica com o aparecimento do computador e a fase reestruturação e internacionalização do capitalismo ocidental, que levaria a industrialização tardia para inúmeros países do mundo periférico, entre eles, o Brasil.

No entanto, o pseudo-comunismo ou socialismo real que além da URSS se expandiria por todo o Leste Europeu, China, Cuba e diversos outros países da Ásia e África, foi eleito como inimigo número um do mundo ocidental, liberal-democrata.

A primeira medida adotada para combater o avanço do pseudo-socialismo real, foi o estabelecimento da "Guerra Fria" e o início da corrida armamentista para forçar a URSS e seus

aliados a investirem grandes quantias de recursos em armas, ao invés de implementarem seus projetos de desenvolvimento econômico e social. Eis a primeira das estratégias calculada pelos capitalistas, entre eles os neoliberais que buscavam espaço para difundirem suas idéias econômicas, políticas e sociais darwinistas. Era preciso desarticular a qualquer preço este terrível inimigo.

Diante da urgência de combater o pseudo-socialismo real comandado pela URSS, principalmente para evitar sua ascensão entre os pobres do terceiro mundo, era preciso transformá-lo num "bicho feio". Eles encontram na religião o pilar de sustentação para a eclosão do projeto pretendido.

Como no regime socialista seguido pela URSS e seus aliados, a religião passara a ser combatida e em certos momentos até mesmo proibida, onde muitas igrejas foram fechadas e transformadas em museus e outros tipos de prédios públicos, o capitalismo encontrou a sua galinha de ovos de ouro; eis aqui a segunda estratégia calculada.

A Igreja Católica Conservadora, que historicamente sempre esteve ao lado do poder dominante foi aliada nesta luta contra o "demônio". O casamento que sempre existiu entre a Igreja Católica Conservadora e o poder dominante pode ser comprovado através de uma série de fatos: apoiou e difundiu a inquisição durante a Idade Média; participou ativamente do processo de colonização da América, apoiando o genocídio de milhões de indígenas, beneficiando se amplamente do mercantilismo econômico; silenciou-se diante da exploração do trabalho, a perseguição dos trabalhadores que passaram a gritar contra a extorsão e do aumento da miséria, a partir da eclosão da Primeira Revolução Industrial:

No final do século XIX, seguiram os passos da investida neocolonialista sobre a Ásia e a África, levando a esses nativos "pagãos" a palavra "salvadora" de Deus; silenciou diante das atrocidades da Primeira Guerra Mundial; apoiou incondicional aos czares contra a Revolução Bolchevista de 1917 na Rússia; silenciou perante o atrocidade provocadas pelo nazifascismo. Como podemos observar, o seu currículo de "altíssimo" nível a credenciava plenamente para participar da investida capitalista contra o comunismo.

O apoio da Igreja Católica Conservadora em muito pouco tempo ficara bastante explícito. Na América Latina por exemplo, apoiou praticamente todos os golpes que posteriormente foram responsáveis por anos de sanguinárias ditaduras militares. Quem não se lembra da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" organizada com participação dela, em 1964, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, contra o governo de João Goulart e em prol do Golpe Militar. As inúmeras denúncias feitas por jornalistas e políticos de esquerda naquele período, de que a marcha e o golpe foram organizados com apoio

unesp

da CIA, se confirmou recentemente em reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo, onde representantes do governo norte-americano admitiram tal ajuda.

No entanto, as estratégias utilizadas pela Igreja Católica Conservadora, em prol do projeto ideológico capitalista articulado pela CIA, para desviar os pobres da rota do comunismo, mesmo diante da ação sangrenta das ditaduras militares instauradas em grande parte dos países da América Latina, começava a ser minada dentro de suas próprias bases, através do avanço da Teologia da Libertação, movimento que embutiu na pregação da palavra divina, elementos políticos e sociais visando promover a conscientização e a libertação das massas oprimidas.

Percebendo "o perigoso desvio", a Igreja Católica Conservadora busca uma reação imediata, mas os estrategistas que articulam as ações ideológicas dos países capitalistas ricos sobre os países capitalistas pobres, juntamente com a CIA, buscam reforçar os mecanismos de propagação da ideologia contra o comunismo, investindo na ação dos movimentos paramilitares terroristas em vários países periféricos, com a finalidade de provocar inúmeros atentados, para posteriormente ligá-los a grupos guerrilheiros de esquerda.

No campo religioso, mesmo com o avanço dos progressistas, a Igreja Católica Conservadora continuou fazendo o seu papel, mas os atores do projeto ideológico capitalista em curso julgavam que isto ainda não era suficiente e assim, a CIA estimulou em todo terceiro mundo capitalista, a proliferação das religiões evangélicas pentecostais, algumas criadas por esta própria agência de inteligência norte-americana. Essas religiões, além de prometerem a cura de doenças graves, a superação de problemas financeiros, entre tantas outras coisas do gênero, elegeram o comunismo como inimigo número um da fé cristã. Era preciso combater este destruidor de religiões e de igrejas e "devorador de criancinhas".

A estratégia foi tão eficaz que, mesmo depois do fim do pseudo-socialismo do Leste Europeu, gente do povo, seguidores das religiões pentecostais e também muitos católicos, reproduziam o mesmo discurso, em época de eleição contra os candidatos dos partidos de esquerda. Eis aqui um dos resultados da exclusão calculada e patrocinada pelo capitalismo excludente.

REAGAN, um dos mais ferrenhos presidentes norte-americanos no combate ao comunismo, dentre tantas estratégias, utilizou-se amplamente da via religiosa para combater o perigoso inimigo. É no governo de REAGAN, que o terreno para a fixação do neoliberalismo, que havia ganhado fôlego com a crise que atingiu as economias dos principais países capitalistas, na primeira metade dos anos 70, em nível planetário, fora extremamente bem preparado e calculado. Não podemos nos esquecer da forte investida de REAGAN contra Cuba,

unesp

intensificando ainda o bloqueio econômico contra aquele país caribenho, instaurando uma forte campanha com objetivo de demostrar ao mundo os pontos considerados negativos do regime de Fidel CASTRO. Campanha que fora muito explorada aqui no Brasil pela grande mídia, que aliás até hoje tenta desfigurar as inúmeras conquistas sociais propiciadas ao povo de Cuba, pela Revolução socialista de 1959.

No entanto, antes da ascensão de REAGAN, já havia ocorrido a de Margareth TATCHER na Inglaterra, pioneira na aplicação deste modelo entre os países ricos, sendo também considerado o mais puro de todos. REAGAN e TATCHER deram início a um processo que, tempos depois, iria decretar em definitivo a vitória do pensamento neoliberal sobre os defensores da manutenção do Estado planificado e provedor de garantias sociais.

Como já frisamos em outros momentos desta pesquisa, na chegada dos anos 90 o neoliberalismo numa bem arquitetada trama, vai ser imposto aos países pobres, entre eles os da América Latina, através do Consenso de Washington, dando início ao desmonte total desses já fragilizados Estados Nacionais, pois era preciso "limpar" todas as barreiras para que a globalização capitalista comandada pelas grandes corporações transnacionais fluísse sem qualquer problema. Eis aqui outra trama capitalista bem calculada e sistematicamente executada.

A desregulamentação dos Estados Nacionais periféricos ocorreu a partir da abertura econômica, dos cortes de gastos sociais e liberalização de vultuosas quantias de dinheiro público para banqueiros e grandes grupos empresariais nacionais e internacionais, da flexibilização das leis trabalhistas para enfraquecer o poder dos sindicatos, da desvalorização do partidos políticos da oposição e dos movimentos sociais organizados representantes das camadas populares, da livre circulação para o capital especulativo internacional, do aumento da carga tributária sobre os rendimentos dos mais pobres e ao mesmo tempo, quase que isentando as grandes fortunas desta obrigação, da elevação das taxas de juros para atrair investidores (ou melhor, especuladores) internacionais e das privatizações.

Segundo PETRAS (1999), a privatização deve ser entendida como parte de uma estratégia global que tem suas raízes num ataque à sociedade civil e à política verdadeiramente democrática. Atualmente é levada a cabo sob as ordens dos bancos internacionais controlados pelos impérios, por agências governamentais e consultores financiados pelo capitalismo internacional, que delineiam os programas, decidem os preços e identificam os compradores em potencial.

A citação a seguir demonstra que a influência dos neoliberais em prol da venda do ativo público começou quando "as agências dos países imperiais induziram o trabalho de

privatização através de apoio financeiro, ideológico e político aos golpes militares (na América Latina) ou a processos eleitorais (na Europa Oriental, ex-União Soviética, países ocidentais)." (1999, p.39) Eis aqui outra estratégia muito bem calculada para dilapidar as riquezas principalmente dos países pobres. É preciso entender que a ideologia neoliberal foi gestada entre 1944 e 1947 e paulatinamente executada evidenciando relação direta entre teoria e prática.

Indo ao encontro do exposto anteriormente, no Brasil por exemplo, as estratégias para a obtenção do apoio popular ao projeto de desregulamentação neoliberal (principalmente em favor das privatizações), foram cuidadosamente bem calculadas.

O papel de ator principal fica por conta da grande imprensa, a primeira a absorver o projeto. Ela, rapidamente começa a propagar o discurso contra o Estado centralizador, mostrando constantemente os descasos e ineficiências dos serviços públicos, aos poucos inculcando na mente da maioria que era preciso diminuir o tamanho do Estado, para poder torná-lo moderno e eficiente como a iniciativa privada. Desta forma, a propaganda para mostrar a excelência da iniciativa privada em todos os setores da atividade humana é bem articulada e dirigida para a obtenção do consenso da sociedade civil.

No entanto, bem antes da mídia começar a difundir o referido discurso, o próprio Estado controlado por governantes fieis representantes dos grupos interessados na eclosão do processo de privatização, passou a reduzir drasticamente os investimentos, visando a deterioração dos serviços públicos, para justificar o que a mídia e outros atores estavam dizendo, criando assim; um clima de descontentamento geral da população contra os serviços públicos, conseguindo o apoio da sociedade civil a favor das privatizações.

Neste mesmo período, a grande imprensa e membros próprio governo, passaram a difundir a necessidade de abrir a economia do país para forçar a industria nacional a produzir produtos melhores e mais competitivos. Eis aqui mais uma estratégia bem calculada pelos neoliberais, com apoio do Estado classista.

Quem não se lembra da investida de Collor contra o carro nacional (que por sinal era fabricado pelas mesmas empresas multinacionais que fabricavam os carros que diziam ser modernos). Quem não se lembra daquele comercial do elefante que representava o atraso, em comercial vinculado pelo BNDES para justificar a privatização da Usiminas. Quem não se lembra daquele comercial em que o ator Raul Cortez dizia que com a privatização do Sistema Telebrás, os serviços prestados à população iriam melhorar, que os "investimentos" feitos pela iniciativa privada gerariam milhares de empregos, que iria ser mais fácil conseguir uma linha telefônica e que, o dinheiro arrecadado com a venda iria ser investido na saúde e na educação. Aliás foi "investido" em favor da especulação que quebrou o Real. A privatização ocorreu, os

unesp

serviços pioraram, demitiu muito mais do que contratou e a educação, bem como a saúde pública continuam agonizando por falta de investimento. Veja, por exemplo, o caso das ferrovias privatizadas.

Não podemos negar que tudo foi bem calculado. Vamos dar alguns exemplos: segundo BIONDI (1999) entre 1996 e 1997, quando já decidida a privatização do Sistema Telebrás, o governo investiu R$ 5 bilhões de reais. Somente no primeiro semestre de 1998, ano de sua privatização, foram investidos R$ 16 bilhões de reais; só que o governo arrecadou R$ 8, 8 bilhões de entrada pela sua privatização, pois o BNDES financiou metade da entrada para os grupos de compradores brasileiros.

Porém, a partir do final de 1995, para garantir lucros exorbitantes ao futuros compradores do sistema, o governo reajustou as tarifas telefônicas em 500%. Isto que é modernidade, mas claro, para o sistema. No setor de energia as tarifas subiram 150% antes da privatização. Em contrapartida, os salários recebidos pela esmagadora maioria da população continuaram congelados, aprofundando a recessão econômica.

No início da campanha prol das privatizações, quem não se lembra quando diziam que o país precisava vender suas estatais pois precisava arrecadar dinheiro para diminuir o seu custo social e se modernizar. Pura mentira, pois segundo BIONDI, a privatização brasileira é assim: o governo financia através do BNDES a compra no leilão, vende "moedas podres" a longo prazo e ainda financia os investimentos que os "compradores" precisam fazer. Os compradores da CSN por exemplo, pagaram R$ 1,05 bilhões de reais, dos quais R$ 1,01 bilhões em "moedas podres" que foram vendidas aos "compradores" pelo próprio BNDES, financiadas em 12 anos.

Outro fator marcante nas estratégias adotas pelo neoliberalismo, é a ascensão de inúmeros empresários no campo político e da administração pública. Temos inúmeros empresários que são deputados federais (inclusive um ex-presidente da FIESP), senadores e ministros. Recentemente, um representante de um grupo empresarial nacional associado com inúmeros grupos internacionais, assumiu o Ministério do "Desenvolvimento" e para justificar o vergonhoso empréstimo do BNDES à empresa norte-americana que comprou a CESP - Tietê em leilão realizado em São Paulo, disse que a liberação dos recursos públicos do banco estatal para a companhia estrangeira compradora de CESP-Tietê, decorreu da falta de competência por parte das empresas nacionais na elaboração de bons projetos a serem financiados.

As declarações do referido Ministro mostram o quanto o atual governo está comprometido com os interesses do capitalismo globalizado, comandado pelos países ricos. No entanto, as reações da empresa nacional foram até certo ponto cordiais, pois bem ou mal; os grandes grupos empresariais nacionais estão usufruindo da festa das privatizações e da

unesp

concessão generosa de dinheiro público via BNDES. Quem fica com a conta a pagar, mais uma vez, é o povo. Agora que o Plano Real foi depreciado surge outro cavalo de batalha: o déficit público.

Diante do que refletimos não dá para ter dúvida: as políticas neoliberais concebidas entre 1944 e 1947 e a terceira fase da globalização capitalista, iniciada no pós Segunda Guerra Mundial, embora fazendo parte do contexto histórico de evolução do capitalismo; foram minuciosamente calculadas para chegarmos ao estágio de concentração de riqueza e de exclusão social que presenciamos, na atualidade.

A dilapidação (privatização e favorecimento dos mais ricos) do bem público em favor de poucos, a automatização desenfreada da grande produção industrial e o aumento absurdo do desemprego estrutural (porque é previsto pelas políticas neoliberais) que vem atingindo com mais intensidade o mundo pobre, a destruição dos direitos sociais adquiridos, a desmoralização dos movimentos sociais, o sucateamento da saúde e educação, o aniquilamento dos pequenos e médios produtores rurais e empresários urbanos, o aumento da corrupção e da impunidade estão nos empurrando a um processo de barbarização total.

O processo de barbarização social é comprovado até mesmo pelo FMI e Banco Mundial que reconhecem, apesar de ser uma retórica, que a estabilização econômica neoliberal não proporcionou ganhos sociais para a maioria da população excluída. Pelo contrário, essas instituições que foram responsáveis pela aplicação do ajuste neoliberal, admitiram recentemente que entre 1987-1998, período em que a maioria dos países periféricos implementaram o referido ajuste, o número de seres humanos vivendo com menos de US$ 1,00 por dia, pulou de 1,2 bilhão para 1,5 bilhão e outras 3 bilhões de pessoas vivem com menos de US$ 2,00 dia. Como é possível pensar em construção da cidadania num mundo onde 60% população, estimada em 6 bilhões de pessoas, está vivendo abaixo da linha de pobreza estabelecida pela ONU? Como sempre, a América Latina como sempre, está entre as regiões do planeta onde a pobreza mais cresce, o que significa mais um resultado da exclusão calculada.

A barbarização social decorrente do aumento da miséria e da pobreza, entre outros fatores está contribuindo para o aumento do desajuste familiar e social, a falta de perspectiva de futuro e, como conseqüência inevitável, a violência que está assustando a todos. O pior de tudo é que o narcotráfico, umas das "atividades" mais lucrativas da atualidade, pega carona nesta situação intensificando ainda mais o agravamento da situação. Em muitas áreas periféricas de grandes cidades do mundo periférico, ele é um poder paralelo, uma espécie de lei suprema, pois ninguém faz nada sem o seu aval. Se fizer, morre!

unesp

No entanto, até hoje nenhuma explicação conseguiu convencer-me de que o avanço do narcotráfico não decorreu somente porque é uma atividade extremamente lucrativa, mas sim, por ser uma arma estratégica utilizada pelo capitalismo, durante a Guerra Fria, com a finalidade de desarticular a organização político-social dos milhões de desvalidos do mundo pobre obrigados a trabalhar para o narcotráfico, obedecendo o seu código "ética". A CPI do crime organizado e do narcotráfico, instaurada recentemente no Congresso Nacional, está mostrando o grau de envolvimentos de políticos, comandantes e policiais da Polícia Militar com o esquema. O pior de tudo que os políticos envolvidos são de partidos da base de sustentação do governo de FHC, defensores da implementação das políticas neoliberais no país.

Assim, em nome do combate ao narcotráfico, as ditaduras e até mesmos governos ditos "democráticos", sobre orientação da CIA, passaram a reprimir violentamente os excluídos das favelas e os grupos guerrilheiros de esquerda. Esta situação está sendo vivenciada atualmente na Colômbia, país comandado pelo narcotráfico. O Exército colombiano, a CIA e o FBI não estão muito preocupados com os narcotraficantes que na verdade governam o país, mas sim com a guerrilha de esquerda que já domina 45% do território colombiano o que também faz parte do projeto de exclusão calculada, em curso no mundo.

Este processo de desarticulação atinge também os representantes do povo que buscam pela via "legal", ascensão no cenário político. Quem não se lembra do processo de desqualificação pessoal e profissional desencadeado contra LULA, na eleição presidencial de 1989. Um dos estereótipos difundido naquele período, foi acusar o candidato da oposição de ser analfabeto. É o estereótipo ainda amplamente reproduzido no meio das camadas mais pobres. É o pobre desqualificando o pobre para reforçar a dominação do dominador.

Amplamente divulgado pela mídia nacional, quem não se lembra dos arrastões que aconteceram nas praias cariocas (onde a maioria dos participantes eram adolescentes, mulatos e negros), nas vésperas das eleições municipais de 1992, quando a atual vice governadora do estado do Rio de Janeiro, a Senadora Benedita da Silva liderava todas as pesquisas eleitorais. Benedita, além de ser negra, ex-favelada é do PT, sendo portanto, uma inimiga dos interesses neoliberais. Os arrastões influenciaram diretamente no resultado da eleição que elegeu César Maia como prefeito da Cidade do Rio de Janeiro. Esta prática de desqualificação estende-se contra líderes sindicalistas, de movimentos sociais organizados, entre eles contra o MST.

Estes e outros exemplos de desqualificação das lideranças que emergem do seio do povo, é mais uma prova da existência de um projeto de exclusão calculada, decorrente do avanço da globalização capitalista em curso. Novas estratégias para evitar o levante social diante do agravamento da situação estão sendo urdidas pelo poder.

unesp

Nos dias atuais, existem inúmeras estratégias adotadas pelo capitalismo para manipular mentes e consciências:

a) o sucateamento da escola pública e a adoção de correntes educacionais acríticas e tecnicistas;

b) a difusão do discurso contra a política, sendo comum ouvir pessoas do povo dizendo que não gosta de política, pois segundo elas é uma coisa nojenta;

c) megaeventos tais como show de rock, de pagode, de música sertaneja tipo Chitãozinho e Xororó, Zezé Di Camargo e Luciano, entre outros, lutas de boxe, jogos dos campeonatos regionais, nacional, da Seleção Brasileira e de campeonatos de países europeus e os rodeios e as festas country;

d) os shoppings e casa de luxo, onde a segurança seleciona quem entra. Esses exemplos não seriam também uma outra faceta de um projeto de manipulação das mentes e consciências e de uma exclusão calculada?

Além dos exemplos mencionados anteriormente, a religião, principalmente a Católica Conservadora e as Evangélicas pentecostais que historicamente sempre estiveram a serviço dos interesses do poder dominante, estão ganhando uma preocupante dimensão, por estarem fazendo da mídia televisiva, o seu principal altar de pregação. Entre as Igrejas, as evangélicas pentecostais a que mais se destaca é a Universal do Reino de Deus, do Bispo Edir Macedo, proprietário das Redes Record e Família da TV Mulher.

Conhecida pelo uso de métodos escusos para arrebatar dinheiro dos fiéis e da constante exposição de seus cultos e ações na mídia; a Igreja Universal do Reino de Deus é uma das que mais cresceu em número de seguidores na década de 90, assustando até mesma a Igreja Católica Conservadora que perdera uma considerável parcela de seus fiéis para a Igreja do Bispo Macedo, principalmente os pertencentes às camadas menos favorecidas, público predileto da referida Igreja.

De acordo com o Bispo Macedo, sua Igreja está a serviço daqueles que estão desesperados diante do desemprego, da fome e da miséria; daqueles que estão sendo consumidos pelo alcoolismo e pelas drogas, por desilusões amorosas e sem perspectiva de vida.

Uma prática social se articula à exclusão capitalista, calculada através do freqüente exorcismo feito por pastores para expulsar o demônio. O indivíduo se "encontra" com a palavra de Jesus, contagiado pela emoção e não pela razão, tornando-se um ser humano ainda mais vulnerável à manipulação. Não é de graça que a cada eleição a Igreja do Bispo Macedo aumenta a sua bancada no Congresso Nacional e também, o número de votos canalizados para a direita. Nas vésperas do primeiro turno das eleições de 1998, as Igrejas do Bispo Macedo

ficaram repletas de cartazes de FHC e de candidatos a deputados, senadores e governadores da coligação Avança Brasil. Os pastores de Macedo iam direto ao assunto: votem em candidatos de Deus e não do demônio (leia-se partidos de esquerda).

Na corrida para desarticular a Teologia da Libertação e diminuir a perda de seu rebanho, a cúpula conservadora da Igreja Católica minoritária no Brasil, mas forte em outros países, principalmente no Vaticano, começa a partir do início do anos 90 (coincidentemente o mesmo período de maior ascensão do neoliberalismo) a sua mais nova contra-reforma, através do movimento de "Renovação Carismática Católica".

O movimento de Renovação Carismática da Igreja Católica por coincidência ou não; surgiu dentro da Igreja Católica norte-americana, em 1967, período em que deflagravam os golpes contra governos democráticos em toda a América Latina e a repressão no caso do Brasil, que já tinha deflagrado o seu golpe, em 1964. É justamente na década de 60, que a CIA estimula a criação e expansão de igrejas evangélicas pentecostais. Não podemos nos esquecer que a Renovação Carismática Católica também é um movimento religioso pentecostal.

No Brasil, em pouco tempo a Renovação Carismática Católica ganhou força, apoiada pelos principais bispos e cardeais conservadores, entre eles, Dom Eugênio SALES da cidade do Rio de Janeiro, que apoiou abertamente a Ditadura Militar. Rapidamente também ganha a simpatia da grande mídia, que passara a projetar nacionalmente os seus padres-cantores e a difundir as showmissas.

O padre paulista Marcelo ROSSI, a grande vedete da mídia televisiva e escrita principalmente da Rede Globo que passou a dar longos minutos para este padre difundir suas músicas e corografias; principalmente em horário nobre, porém, logo passou a transmitir as suas showmissas ao vivo em rede nacional.

Em nome da aliança para combater o avanço da Igreja Universal do Reino de Deus, do Bispo Edir Macedo, a Rede Globo buscou nesta investida em favor da Igreja Católica Carismática, desviar a atenção da população pobre e da classe média desesperada diante do crescente desemprego e da crise econômica, evitar uma possível revolta popular contra os desmandos e naufrágio do governo de FHC que atinge índices de impopularidade históricos, colocando em cheque a supremacia do neoliberalismo até então hegemônico. Nunca se apelou tanto ao mítico e ao religioso como em nossos dias.

Além da manipulação das mentes e das consciências, os padres cantores tornaram-se uma ótima opção financeira; são verdadeiros papa níqueis, vendem desde fita de vídeo e CDs, até outras inúmeras quinquilharias necessárias para alcançar as graças do Senhor Jesus.

unesp

A visita que o padre Marcelo ROSSI fez no meio do ano a FHC, estava entre as estratégias seguidas pelos "marqueteiros" para melhorar a imagem do Presidente. Coincidência ou não, pouco tempo depois, o referido padre começara a cantar o Hino Nacional nas suas aparições na TV. O Hino Nacional gravado com a participação de Roberto Carlos e Xuxa, será o grande lance de marketing do seu mais novo CD que será lançado brevemente. Além do mais, os mesmos cantores que participaram na campanha vitoriosa para a reeleição de FHC em 1998, entre eles Roberto Carlos, Chitãozinho e Xororó, Sérgio Reis e Sandy e Júnior, passaram também a participar das showmissas do padre Marcelo ROSSI transmitidos em rede nacional pela Rede Globo.

A intenção da manipulação entre a aliança entre a Igreja carismática, Rede Globo, governo FHC e grupos internacionais ficou evidenciada de várias formas, e a mais evidente delas é que, na Renovação Carismática, os cultos são marcado por músicas de apelo popular, coreografias e discursos voltados para o lado espiritual. Falar sobre questões sociais e de política, é quase que proibido. São estes pontos que classifica este movimento de pentecostal, devido à grande semelhança que tem principalmente com a Igreja do Bispo Macedo. Os slogans são estampados em camisetas e faixas com o seguinte texto: Deus é fiel! sou mais Jesus! Deus é amor e salvação, entre outros.

Ao longo de nossas reflexões podemos observar que muitas são as formas de planejar ou calcular a exclusão social e as diferenças entre os países. O domínio das tecnologias de ponta e a exploração do espaço cósmico ao mesmo tempo que amplia os horizontes do homem no Universo, gera domínio e poder na Terra.

A tecnologia espacial foi a grande responsável pelo o estágio atual das telecomunicações, utilizadas para manipular bilhões de mentes e consciências em todo o planeta em prol dos interesses do capitalismo difundido pelo neoliberalismo e pela globalização. Daí por que até as Igrejas conservadoras entraram nas ondas da "telinha", pois quem domina a tecnologia domina o mundo e calcula a intensidade da concentração de riqueza e de exclusão social.

Depois de ter refletido no primeiro capítulo sobre um mundo em transformação, no segundo sobre o neoliberalismo, globalização, novas tecnologias e seus efeitos sobre a humanidade, no terceiro e quarto capítulos, trabalhei a questão da educação, do ensino de Geografia e o papel do Geógrafo/Educador diante deste contexto de mundo marcado pela exclusão, chegamos ao final deste trabalho evidenciando que há no mundo um processo de exclusão calculada.

A superação a isso tudo está na organização social, que passa primeiramente pela libertação das consciências, pois para MARX, "a coincidência da modificação das

unesp

circunstâncias com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como práxis revolucionária". (1979, p.12). As colocações de MARX reforça a tese de que o mesmo homem que é produto das circunstâncias do neoliberalismo, poderá ser o mesmo homem que num futuro breve poderá transformar as circunstâncias a favor da construção de uma sociedade justa e humana.

BIBLIOGRAFIA:

AB'SABER, Aziz. Metropolização e globalização: desafios e reposição conceitual. In **Globalização, metropolização e políticas neoliberais**. São Paulo, EDUC, 1997. p.27-40

ALMEIDA, R. de Almeida e PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico - Ensino e Representação**. São Paulo, Contexto, 1992.

ALVES JÚNIOR, Celestino. **A Escola Pública como local de trabalho**. São Paulo, Cortez, 1993.

_____. A ideologia da incompetência do outro e outras ideologias de conveniência na relação neoliberalismo e educação. In **Infância, Educação e Neoliberalismo**. São Paulo, Cortez, 1996, p. 74-92.

ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo. In: **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. p.9-23.

ANDRADE, Manuel, C. de. **Globalização e Geografia**. Recife, Editora Universitária – UFPE, 1996.

_____. **Uma Geografia para o Século XXI**. São Paulo, Papirus, 1994.

_____. O Pensamento geográfico e a realidade brasileira. In **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo, Cortez, 1997.

ARAÚJO, A. M. e SACILOTTO, J. V. **Conceitos de planejamento e gestão de trabalho**. São Paulo, CEETEPS, 1999.

BEYHAUT, G. Metropolização e globalização: bosquejos históricos e sociais. In **Globalização, metropolização e políticas neoliberais**. São Paulo, EDUC, 1997. p.17-26.

BIONDI, Aloysio. **O Brasil privatizado**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1999

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA nº 21. Por uma Geografia Cidadã. Porto Alegre, AGB, 1996

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA nº 72. São Paulo, AGB, 1994

BUFFA, Ester. Educação e Cidadania burguesas. In **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão**? São Paulo, Cortez, 1993, p. 11-30.

CACETE, N. H. A AGB, os PCNs e os professores. In: **Reformas no mundo da educação - Parâmetros Curriculares e Geografia. São Paulo**, Contexto, 1999. p.36-42.

CADERNO CEDES nº 39. Ensino de Geografia. Campinas, Papirus, 1996.

CADERNOS DÍVIDA EXTERNA. O neoliberalismo ou mecanismo para fabricar mais pobres entre pobres., São Paulo, Pedex, nº 03, 1993.

CADERNO PRUDENTINO DE GEOGRAFIA nº 17. Geografia e Ensino. Presidente Prudente, AGB, 1995

CADERNO PRUDENTINO DE GEOGRAFIA nº 18. Geografia e Globalização. Presidente Prudente, AGB, 1996.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Rio de Janeiro, Editora Terceiro Milênio, nº 210, 1999, Roberto. A quarta globalização. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 maio 1997. 1º Caderno, p.6

CARLOS, A. F. A., OLIVEIRA. A. U. de. **Reformas no mundo da educação - Parâmetros Curriculares e Geografia**. São Paulo, Contexto, 1999.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos e Outros. **Geografia em Sala de Aula – Práticas e Reflexões**. Porto Alegre, AGB, 1998.

COMISSÃO DE ENSINO AGB/ANPUH. Crítica ao processo de elaboração dos Parâmetros Curriculares. In **AGB em Debate**, nº 13, São Paulo, AGB, março de 1998.

CORIAT, Benjamin. **El taller y el robot (Ensayos sobre el Fordismo y la produción en masa en la era da electrónica)**. México/Espanha, Siglo XXI, 1992.

CORSI, Francisco. A globalização e a crise dos Estados Nacionais. In: **Desafios da globalização**. Petrópolis, Vozes, 1998. p.102-108.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Brasileira: Crise e renovação. In **Geografia: Teoria e Crítica**. Petrópolis, Vozes, 1982, 115-121.

_____. O espaço geográfico: algumas considerações. In **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993, p.25-34.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo, Xamã, 1996.

DOWBOR. L. Da globalização ao poder local: a nova hierarquia dos espaços. In: **A Reinvenção do Futuro**. São Paulo, Cortez, 1996. p.55-75.

_____, IANNI, O., RESENDE, P. E. A. (Orgs.). **Desafios da globalização**. Petrópolis, Vozes, 1998.

FERRETTI, C. J., ZIBAS, D. M. L., MADEIRA, F. R., FRANCO, M. L. P. B. (Orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis, Vozes, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Especial Globalização. nov. 97, 12 p.

_____. Caderno especial: o mapa da pobreza. set. 98, 8 p.

FIORI, José Luís de. **Os moedeiros falsos**. Petrópolis, Vozes, 1997.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

FRANCO, M. C. Formação profissional para o trabalho incerto: um estudo comparativo Brasil, México e Itália. In: **Educação e crise do trabalho - perspectivas de final de século**. Petrópolis, Vozes, 1998. p.100-137

FREIRE, Paulo. **Fazer escola conhecendo a vida**. São Paulo, Papirus, 1990.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

_____. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____ e Outros. **Vivendo e aprendendo - experiências do idac em educação popular**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **A Reinvenção do Futuro**. São Paulo, Cortez, 1996.

FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, Vozes, 1998.

GADELHA, Maria A. F. (Org.) **Globalização, metropolização e políticas neoliberais**. São Paulo, Educ, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

_____, BECK, U., LASH, S. **Modernização reflexiva - política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo, Editora UNESP, 1995.

GIANETTI, Eduardo. Saiba como os teóricos interpretam o processo. In **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 nov. 1997. Caderno Especial Globalização, p.2.

GONÇALVES. C.W. P. Reformas no mundo da educação. In: **Reformas no mundo da educação - Parâmetros Curriculares e Geografia**. São Paulo, Contexto, 1999. p.68-87.

GHIRALDELLI JÚNIOR. **O que é um "Bom Professor"? (o professor no discurso pedagógico do mundo moderno e contemporâneo)**. In Revista Ciência Geográfica, nº 7, Bauru, AGB/Bauru, 1997.

GORENDER, Jacob. Estratégias dos Estados Nacionais diante do Processo de globalização. In: **Globalização, metropolização e políticas neoliberais**. São Paulo, Educ, 1997, p. 73-96.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

HIRATA, Helena (Org.). **Sobre o modelo japonês**. São Paulo, Edusp, 1993.

HIRST, P., THOMPSON, G. **Globalização em questão**. Petrópolis, Vozes, 1998.



HOLLOWAY, J., PELÁEZ, E. Aprendendo a curvar-se: pós-fordismo e determinismo tecnológico. In **Outubro** (São Paulo), v.2, p.21-29, 1998

IANNI, Octavio. **A sociedade global. Rio de Janeiro,** Civilização Brasileira, 1993.

_____. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

_____. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

_____. O mundo do trabalho. In: **A reinvenção do futuro**. São Paulo, Cortez Editora, 1996. p.15-54.

JOFILLY. Bernardo. Toyotismo e microeletrônica: uma revolução que desafia. In revista **De Fato**, edição especial, São Paulo, CUT, 1994.

KAECHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 1998.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

KURZ, Robert. Perdedores Globais. In **Folha de São Paulo,** 01 de out. 1995, Caderno Mais p: 5-9.

_____. **O calapso da modernização - da derrocada do socialismo de caserna à da economia mundial**. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso Serve, em Primeiro Lugar, para fazer a Guerra**. São Paulo, Papirus, 1993.

LEITE, Márcia de Paula. Modernização Tecnológica e relações de trabalho. In: **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis, Vozes, 1998. p.36-53.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo, Cortez, 1992.
Trabalho e a organização na empresa industrial integrada

MADDISON, A. **La economía mundial 1820-1992. Análisis y estadísticas**. Paris, OCDE, 1997

MARCOS, Subcomandante. Por que combatemos. In **Folha de São Paulo**, São Paulo. outubro de 1997. Caderno Mais, p.4-6.

MELLO, Giomar Namo de. **Cidadania e competitividade - desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo, Cortez Editora, 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Parâmetros Curriculares Nacionais. vol. 5. História e Geografia. Brasília, MEC/SEF, 1997.

unesp

MORANDI, Sonia. Espaços e Globalização. In **Caderno de Geografia CEETEPS/SERT**, São Paulo, 1995.

_____. O Processo de Globalização e Participação Política. In: **Caderno CEETEPS/SERT**, São Paulo, 1997.

_____. **Tecnologia e Meio Ambiente**. São Paulo, CEETEPS, 1999.

MORAES, Antonio C. R. Em busca da ontologia do espaço. In **Geografia: Teoria e Crítica**. Petrópolis, Vozes, 1982, p.65-74.

_____. **Geografia – Pequena História Crítica**. São Paulo, Hucitec, 1992.

_____. A Geografia e o processo de valorização do espaço. In **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993, p.111-130.

MORAES, José Geraldo V. de. **Caminhos das Civilizações**. São Paulo, Atual, 1993.

MOREIRA, Ruy (Org.). **Geografia - Teoria e Crítica**. Rio de Janeiro, Vozes, 1982

_____. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In **Geografia: Teoria e Crítica**. Petrópolis, Vozes, 1982, p.33-64.

_____. **O círculo e a espiral - a crise paradigmática do mundo mo**derno. Rio de Janeiro, Cooautor, 1993.

_____. Repensando a Geografia. In **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993.

_____. **A Pós-Modernidade, a Globalização, a Terceira Revolução Industrial e o Mundo do Trabalho**. Palestra realizada no CEETEPS em 27/03/96.

_____. Inovações tecnológicas e novas formas de gestão do trabalho. In: **Ciência Geográfica** nº 8, Bauru: AGB, 1997, p.41-7.

_____. A técnica, o homem e a terceira revolução industrial. In **Ciência e Tecnologia em debate**. São Paulo, Moderna, 1998, p.33-54.

MARX, Karl. **O Capital**, Vol. II. São Paulo, Nova Cultural, 1985.

NACIONES UNIDAS. **Equidad y transformacion productiva: un enfoque integrado**. Santiago de Chile, 1992.

NAISBITT, John. **Paradoxo global**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1994.

NEGRÃO, J. J. **Para conhecer o neoliberalismo**. São Paulo, Publisher Brasil, 1998.

NETTO, José P. **Repensando o balanço do neoliberalismo. In: Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. p.29-34.

OLIVEIRA. A. U. de. Espaço e tempo: compreensão materialista e dialética. In **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993, p.66-110.

unesp

_____. Geografia e ensino: os Parâmetros Curriculares nacionais em discussão. In: **Reformas no mundo da educação - Parâmetros Curriculares e Geografia**. São Paulo, Contexto, 1999. p.43-67.

OLIVEIRA, Betty. **O Trabalho Educativo**. Campinas, Autores Associados, 1996.

OLIVEIRA, Francisco. Neoliberalismo à brasileira. In: **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. p.24-28.

PEREIRA, D. A. C. Geografia Escolar: Conteúdos e/ou Objetivos? In **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 17. Presidente Prudente, AGB, 1995, p.62-74.

PETRAS, James. **Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina**. São Paulo, Xamã, 1999.

PONTUSCHKA, N. N. Parâmetros Curriculares Nacionais: tensão entre Estado e escola. In: **Reformas no mundo da educação - Parâmetros Curriculares e Geografia**. São Paulo, Contexto, 1999. p. 11-18.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. **A construção da Geografia Humana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

RAMIREZ, P. O trabalho pode estar muito próximo. In. **Caderno CEETEPS/SERT** (São Paulo), v.2, p.85-109, s/d.

RATTNER, Henrique. Trabalho e a organização na empresa industrial integrada e flexível In: **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis, Vozes, 1998. p.77-83

RECH, Pedro Elói. Paradigmas e políticas educacionais: o neoliberalismo. In **Revista Princípios**, nº 48, São Paulo, Anita Garibaldi, fevereiro/Abril de 1998, p.74-80.

REVISTA TERRA LIVRE nº 8. Prática de Ensino em Geografia. São Paulo, AGB, 1991.

REVISTA TERRA LIVRE nº 13. Dossiê: Os PCNs em Discussão. São Paulo, AGB, 1997.

REVISTA TERRA LIVRE nº 14. As Transformações no Mundo da Educação. São Paulo, AGB, 1999.

ROCHA, Genyton Odilon Rêgo da. Ensino de Geografia e Formação do Geógrafo Educador. In **Revista Ciência Geográfica**, nº 3, Bauru, AGB, janeiro/abril de 1996, p.38-42.

RODRIGUES. Alberto Tossi. Neoliberalismo: Gênese, Retórica e Prática. In Revista **Filosofia, Sociedade e Educação**. Marília, Pós-Graduação UNESP, 1995, p.193-226.

ROSSI, C. Globalização diminui as distâncias e lança o mundo na era da incerteza. In **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 nov. 1997. Caderno Especial Globalização, p.2.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

_____. A banalização da barbárie. In **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 nov. 1999. Opinião, p.2.

RUA, João (Org.). **Para Ensinar a Geografia**. Rio de Janeiro, Access, 1993

RUFINO, Sonia M. V.C. A construção do conceito de espaço e o ensino de Geografia. In **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 17, Presidente Prudente, AGB/Presidente Prudente, 1995, p.94-114.

SADER, Emir, et alli. A trama do neoliberalismo - Mercado, crise e exclusão social. In: **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. p.139-184.

_____ e GENTILLI, Pablo. **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

SAN MATIN, Paulo. **Agricultura Suicida**. São Paulo, Cone, 1985.

SANTOS, Douglas. Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino da Geografia. In **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 17. Presidente Prudente, AGB, 1995, p.20-61.

SANTOS, Milton. Geografia, Marxismo e Subdesenvolvimento. In **Geografia: Teoria e Crítica**. Petrópolis, Vozes, 1982, p.13-22.

_____. Responsabilidade Social dos Geógrafos. In **Fundamentos para o Ensino de Geografia - Seleção de Textos**. São Paulo, SE/CENP, 1988, p.7-13.

_____. Novos Rumos para a Geografia Brasileira. In **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993, p.209-219.

_____. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo, 1993.

_____. Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência. In **Boletim Gaúcho de Geografia** nº 21. Porto Alegre, AGB, 1996, p.7-14.

_____. Entrevista AGB/Bauru. In **"O Espaço do Geógrafo"** nº 05, Bauru, AGB/Bauru, 1996, p.4-9.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1997.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo, Hucitec, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**. Campinas, Autores Associados, 1992.

_____. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. Campinas, Autores Associados, 1996.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Fundamentos para o Ensino de Geografia. São Paulo, SE/CENP, 1988.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas - a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática – As conseqüências sociais da Segunda Revolução Industrial**. São Paulo, Editora UNESP/Brasiliense, 1995.

SCHÄFFER, Neiva Otero e Outros. **Ensinar e Aprender Geografia**. Porto Alegre. AGB, 1998.

SCHIEFELBEIN, E., TEDESCO, J. C. **Uma nueva oportunidad. El rol de la educación en el desarrolo de América Latina**. Buenos Aires, Santillana, 1995.

SPOSITO, M. E. Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de geografia: pontos e contrapontos para uma análise. In: **Reformas no mundo da educação - Parâmetros Curriculares e Geografia**. São Paulo, Contexto, 1999. p.19-35.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de administração científica**. São Paulo, Atlas, 1970

Toyotismo e Neoliberalismo. São Paulo, **CPV**, 1994.

VALE, José Misael Ferreira do. Educação e globalização: reflexos no ensino brasileiro. In **Revista Ciência Geográfica**, nº 12, Bauru, AGB, janeiro/abril de 1999, p.63-66.

VESENTINI, José Willian. **Geografia, Natureza e Sociedade**. São Paulo, Contexto, 1989.

WAINRIGHT, H. **Uma resposta ao neoliberalismo - argumentos para uma nova esquerda**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

ABSTRACT

The aim of this paper is to put in evidence the role of a Popular Public School and Geografy tiching in the scenery of the global market and neoliberalism systim.

This research shows that brazilian social disparity is increasing, promoting poverty, hunger and violence, which leads to a process of social degradation and segregation in an extremely evil environment. This is part of the new capitalist paradigm, i. e., the raise of social exclusion is done to increase the wealth of a little more than 20% of the wuord's population.

From a geografher/educator's life experience and considerations regarding to neoliberalism, global capitalism, technogies of the third industrial revolution, and the new paradigm about the world's production and labor, we have settled the Popular Public Education and citizenry Geografy Teaching, as a viable way to build the conception of a Public Democratic School that can promote a different edcation and mayor students who are able to fight for the citizenchip rights denyed to most brazilians.

unesp

ANEXOS:

NEOLIBERALISMO: ORIGEM, ESTRATÉGIA E AÇÃO

*Lourenço Magnoni Júnior

O pensamento neoliberal, é a mais nova estratégia política, econômica, cultural e social do capitalismo monopolista internacional neste fim de século. O projeto neoliberal tem suas raízes nos princípios e idéias do liberalismo econômico surgido no século XVIII, século que teve inicio o capitalismo industrial, marcando o fim do capitalismo comercial mercantilista, predominante no mundo entre os séculos XVII e XVIII.

A reflexão sobre o liberalismo surge com John LOCKE e toma forma econômica com o economista inglês Adam SMITH (1723-1790), que como os demais economistas da época, defendia o fim do mercantilismo. Preocupava-se em sistematizar a análise econômica com a elaboração e demonstração de leis, que daria origem aos estudos de economia, que rapidamente ganharia "status" de ciência.

O liberalismo proposto por Adam SMITH, tinha no trabalho e no acúmulo de capitais, sua principal fonte de geração de riquezas. Segundo SMITH, para uma nação desenvolver-se era necessário aumentar a produtividade do trabalho e a acumulação interna de capital.

Na obra "**A Riqueza das Nações**", SMITH enfocou a divisão do trabalho como elemento essencial para o crescimento da produção e do mercado, sendo que sua aplicação eficaz dependia da livre concorrência, o que forçaria o empresário a ampliar a produção, buscando novas técnicas, aumentando a qualidade dos produtos, baixando ao máximo os custos da produção dentro das perspectivas do capitalismo concorrencial. Para SMITH, a economia seria regulada pelo decréscimo do preço final de cada produto, o que favorecia a lei natural da oferta e da procura, viabilizando o sucesso econômico geral e ninguém, nem mesmo o Estado, deveria intervir nesse processo, que tinha no mercado a essência máxima de sua existência. Ao Estado no entanto, caberia somente o papel de zelar pela propriedade privada e pela ordem.

Na segunda metade do século XVIII, a burguesia que se enriquecera com o mercantilismo econômico decorrente da expansão ultramarina, ao perceber que as idéias do liberalismo de SMITH eram uma possibilidade de ouro para a ampliação de seu projeto político, social e principalmente econômico, rapidamente as incorporou a seu favor, pois essas estavam assentadas na liberdade do indivíduo, no direito a livre propriedade privada, no livre-câmbio, na

liberdade de comércio e de produção, no respeito às leis naturais da economia e na liberdade de contrato de trabalho (salários e jornadas) sem o controle do Estado e pressão dos sindicatos (esses teriam que ser banidos para sempre); era tudo que esta burguesia sonhava e queria para alavancar a Primeira Revolução Industrial e conseqüentemente concretizar o seu projeto de dominação sobre a Inglaterra e o mundo.

David RICARDO, seguidor de Adam SMITH, ao analisar as condições do assalariado e do capitalista, afirmara que com o aumento da população o salário dos primeiros diminuiria e os lucros dos capitalistas cairia. RICARDO é o economista que vê no trabalho a fonte do valor. Sua reflexão sobre o trabalho como fonte do valor influenciará muitos pensadores socialistas. Nesta mesma linha de raciocínio, MALTHUS dizia que o aumento da população levaria o homem, em um futuro breve, a uma assustadora situação de fome e de miséria.

Os princípios econômicos liberais em muito contribuiu com a eclosão e expansão da Primeira Revolução Industrial, científica e tecnológica, que trouxe mudanças radicais ao contexto de mundo da época. Entre es principais mudanças estão: a transformação da manufatura em fábrica (símbolo da indústria moderna), a introdução do sistema de maquinismo, cujo primeiro ato foi a disciplinarização cronométrica do movimento do trabalho entre os operários e do trabalho assalariado, a divisão tecnicamente especializada do trabalho, sincronizado pela disciplina do tempo cronometrado do relógio, aparecimento da propriedade privada (política de cercamento), a aceleração do processo de urbanização, o avanço da mecanização do campo e do êxodo rural, ampliando desta forma, o processo de exploração do trabalho e o crescimento astronômico da miséria. Neste período também surge o capitalismo e o Estado Nacional moderno.

A Revolução Industrial inglesa entra pelo século XIX, agravando a situação da miséria social. Nem mesmo o desenvolvimento da teoria distributiva da ideologia neoclássica do capitalismo laissez-faire, que ao primar pela "concorrência", também tinha um ideal de justiça distributiva, minimizou o problema.

As contradições geradas pelo sistema capitalista de produção industrial, rotulado de concorrencial, deixaria a maioria da população em condições subumanas. Entre essas contradições estavam o aumento da exclusão social decorrente da crescente concentração de riqueza, dos baixos salários, das longas e exaustivas jornadas de trabalho nas fábricas, as má condições vida nos insalubres bairros operários, que não contavam com qualquer infra-estrutura (água encanada, rede de esgoto e calçamentos de ruas e vielas) e que freqüentemente eram tomados pela fumaça e outros poluentes industriais. Qualquer movimento que viesse ferir os

princípios da livre iniciativa, da propriedade privada, da "liberdade" individual e da ordem social vigente, era fortemente reprimido.

No decorrer da expansão da indústria moderna, para justificar essa excludente organização da sociedade industrial, surgem algumas doutrinas entre elas, a de MALTHUS A crescente exclusão aliada ao aumento da fome, da miséria e o rápido crescimento da população, passara a preocupar Tomas MALTHUS, pastor protestante e demógrafo inglês, que estudara e escrevera sobre as leis da população.

MALTHUS escrevera que o crescimento da população em projeção geométrica em um curto espaço de tempo poderia trazer sérios problemas para a humanidade, entre eles, o aumento da fome e a miséria pois, para ele, a produção de alimentos cresceria em projeção aritmética, não atendendo a todos. A solução segundo MALTHUS, estava no controle sobre o crescimento da população. Suas idéias acabaram ganhando adeptos em todo o mundo, dando origem à teoria que mais tarde ficaria conhecida como malthusianismo, a teoria populacional ainda preferida pelos capitalistas da atualidade.

MALTHUS errou com suas projeções ao subestimar o avanço científico e tecnológico e conseqüentemente o aumento da produção agrícola, que nos dias atuais apresenta uma produtividade anual superior as necessidades de consumo dos seis bilhões de seres humanos que habitam o planeta Terra. Sabemos que a questão da fome em nossos dias não é decorrente da falta de tecnologia e de alimentos e sim, devido aos interesses capitalistas que controlam a circulação das mercadorias em todo o planeta.

Outras doutrinas surgiram propondo alternativas para a superação das injustiças sociais presente no seio da sociedade industrial, a partir da construção de uma sociedade justa e igualitária. Entre elas estavam o socialismo utópico, o socialismo científico e o anarquismo.

As idéias liberais advindas do final do século XVIII, juntamente com o capitalismo concorrencial, foram os responsáveis pela eclosão da Segunda Revolução Industrial e pela criação de novos ramos industriais e tecnológicos tais como a química orgânica, a petroquímica, a carboquímica, os produtos sintéticos, o motor a explosão, o avião, o telefone, o rádio e o telégrafo, proporcionando o avanço dos meios de transportes e de comunicação.

No final do século XIX, o desenvolvimento dos mercados de capitais no âmbito mundial e a formação dos grandes grupos multinacionais, dos trustes e cartéis, irão selar o fim do capitalismo concorrencial, dando lugar ao capitalismo monopolista e o início da corrida neocolonial que avançou sobre a África e Ásia, aumentando a turbulência no mercado e conseqüentemente a instabilidade e as depressões cíclicas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A crise do capitalismo em curso iria deflagrar a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevista da Rússia e a grande depressão de 1929, devido ao estouro da Bolsa de Nova Iorque; crise decorrente da aplicação extremada do liberalismo nas economias dos principais países capitalista daquele período, principalmente sobre a norte-americana.

A crise de 1929, provoca o nascimento e a expansão do New Deal norte-americano e do Estado de bem-estar social europeu (Walfare State). Ambos passam a ser vistos pelos liberais ortodoxos, como uma constante ameaça a liberdade econômica e também política, devido a intervenção do Estado na economia e por favorecer a organização e promoção social.

Na passagem da segunda para a terceira revolução, pouco mais de 15 anos após o estouro da Bolsa de Valores de Nova Iorque ocorrido em outubro de 1929 e a quase 150 anos depois da origem do liberalismo, eis o início da primeira reedição (revisão) do liberalismo pensado por LOCKE e teorizado por SMITH, agora com o nome de neoliberalismo. É preciso entender que a ideologia neoliberal foi gestada entre 1944 e 1947 e paulatinamente executada evidenciando relação direta entre teoria e prática.

Além do combate a intervenção estatal na economia, outros motivos levaram alguns teóricos do mundo ocidental rico a reeditar uma versão do liberalismo muito mais ortodoxa em relação a teoria de SMITH. Tais motivos eram:

1- a projeção da ex-URSS como potência mundial e a conseqüentemente expansão do socialismo pelo o planeta, levara o início da bipolaridade mundial entre EUA (capitalista) e URSS (socialista). O comunismo torna-se o inimigo que precisava ser combatido;

3- o início da terceira revolução industrial, científica e tecnológica com o aparecimento do computador e da nova fase reestruturação e internacionalização do capitalismo ocidental, que levaria a industrialização tardia para inúmeros países do mundo periférico, entre eles, o Brasil.

No entanto o pseudo-comunismo ou socialismo real que além da URSS se expandiria por todo o Leste Europeu, China, Cuba e diversos outros países da Ásia e África, fora eleito como inimigo número um do mundo ocidental, liberal-"democrata".

Ao estudarmos o liberalismo econômico praticado pela burguesia a partir do século XVIII, percebemos facilmente as razões que levam os neoliberais em nossos dias a apregoarem a diminuição do papel do Estado e de sua interferência na economia, endeusando o mercado como o único mecanismo capaz regular a "livre" economia. Podemos observar que o discurso é o mesmo em épocas diferentes e, a essência central continua sendo a mesma: a busca a qualquer custo do acúmulo de novas riquezas, via exploração do trabalho e dilapidação dos recursos naturais.

unesp

O projeto neoliberal é na verdade, um projeto de liberalização econômica muito mais amplo do que o defendido por Adam SMITH no século XVIII. Através do processo de globalização, o grupo dos países ricos (G7) pretende consolidar a implantação de um projeto econômico de dominação planetário, beneficiando principalmente as corporações transnacionais. "Por isso o neoliberalismo não é apenas uma réplica do liberalismo clássico, ainda que contenha o núcleo do seu ideário. Ocorre que liberalismo clássico estava enraizado na sociedade nacional, no capitalismo competitivo, no mercado nacional.(....) O neoliberalismo sintetiza a ciência econômica global, que informa, fundamenta e organiza os movimentos do capital em escala global. Está na base das atividades do FMI e BIRD (Banco Mundial), assim como de empresas, corporações e conglomerados"(IANNI, p. 140, 1993).

O pensamento neoliberal origina-se no período pós Segunda Guerra Mundial, em resposta ao New Deal e Welfare State keynesiano. No decorrer dos anos 70, ganha terreno em reposta à crise do modelo de econômico baseado na regulação estatal e na promoção social.

O receituário neoliberal apresenta o mercado e sua total abertura para a ação da economia mundial globalizada, a desregulamentação e privatização selvagens de empresas estatais, sejam elas estratégicas, lucrativas ou não, como o único caminho viável para os países na busca de um "novo" projeto de desenvolvimento econômico baseado nos princípios do livre mercado, no livre jogo das forças do mercado, na livre empresa, na iniciativa privada, na competitividade, na lucratividade, na economia de escala, nas vantagens comparativas, na divisão internacional do trabalho e na mão invisível do capitalismo global.

Para IANNI, "o neoliberalismo é bem uma expressão da economia política da sociedade global. Forjou-se na luta contra o estatismo, o planejamento, o protecionismo, o socialismo, em defesa da economia de mercado, da liberdade econômica concebida como fundamento da liberdade política, condição de prosperidade coletiva e individual. A Guerra Fria, na qual ocorreu a industrialização do anticomunismo, foi seu ninho" (1993, p. 139,).

Os arautos dessa política, visam converter os Estados nacionais dependentes em meros aparelhos administrativos, com funções secundárias, sem nenhum compromisso em fomentar o desenvolvimento nacional e a defesa da soberania. A adoção dessa estratégia transforma tais países em presas fáceis aos potentados imperialistas, isto é, das grandes corporações transnacionais.

No final da década de 80, com a queda do Muro de Berlim, e no início dos anos 90, com declínio do Socialismo real no Leste Europeu e fim do Império soviético, o capitalismo se projeta como único e todo poderoso senhor do mundo. A partir daí intensifica sua ação para

unesp

instalar o projeto neoliberal de estabilização econômica sobre a tutela do chamado "Consenso de Washington" sobre as economias dos países da periferia.

Devemos reconhecer que o fim da URSS e a Guerra do Golfo contribuíram para consolidar, a atual "nova ordem internacional" favorável aos países industrializados; os EUA e seus aliados gastaram 36 bilhões de dólares na guerra do Golfo, mas não ficaram no prejuízo, pois com isso, conseguiram impor seu poder de dominação sobre um mundo quase que exclusivamente capitalista.

A imposição do projeto capitalista neoliberal tem por objetivo converter os Estados nacionais periféricos em meros espaços de expansão de capital, pois as intervenções militares que presenciamos nos últimos anos na Bosnia, Somália, Ruanda, Haiti e mais o bloqueio econômico contra Cuba, tira dos Estados nacionais o direito a vida própria, isto é, a soberania.

Segundo IANNI, "o neoliberalismo enraíza-se diretamente no mercado mundial, no fluxo de mercadorias, lucro, mais-valia. Lança-se diretamente num mundo sem fronteiras, alfândegas, barreiras. Reafirma os princípios da liberdade, igualdade, propriedade e contrato, agora sob a égide das multinacionais, corporações, conglomerados, organizações pouco localizáveis, no sentido de que estão em muitos lugares e às vezes operam à margem de instituições, códigos, estatutos ou constituições nacionais" (1993, p.140,). Estes são os princípios da nova "democracia" econômica, política, cultural e social defendida pelo Consenso de Washington e pelos países do G7.

A expressão "consenso de Washington" foi criada pelo economista anglo-americano John Williamson, em um seminário promovido pelo governo norte-americano, em 1990.

Tal expressão designa as três fases de uma estratégia para ajustamento econômico:

1) estabilização da economia (combate a inflação);

2) realização de reformas estruturais (privatizações, desregulamentação de mercados, liberalização financeira e comercial;

3) retomada dos investimentos estrangeiros para alavancar o desenvolvimento.

Podemos dizer portanto, que o Projeto Neoliberal é mais uma ideologia difusa, que corresponde a derrota momentânea da maioria dos sistemas econômicos e políticos centrados no Estado empresário, surgido nos anos 30, nos Estados Unidos, com o "New Deal" (novas idéias) para recuperar a economia arrasada pela crise do Estado liberal provocada pelo crack da bolsa de Nova Iorque em 1929. Os Estados nacionais dos chamados NIPIS (novos países industrializados) como os "Tigres Asiáticos", tiveram por exemplo, seu desenvolvimento altamente centrados no aparato econômico do Estado.

unesp

A tendência econômica neoliberal ganha fôlego no pós Segunda Guerra, onde muitos Estados nacionais do Terceiro Mundo assumem através de empréstimos e supervisão dos países ricos, a construção de toda uma infra-estrutura básica para que as empresas originárias do mundo rico instalassem suas filiais. Era a expansão e ao mesmo o início da crise do Estado interventor, pois juntamente nascia uma nova fase do capitalismo monopolista: a internacionalização da economia capitalista sobre o comando das empresas multinacionais.

Diante deste quadro, o neoliberalismo surge como foi uma reação teórica contra o Estado intervencionista (New Deal) e de bem-estar social. Sua base de origem é o texto: **O Caminho da Servidão**, escrito pelo o inglês Fridrich Hayek. Hayek e seu grupo pregavam:

- que a desigualdade era um fator positivo;

- que era preciso manter um Estado forte com capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro público, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas; condição básica para a consolidação do Estado mínimo e da supremacia do mercado;

- o estabelecimento de uma política de estabilidade econômica com disciplina monetária, contenção de gastos com bem-estar e restauração da taxa "natural" de desemprego (estrutural) com a criação de um exército de reserva de mão-de-obra para quebrar os sindicatos;

- a necessidade de realização de reformas fiscais para incentivar os agentes econômicos e para reduzir os impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre rendas;

- a liberdade total para as regras do mercado e do sistema financeiro.

A crise do modelo econômico intervencionista iniciado com o "New Deal", começa a dar seus primeiros sinais ainda nos anos 60, com o esgotamento da dinâmica de crescimento dos EUA, devido ao seu grande endividamento externo, fruto da questão financeira internacional, não resolvida em Bretton Woods, quando o Banco Mundial e o FMI foram criados, em 1944. Já aí, suas principais empresas e bancos além de similares estrangeiras, transformaram-se em bancadores efetivos de grande parte dessa dívida.

Na primeira metade dos anos 70, essa crise se aprofunda ainda mais, com o fim da conversão do dólar em ouro, com o choque do petróleo devido ao bloqueio árabe, com a inflação acelerada e o esgotamento do padrão de crescimento industrial da Europa e do Japão, que acabaram por reduzir drasticamente a dinâmica de acumulação real dessas economias até então estáveis.

Com isso, aumentou o endividamento público do Primeiro Mundo, provocando crises estruturais, fiscais na maioria dos países da Europa Ocidental, EUA e Japão, o que vai culminar



numa política recessiva, de juros altos. Os juros no mercado financeiro internacional, passam de 7% ao ano em 1979 para 21,55% ao ano em 1981.

Foi grande a agiotagem liderada pelos Estados Unidos, que elevaram as dívidas externas dos países subdesenvolvidos a índices impagáveis. A dívida externa brasileira que hoje está próxima da cifra de 200 bilhões de dólares, saltou de 60 bilhões de dólares para 100 bilhões em 1984. Esse processo ficou conhecido como a "crise da dívida externa".

Sufocados com por esta crise, os Estados endividados do Terceiro Mundo, são forçados pelo FMI a fazerem os famosos ajustes macroeconômicos, com fortes cortes nos gastos públicos, ajuste fiscal, desvalorização das moedas nacionais em relação ao dólar, afim de acumular capital para honrar os compromissos da dívida.

O cenário se tornava propício a expansão do neoliberalismo por vários fatores:

- crise do socialismo real;
- crise do Estado de Bem-Estar;
- crise dos modelos de desenvolvimento acelerado do tipo burocrático e autoritário, como por exemplo o período da ditadura militar no Brasil;
- fragilidade das propostas de desenvolvimento (social democrata);
- reestruturação da economia mundial e uma espécie de pacto dos intelectuais que perderam de vista a propagação dos valores e da ética que anteriormente mantinham coesas as sociedades.

Aproveitando-se da situação, os bancos e empresas responsáveis pelos empréstimos a esses países endividados, promoveram nesse percurso, o chamado processo de "financeirização" que consistiu numa desmedida acumulação financeira, oriunda desses ajustes macroeconômicos feitos nos países subdesenvolvidos a custa do sacrifício da maioria da população.

Este acúmulo financeiro provocou alterações institucionais e operacionais no mercado financeiro internacional. Abarrotados por esse excedente financeiro, fizeram renascer o ideário liberal do mercado disseminando os princípios neoliberais que cinicamente eles propõem ao Terceiro Mundo; princípios que pregam a privatização de empresas estatais, argumentando a necessidade de transferir recursos financeiros arrecadados com a venda dessas empresas para o Estado sanear suas contas, ao mesmo tempo, dar-lhe a "eficiência" que só é capaz mercado de possuir.

Em segundo plano vem a desregulamentação dos movimentos internacionais do capital dos monopólios públicos e a abertura comercial, facilitando a entrada dos fluxos financeiros, permitindo o acesso do capital privado em importantes setores da economia, como na energia,

unesp

transportes e telecomunicações, em busca da fácil acumulação real de capital. Como vemos, não é de graça que os lobbies comandado por grandes grupos nacionais e transnacionais no Congresso Nacional, deram vultuosas quantias de dinheiro para deputados e senadores da ala governista votarem a favor da quebra dos monopólios e para garantir a conclusão das reformas comandada pelo governo neoliberal de FHC, sobre supervisão do FMI e Banco Mundial.

No entanto, os novos espaços conquistados ainda não são suficientes para saciar a ganância dos grandes grupos transnacionais, pois frente aos seus excedentes financeiros, estão engendrando com maior voracidade a concorrência através da "globalização e reestruturação" produtiva da economia mundial. Assim, desde a década de 80, as empresas transnacionais vem realizando um sistema de compra e venda de empresas que já gerou enormes transações, fusões, joint-ventures entre outras combinações. Nesse processo, ocorre a incorporação ou desaparecimento de empresas menos competitivas e assim, se livram de suas "partes fracas", fortalecendo e reconcentrando o capital a níveis antes já mais imaginados.

Toda esta corrida realizada pelo capital a nível mundial, teve início com a eclosão da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica, que propiciou o desenvolvimento e avanço de tecnologias como a microeletrônica, informática, robótica, cibernética entre outras. Esta corrida tecnológica fez com as empresas transnacionais usufruíssem de um gigantesco processo de acumulação de capital, entre os anos de 1984/1991.

Esse processo teve efeitos perversos na maioria dos países, pois a automação industrial e as alterações estruturais nos sistemas produtivos precarizaram o mercado de trabalho, ampliando o número de desempregados nos 24 países mais industrializados do mundo, segundo a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). As altas taxas de desempregados são reflexos causados pela substituição do trabalho pouco qualificado pela máquina. "A mesma reprodução ampliada do capital, compreendendo sua concentração e centralização, acelera e generaliza os processos de proletarização e pauperização." (IANNI, p. 144, 1993).

Para completar este quadro, o uso de insumos modernos, desenvolvidos pela Cibernética, biogenética e biotecnologia estão substituindo os insumos tradicionais, produzidos em sua maioria nos países do Terceiro Mundo. Vejamos um exemplo: o carro fabricado no Japão, Europa e EUA, usa em nossos dias, 30% a menos de aço, em relação ao fabricado nos anos 70.

O sucateamento muito rápido dos equipamentos de produção e de consumo dos países subdesenvolvidos dependentes de importação e de tecnologia, mais o crescimento desmedido do poder monopólico (no comércio exterior, no acesso a tecnologia, no investimento direto,

unesp

etc.) das transnacionais, estão aumentando o poder de tomada decisões dessas empresas, onde muitas vezes promovem ajustes e reestruturações necessárias para incrementar o processo de expropriação e de acúmulo de capital sem consultar os governos dos Estados onde se localizam. Desta forma, a nova ordem econômica internacional, está jogando a periferia do mundo globalizado num foço sem fim. Isso mostra que o poder dessas empresas transnacionais ofuscam sem qualquer respeito a soberania dos Estados nacionais do mundo subdesenvolvido.

O que podemos notar, que mesmo diante da economia globalizada, as potências hegemônicas, a partir do final da década de 80, rapidamente passaram a organizar seus blocos de influência econômica, surgindo grandes blocos econômicos: o asiático, liderado pelo Japão, o NAFTA, liderado pelos EUA e a CEE (comunidade Econômica Européia liderada pela Alemanha); ainda temos o APEC (Mercado de Cooperação Econômica da Ásia e Pacifico) e em fase de formação a ALCA (Associação e livre comércio das Américas). Na periferia temos o Mercosul, o Pacto Andino, o CARICOM (América Central), Mercado Comum Árabe (MCA), Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e Comunidade Econômica Africana (CEA).

A constituição desses blocos foram exatamente para levantar muros, com novas formas institucionais de proteção, com objetivo de se proteger, uns dos outros, na luta concorrencial internacional, levada a efeito pelas empresas transnacionais. Desta forma cada bloco de liderança, quer ampliar sua base territorial, populacional e econômica, a nível continental, de reserva de mercado, diante das ameaças externas.

Os EUA com a conclusão da ALCA por exemplo, pretendem expandir seu mercado "livre" do Estreito de Behing (Alaska) a Terra do Fogo, na América do Sul. A maioria dos países latino-americanos já são favoráveis a criação da ALCA e com isso, os norte-americanos pretendem abocanhar para seu mando, todo o filão do mercado das Américas, evitando que outros blocos econômicos atuem mais intensamente sobre a região. Podemos observar, que enquanto as nações centrais procuram proteger seus mercados, estão impondo para a periferia, o projeto neoliberal que não respeita a soberania de nenhum Estado nacional ali localizado.

A formação de blocos econômicos é decorrente da globalização que atingiu níveis de competição, que começou a gerar a necessidade de novas escalas de gestão mais amplas, exigindo novas territorialidades, e o capitalismo desenvolvido vem construindo esses blocos, mesmo diante da não identificação (resistência) de certos grupos sociais, como por exemplo os indígenas e nativos da África; está em curso a nível global, um novo projeto que visa definitivamente "exterminar" as minorias; é uma tentativa de "inclusão" forçada desses nativos na massa excluída do mundo globalizado.

unesp

Como lógica econômica desses blocos, a globalização vem propiciando o aumento da concentração de riquezas nas mãos das elites, enquanto milhares de trabalhadores estão se tornando peças descartáveis na engrenagem da economia global, em decorrência das tecnologias da Terceira Revolução Industrial, Científica e Tecnológica.

Na nova ordem do globalizado capitalismo imperialista, tornou-se primordial na agenda dos grandes centros financeiros internacionais: Nova Iorque, Washington, Londres, Paris, Roma e Tóquio, o ajuste das diversas economias nacionais dos países subdesenvolvidos, para que essas possam ser inseridas na nova concepção econômica de mercado internacional. Projeto que não leva em conta os interesses nacionais e sim, somente dos sete países mais ricos do mundo (G7).

Em toda a América Latina (exceto Cuba), este ajuste vem sendo conduzido com um amplo processo de privatização de empresas estatais estratégicas e lucrativas, com a abertura indiscriminada do mercado para a entrada de produtos e capitais estrangeiros, com o corte do déficit público e a estabilização da moeda e com dolarizando das economias desses países.

A AÇÃO DO NEOLIBERALISMO NO BRASIL

No Brasil, o caminho para a implantação do projeto neoliberal, começou a ser articulado ainda no governo do general Figueiredo (que valorizava mais os seus cavalos ao povo brasileiro), devido ao início de um amplo projeto de sucateamento do bem público. Esse sucateamento teve continuidade durante o governo de Sarney, que ensaiou as primeiras privatizações de empresas estatais não concretizadas, devido as pressões populares.

Portanto, mesmo diante dessas pressões, a articulação do neoliberalismo no Brasil foi se fortalecendo, pois englobou segmentos das oligarquias dominantes, dos militares, do empresariado e da classe média disposta a acompanhar os processos de reestruturação produtiva a partir da abertura internacional da economia brasileira. Entre esses, exportadores e especuladores do sistema financeiro, foram os que mais se interessaram em apoiar as medidas da abertura indiscriminada aos processos produtivos que passaram a marcar a nova etapa da organização da economia internacional.

A supremacia dos neoliberais brasileiros é alcançada com a realização da eleição direta para Presidente de 1989. Articulados em torno da Rede Globo de Televisão e não tendo um nome forte no meio político do Centro-Sul, para disputar a presidência com chances de vencer e impor o projeto neoliberal, buscaram do fundo do baú ou melhor nos rincões das Alagoas, um playboy, carioca de nascimento, mas filho da arcaica oligarquia nordestina.

unesp

O carioca que se dizia nordestino, ganhou de presente em 1979, do regime militar e do então governador de Alagoas Guilherme Palmeira, a prefeitura de Maceió. De prefeito, elegeu-se deputado federal, pelo PDS, onde votou contra a emenda Dante de Oliveira, dizendo não a eleições diretas para presidente, sendo depois eleitor de Paulo Maluf no colégio eleitoral. Oportunamente filiou-se ao PMDB em 1986 e numa prévia, por sinal muito contestada devida as inúmeras fraudes, ganhou o direito de concorrer ao governo de Alagoas, saindo vencedor do pleito.

O então governador Fernando Collor de Mello aos poucos começava a aparecer na imprensa nacional escrita, televisiva e radiofônica, vendendo a imagem de um político novo, jovem, modesto, honesto e moralizador da administração pública, por ser um "caçador" de marajás, mas na surdina realizava acordos escusos com usineiros de cana, atividade também exercida por sua família. A fama se alastrou rapidamente por todo o país e Collor, foi lançado pelos neoliberais como candidato a presidência, em torno de um grupo de partidos minúsculos ou melhor, legendas de aluguéis, liderados pelo PRN, partido criado por seu grupo político. Com slogans de modernizador, moralizador e representante dos descamisados e verdadeiro opositor das elites arcaicas, Collor rapidamente passou a liderar todas as pesquisas de opinião de voto.

Collor em pouco tempo aglutinou o apoio de toda a elite brasileira, de setores da classe média, da imprensa nacional, dos descamisados, do capital estrangeiro, da CIA e do FBI e até mesmo do narcotráfico. Com uma campanha bilionária Collor vence de maneira suja e desonesta a eleição presidencial de 1989.

Fiel as promessas de campanha, Collor lança no seu primeiro dia de governo, um programa de estabilização econômica baseado em princípios neoliberais, encontrando apoio na base social da sociedade brasileira, fruto da combinação entre o elitismo dos segmentos que viam possibilidade de tirar vantagem ao se incorporarem no processo de internacionalização da economia e dos segmentos que viam na crise a possibilidade de acompanhar os vitoriosos e de participar das migalhas e das vantagens de um novo processo de seleção social.

Segundo a tradição do apartheid social brasileiro, os atores sociais que apoiam o neoliberalismo, são justamente aqueles que consideram inevitável um novo processo de seleção e exclusão na sociedade brasileira. Consideram que a concorrência aberta de todos contra todos corresponde a um único cenário possível para o Brasil e para a humanidade progredir. Os temores da perda de força na sociedade é usada para encobrir, com a máscara da hipocrisia e do vale tudo, sua fraqueza ética e moral e a fragilidade de seus vínculos sociais e comunitários. Assim, foram escondidas as primeiras descobertas de fraudes no governo Collor.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Um dos exemplos de estruturação social favorável ao neoliberalismo no Brasil, é a estratégia utilizada pela força sindical de Medeiros, que desde o governo Collor vem apoiando a reestruturação produtiva e a privatização das estatais realizada pelo alto, procurando organizar em torno de si, os trabalhadores que sobrevivem a esse processo, deixando de fora os perdedores, ou seja, o trabalhador que o novo proprietário estatal privatizada não considera como útil aos seus interesses.

Ideólogos da eficiência e do lucro, os sindicalistas da força sindical consideram inevitável a adesão de frações da classe trabalhadora aos condicionamentos da nova ordem econômica mundial. No entanto, para aumentar a eficácia da reestruturação, a força sindical vem constituindo parcerias entre sindicatos e empresas, visando até mesmo a contratação temporária e sem carteira assinada. Esse é o chamado sindicalismo de resultados que a imprensa brasileira tenta propagar como moderno e eficiente; um sindicato que defende os interesses dos patrões em detrimento dos interesses do trabalhador.

O projeto neoliberal articulado em torno de Collor buscou constituir e fortalecer novas alianças com as bolsas de valores, bancos de investimentos, com a tecnocracia do governo e com alguns dirigentes de empresas públicas e privadas. Assim, desenvolveu e constituiu o fortalecimento de novas alianças patrimoniais e empresariais, nascidas da especulação financeira, da política de abertura comercial, financeira e da privatização de empresas estatais.

Os grupos econômicos como a Odebrecht e o grupo Gerdau, ao lado dos bancos Bozzano e Simonsen, Bradesco, Bamerindus entre outros se beneficiaram diretamente do neoliberalismo implantado por Collor, pois foram os principais compradores das estatais privatizadas durante o seu governo, definindo assim, uma base de sustentação social no capital industrial e financeiro para implementação de suas políticas.

Uma outra faceta da busca de constituição e apoio ao projeto neoliberal decorreu da tentativa do grupo palaciano de Collor-Zélia, que procurou formar através da intermediação do esquema de PC, uma base financeira permanente para a sua sustentação política. Porém a articulação do esquema PC veio a tona justamente por não poder incluir todos os interessados em surrupiar dinheiro público e tráfico de influência.

Os que foram deixados de fora do esquema, como por exemplo o seu próprio irmão Pedro Collor, acabaram denunciando toda as falcatruas. A dimensão da corrupção e articulação mafiosa alcançou extensões nunca vista, como por exemplo a de crime e formação de quadrilhas, aprofundando ainda mais a crise nacional e culminando com impeachment de Collor.



Os imprevistos citados acima, não impediram o avanço do projeto neoliberal, que se constitui numa estratégia de poder do capital transnacional e das elites dos países periféricos para a reorganização da economia e do Estado.

Os efeitos da política de ajuste e reestruturação econômica neoliberal implantada no Brasil a partir do governo Collor, rapidamente sentidos, afetando de maneira diferenciada os diferentes setores da indústria nacional desigualmente preparados para os condicionamentos da globalização e da competição no novo cenário internacional. Foi a partir dessa competição desleal que segmentos de pequenos e médios produtores da indústria nacional começaram a falir, pois a falta de tecnologia e de mão-de-obra qualificada para fabricar produtos com qualidade e conseqüentemente competir com igualdade de preços no mercado da economia globalizada. A articulação social do neoliberalismo brasileiro, prega a continuidade da economia de mercado, como a única forma de modernização da economia nacional.

Preocupados em somente defender seus interesses, as elites brasileiras estão se esquecendo que na atual nova ordem, o país subdesenvolvido que não investir em educação, ciência e tecnologia e priorizar o fortalecimento do mercado interno, visando o desenvolvimento de um modelo econômico sustentável baseado na distribuição de renda e no aumento de produção alicerçada na pequena e média propriedade rural e urbana, gerando empregos e produtos acessíveis, para que haja o aumento da capacidade de consumo, será apenas mais uma Colônia escrava dos interesses econômicos das grandes corporações transnacionais que conduzem a economia capitalista da aldeia global em direção ao próximo milênio.

A estratégia principal do neoliberalismo brasileiro é portanto, reorganizar sua base apoiando-se nos padrões de comportamento do capitalismo selvagem e monopolista internacional.

O projeto neoliberal brasileiro está aglutinado em torno de forças sociais hegemônicas situadas ao redor de velhos quadros da política conservadora e do neo-autoritarismo, onde pessoas como ACM, Roberto Campos, Marcos Maciel, Roberto Marinho, entre outras, viraram paladinos da moralidade, quando sabemos que as condutas dos citados são extremamente duvidosas.

A TFP (tradição, família e propriedade), instituição de extrema direita, diversas Igrejas Evangélicas e a "Renovação Carismática" da Igreja Católica, realizam suas ações com intuito de manipular a população oprimida em prol da defesa dos interesses do projeto neoliberal do Consenso de Washington. É mais uma vez as elites e o grande capital não cuidando muito bem de seu aparelho ideológico de manipulação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O neoliberalismo brasileiro através da constante busca do apoio da classe média, tem por objetivo, a ampliação de sua base social, pois esses segmentos desorganizados da sociedade estão dispostos a realizar uma luta sem quartel, para conseguir a sua ascensão social; é a cultura do levar vantagem em tudo, que o neoliberalismo está manipulando muito bem.

O lema dos neoliberais é vencer e vencer, se for necessário liberar os laços sociais de regras e regulamentos e que a competição social substitua a norma pública ou a tutela dos Estados. É preciso questionar a ação manipuladora que os meios de comunicação (particularmente o monopólio Globo) vem realizando desde a eleição de 1989 e nos dias de hoje em torno do Plano Real, favorecendo diretamente o governo de FHC e seus aliados, representantes vivos do projeto neoliberal do consenso de Washington.

O discurso manipulador exercido pela imprensa nacional, visa atingir principalmente a organização do universo mental da grande massa, pregando a cultura do individualismo e da competitividade, como um elemento vital para o "sucesso" do indivíduo, numa economia de mercado. É a busca do lucro e de um lugar no mercado sobrepondo ao ser humano. Esse sistema serviu e serve de substância para o arrevismo e oportunismo social em matéria de comportamento político.

Desta maneira, o neoliberalismo apoia e solidifica no plano da violência simbólica, os padrões de desigualdade econômica e cultural, levando a população a descrença em qualquer projeto nacional e na democracia político-representativa (pregam constantemente que deputados e senadores são todos iguais e não servem para nada).

No Peru por exemplo, o presidente Alberto Fujimore aplicou um golpe de estado, fechando o Congresso para implantar a política econômica neoliberal. Recentemente, após o impedioso massacre dos guerrilheiros do Tupac Amaru, a Rede Globo o entrevistou no Programa Fantástico, como ele fosse um estadista e um democrata convicto, numa tentativa de inculcar na mente dos brasileiros de que o ditador Fujimore é um paladino da democracia e um exemplo político a ser seguido. A ação do governo de Fujimore é uma pequena mostra do que é a "democracia" neoliberal.

O projeto neoliberal brasileiro optou por atravessar o sistema político tradicional procurando impor a sua liderança sem concessões e negociações. Numa primeira etapa, aproveitou-se da desorganização da política tradicional e da fraqueza dos que buscavam alternativas mais democráticas, correndo por fora do espectro político.

O neoliberalismo brasileiro se impôs através de personalidades e estratégias intensivas na mídia, aproveitando-se das margens de populismo e da expectativa de um salvador ou do messianismo, para constituir uma liderança carismática, alternativa as forças organizadas em

unesp

estruturas e partidos de massa. Em oposição a essa estratégia temos os exemplos de Margareth Tatcher, na Inglaterra; Ronald Reagan, nos EUA e de Menem, na Argentina que utilizaram-se de partidos tradicionais como ponte para os seus projetos.

Apesar do fracasso e destituição do governo Collor, o projeto neoliberal fortaleceu-se, tendo atualmente como sua nova estrela o presidente FHC, que num passado recente condenava as desigualdades sociais, a concentração de renda, a fome e a miséria.

A luta contra a barbárie neoliberal e pala construção de um Brasil melhor e mais justo deverá ser tarefa de todos os brasileiros.

* Professor Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" - CEETEPS/UNESP e EEPSG "Dr. Anis Dabus" – Avaí – SP

Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local - Bauru

Mestrando em Educação, Área de Concentração "Ensino na Educação Brasileira" - UNESP - Campus de Marília - SP

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E CITADA:

ANDERSON, Perry (org.). **Pós-neoliberalismo - As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

GADOTTI, M. **A Educação Comunitária e Economia Popular**. São Paulo, Cortez, 1993.

GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

_____. **Perdedores Globais**. In Folha de São Paulo, São Paulo, 01 outubro 1995, p. 5-9.

REBELO, A. **As raízes sociais da corrupção**. Câmara dos Deputados, Brasília, 1994.

_____. **A crise do Neoliberalismo e a luta pelo socialismo**. Câmara dos Deputados, Brasília, 1994.

_____. **Novas leis de patentes: modernização ou retrocesso?** Câmara dos Deputados, Brasília, 1994

Revistas Princípios, ed. no 32. fevereiro 94, nº 33, maio 94, nº 34, setembro 1994.

Revista sem medo de ser eleitor: projetos políticos. Editora Fase, 1994, Rio de Janeiro.

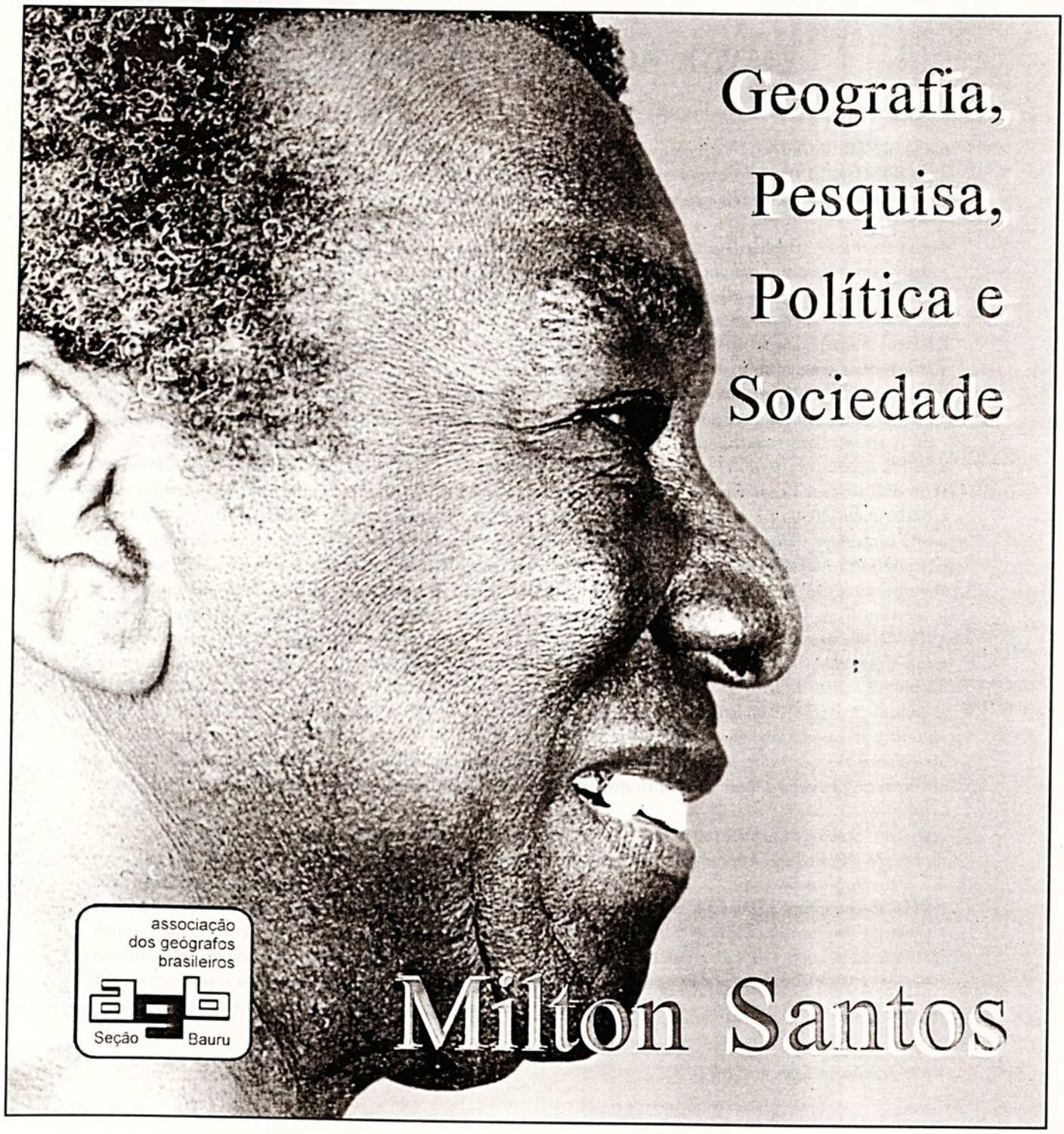
CIÊNCIA

Geográfica

ISSN 1413-7461

R$ 20,00

EDIÇÃO ESPECIAL - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - JULHO DE 1997



Geografia, Pesquisa, Política e Sociedade

associação dos geógrafos brasileiros

Seção Bauru

Milton Santos



ILTON SANTOS: UM DIVISOR DE ÁGUAS

A Revista CIÊNCIA GEOGRÁFICA não poderia deixar de aproveitar a realização do Simpósio Multidisciplinar Internacional "O pensamento de MILTON SANTOS e a construção da CIDADANIA em tempos de GLOBALIZAÇÃO" para publicar uma edição histórica com alguns trabalhos de diferentes etapas da obra deste Mestre da Geografia Contemporânea.

O Simpósio foi concebido pela Seção Bauru da Associação dos Geógrafos Brasileiros, para fazer justiça àquele que conseguiu, com maestria, expressar os anseios dos geógrafos de todo mundo, que buscavam caminhos para explicar a essência do espaço geográfico, em tempos de modernidade ou, quem sabe, de pós-modernidade fazendo avançar, consideravelmente a reflexão, a ação e compreensão da Geografia Humana.

Milton Santos rompeu barreiras e foi capaz de renovar o pensamento geográfico e fazer a Ciência Geográfica crescer em sua auto-estima num momento que as autoridades educacionais têm procurado pulverizá-la e descentralizá-la com leis e projetos que buscam torná-la simples acessório na construção de uma formação voltada para o neoliberalismo que, intencionalmente, exclui as pessoas para valorizar a técnica pela técnica.

A organização do Simpósio Multidisciplinar Internacional não foi uma iniciativa exclusiva da AGB - Bauru. Coube à diretoria local, mobilizar as vertentes das Ciências Sociais americanas e européias afinadas com o pensamento de Milton Santos. Nesta tarefa, contamos com o precioso apoio da Diretoria Executiva Nacional da AGB e com a adesão e a contribuição indispensável de renomadas instituições universitárias como o Centro de Estudos Geo-Históricos e do Movimento Humano, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, o Centro de Rádio e Televisão, Cultural e Educativo da UNESP- Rádio UNESP-FM/Bauru, o Departamento de Geografia Humana e Regional da UNESP/Presidente Prudente, o Departamento de Geografia da PUC-SP, o Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, o Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, o Departamento de Educação da UNESP/ Bauru, o Departamento de Comunicação Social da UNESP/Bauru, a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP/Bauru, a Faculdade de Engenharia e Tecnologia, da UNESP/Bauru, a Faculdade de Odontologia de Bauru, da Universidade de São Paulo, além do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza", da UNESP e do Sindicato dos Professores de Bauru. Sabemos também que a este grupo de instituições de primeiríssima linha na Pesquisa e no Ensino do país associam-se os esforços e os estímulos de órgãos de fomento científico e de companheiros que entenderam a oportunidade deste evento e a peculiaridade do momento histórico.

Nesta oportunidade não poderiamos deixar de mencionar o honroso título de Cidadão Bauruense concedido pela Câmara Municipal de Bauru ao ilustre Doutor Milton Santos, através do projeto legislativo da Vereadora Maria José Majô Jandreice.

Esta edição especial da CIÊNCIA GEOGRÁFICA presta homenagem à trajetória intelectual de Milton Santos oferecendo aos leitores a oportunidade de entrar em contato com um estudioso da realidade brasileira e mundial que, através, da pesquisa e ensino deu fundamento teórico-prático à área dos estudos geográficos. Esperamos que a coletânea desperte nos professores e alunos o interesse pela Geografia Humana num país onde, infelizmente, o espaço vem perdendo a necessária dimensão social.

Bauru, julho de 1997

Os Editores





SUMÁRIO

Apresentação 2

Parte I - A OBRA DE MILTON SANTOS

FASE LOCAL
- Nazaré. Um porto ferroviário do Recôncavo Bahiano 5
- Localização industrial em Salvador 10
- A população da Bahia 24
- Contribuição ao estudo dos centros de cidades: O exemplo da cidade de Salvador 27
- Aspectos geográficos da concorrência entre os diversos meios de transporte na zona cacaueira da Bahia 32
- Uma comparação entre as zonas cacaueiras do estado da Bahia (Brasil) e da Costa do Marfim 41

MILTON SANTOS NO EXTERIOR
- Crescimento nacional e nova rede urbana: O exemplo do Brasil 46

ENSAIOS DE ECONOMIA ESPACIAL
- Uma revisão da teoria dos lugares centrais 55
- Espaço e dominação: uma abordagen Marxista 59
- Pólos de crescimento econômico e justiça social 67
- A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais 73
- Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: Os dois sistemas de fluxo da economia e suas implicações espaciais 78

MILTON SANTOS - CIDADÃO DO MUNDO
- Para que a geografia mude sem ficar a mesma coisa 88
- Passado e presente das relações entre sociedade e espaço e localização pontual da indústria moderna no estado da Bahia .. 94
- São Paulo, metrópole corporativa 106
- Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente 110
- Materiais para o estudo da urbanização brasileira no período técnico-científico 116

4 - TÉCNICA, ESPAÇO E TEMPO

- Globalização e redescoberta da natureza 122
- Meio ambiente construído e flexibilidade tropical 126
- Metrópoles: a força dos fracos é seu tempo lento 128
- Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência 130
- O lugar: encontrando o futuro 133

Parte II - O LEGADO DE MILTON SANTOS

- Milton Santos: - a face do educador. Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale 137
- Milton Santos em sala de aula: a contribuição para o ensino de 1° e de 2° graus. Álvaro José de Souza 139

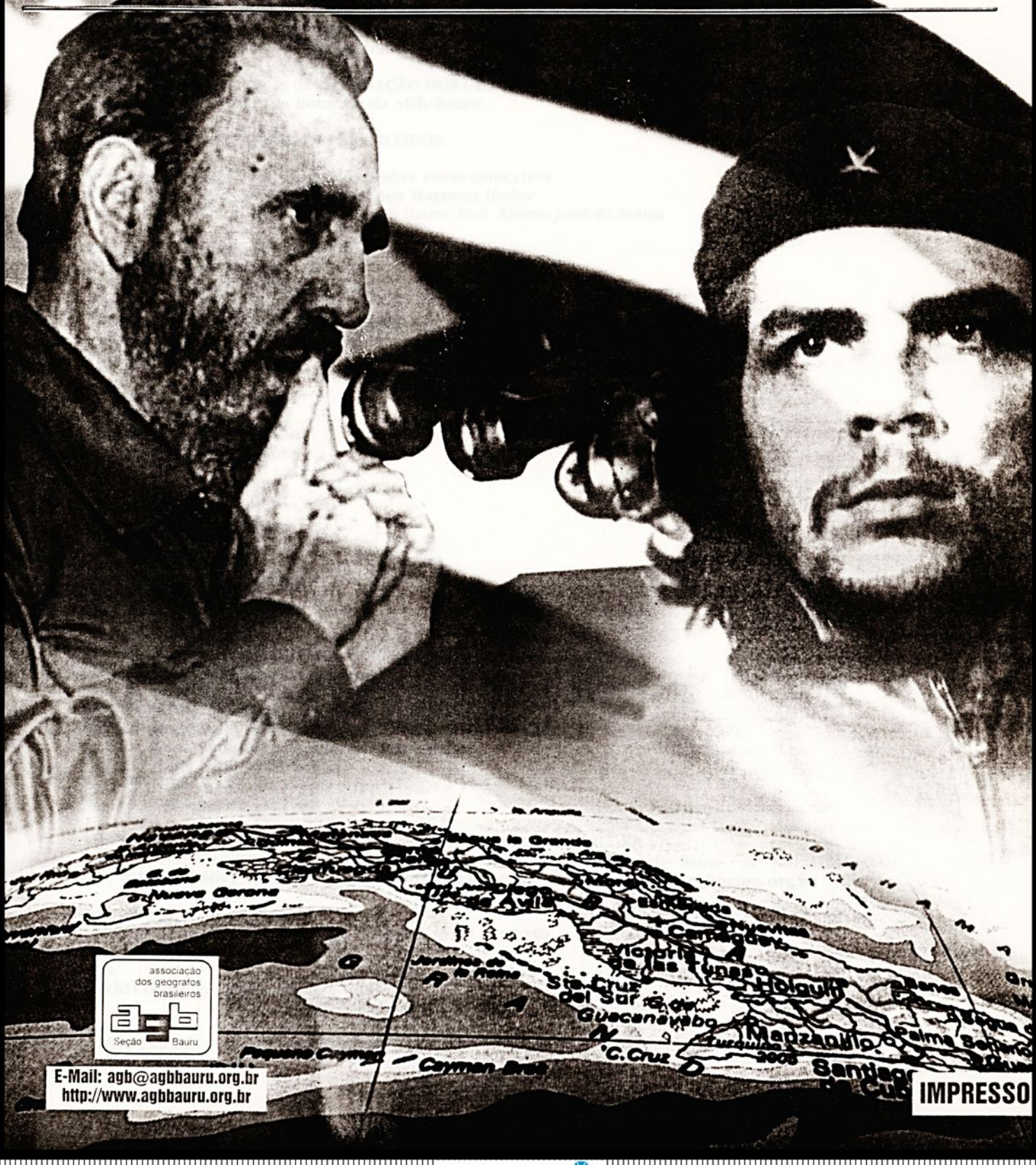
Resenha Bibliográfica. Álvaro José de Souza 142

ISSN 1413-7461

CIÊNCIA Geográfica

R$ 10,00

ANO V, Nº 13 - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - MAIO/AGOSTO DE 1999



associação dos geógrafos brasileiros
agb Seção Bauru

E-Mail: agb@agbbauru.org.br
http://www.agbbauru.org.br

IMPRESSO

Expediente

Revista **Ciência Geográfica**
Ensino - Pesquisa - Método
Nº **13** - Maio/Agosto de 1999 - **ISSN 1413-7461**
Publicação quadrimestral voltada ao ensino, a pesquisa e método em Geografia e áreas afins

Órgão oficial de divulgação da **ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP**
Organizada pelo Núcleo de **Botucatu da AGB/Bauru**

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS:

Presidente Nacional: Prof. Dr. **Carlos Walter Porto Gonçalves**
Diretor Seção Local Bauru: Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Coordenador Núcleo de Botucatu da AGB/Bauru: Prof. **Álvaro José de Souza**

Diretores Revista Ciência Geográfica:
Prof. **Álvaro José de Souza**
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale**
Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Profª. Ms. **Maria da Graça Mello Magnoni**
Prof. **Sebastião Clementino da Silva**
Prof. **Elian Alabi Lucci**

Editores:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Lourenço Magnoni Júnior

Revisores:
Álvaro José de Souza
Lourenço Magnoni Júnior

Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni
MTB - 19280

Conselho Editorial:
Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior** - UNESP/Presidente Prudente
Prof. Dr. **Celestino Alves da Silva Júnior** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **Gil Sodero de Toledo** - USP/SP
Prof. Dr. **Jayme Wanderley Gasparoto** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** - UNESP/Bauru
Prof. Dr. **Paulo Rodolfo Leopoldo** - UNESP/Botucatu
Profª Drª **Nídia Nacib Pontuschka** - USP/SP
Profª Drª **Nilza Aparecida Freres Stipp** - UEL/PR
Prof. Dr. **Ruy Moreira** - UFF/RJ

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP
CGC Nº 00.407.524/0001-00 - Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - Bauru - SP - CEP 17051-000
Fone (**014**) **223-6091** - E-MAIL: **agb@agbbauru.org.br** - Home page:**http://www.agbbauru.org.br**

Diagramação e Editoração:
Hideki Comunicação e Marketing - Fone/Fax (**014**) **231-2259**

Capa:
Hideki Comunicação e Marketing

Impressão:
Gráfica Falcão - Fone/Fax (**014**) **224-2112**
Tiragem: **1500** exemplares

Sumário

"Artigos"

Tarefas da Geografia Brasileira num Mundo em Transformação: um momento de sua trajetória 4
Milton Santos e Adriana Bernardes

Cuba e sua integração na América Latina 23
Tullo Vigevani

Reflexões sobre Cuba 26
Manuel Correia de Andrade

O paradigma e a ordem (genealogia e metamorfoses do espaço capitalista) 31
Ruy Moreira

Estudo das aptidões agrícolas para o uso dos solos da micro-bacia do Ribeirão da Água Limpa (SP) 45
Elvis M. Christian Ramos e Wellington dos Santos Figueiredo

Amapá: origem, evolução e centralização governamental 50
Jadson Luís Rebelo Porto

"Contribuição ao Ensino"

Re (pensar) a educação sob o prisma dos valores humanos do sentimento, da ética e da moral 55
Elza Helena Marqueti

A reestruturação da educação profissional no Ceeteps: a inserção da disciplina tecnologia e meio ambiente no currículo do ensino técnico 63
Sonia Morandi

A formação e o estilo de ensino dos professores de Geografia que atuam nas escolas de Bauru e região em 1997 68
José Carlos Rodrigues Rocha

A democratização da educação escolar e a organização do sistema de ensino em ciclos 73
Antonio Francisco Marques

A percepção ambiental do bairro Jardim das Alterosas no Município de Betim feito pelos estudantes de 1º e 2º graus. Sob a coordenação dos professores de Geografia 76
Henrique Moreira de Castro e Rosemary Vitalina

Fundamentos para uma abordagem ambiental, energética e educacional da problemática do lixo domiciliar urbano 78
Marimiriam Dias Esqueda

Resenha Bibliográfica

Livros: pesquisa e método 82
Livros: ensino 84
Periódicos especializados 86
Álvaro José de Souza

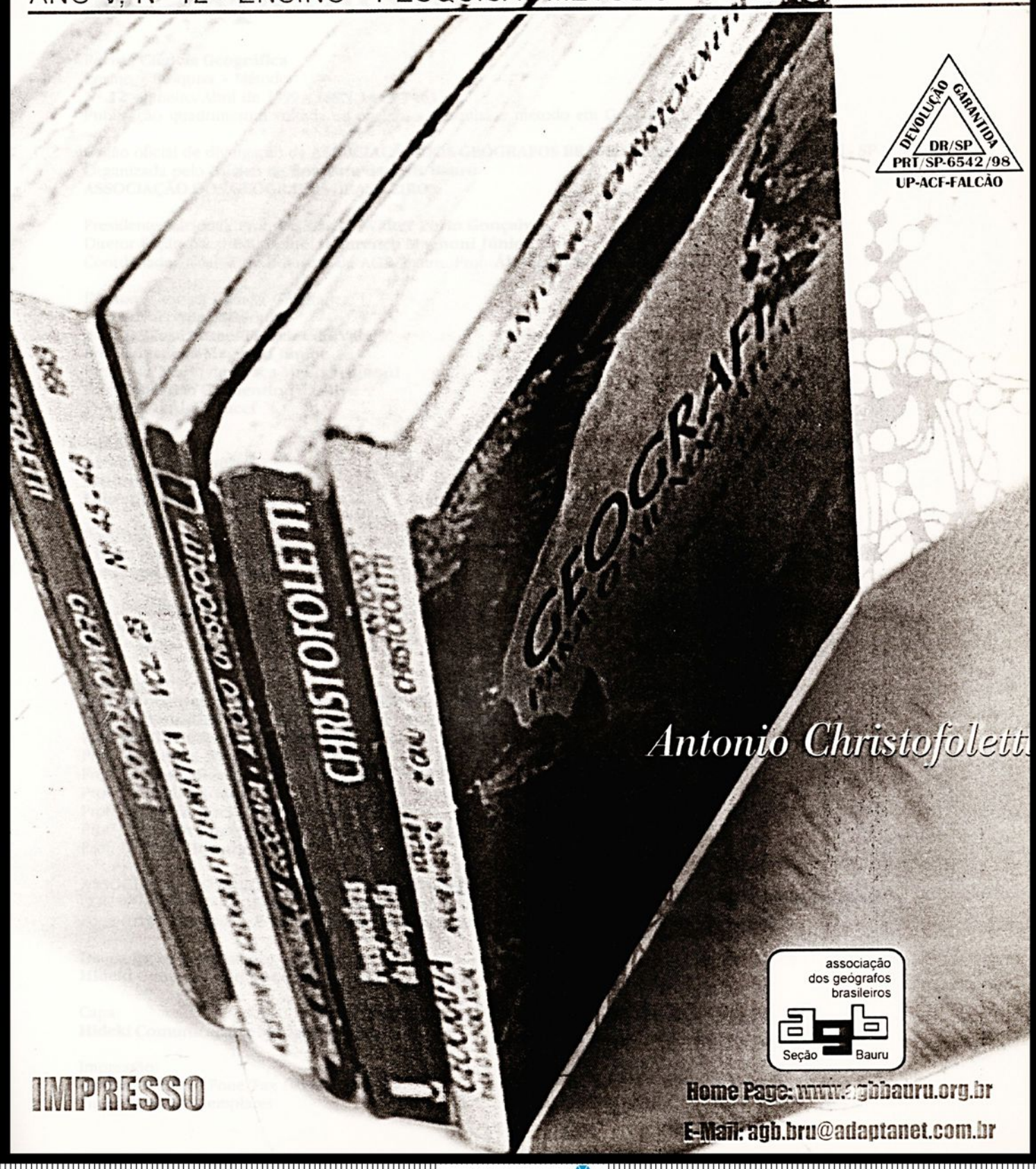
CIÊNCIA

Geográfica

ISSN 1413-7461

R$ 6.00

ANO V, Nº 12 - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - JANEIRO/ABRIL DE 1999



DEVOLUÇÃO GARANTIDA
DR/SP
PRT/SP-6542/98
UP-ACF-FALCÃO

Antonio Christofoletti

associação dos geógrafos brasileiros
agb
Seção Bauru

IMPRESSO

Home Page: www.agbbauru.org.br
E-Mail: agb.bru@adaptanet.com.br

Expediente

Revista **Ciência Geográfica**
Ensino - Pesquisa - Método
Nº **12** - Janeiro/Abril de 1999 - **ISSN 1413-7461**
Publicação quadrimestral voltada ao ensino, a pesquisa e método em Geografia e áreas afins

Órgão oficial de divulgação da **ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP**
Organizada pelo Núcleo de **Botucatu da AGB/Bauru**
ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS:

Presidente Nacional: Prof. Dr. **Carlos Walter Porto Gonçalves**
Diretor Seção Local Bauru: Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Coordenador Núcleo de Botucatu da AGB/Bauru: Prof. **Álvaro José de Souza**

Diretores Revista Ciência Geográfica:
Prof. **Álvaro José de Souza**
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale**
Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Profª. Ms. **Maria da Graça Mello Magnoni**
Prof. **Sebastião Clementino da Silva**
Prof. **Elian Alabi Lucci**

Editores:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Lourenço Magnoni Júnior

Revisores:
Álvaro José de Souza
Lourenço Magnoni Júnior

Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni
MTB - 19280

Conselho Editorial:
Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior** - UNESP/Presidente Prudente
Prof. Dr. **Celestino Alves da Silva Júnior** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **Gil Sodero de Toledo** - USP/SP
Prof. Dr. **Jayme Wanderley Gasparoto** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** - UNESP/Bauru
Prof. Dr. **Paulo Rodolfo Leopoldo** - UNESP/Botucatu
Profª Drª **Nídia Nacib Pontuschka** - USP/SP
Profª Drª **Nilza Aparecida Freres Stipp** - UEL/PR
Prof. Dr. **Ruy Moreira** - UFF/RJ

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP
CGC Nº 00.407.524/0001-00 - Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - Bauru - SP - CEP 17051-000
Fone (**014**) **223-6091** - E-MAIL: **agb.bru@adapatanet.com.br** - Home page**: agbbauru.org.br**

Diagramação e Editoração:
Hideki Comunicação e Marketing - Fone/Fax (**014**) **231-2259**

Capa:
Hideki Comunicação e Marketing

Impressão:
Gráfica Falcão - Fone/Fax (**014**) **224-2112**
Tiragem: **1000** exemplares

Sumário

"In Memoriam"

Antonio Christofoletti 4
Diretoria Executiva AGB/Bauru

Considerações a respeito da pesquisa e do ensino de Graduação em Geografia 5
Antonio Christofoletti

Abordagens ecológica e geográfica na análise de sistemas ambientais 16
Antonio Christofoletti

Artigos

Câmara setorial e o novo cenário institucional: gestão territorial da relação capital X trabalho e movimento sindical 22
Antonio Thomaz Júnior

Geo-grafando: em busca de novas formas de comunidade política 29
Carlos Walter Porto Gonçalves

Os Efeitos das cheias do rio Iguaçu nos municípios de União da Vitória (PR) e de Porto União (SC) 37
Valmir de França e Nilza Aparecida Freres Stipp

Carta clinográfica da bacia hidrográfica do Rio Paraíso - municípios de São Manuel e Areiópolis-SP 42
Ronaldo Alberto Pollo, Sérgio Campos, Lincoln Gehring Cardoso, Zacarias Xavier de Barros e Álvaro José de Souza

Reterritorializando modos de ver e sentir 44
Zilá Mesquita

O desempenho do geógrafo na elaboração de laudos periciais ambientais: o exemplo da instalação de um presídio em Casa Branca, S.P. 52
Fadel David Antonio Filho e Adler Guilherme Viadana

Fronteiras da Geografia

O negro: da África às passarelas do carnaval carioca 56
Edson Fernandes

Contribuição ao Ensino

Algumas observações sobre a Filosofia da Educação do Pragmatismo Americano e sobre o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" Revisitados (uma crítica a J. M. Azanha e D. Saviani) 59
Paulo Ghiraldelli Jr

Educação e globalização: reflexos no ensino brasileiro 63
José Misael Ferreira do Vale

Mudança conceitual: uma abordagem de ensino 67
Graziella Ribeiro Soares Moura

Por que a alegria na escola? 69
Elian Alabi Lucci

Resenha Bibliográfica

Livros: pesquisa e método 71

Livros: ensino 73

Periódicos especializados 75
Álvaro José de Souza

CIÊNCIA

Geográfica

ISSN 1413-7461

R$ 6,00

ANO IV - Nº 11 - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - SETEMBRO/DEZEMBRO DE 1998



Fim de século e urbanização no Brasil

IMPRESSO

unesp

Sumário

AGB - BAURU

Fim de século e urbanização no Brasil 04
Denise Elias
Por uma geografia política da questão ambiental 11
Carlos Walter Porto Gonçalves
Geografia e teoria social: uma discussão sobre a necessidade do método 17
Lisandra Pereira Lamoso
Trasnformação paisagística durante 15 anos na Bacia do Rio Lavapés - Botucatu (SP) 20
Sérgio Campos, Zacarias Xavier de Barros, Lincoln Gehring Cardoso, Fernanda Leite Ribeiro e Armindo Alves de Araújo Júnior
Algumas considerações sobre a vegetação urbana no município de Bauru-SP 22
Wilson Martins Lopes Júnior e Messias Modesto dos Passos

Contribuição ao Ensino

Freinet: os fundamentos de uma pedagogia 27
José Misael Ferreira do Vale
Educação no meio rural - por uma escola do campo 31
Bernardo Mançano Fernandes
Antes que a natureza. 35
Cláudia Elisa Caldas Teodoro, Irineu Trevisan Neto e Lucas Bereyens Salvi
A Geografia da percepção e a percepção da Geografia na Escola 38
Natanael Reis Bomfim

Resenha Temática

Bibliografia recente sobre estudos regionais em geografia 43
Antonio Christofoletti

Resenha Bibliográfica

Livros: pesquisa e método 51
Livros: ensino 54
Periódicos especializados 57
Álvaro José de Souza

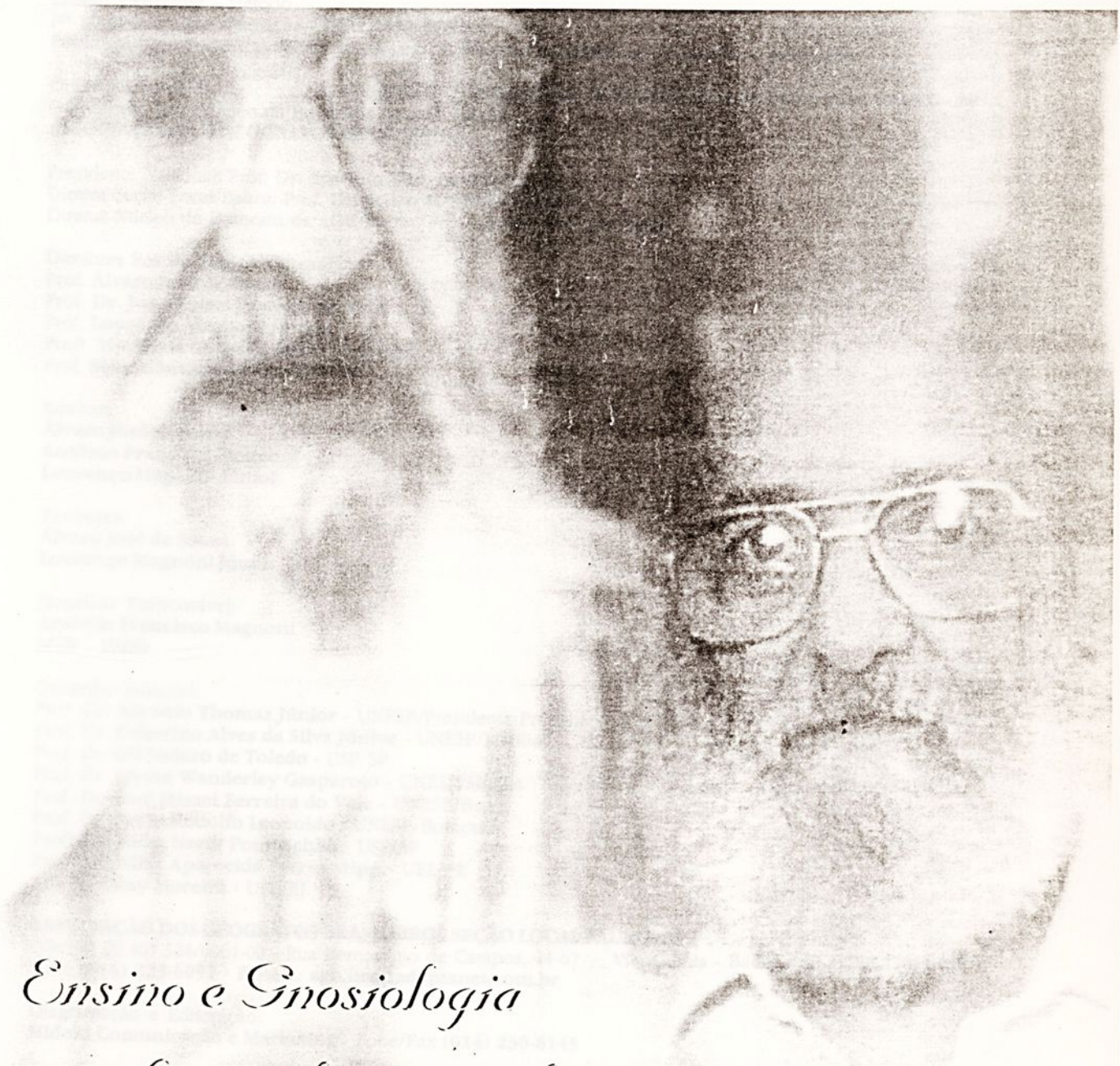
CIÊNCIA

Geográfica

ISSN 1413-7461

R$ 6,00

ANO IV, Nº 10 - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - MAIO/AGOSTO DE 1998



Ensino e Gnosiologia na obra pedagógica de Paulo Freire

IMPRESSO

Associação dos Geógrafos Brasileiros
AGB Seção Bauru

E-Mail: agb.bru@adaptanet.com.br

Expediente

Revista **Ciência Geográfica**
Ensino - Pesquisa - Método
Nº **10** - Maio/Agosto de 1998 - **ISSN 1413-7461**
Publicação quadrimestral voltada ao ensino, a pesquisa e método em Geografia e áreas afins

Órgão oficial de divulgação da **ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP**
Organizada pelo Núcleo de **Botucatu da AGB/Bauru**
ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS:

Presidente Nacional: Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior**
Diretor Seção Local Bauru: Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Diretor Núcleo de Botucatu da AGB/Bauru: Prof. **Álvaro José de Souza**

Diretores Revista Ciência Geográfica:
Prof. **Álvaro José de Souza**
Prof. **Dr. José Misael Ferreira do Vale**
Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Profª. Ms. **Maria da Graça Mello Magnoni**
Prof. **Sebastião Clementino da Silva**

Editores:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Lourenço Magnoni Júnior

Revisores:
Álvaro José de Souza
Lourenço Magnoni Júnior

Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni
MTB - 19280

Conselho Editorial:
Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior** - UNESP/Presidente Prudente
Prof. Dr. **Celestino Alves da Silva Júnior** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **Gil Sodero de Toledo** - USP/SP
Prof. Dr. **Jayme Wanderley Gasparoto** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** - UNESP/Bauru
Prof. Dr. **Paulo Rodolfo Leopoldo** - UNESP/Botucatu
Profª Drª **Nídia Nacib Pontuschka** - USP/SP
Profª Drª **Nilza Aparecida Freres Stipp** - UEL/PR
Prof. Dr. **Ruy Moreira** - UFF/RJ

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP
CGC Nº 00.407.524/0001-00 - Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - Bauru - SP - CEP 17051-000
Fone (**014**) **223-6091** - E-MAIL: **agb.bru@adaptanet.com.br**

Diagramação e Editoração:
Hideki Comunicação e Marketing - Fone/Fax (**014**) **230-8145**

Capa:
Hideki Comunicação e Marketing (Fotos Nova Escola)

Impressão:
Gráfica Falcão - Fone/Fax (**014**) **224-2112**
Tiragem: **1000** exemplares



Sumário

Artigos

A Hidrelétrica de Itaipu: uma represa que (des)configura uma região 04
Edson Belo Clemente de Souza
Noções básicas para a compreensão da estabilidade e mudanças nos sistemas geográficos 13
Antonio Christofoletti
Monitoramento da erosão em voçorocas de cabeceira de drenagem 20
Oscar V. Q. Fernandez, Carlos Sander, Carla Sponchiado, Alessandra C. Beck, Gilson E. Rebelatto, Arlete Soratto e Marcia Gauer
Desregulação e remonte no espaço geográfico globalizado 23
Ruy Moreira
Refletindo a globalização 28
Tarcísio Vanderlinde
A ocupação do norte paranaense: uma relação de dupla expropriação - do homem e da natureza 31
Edson dos Santos Dias e Margareth de Castro Afeche Pimenta
A cidade mutante 34
Rosa Moura, Nelson Ari Cardoso e Clovis Ultramari
Assentamentos rurais: caráter político, social e econômico 37
João Edmilson Fabrini
A Light no Brasil: a história como tragédia 41
Dilma Andrade de Paula
A Geoquímica da paisagem: o homem e o ambiente no espaço e no tempo 49
Marimiriam Dias Esquerda
Gilberto Freyre e a questão nacional 54
Manuel Correia de Andrade
América Latina e a economia mundial: o caso brasileiro 57
Armen Mamigonian

Contribuição ao Ensino

Ensino e Gnosiologia na obra pedagógica de Paulo Freire 62
José Misael Ferreira do Vale
O papel do professor de geografia na formação de uma sociedade crítica 67
Genylton Odilon Rêgo da Rocha
A Geografia no Contexto do Mercado Comum do Sul - MERCOSUL 69
Nídia Nacib Pontuschka

Fronteiras da Geografia

O mar, o território e o Infante D. Henrique nas Crônicas de Zurara - Portugal, século XV 73
Silvio Galvão de Queirós
A constituição da Fronteira na Narrativa Historiográfica do Oeste Paranaense 78
José Carlos dos Santos

Monografia

Parque Municipal de Botucatu
Estudo de Planejamento Ambiental para o Estabelecimento de um Parque Municipal no município de Botucatu - SP 83
Antonia Horácio

Resenha Bibliográfica

Livros: pesquisa e método 91
Livros: Ensino 93
Periódicos especializados 96
Álvaro José de Souza

CIÊNCIA

Geográfica

ISSN 1413-7461

R$ 6,00

ANO IV, Nº 9 - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - JANEIRO/ABRIL DE 1998



O Tempo a Forma

associação dos geografos brasileiros
Seção Bauru

IMPRESSO

E-Mail: agb.bru@adaptanet.com.br

Expediente

Revista **Ciência Geográfica**
Ensino - Pesquisa - Método
Nº **09** - Janeiro/Abril de 1998 - **ISSN 1413-7461**
Publicação quadrimestral voltada ao ensino, a pesquisa e método em Geografia e áreas afins

Órgão oficial de divulgação da **ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP**
Organizada pelo Núcleo de **Botucatu da AGB/Bauru**
ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS:

Presidente Nacional: Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior**
Diretor Seção Local Bauru: Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Diretor Núcleo de Botucatu da AGB/Bauru: Prof. **Álvaro José de Souza**

Diretores Revista Ciência Geográfica:
Prof. **Álvaro José de Souza**
Prof. **Dr. José Misael Ferreira do Vale**
Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Profª. Ms. **Maria da Graça Mello Magnoni**
Prof. **Sebastião Clementino da Silva**

Editores:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Lourenço Magnoni Júnior

Revisores:
Álvaro José de Souza
Lourenço Magnoni Júnior

Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni
MTB - 19280

Conselho Editorial:
Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior** - UNESP/Presidente Prudente
Prof. Dr. **Celestino Alves da Silva Júnior** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **Gil Sodero de Toledo** - USP/SP
Prof. Dr. **Jayme Wanderley Gasparoto** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** - UNESP/Bauru
Prof. Dr. **Paulo Rodolfo Leopoldo** - UNESP/Botucatu
Profª Drª **Nídia Nacib Pontuschka** - USP/SP
Profª Drª **Nilza Aparecida Freres Stipp** - UEL/PR
Prof. Dr. **Ruy Moreira** - UFF/RJ

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP
CGC Nº 00.407.524/0001-00 - Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - Bauru - SP - CEP 17051-000
Fone (**014**) **223-6091** - E-MAIL: **agb.bru@adapatanet.com.br**

Diagramação e Editoração:
Hideki Comunicação e Marketing - Fone/Fax (**014**) **230-8145**

Capa:
Ricardo Rico (Hideki Comunicação e Marketing)

Impressão:
Gráfica Falcão - Fone/Fax (**014**) **224-2112**
Tiragem: **1000** exemplares

Sumário

ARTIGOS

- O Tempo e a Forma - A sociedade e suas formas de espaço no tempo 04
Ruy Moreira

- Estradas: os (des)caminhos da Amazônia 11
José Aldemir de Oliveira

- Aspectos de direito ecológico internacional 14
Maria de Lourdes Conte e Paulo Rodolfo Leopoldo

- Principais fontes de energia: notas didáticas 17
Maria de Lourdes Conte e Álvaro José de Souza

- Mapeamento e análise da cobertura vegetal - tipo cerrado - no município de Botucatu - SP 21
Zacarias Xavier de Barros, Lincon Gehring Cardoso, Sérgio Campos e Marisa Trovarelli Tornero

-Efeito Estufa 24
Ladilson A.Canassa

CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO

- Projeto interdisciplinar Canudos: a construção de uma proposta pedagógica 28
Antonio Luís Risso e Sonia Morandi

- Educação: ação humana permanente 32
Anamaria Silveira Ravagnani

- Instruir: ação de formar ou deformar pela educação 36
Maria da Graça Mello Magnoni

- A produção do espaço de São Bernardo do Campo: indústria de móveis 40
Juréma Martins Garcia

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Álvaro José de Souza

- Livros: Pesquisa e Método 45
- Livros: Ensino 48
- Periódicos Especializados 51

CIÊNCIA

Geográfica

ISSN 1413-7461

R$ 5,00

ANO III, Nº 8 - ENSINO - PESQUISA - MÉTODO - SETEMBRO/DEZEMBRO DE 1997



associação dos geógrafos brasileiros

agb Seção Bauru

IMPRESSO

E-Mail: agb.bru@adaptanet.com.br

Expediente

Revista **Ciência Geográfica**
Ensino - Pesquisa - Método
Nº **08** Setembro/Dezembro de 1997 - **ISSN 1413-7461**
Publicação quadrimestral voltada ao ensino, a pesquisa e método em Geografia e áreas afins

Órgão oficial de divulgação da **ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP**
Organizada pelo Núcleo de Botucatu da AGB/Bauru
ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS:

Presidente Nacional: Prof. Dr. **Antonio Thomaz Júnior**
Diretor Seção Local Bauru: Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Diretor Núcleo de Botucatu da AGB/Bauru: Prof. **Álvaro José de Souza**

Diretores Revista Ciência Geográfica:
Prof. **Álvaro José de Souza**
Prof. **Dr. José Misael Ferreira do Vale**
Prof. **Lourenço Magnoni Júnior**
Profª. Ms. **Maria da Graça Mello Magnoni**
Prof. **Sebastião Clementino da Silva**

Editores:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Lourenço Magnoni Júnior

Revisores:
Álvaro José de Souza
Lourenço Magnoni Júnior

Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni
MTB - 19280

Conselho Editorial:
Prof. Dr. **Celestino Alves da Silva Júnior** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **Gil Sodero de Toledo** - USP/SP
Prof. Dr. **Jayme Wanderley Gasparoto** - UNESP/Marília
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** - UNESP/Bauru
Prof. Dr. **Paulo Rodolfo Leopoldo** - UNESP/Botucatu
Profª Drª **Nídia Nacib Pontuschka** - USP/SP
Profª Drª **Nilza Aparecida Freres Stipp** - UEL/PR
Prof. Dr. **Ruy Moreira** - UFF/RJ

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO LOCAL BAURU - SP
CGC Nº 00.407.524/0001-00 - Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - Bauru - SP - CEP 17051-000
Fone **(014) 223-6091** - E-MAIL: **agb.bru@adapatanet.com.br**

Diagramação e Editoração:
Hideki Comunicação e Marketing - Fone/Fax **(014) 230-8145**

Fotos Capa:
Luiz Teixeira - UNESP/Bauru

Impressão:
Gráfica Falcão - Fone/Fax **(014) 224-2112**
Tiragem: **1000** exemplares

Sumário

ARTIGOS

- Geografia da fome, em busca de uma ciência da riqueza 04
Carlos Walter Porto Gonçalves

- Principais fontes de energia 07
Maria de Lourdes Conte e Álvaro José de Souza

- CAI: breve análise sobre o processo de consolidação do CAI na agricultura brasileira 11
Walter Guedes da Silva e Elisangela Dário Pelle

- Paranavaí e a questão da poluição sonora 14
Ênio Luiz Debarba, José Antônio Demétrio,
Norton Donato Assis e Ronalda Carvalho Neves Cargnin

- Contaminação Atmosférica em Vigo - Período 1977/1986 21
G. Alvarez Seoane e E. Cuquejo Taborda

CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO

- A prática de ensino e as licenciaturas 29
José Misael Ferreira do Vale

- A geografia e o seu ensino 32
Eliana Villaça Micheleto

- A geografia e ideologia - A ciência, a carta e a linguagem 34
Álvaro José de Souza

- Educação ambiental: dentro e fora da escola 36
Luzia Neide M. T. Coriolano

- Inovações tecnológicas neste final de Século: Modernidadade para quem? 41
Izabel Castanha Gil

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Alvaro José de Souza

- Livros: Pesquisa e Método 53
- Livros: Ensino 56
- Periódicos Especializados 59

CANUDOS

Órgão de divulgação do Projeto Interdisciplinar Canudos - Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza"
Vinculado e Associado à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP
Organizado pela ETAE "Astor de Mattos Carvalho" - Cabrália Paulista - SP - Dezembro de 1997

EDITORIAL

PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS: UMA ALTERNATIVA EDUCACIONAL DIANTE DA POLÍTICA NEOLIBERAL

*Lourenço Magnoni Júnior

Para muitos, principalmente para a História Oficial propagada por livros didáticos, Canudos foi apenas um movimento messiânico. Passados 100 anos da ocorrência da Guerra de Canudos, a maioria esmagadora da população brasileira, inclusive muitos professores, não conhecem a verdadeira história sobre o genocídio cometido pelas elites dominantes no Brasil, um país secularmente marcado por conflitos pela posse da terra e injustiça social.

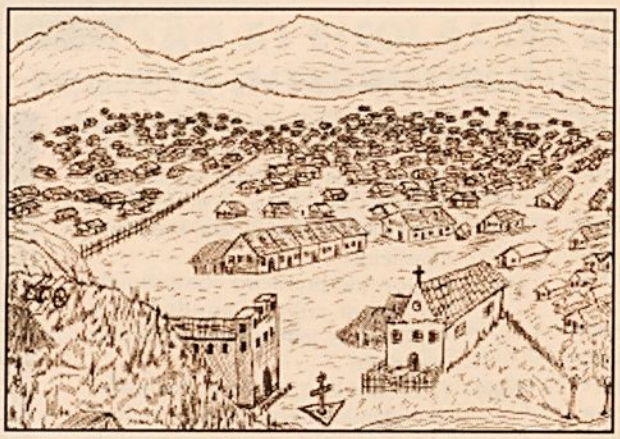
Canudos de Antônio Conselheiro não foi apenas um movimento messiânico e sim, uma junção entre uma visão religiosa mais igualitária com a união de um povo que era composto por sertanejos e ex-escravos, castigado pela miséria patrocinada pelo latifúndio oriundo da arcaica estrutura fundiária herdada da colonização portuguesa. O povo seguidor de Conselheiro queria acima de tudo fugir da miséria crônica e viver com um pouco mais de dignidade e construir a partir do povoado de Canudos, uma comunidade mais digna e igualitária.

No ano do centenário de Canudos, não poderíamos deixar passar despercebido este importante marco da história da luta dos excluídos no Brasil, cabendo aos educadores comprometidos com a construção de uma educação transformadora, o dever moral de fazer chegar aos nossos alunos, a verdadeira história sobre Canudos e sua relação com os acontecimentos sociais atuais, como por exemplo a luta do MST e de outros movimentos sociais que estão incomodando as elites hegemônicas do Brasil "moderno" do final do século XX e limiar de um novo milênio. O projeto Canudos se constitui nessa possibilidade.

Procurando não ser laudatório, projeto pedagógico amplo e plural, pois desde o seu início agregou pessoas de diferentes posições ideológicas e políticas.

A iniciativa do CEETEPS mostra que mesmo diante da investida neoliberal sobre a Educação Brasileira, é possível desenvolver projetos pedagógicos que garantam a formação de um indivíduo crítico, participativo, criativo e acima de tudo contemporâneo de nossa época, isto é, um cidadão capacitado para ultrapassar a visão "humanística" e assistencialista apregoada pelos neoliberais em relação a miséria e a desigualdade social, tomando posição política e debatendo os grandes problemas sociais que assolam o país, apontando caminhos viáveis para suplantá-los.

Outra característica significativa do Projeto Interdisciplinar Canudos desenvolvido pelo CEETEPS (reportagem de capa da revista **Nova Escola** Nº 105 - setembro de 1997), foi a autonomia dada a educadores e educandos na condução do projeto nas escolas participantes. Atitude fundamental para o fortalecimento da ação pedagógica dos educadores no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.



Desta forma, no ensino técnico de segundo grau oferecido pelo CEETEPS, teoria e prática caminham de mãos dadas e a ousadia e a seriedade na seleção do material pedagógico juntamente com a formação contínua de professores, prima pelo conhecimento científico como base da sistematização do pensamento humano, sendo o professor, um agente ativo no processo de ensino e aprendizagem; são conquistas que temos que preservar para continuarmos oferecendo um ensino público dentro da dialética da quantidade e da qualidade.

O desenvolvimento da educação inserida nesta dialética contribuirá para a modernização Brasil, transformando um país com mais de 20% de sua população analfabeta e campeão mundial em desigualdade social, num país desenvolvido com cidadãos questionadores e não reprodutores das ideologias impostas pelas elites e pelo "capitalismo cassino", que diante da globalização da economia capitalista, vem produzindo índices de exclusão nunca vistos antes na história de nosso planeta.

A prática de uma educação questionadora é um dos caminhos viáveis para construirmos um Brasil verdadeiramente moderno no próximo século, onde o domínio do conhecimento e do saber serão sinônimos de poder e dominação. Neste sentido, projetos interdisciplinares como o de Canudos são fundamentais para desenvolvimento de projetos pedagógicos que tenham a nossa cara e impeçam o avanço da pedagogia educacional neoliberal a qual, por ser extremamente tecnicista, quer transformar o filho do trabalhador em um mero apertador de parafusos.

Como a ETAE "Astor de Mattos Carvalho" foi uma das nove Escolas do CEETEPS participantes do Projeto Interdisciplinar Canudos, pretendemos com a organização deste jornal, fornecer subsídios para professores e alunos de escolas interessadas em estudar este importante movimento social ocorrido no final do século XIX na região Nordeste do Brasil.

*Professor da ETAE "Astor de Mattos Carvalho" e EEPSG "Dr Anis Dabus" - Avaí -SP
Co-responsável pelo Projeto Interdisciplinar Canudos na ETAE "Astor de Mattos Carvalho"
Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP
Aluno Regular do Curso de Pós-Graduação (Mestrado) da UNESP Câmpus de Marília

DATAS IMPORTANTES SOBRE CANUDOS

1828 - Nasce em Quixeramobim - Ceará, Antônio Vicente Maciel. O ANTÔNIO CONSELHEIRO.

1850 - Dom Pedro II decreta a primeira Lei de Terras do Brasil "independente".

1861 - Antônio Conselheiro inicia a peregrinação pelos sertões, fazendo pregações contra os fazendeiros, ajudando a construir capelas e açudes e pregando a construção de uma sociedade mais justa.

1874 - Antônio Conselheiro é preso.

1882 - O arcebispo da Bahia proíbe os católicos de seguirem as pregações de Antônio Conselheiro.

1887 - O arcebispo da Bahia pede ao Governador a prisão e internamento em hospício de Antônio Conselheiro.

1888 - Decretado o fim da escravidão DOS NEGROS.

1889 - Proclamada a República e derrubada a Monarquia.

1890 - Antônio Conselheiro prega contra os novos impostos da República.

1893 - Com cerca de 25 mil camponeses seguidores, é fundada a comunidade de Belo Monte, que caracterizou o movimento de Canudos nas margens do Rio Vasa-Barris, no sertão da Bahia.

1895 - O governador e o arcebispo da Bahia enviam Frei João Envangelhista a Canudos, com objetivo de desarmar o povo e abrir passo às tropas do governo.

1896 - Novembro. É enviada a primeira expedição de tropas do exército para acabar com Canudos e é derrotada pelo povo de Conselheiro.

- Dezembro : A segunda expedição com 500 homens marcha em direção de Canudos

1897 - Janeiro: Acossadas pelos seguidores de Antônio Conselheiro, as tropas batem em retirada antes de iniciados os combates.

- Março: A terceira expedição, com 1300 soldados e comandada pelo coronel Moreira Cesar é derrotada e Moreira Cesar é morto em combate.
- Setembro: morre de morte natural, com 69 anos, Antônio Conselheiro. Seu corpo foi descoberto pelas tropas depois do massacre de Canudos, deceparam sua cabeça e a levaram a Salvador, para ser examinada pelo professor Nina Rodrigues.
- Outubro: A quarta expedição, com 5000 soldados, massacrou Canudos, ceifando a luta de um povo que buscava a concretização da utopia de viver com dignidade e justiça social. Mais de trezentos prisioneiros, em sua maioria mulheres, crianças, e velhos foram degolados. A cidade foi incendiada e saqueada.

1903 - Euclides da Cunha publica na forma de livro suas reportagens de testemunho vivo, como jornalista que cobriu o massacre, com o título "OS SERTÕES", obtendo grande repercussão na opinião pública das cidades. Seu livro se transforma num dos clássicos da literatura brasileira.



1927 - O Governo brasileiro constrói uma barragem sobre Canudos para encobrir as lembranças da cidade libertária

1969 - É construído o açude de Cocorobó, inundando o local em que, no final do século XIX, situava o arraial de Belo Monte. Por coincidência, justamente no momento de maior endurecimento da Ditadura Militar. A preocupação dos militares em apagar os últimos vestígios que restou de Canudos, reforça a tese de que Canudos não foi somente um movimento messiânico e sim, um importante movimento social e político organizado pelos excluídos na história do Brasil.

1997 - No ano de seu centenário podemos dizer que CANUDOS NÃO SE RENDEU, pois está presente em todos aqueles que lutam contra a exclusão social e pela construção da cidadania.

EXPEDIENTE

CANUDOS - Órgão de divulgação do Projeto Interdisciplinar Canudos - Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" - Vinculado e Associado à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Dezembro de 1997
Organizado pela ETAE "Astor de Mattos Carvalho" - Cabrália Paulista - SP - F: (014) 245-1147
Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" - Vinculado e Associado à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP
Reitor UNESP: Prof. Dr. Antonio Manoel dos Santos Silva
Diretor-Superintendente CEETEPS: Prof. Marcos Antonio Monteiro
Diretora ETAE "Astor de Mattos Carvalho": Profª Marilda Cristina Romualdo
Diretor Boletim "Canudos": Prof. Lourenço Magnoni Júnior
Professores responsáveis pelo Projeto Canudos na ETAE "Astor de Mattos Carvalho": - José Joannitti (Zezo) - Sociologia e Extensão Rural - Lourenço Magnoni Júnior - Geografia
Revisão, Edição e digitação: Prof. Lourenço Magnoni Júnior
Jornalista Responsável: Antônio Francisco Magnoni - MTB 19280
Diagramação e Editoração Eletrônica: Hideki Comunicação - Fone (014) 230-8145
Impressão: Gráfica Falcão - Fone (014) 224-2112
Tiragem: 1000 exemplares
Ilustrações e Fotos: Alunos ETAE "Astor de Mattos Carvalho"

CEM E SEM

*José Joannitti



Duas palavras de mesmo som e de grafia diferente, em certos casos podem estar ligadas a fatos cuja raiz é o ideal de garantia da cidadania.

CEM anos se faz do fim do Movimento **CANUDOS**, ocorrido em outubro de 1897, onde baionetas, canhões e fuzis conseguiram vencer a sensacional tática de guerrilha dos conselheristas.

Com a liderança de Antônio Conselheiro, funda-se em 1893 no sertão da Bahia , um arraial às margens do rio Vaza-Barris; arraial este socialmente organizado que abrigava famílias de sertanejos que poderiam nos dias de hoje, ser chamados de excluídos. Economicamente seguia as tradições sertaneja, praticando a agricultura de subsistência e a criação de cabras. O cooperativismo no processo produtivo foi o elemento essencial para a reprodução da comunidade que no final de seus dias tinha uma população estimada em 25000 habitantes - coisa que deixou os governantes preocupados e fazendeiros sem a mão-de-obra barata e escrava. Desta forma foi possível, no Arraial, integrarem-se necessidades econômica-sociais com a religião, visto que, o movimento tinha o caráter messiânico, marca da personalidade de conselheiro. Com uma estrutura organizada, com o crescente aumento populacional e com idéias políticas da monarquia, o movimento constituía uma ameaça para o governo e classes dominantes que se organizaram e após várias tentativas frustradas conseguiram destruir o Arraial em 1897, cem anos portanto. Foi destruído o Arraial mas não os ideais do movimento de Canudos.

SEM-TERRA - movimento que surgiu no Rio Grande do Sul, no ano de 1981 e que, com apenas 16 anos de existência, já atua em 23 estados brasileiros.

Se focarmos o movimento, perceberemos que a luta é a mesma de Canudos, ou seja, a garantia da cidadania, uma busca pela igualdade de direitos: direito à vida, à liberdade, à propriedade e à justiça social. Na realidade, o que vemos hoje é um total desrespeito aos direitos humanos, com a formação de uma grande massa de excluídos. O homem quer terra para a produção, que além de atender às suas necessidades básicas, contribui para o desenvolvimento do país. A luta objetiva sensibilizar os governantes para que seja colocada em prática a tão demorada Reforma Agrária, através dos assentamentos. É preciso lembrar que as invasões tem o objetivo de sensibilização e são feitas em terras devolutas e improdutivas.

Percebe-se que ocorre, como no movimento de Canudos, uma organização econômica e social e embora o caráter messiânico não seja a base do movimento, o objetivo é o mesmo: "eliminar a nódoa social da exclusão e garantir os direitos inalienáveis do homem".

NOTAS

*Professor co-responsável pelo Projeto Interdisciplinar Canudos na ETAE "Astor de Mattos Carvalho"

VEJAM QUAIS SÃO AS ESCOLAS DO CEETEPS QUE PARTICIPAM DO PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS E SEUS RESPECTIVOS COORDENADORES

- Co-responsável pela coordenação geral do Projeto: Profª **Sonia Morandi** - PRD Geografia
- Co-responsável pela coordenação geral do Projeto: Profº **Luis Antonio Risso** - PRD Língua Portuguesa e Literatura

01 - ETAE "**Astor de Mattos Carvalho**" - Cabrália Paulista - SP
Bairro da Restinga, s/n - CEP 17480-000
Fone: (014) 245-1147
- Profº **José Joannitti**
- Profº **Lourenço Magnoni Júnior**

02 - ETAE **Edson Galvão** - Itapetininga
Estrada Vicinal, Bairro do Capão Alto - CEP 18200-000
Fone: (015) 271-0444
- Profª **Patrícia V. Gabaldo**
- Profª **Sandra L. H. Rocha**

03 - ETE **Conselheiro Antonio Prado** - Campinas
R. Cônego Antônio Roccato, s/n - CEP 13081-230
Fone (019) 242-2888
- Profº **Orestes A. de Toledo**
- Profª **Rosângela F. C. Filini**

04 - ETE Dr. **Francisco Nogueira de Lima** - Casa Branca
Av. Coronel Castro, 12 - CEP 13700-000
Fone (019) 671-1170
- Profª **Márcia Ap. Brandão**
- Profª **Kelma M.M. Bernadet**

05 - ETE **Jacinto Ferreira de Sá** - Ourinhos
Av. Antônio de Almeida Leite, 913 - CEP 19900-000
Fone (014) 322-4908
- Profº **Marcos Antônio Corrêa**
- Profª **Rose E. Romeira**

06 - ETE **João Gomes de Araújo** - Pindamonhagaba
R. Prof. José Benedito Cursino, 75 - Boa Vista - CEP 12400-000
Fone (012) 242-1017
- Profª **Vilma A. C. Moreira**
- Profª **Marins C. Leite**

07 - ETE Profº **José Martimiano da Silva** - Ribeirão Preto
R. Tamandaré, 520 - Campos Elíseos - CEP 14085-070
(016) 636-8508
- Profª **Daisy .A Faceto**
- Profª **Vera Lúcia G. Lachi**
- Profª **Lélis Mariza de C. Sarti**

08 - ETE **São Paulo** - São Paulo
Praça Coronel Fernando Prestes, 74 - Bom Retiro - CEP 01124-060
Fone (011) 229-7497
- Profª **Elizabete R. Oliveira**
- Profª **Cleuza M. C. Bettoni**
- Profª **Sandra R. Gomes**

09 - ETE Dr. **Adail Nunes da Silva (DANS)** - Taquaritinga
R. Francisco Valzacchi, 51 - Vila Rosa - CEP 15900-000
Fone (016) 352-5251
- Profº **Marcos Cesar Falzoni**
- Profª **Laura Ap. Ferreira Alencar**

PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS FOI REPORTAGEM DE CAPA DA REVISTA NOVA ESCOLA

Por Lourenço Magnoni Júnior

A Revista Nova Ecola nº 105, de setembro de 1997, trouxe uma reportagem exclusiva do Projeto Interdisciplinar Canudos desenvolvido por nove Escolas Técnicas de Segundo Grau do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza", demonstrando o grande interesse que o centenário de Canudos está despertando em nível nacional e também o pioneirismo do CEETEPS ao desenvolver um projeto pedagógico especialmente para estudar e discutir este importante acontecimento da história do Brasil. O Projeto também foi reportagem no Caderno do CEETEPS, nº 02, setembro de 1997.



PROJETO INTERDISCIPLINAR: A FÓRMULA MÁGICA DE SE CONHECER OS CLÁSSICOS DE NOSSA LITERATURA.

*Kelma Maria Marson Bernardet



Quando se fala em ensino da literatura clássica, a pergunta que vem à mente é como levar para a sala de aula obras consideradas "indigestas".

Os livros didáticos, mesmo os de boa qualidade, não inovam muito na apresentação de fórmulas que consigam prender a atenção dos alunos ou despertem neles o interesse pela leitura de obras clássicas.

É difícil para os jovens de hoje, acostumados aos mais variados tipos de informações, no seu entender mais "interessantes", preparar o espírito para compreender homens que viveram em tempos diferentes, os quais têm sua própria linguagem, pensamento, sentimentos com relação à realidade e ao momento histórico vivenciados.

Todos sabemos que trabalhar a interdisciplinaridade nas escolas é uma tarefa das mais difíceis, por razões que não vamos abordar aqui. Quando se consegue, porém, os resultados são sempre positivos, dada a possibilidade de variadas abordagens de um mesmo tema: literária, histórica, geográfica, filosófica, etc.

Entretanto, o que se quer enfocar aqui é a literatura, especificamente.

O projeto Canudos mostrou que existe um caminho alternativo para que se leiam, se não na sua totalidade, pelo menos fragmentos de obras tão rejeitadas pelos nossos alunos.

Embora o projeto preconizasse resgatar um dos episódios mais importantes de luta do povo brasileiro a partir da leitura de Os Sertões, de Euclides da Cunha, seguiu-se um caminho diverso. A leitura de paradidáticos sobre o episódio foi o ponto de partida.

Esse primeiro contato com o episódio Guerra de Canudos, além de despertar os alunos para novos conhecimentos e visões sobre o tema, contribuiu para que a obra Os Sertões não parecesse tão árida e de difícil leitura, e que, convenhamos, à primeira vista, não desperta muita simpatia, principalmente em quem não demonstra muita intimidade com a leitura.

Recursos, como peças teatrais, palestras, documentários, intertextualidade com acontecimentos de nossos dias, foram também alternativas para se chegar a uma obra que até então só era lida quando exigida nos vestibulares.

Daí a importância incontestável dos projetos interdisciplinares nas escolas.

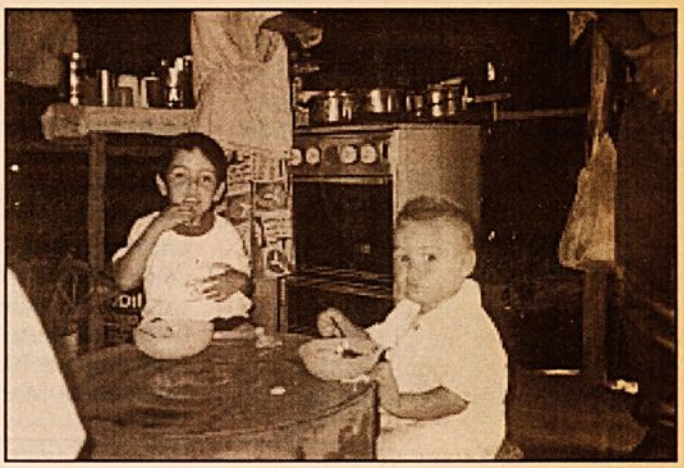


NOTAS

*Profª ETE Dr. Francisco Nogueira de Lima - Casa Branca - SP

BRASIL: LATIFÚNDIO... VIOLÊNCIA... EXCLUSÃO SOCIAL... UMA LONGA HISTÓRIA SEM FIM

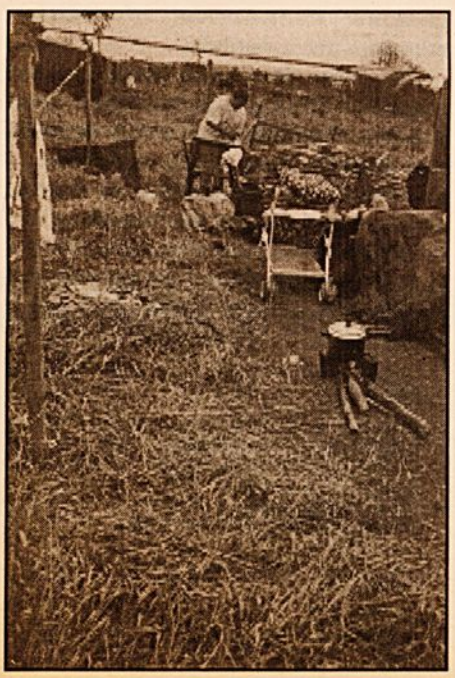
*Lourenço Magnoni Júnior



Depois de "desviar-se" da rota que o levaria às Índias, contornando o Continente africano, Pedro Alvares Cabral "descobria" em 22 de abril de 1500 o Brasil, dando início a formação de um dos maiores países do mundo e hoje, um dos campeões mundiais em desigualdades sociais. Tão logo recebeu a notícia da descoberta da nova terra, a Coroa Portuguesa e seus aliados traçaram o destino a ser seguido pela nova colônia que passara a se chamar Brasil.

Na época da descoberta do Brasil, a Europa assistia a expansão das grandes navegações que conseqüentemente propiciara o fortalecimento do sistema econômico mercantilista, ascendente em decorrência da comercialização das especiarias vindas das Índias. Entre as especiarias umas das mais importante era o açúcar de cana, vendido a peso de ouro no mercado europeu.

Os portugueses que estavam entre os principais agentes do mercantilismo europeu , ao perceberem a semelhança climática e do tipo de solo entre a nova terra e a das Índias, introduziram no Brasil a cana-de-açúcar, já então cultivada na ilha portuguesa de Cabo Verde, efetivando de vez o processo de exploração da metrópole sobre a Colônia até então habitada pelos ameríndios, povos nativos da América. Estes, com a eclosão do processo colonialista, passaram a sofrer um violento processo de perseguição, inicialmente deflagrado pela ação da catequese da Igreja Católica em nome da introjeção da "fé cristã" e, posteriormente para se tornarem escravos nas minas de ouro e de prata na América espanhola e nas lavouras de cana no Brasil.



Em virtude do clima favorável e do solo fértil da costa do nordestina, a introdução da cana-de-açúcar em pouco tempo se torna um grande sucesso. A expansão dos canaviais vai gerar dois fenômenos que até hoje muito nos envergonham: o primeiro foi a implantação das capitanias hereditárias e das sesmarias, sistemas de concentração de grandes extensões de terras, estabelecidos no Nordeste pela Coroa Portuguesa, para incentivarem a expansão dos engenhos, contemplando seus aliados e paralelamente impondo o domínio econômico, político e religioso, dando origem ao latifúndio de hoje. O segundo, foi a escravidão que nasceu com a captura de indígenas e que posteriormente promove a vinda de milhares de negros africanos para o trabalho nos canaviais.

Ao estabelecer no Brasil, um sistema econômico totalmente dependente da Metrópole, impondo um sistema de distribuição de terras onde poucos foram premiados e escravizando índios e negros africanos, Portugal deu início a um dos mais perversos mecanismos de exclusão social que ainda hoje atinge milhares de brasileiros.

Aos poucos, foram surgindo movimentos contra o modelo econômico e político imposto por Portugal, escravos fugiam em busca da conquista da liberdade e movimentos contra a opressão política, religiosa e contra o latifúndio. Enfim, a busca de um caminho para a construção da cidadania alijada pela ação dos colonizadores portugueses.

Uns dos primeiros e mais significativos destes movimentos vai ocorrer no final do século XVII, quando milhares de escravos de diferentes áreas do Nordeste Açucareiro, assolados pela miséria, agravada ainda mais com a decadência da economia canavieira em virtude da concorrência do açúcar produzido nas Antilhas, iniciam um processo de fuga em direção ao interior nordestino em busca de liberdade e de terra. Surgiu assim os Quilombos que agregava além de escravos, mestiços e brancos pobres que também fugiam da miséria e da injustiça social impostas pelos senhores de engenho e pela Coroa Portuguesa.

Os quilombos expandiram rapidamente e logo, a Coroa Portuguesa e os coronéis nordestinos começaram a se sentir ameaçados com a organização dos excluídos e iniciaram, como de costume, um intenso processo de repressão contra os quilombolas. Entre os quilombos, o que mais passou a chamar atenção das elites coloniais, foi o de Palmares, devido à sua organização política, econômica e social e ao espírito de liderança de Zumbi, uma das personagens da histórica luta dos excluídos no Brasil.

O líder Zumbi depois de um longo período de perseguição, foi assassinado junto com seu povo na Serra da Barriga, região pertencente ao Estado de Alagoas, no dia 20 de novembro de 1695.

O sistema colonial baseado na monocultura da cana-de-açúcar, no latifúndio e na mão-de-obra escrava, produziu um mecanismo de concentração de riqueza e fabricação da miséria que mesmo depois da decadência da cultura canavieira e do fim do Império continuou o seu "reinado", exportando seus princípios para as demais regiões brasileiras.

Quase duzentos anos depois do assassinato de Zumbi dos Palmares, nascia em plena caatinga encravada no sertão baiano, Belo Monte de Canudos, tendo com líder o religioso Antônio Conselheiro. Igualmente às idéias de Zumbi dos Palmares, as de Conselheiro rapidamente passaram a incomodar os coronéis donos das fazendas e caciques políticos da região, a arcaica Igreja Católica Conservadora e posteriormente a elite

nacional republicana, pois Conselheiro era um ferrenho crítico das taxas dos impostos cobradas pelo novo governo.

Com o argumento de que Conselheiro era monarquista o governo da República, iniciou uma ofensiva militar contra Conselheiro e seu povo. As três primeiras expedições foram derrotadas pelos homens de Canudos. Diante da quinta e última expedição que mobilizou efetivos militares de todo país, Canudos tombou.

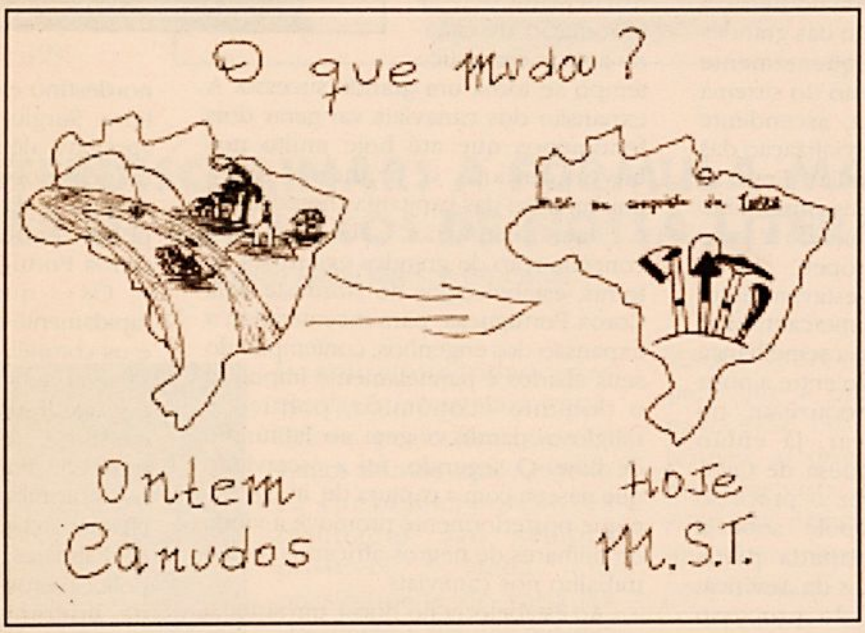
Diante da ação criminosa praticada pelo exército no final do século XIX em Canudos, não podemos abraçar o discurso da História que oficializa Canudos como apenas um movimento messiânico, pois mesmo sendo um fervoroso cristão, Antônio Conselheiro possuía acima de tudo uma visão de luta contra a concentração de terras e a exclusão social.

Zumbi e Conselheiro lutaram contra os interesses do latifúndio, em épocas distintas, mas lutaram pelo mesmo ideal: a busca de caminhos alternativos que libertassem os excluídos da miséria e da ignorância imposta por uma elite que desde do início do período colonial que desprezou o povo em nome do acúmulo de riquezas.

A ordem econômica, política e social estabelecida à força por nossas elites ao longo de quase cinco séculos, veio ceifando com a aplicação de métodos violentos, os gritos de liberdade de milhares de excluídos. Se fizermos uma retrospectiva da História do Brasil a partir de Zumbi dos Palmares, passando por Canudos de Antônio Conselheiro, notamos que, neste período de pouco mais de 300 anos, quase nada mudou em termos de desenvolvimento de políticas sociais e de distribuição de riqueza para combater a exclusão social. Isso evidencia que esta questão ainda hoje para o povo é uma longa história sem fim, de miséria, de fome, de violência, do analfabetismo e da falta de perspectiva para o futuro.

O latifúndio que assassinou Zumbi e ajudou destruir Canudos e as Ligas Camponesas nos anos 50/60 deste século, atualmente continua impondo a sua força contra o maior movimento social e político dos anos 90, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Com a ajuda de políticos, advogados, promotores, juizes, da Polícia Militar e do próprio governo, o Brasil continua mantendo intacta uma estrutura fundiária arcaica herdada da colônia.

Mesmo diante da globalização da economia capitalista é possível o desenvolvimento de uma agrícola sustentável, capaz de fortalecer a produção familiar nas pequenas propriedades, evitando seu empobrecimento e migração para as áreas urbanas, priorizando a produção de alimentos básicos para a população brasileira. Uma política fundiária que estabeleça critérios para a prática de uma agricultura monoexportadora e mecanizada, que ocupa grandes extensões de terras provocando enormes prejuízos ambientais em ecossistemas complexos como por exemplo a expansão da soja no cerrado do Centro-Oeste, na região de Barreiras na Bahia, em Balsas no Maranhão, em Tocantins e recentemente nos campos gerais de Roraima ou a salinização do solo do Sertão Nordestino pela instalação de grandes projetos de irrigação que usam técnicas desenvolvidas para tipos climáticos temperados numa região semi árida e extremamente quente.



O povo de Zumbi e Conselheiro foram exterminados por lutarem contra a miséria, contra a ignorância, por dignidade, construção da cidadania e por um pedaço de terra; trezentos anos se passaram e Sem-Terras, Sem-Tetos e Sem-Empregos são presos, torturados e até mesmo assinados por lutarem pelos mesmos objetivos.

O líder do MST no Pontal do Paranapanema José Rainha Júnior está ameaçado de ser condenado por um crime que não cometeu.

Como Zumbi e Conselheiro, José Rainha Júnior é culpado de um único "crime": o de lutar contra o latifúndio improdutivo e criminoso, forçando a sua desapropriação para fazer a reforma agrária, garantindo aos excluídos a conquista da terra que lhes proporcione o direito produzir alimentos e construir a cidadania e contribuir com a erradicação da fome e da pobreza.

É por tudo isso, que ao compararmos a ação do povo de Antônio Conselheiro com a do MST, não podemos aceitar a versão da História Oficial de gabinete e do livros didáticos de que Canudos somente foi um movimento messiânico. Canudos acima de tudo foi um movimento social e político; uma espécie de "socialismo" primitivo, um grito dos excluídos do sertão, da caatinga contra a ordem estabelecida por uma elite concentradora de riquezas. Se Canudos fosse somente um movimento messiânico, as elites da época o teriam destruído com tanta voracidade, provocando um dos maiores genocídios de nossa história? Será que a Ditadura Militar teria construído o açude de Cocorobó para apagar da memória dos sertanejos e da nação os últimos vestígios que ainda existiam de Canudos?

Não podemos discutir a estrutura fundiária brasileira montada a partir da Lei de Terras de 1850 somente com base em discursos parciais ou prontos, contidos em livros didáticos e paradidáticos, como também não podemos fazer o mesmo com a história de Canudos.

Para encerrar, podemos dizer que o país da corrupção e da desigualdade social não poderia tratar de outra forma as pessoas que lutam pelo o direito de construir a cidadania negada por um sistema econômico e político eternamente colonial.

Euclides da Cunha disse em sua magnífica obra Os Sertões uma frase célebre: **"O sertanejo é, antes de tudo, um forte"**. Não seria esta frase o caminho para contarmos ao nossos alunos a real história de Canudos e nos sensibilizarmos com a luta dos milhões de excluídos na busca da dignidade e construção de um Brasil moderno e justo com todos seus filhos?

NOTAS

*Prof. ETAE "Astor de Mattos Carvalho" - CEETEPS/UNESP e EEPSG "Dr Anis Dabus" - Avaí - SP
Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local - Bauru - SP
Aluno Regular do Curso de Pós-Graduação (Nível de Mestrado) UNESP Câmpus de Marília - SP.

CANUDOS AINDA SE FAZ PRESENTE !!

*Maria da Graça Mello Magnoni

O grande número de informações e a instantaneidade com que nos atingem (atingem... já que a manipulação dos meios de comunicação na maioria da vezes não as possibilita enquanto informações pensadas, analisadas, processadas e conseqüentemente criticadas) exemplificam o tão comentado processo da globalização econômica. Buscando nas manchetes dos jornais, nas revistas, nos produtos expostos no supermercado logo ali na vizinhança da escola, nas letras das músicas, no Big Mac do Mc Donald's, nos materiais de uso escolar desarrumados pelas carteiras, em nossas mãos... produtos que através de sua presença no nosso dia-a-dia pudessem comprovar o tema da aula: A Globalização Econômica e as suas Conseqüências, um grupo de alunos, num "ateliê" de trabalho (nas técnicas Freinet) desenvolvia as atividades solicitadas numa ficha, recortando as manchetes dos diferentes jornais à disposição. Enquanto discutia com outro grupo a letra de uma música, acompanhei a organização que faziam das manchetes sobre a cartolina, ensaiando a arrumação do painel que objetivavam.

Nas tiras recortadas lia-se: *Países Mais Populosos Abrem a Sua Economia e Tentam Reduzir a Pobreza, Trabalho ocupa 250 Milhões de Crianças, Faltam Vagas nas Escolas de 1º Grau, Globalização Exige o Fortalecimento da Sociedade Civil, Mãe afasta Criança da Tentação da Comida, a Quarta Guerra Mundial já Começou, Países Ricos Vão se Abrir, População Brasileira Hoje é de 156 Milhões - 42 Milhões São Considerados Pobres e 16 Milhões São Indigentes, O Salário Mínimo é de 120 Reais e o Custo da Cesta Básica é de 108,97 Reais, Metade das Terras Agrícolas Pertencem a Apenas 2% dos Proprietários Rurais, Supermercados Cortam 70 Mil Vagas, Funcionalismo Público Perde Estabilidade*, entre outras.



No caminho da escola para casa pensava sobre os vários assuntos tratados na "hora da conversa" com os alunos, nos dados que trouxeram das suas diferentes realidades (não tão diferentes assim), nas descobertas que fizemos nas letras das músicas, nas informações dos jornais. Dessas, fiz o que nós professores esperamos que façam nossos alunos, muitas vezes involuntariamente, olhei as pessoas que me acompanhavam no interior do ônibus circular, pessoas que deixavam o bairro popular, o distrito industrial e iam passar pelo centro da cidade em direção ao seus bairros de residência. Pessoas no ponto de parada dos ônibus que estampavam no rosto o cansaço do dia de trabalho, na mochila que marca as formas da marmita as horas de trabalho distante de casa, nos sapatos velhos e descartáveis (cuja situação econômica os fazem duráveis), nas vestes, nas bolsas das moças que as combinam com os calçados, na estampa desbotada da camiseta usada com outras peças também de estampas que não se combinam visualmente, muitas vezes marcados pelos "estrangeirismos", deixando transparecer a pobreza. Essa situação que se alastra, que homogeneiza as pessoas na forma mais cruel, que enfeia as pessoas, que distorce os seus corpos, os seus gostos, que as obriga a modelos (não somente nos trajes), que as envelhecem, as enrugam, as desdentam... que as empobrecem.

A fila de trabalhadores em pé, agarrados ao corrimão do ônibus, tentando equilibrar-se entre a velocidade e as freadas do motorista que tem horário e itinerário a cumprir, fazia como que pano de fundo às questões debatidas: desemprego em massa, desemprego estrutural, desmantelamento dos sindicatos, violência, queima dos miseráveis nas ruas (fato que se torna comum nos grandes centros urbanos), participação, cidadania, Constituição, assistência, aposentadorias e assim seguiam-se manchetes... rostos infantis e juvenis... numa conversa que proporcionava a descoberta para aqueles rostos interrogativos. Descobertas de fatos que me assustam, me preocupam e impõem-me a responsabilidade enquanto educadora em não deixá-las às escondidas, distante dos conteúdos disciplinares, mas que trazem consigo a necessidade da busca de soluções, da apresentação de alternativas que não se



enquadrem ao modelo vigente, que lhes possibilitem a esperança, que os animem na luta contra a exclusão que tão bem conhecem, porque nela convivem, e dela se esquivam na tentativa do equilíbrio, como os trabalhadores que têm seus corpos jogados para todos os lados no interior do veículo de massa.

Durante a "hora da conversa" nas aulas seguintes, entre os acontecimentos cotidianos: passeios, notícias da TV, do bairro, da cidade comentavam o filme em exibição nos cinemas: A Guerra de Canudos. Passamos a descobrí-lo e a contá-lo aos que ainda não o conheciam: a época, o contexto econômico, social, político do Brasil e dos brasileiros. Vamos descortinando aos poucos, algumas vezes nos dirigindo ao mapa inerte num canto e que aos poucos ganha vida ou melhor significado, um novo cenário, que ultrapassa a intimidade do romance apresentado na tela, a rebeldia da jovem sertaneja, do "beato" que em alguns chegou a causar irritação pela teimosia e calma da personagem diante de tantos mortos (muitos apenas "torciam" para os dois jovens terem a oportunidade de formar mais um casal). Das imagens do sertão, da seca, da fome, da rusticidade, compomos um palco maior que abarcava um elenco muito mais numeroso do que aquele apresentado na rica produção cinematográfica: entravam em cena brasileiros de todos os lugares do país, de todas as raças e nas mais diversas situações sociais e políticas. Em diferentes cantos do palco faziam-se presentes os escravos (embora libertos) trabalhando num imenso mar verde de pés de café, as linhas do trem que carregavam o produto em direção aos portos, monarcas sem coroas, militares, comerciantes, coronéis, camponeses,

entre esses últimos, alguns se colocavam em movimento, numa espécie de procissão em direção a um homem. Esses camponeses não partiam apenas do canto representado pelo sertão, mas de todos os outros espaços onde se faziam presentes e o "Conselheiro" se configurava numa personagem não identificada apenas como um líder messiânico, mas com a esperança, a organização, a capacidade de luta, de indignação.

O palco construído em nossas mentes continha tantas personagens, situações que se repetem no atual palco da nossa realidade que a identificação se fez presente e imediata: Professora, agora eu entendi porque na sua camiseta estava escrito: Canudos ainda se faz presente !!

Se faz presente onde? Nas imagens que analisamos na mostra Terra de Sebastião Salgado, nas lutas do MST, dos partidos políticos de esquerda que "teimam" em sobreviver, no acampamento dos sem terras que visitamos, no desespero dos desempregados, na falta de perspectiva dos jovens que fazem ascender a curva do consumo de drogas e da violência, nas favelas que incham as cidades, na pobreza das pessoas nas ruas que contrasta com as fotografias e as manchetes dos jornais, onde a aristocracia e realeza ainda ocupam espaços centrais, na maquiagem das graves situações que se apresentam em território nacional feita pelos meios de comunicação, onde emprestam a voz (e se prestam ao serviço de marionetes) os principais atores das telenovelas, que no horário nobre justificam a crise da empresa que administram no "faz-de-conta" como crise mundial, a apresentadora "bonitinha" dos telejornais, dos programas infantis e juvenis, que limitam as experiências e perspectivas de vida de milhões de jovens a um palco encantado, a uma academia de ginástica, a personagens que são "modelos" a seguir, a imitar e portanto, a consumir.

E a escola diante das Canudos que se apresentam em meio a névoa alienante provocada e difundida pelos principais meios de comunicação? Qual a função do trabalho educativo? Entendendo-o enquanto possibilidade de produção direta e intensional da humanidade em cada sujeito a partir dos conhecimentos que proporciona, acredito na escola enquanto "criadora de novas necessidades", necessidades estas que proporcionem a escolha de valores e, valores que obriguem a reflexão em detrimento ao que nos é imposto: a "opção" pelos interesses.

NOTAS

*Membro da Diretoria Executiva da AGB/Bauru
Aluna Regular do Curso de Pós-Graduação (Doutorado) da UNESP Campus de Marília/SP
Bolsista CAPES

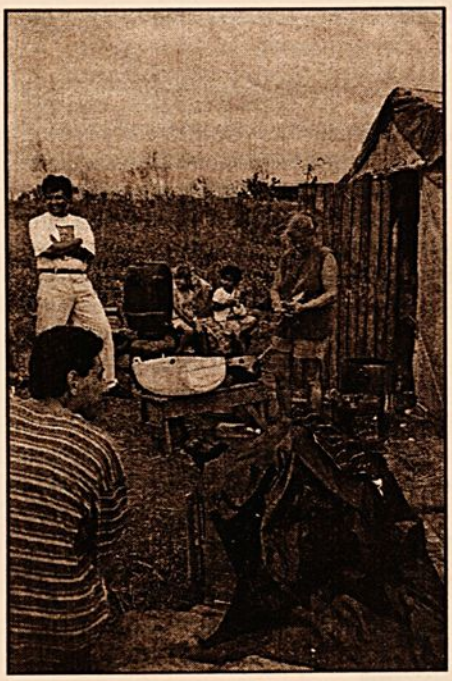
PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS ETE "JACINTO FERREIRA DE SÁ" – OURINHOS – SP

A luta pela terra no Brasil é secular. Passando pelas Sesmarias, Lei deTerras de 1850, a tímida proposta de Reforma Agrária do Governo João Goulart, o Estado procurou legitimar a indecente concentração de terras como privilégio de poucos neste país. Ao contrário do estereótipo apregoado pelas elites, o povo brasileiro não é indolente, pacífico ou resignado com a pobreza. Vários foram os momentos em que , de forma organizada ou não, pacífica ou respondendo violência secular com ações mais radicais, os "desgarrados da terra levantaram-se do chão". Foi assim com Canudos, onde, através da liderança de Antônio Conselheiro, os humilhados de um século atrás organizaram-se num vilarejo e concretizaram, no tempo e no espaço, uma comunidade bem mais justa e digna do que a sociedade da época oferecia a cada um deles, enquanto oportunidade de vida.

Exemplos recentes ilustram a militarização dos conflitos sociais: segundo o Jornal "O Estado de S. Paulo"(19/09/97 – Página A10), cerca de 40% de Sem –Terra mortos pela Polícia Militar em Eldorado dos Carajás (Sul do Pará) receberam golpes de facão e foice, ou seja, foram mutilados. Para os legistas que examinaram os corpos, os golpes foram profundos, atingindo principalmente peitos e costas, além do rosto das vítimas.

Não foi acidente o que ocorreu com Canudos. O massacre perpetrado pelo exército brasileiro, naquela oportunidade, faz com que uma situação como a de Eldorado de Carajás, entre tantas, transforme-se numa cena eterna a se repetir.

A atuação do MST vem, justamente, construir de baixo para cima a resistência, estancar a continuidade do descaso. Sua atuação mostra que os



pobres não precisam de ninguém para lhes dizer o que precisam fazer. Comparado a Canudos, a qualidade do MST está na sua organização enquanto movimento popular, apresentando-se com uma qualidade superior: os excluídos, de agora, estão mais organizados, e, ao contrário de Canudos, não se encontram isolados. Conseguiram transformar a luta pela terra numa luta de todos. Cravaram, no item Cidadania, a necessidade de se alterar a injusta concentração de terras.

A Reforma Agrária no Brasil é uma necessidade que não pode mais ser postergada para amanhã. Cairá sobre os ombros daqueles que detém o poder político nas mãos a culpa de novos massacres, onde vidas humanas serão ceifadas pelo único motivo de quererem TERRA, PÃO E LIBERDADE. O discurso da modernidade cai por terra, quando dados como estes são analisados. Não pode ser moderno um país, onde milhões de hectares de terra encontram-se abandonados e improdutivos. Um privilégio defendido a bala, por milícias armadas. Existe um direito maior que o da propriedade que dizem defender: o direito à vida. Direito de propriedade por direito de propriedade, que o defendamos para uma quantidade maior de brasileiros. Só a Reforma Agrária, sabemos, não será a solução. É preciso um modelo econômico, que privilegie o pequeno, traga subsídios e incentivos para a produção de alimentos num país, onde a fome envergonha a todos com um mínimo de dignidade presente no caráter.

Dentro deste contexto, é louvável a iniciativa do CEETEPS (Centro de Educação Tecnológica "Paula Souza") – Associado e Vinculado à UNESP – em promover o PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS. Esta iniciativa torna possível ainda acreditar na Educação enquanto agente de

transformação e construtora da cidadania. Basta compararmos a atitude quase sempre contemplativa dos nossos alunos no cotidiano escolar: assistem à aula, contrapondo-se atitude dos que estão inseridos no projeto: em vez de assistir, participam de sua execução. Esta é uma experiência pedagógica que não deve passar desapercebida. Deve ser objeto de estudo. Eventuais falhas devem ser corrigidas através da reflexão, juntamente com todos os envolvidos. A Escola Pública mostra sua vitalidade. Com investimento e liberdade, pode cumprir com eficácia sua missão: EDUCAR.

Com esta perspectiva, o PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS, na ETE "Jacinto Ferreira de Sá", vem desenvolvendo suas atividades. Os alunos já refletiram através da obra OS SERTÕES, de Euclides da Cunha, o episódio de CANUDOS e, agora, fazem a ponte, juntamente com outras lutas desenvolvidas pelo povo brasileiro (Contestado, Trombas e Formoso, Ligas Camponesas...) para atual conjuntura de luta pela terra no Brasil de hoje, desenvolvida pelo MST (Movimento dos Sem-Terra).

Para isto, participaram da chegada em Brasília da marcha promovida pelo MST, visitaram a Casa da Cultura Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo, organizaram um debate no Teatro Municipal Miguel Cury de Ourinhos com o tema: "De Canudos ao



MST: a luta pela terra no espaço e tempo". Este debate contou com a presença de Eduardo Gomes (liderança do MST no Pontal do Paranapanema) e Luís Eduardo Greenhalgh (Deputado Federal pelo PT – Partido dos Trabalhadores e advogado de José Rainha Jr.). Para este debate foram mobilizadas escolas da cidade e região, contando com a participação de mais 600 pessoas. Um dos alunos incluídos no Projeto, participou da SEMANA EUCLIDIANA em São José do Rio Pardo, enriquecendo os debates do grupo com as experiências colhidas no evento.

A importância da execução do Projeto como um todo foi objeto de aprovação, pela Câmara Municipal de Ourinhos, de uma Moção de Congratulação aos Professores Marcos Antonio Corrêa, Rose Eudes Romeira e demais alunos envolvidos na realização de tal atividade.

Educar para a liberdade, buscar a pluralidade, superar as amarras da opressão que nos impedem de sermos verdadeiros irmãos. Estes são os princípios que norteiam a execução do PROJETO INTERDISCIPLINAR CANUDOS na ETE "Jacinto Ferreira de Sá", em Ourinhos – SP.

PROFESSORES COORDENADORES

Marcos Antonio Corrêa
Rose Eudes Romeira

POEMAS & POESIAS

UM HOMEM CHAMADO CONSELHEIRO

*Juliane N. de Almeida

Ô Conselheiro, por que foi tão
mal entendido ?
Um homem como tu com
Tamanha Grandeza, sabedoria e
certeza
Tal injustiça cobriu o semblante
do homem incapaz de fazer
mal ao seu semelhante:
o pobre sertanejo desvalido da sorte.
Ô conselheiro, porque deturparam
tua imagem ?
homem de raça, de cara para
enfrentar aquela monstruosidade
tão brasileira, tão carniceira.
Conseguindo juntar contigo
um povo muito unido, verdadeiro,
que é esse povo sertanejo.
É esse homem que clama
por uma igualdade
que lutou pela solidariedade
conseguindo mostrar humildemente,
o bem que fez por aquela gente.
Hoje a vergonha da morte
bóia, na Bahia, no seu norte.

*Aluna 1º. PD - *ETE "DANS"* Taquaritinga/SP

CANUDOS, O MASSACRE DO SERTÃO".

*Wendel G. Ordine

Em nossos encontros semanais sempre pesquisamos e debatemos sobre a figura mística de Antônio Conselheiro e sobre o arraial de Canudos.

Sempre nos interessou questões que assombram nosso espírito sobre a vida de peregrinação de Antônio Vicente. Por que ele não podia ver nenhum cemitério sem muro, e porque ele fazia distinção, enterrando os negros em lugares separados dos brancos?

Mas a sua resistência aos bombardeios e emboscadas é o que nos impressiona mais, pois como o arraial sem armamentos equivalentes ao do governo, resistiu tanto? Será que a fé que os sertanejos depositaram em Antônio os fez resistir tanto?

Essas foram alguma das dúvidas que pairaram durante nossas pesquisas.

Nossas viagens correram perfeitamente bem, visitamos um assentamento de sem-terras em Promissão - SP cujo objetivo é quase o mesmo propósito de Canudos.

E também viajamos a São José do Rio Pardo, onde Euclides da Cunha nasceu e escreveu sua obra "Os Sertões", aproveitando os apontamento do tempo em que era correspondente de "O Estado de São Paulo" em Canudos e que no começo era contra Canudos, mas foi ao longo dos tempos mudando sua opinião dizendo: "Canudos não se rendeu" e ainda , "O Sertanejo é antes de tudo, um forte".

*Aluno 1º. PD - *ETE "DANS"* Taquaritinga/SP

"SE NÃO TIVESSE OCORRIDO O MASSACRE".

*Jaqueline Gondin

Meu nome é Clarinda tenho 9 filhos e vou contar para vocês parte de minha vida:

Eu vivia em Sergipe onde levava uma vida maldita, tinha oito filhos e estava grávida.

Meu marido desapareceu a procura de uma vida melhor.

Então só me restaram 8 filhos e mais um em meu ventre.

E hoje agradeço a Deus por ter tomado a decisão de vender meus poucos trens e ir para Belo Monte, o "arraial de Canudos" à procura de ajuda. Ao chegar lá percebi que meus dias severinos haviam terminados.

Meus filhos e eu tínhamos encontrado um "oásis" no meio do Sertão.

Fomos muito bem recebidos e fiquei espantada em ver como tudo aquilo era tão bem organizado.

Cada um tinha sua função, e todos tinham direitos iguais, éramos uma comunidade Igualitária.

Meu filho nasceu no meio de muito amor e carinho. Bem diferente dos outros oito que até então só haviam vivido na miséria. Nunca mais soubemos o que era fome.

Nosso amado e sábio mestre, Antônio Conselheiro, nos orientava em tudo, e todos os dias íamos orar às margens do Rio Vaza-Barris e muitas vezes era eu quem puxava o terço.

Canudos expandia-se cada vez mais, e os ataques do governo foram cessando aos poucos. O tempo foi passando e meus filhos foram crescendo. O caçula que nasceu aqui no arraial, quis seguir as pegadas de nosso mestre e está estudando para ser um pastor tão sábio como Antônio Conselheiro. Os outros oito trabalhavam na lavoura.

Canudos tornou-se a maior comunidade da Bahia e outras adotaram, também, o seu modo de vida.

Nós não éramos apenas uma grande comunidade, éramos um grande família liderada por Conselheiro, que veio a morrer aos 83 anos, às margens do Rio Vaza-Barris, vítima de uma parada cardíaca.

Sofremos muito com a morte de nosso mestre que para nós era como um pai, mas hoje somos liderados por Ludgero Prestes conhecido como "Jaguncinho", que foi entregue a Euclides da Cunha pelo general Arthur Oscar. O menino que tinha na época 6 anos, chegou à São Paulo e foi entregue aos cuidados do educador paulista, Gabriel Prestes, e após adquirir todos os tipos de conhecimentos voltou para nos liderar.

Aqui aprendemos muitas coisas, dentre elas uma que acho importante destacar: como viver dignamente.

Daqui alguns anos o mundo todo será um grande Arraial de Canudos, onde não haverá crime e nem violência e todos viverão contentes como aqui e tudo será graças ao nosso eterno vencedor: ANTÔNIO CONSELHEIRO.

*Aluna 1º. PD - ETE "DANS" Taquaritinga/SP

CONFISSÕES E DOR

*Marcos César Falsoni

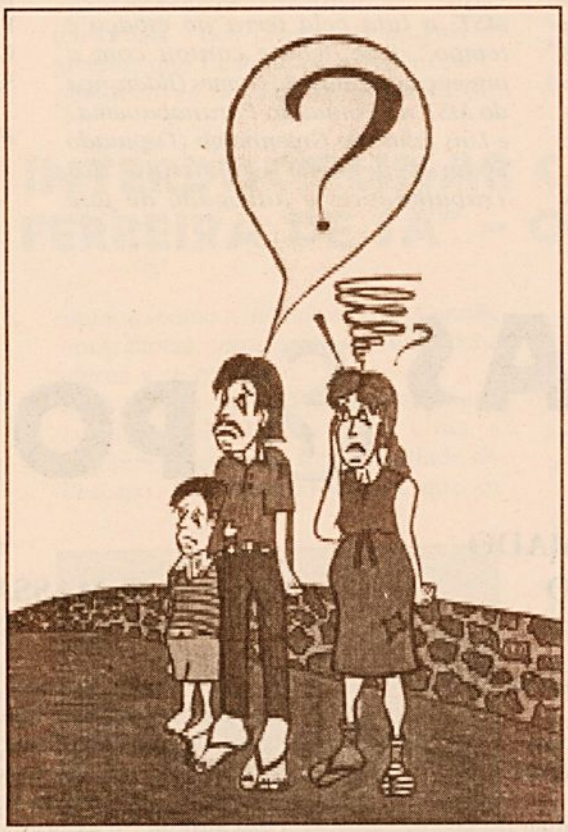
Há cem anos, na Bahia, aproximandamente 15 mil sertanejos foram assassinados pelo exército brasileiro.

Tentaram apagar a memória de guerra usando a natureza como cúmplice da fatalidade. O Rio Cocorobó inundou o local. As marcas, os vestígios desapareceram. A natureza estava comprometida. Passou a carregar a culpa de algo que não fez.

Aos poucos as águas estão abaixando e a natureza se vinga inocente dos matadores de aluguel. Mostra a humanidade as marcas do crime, do genocídio'.

Nada como um dia após o outro. Só o tempo...

A seca castiga o Sertão, o sertão que parecia virar mar... rompe aos poucos com o silêncio do crime que se acalentou.



Quem assumirá a culpa? Quem será julgado?

Para contar a história, restou pouco.

Um velho, um homem e duas crianças. Os vestígios são muitos mas continuam escondidos nas profundezas de Cocorobó.

Naquele momento de rendição, de crueldades ignorância, os soldados não souberam perdoar. Perdão de que? Perdão de quem mata e exibe a desonra? Uma rendição que não teve seu valor. O ódio, a dor e o pranto foram maior.

Quem ouviu o choro?

Quem foi o coveiro que te fez ver?

Canudos sofrida, injustiçada.

Grita hoje alto que tem grito é forte.

Chora que tem choro inunda as águas de Cocorobó.

Tua vergonha não é verdade.

Tua verdade é justiça que te fez valer.

As duas crianças sobreviventes foram o maior sinal de Deus presente entre os sertanejos.

O sertanejo lutava pelo pão, pela casa, pela sobrevivência, dignidade.

O soldado. Ah! os soldados...

Se pelo menos lutassem por uma causa.

Lutaram e morriam pra que?

Que cilada te armaram? Que arapuca te fez cair?

Quem lembra e ajoelha hoje em tua memória?

Você soldado in memoriam e tristeza é que é lembrado.

A Nação não se orgulha de você mas reza por você. Carentes de oração e de preces rezamos também por vocês.

Hoje, após cem anos de morte e de dor, lembramos a sonhada Canudos com esperança.

Teus filhos se alegram por ti ó Bahia...

Somos teus filhos e irmãos...

Olhai por nós, somos carentes de tua coragem, carentes de ti e de tua justiça.

Lutamos ainda hoje pela liberdade e pelo amor...

Não se esqueça de nós ó Canudos...

Quanto a nós brasileiros nossa memória é viva... é vida... olhai por nós... rogai por nós... Amém.

*Professor ETE "DANS" - Taquaritinga/SP

"CANUDOS"

*Thaiana Roberta Betti

Quando entrei para o "Projeto Canudos", não pensei que os estudos e debates me levassem a tamanha reflexão.

Não dá para entender tanta crueldade com uma Comunidade que só pensava em se livrar de uma vida que não oferecia nenhuma perspectiva de melhoria.

Assolados pela seca, pela miséria, pela fome, os deserdados de Conselheiro viam na sua pregação a oportunidade, mas só de uma vida melhor, mas também a ascensão ao reino celeste.

Foi essa crença religiosa que engrossou o arraial de Canudos.

Pobre, índios e negros formavam o "exército" que tanto assustam as elites brasileiras especialmente a carioca.

O equívoco que desencadeou o inúmeros ataques no arraial de Canudos, não deve passar "em branco" no momento desta comemoração! Comemoração ?

Não há o que comemorar, apenas o que lamentar.

É a grande oportunidade dos brasileiros refletirem nos valores que nortearam a formação do arraial de Canudos: A solidariedade e o sentimento de comunidade.

O individualismo está fora de moda.

É tempo do Brasil se modernizar.

*Aluna 1º. PD - *ETE "DANS"* Taquaritinga/SP

GUERRA DE CANUDOS

*Fábio Gomes Santos

Lá no meio do sertão
Surge o Conselheiro
Com sua reza e sermão
Trabalha o dia inteiro
O seu dilema é a união
Não é vital o dinheiro
Depois de tudo a divisão
Sem nenhum trambiqueiro
Sol, sol, sol no nordeste do Brasil
Luta pelo pão essa gente gentil
Numa terra hostil
No quase deserto da Bahia
Florescia
Crescia
Expandia uma comunidade
Não vista com bons olhos pelo capital
Explode a maldade
Canudos era um exemplo fatal
Trovoadas de canhões, tiros, tiros a matar
Pior que escorpiões: soldados a fuzilar
Restaram quatro sobreviventes
Frente aos selvagens combatentes
A surgir, a cuspir o ódio
Os sobreviventes não se entregam
Antes Lutam, lutam e lutam
Até findarem suas forças
Caem dois homens, uma criança e uma moça
Chora a Caatinga
Com seu povo a míngua!

*Aluno do 3º ano - Curso de Processamento de Dados - ETESP - ESCOLA ESTADUAL DE SÃO PAULO

HERÓIS DA RESISTÊNCIA

*Fábio Gomes Santos

Entre a aridez do solo
Vegetação seca surge
E bem retorcidos arbustos
E cactos
É a caatinga
Chão quente
Escaldante calor
Entre nosso baiano solo
Viva população surge
A suportar a região
Por um vale corre um rio
Não o rio Doce...
Mas o Vaza-barris!
Entre o nosso norte da Bahia
Uma vila nasce
Bons conselhos recebendo...
Grande cidade surge
Canudos próspera com trabalho
Miseráveis, pobres, sem terras
Canudos abriga a todos
Cresce a região
E a fama do Vaza-barris
Chega a capital
Pobre arraial!
Vazam barris de inveja
A pólvora medonha!
Pobres a prosperar em nosso meio?
E crime inafiançavel!
No horizonte do Brasil
Já raiou a discórdia...
Brava gente de Canudos
Resistentes brasileiros
Uma, duas batalhas vencemos
Foices contra revólveres
Facões contra canhões
Sucumbi um modelo
Canudos agoniza sem se render
Mesmos com suas ruas
Encharcadas de sangue negro e mestiço
Oh pátria amada?
Idolatrada?
Tu consentes este genocídio?
Salve, salve os mortos
Que procuravam dignidade de viver!
Podem engendrar quantas vezes forem a
Destruição de Canudos
Deixando-se em ruínas
Construindo açudes
Canudos nunca morrerá
É legendária
Renasce de suas próprias cinzas
É uma Fênix
Imortal símbolo de liberdade,
Força e coragem latente nas veias



*Aluno do 3º ano - Curso de Processamento de Dados - ETESP - ESCOLA ESTADUAL DE SÃO PAULO

A terra é o útero da vida.
Se não a ararmos,
Se não a cultivarmos
Estaremos abortando a existência.

ETE José Martimiano da Silva
Ribeirão Preto - SP

CANUDOS

*Alan Bendasoli Pavan

Da terra, a poeira é levantada do chão
poeira de uma luta, luta lá no sertão.
Homem do sul contra nordestino.
República versus um ideal divino.
Um fuzil, uma faca e a fé empunhada, na mão
do sertanejo, do velho ao jovem.
Um batalhão de fortes soldados, cheios de coragem
carregando espada, fuzil e canhão.
Um homem conduzia a multidão.
Pregava o céu na Terra
Dizia que Deus perdoa a quem erra.
"Deus é a salvação".
Um soldado condecorado comandava o batalhão,
buscava conter o perigo que se moldava.
Não importava o que fizesse,
contanto que servisse à soberana nação.
Voa o vento, corre o tempo, jorra sangue pelo chão.
Essa luta Deus perdeu,
mas esta história não morreu.
Conselheiro ainda vive nas caatingas do sertão.

*Aluno 2ºE1 - ETE José Martimiano da Silva
Ribeirão Preto - SP

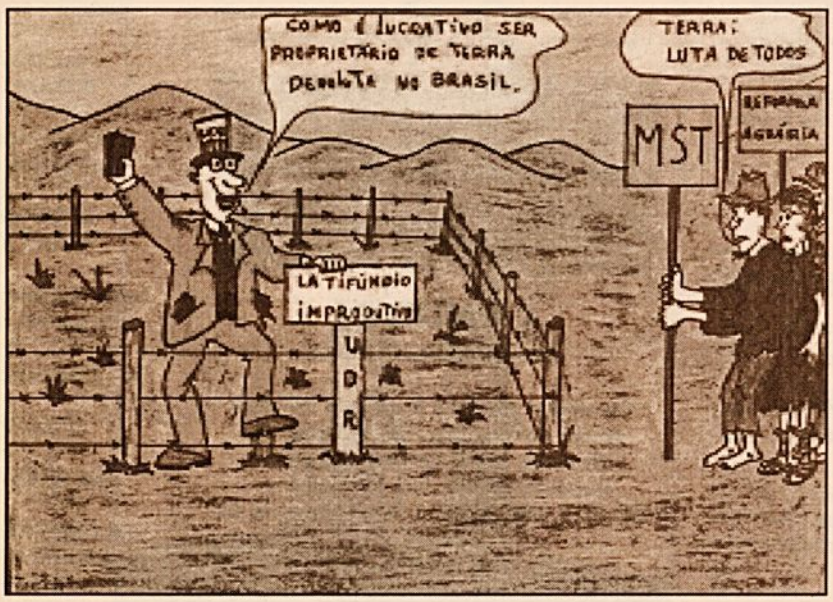
A TERRA

*Talitha Sardinha Corral

Dela é que tiramos a vida,
é nela que padecemos após a morte,
vem dela o que comemos e o que vendemos,
com ela enriquecemos e o que vendemos,
a terra criou asas e voou,
voou para longe dos que querem,
pertence aos que excluem
e não a protegem,
pertence àqueles que a julgam uma batalha,
um caminho para o poder...
A terra sempre será sinônimo de disputa
armas, conflitos, mortes e sangue
que geram a violência e destroem a consciência
de um país de terceiro mundo
A terra não mente, ela só diz que nós,
seres humanos , somos quem a destrói
Foi por ela que ocorreu a Guerra de Canudos,
Contradição entre Monarquia e República,
O fim do mundo, num lugar abandonado,
sem apoio, um escudo criado pelo Exército,
para esconder da sociedade, incluindo
mulheres e crianças, um novo lugar
a outra cara de um mesmo mundo !
A cara da miséria,
a cara do desgaste,
a cara de fome,
a cara de luta,
a cara de trabalho,
a cara do sertão nordestino, onde todos
são iguais, são vitimas da seca e
beatos da religião, das conquistas de
Antônio Conselheiro, chamado de
louco por uns e sábio por alguns .
A outra face do Brasil, foi o quadro
de uma sociedade escrava da caatinga
e dona da rapadura
um povo sofrido, mas sempre em luta
lugar onde Canudos foi o cemitério
dos bons e o início de um mal que
nunca terá fim
O governo foi o réu, foi o acusado,
mas como quis poupar a sociedade
de um acaso, meros problemas,
foi sentenciado inocente
e foi pouca a gente que acreditou
no veredito
A política sempre cometeu crimes,
quis esconder a verdade do povo e
fez das mentiras seu lema de sobrevivência
para reinar em um país de tolos
que nem a justiça foi capaz de

condenar .
É por isso que a julgam cega,
não use vendas nos olhos,
no entanto pelo fato de proteger
quem agride a lei e quem a faz
um livro aberto
com corrupções e delírios públicos,
com CPIs e votos do povo,
com viagens e a colaboração da
imprensa,
com o governo sem consciência
sem pudor, o qual nem ao menos
sente a dor de seus filhos
que clamam pela liberdade de trabalhar
e imploram por um pedaço de terra,
algo tão abandonado e sem uso,
território que serve de aumento para
os políticos e de sonho para os pobres.
Hoje, os sem-terra unidos, tentam,
andam, correm, buscam, voam, lutam,
e precisam vencer quem os acusa,
vencer quem os domina, vencer
o impossível:
conseguir a Terra!!!
A terra de cada dia,
que traga a fartura,
que seja protegida
a terra de todos que
suam,
para fazer do Brasil um
país valente,
um país inteligente, que
dá para quem pede
pois não se nega
comida a
quem está com fome,
como não se nega
trabalho a
quem quer trabalhar
Sem-terra é o apelido
dos que perderam a
terra
mas não perderam a
esperança
de que algum dia,
alguma noite,
em uma cidade, estado,
país ou continente
e que seja de todos eles,
o Brasil
enxergar que os sobreviventes
pedem paz, pedem a terra,
pedem que ela seja obrigação,
pois uma nação sem-terra
é uma nação sem coração !!!

*Aluna do 1º S1 - E.T.E José Martimiano da Silva - Ribeirão Preto/SP



PROJETO CANUDOS

*Laura Aparecida Ferreira de Alencar

Estar no "Projeto Canudos", entrar em contato com inúmeros textos, foi um momento precioso de reflexão sobre o que ocorreu há cem anos.

Após meses de estudos e de debates, começou a se delinear no espírito do grupo uma luz para entender, não o massacre, mas os motivos que o desencadeou.

Embora, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, não tivesse uma profunda educação formal, ele não era nenhum analfabeto. Não interessa aqui discorrer a respeito de sua formação, mas é sabido que ele teve acesso a uma educação esmerada, e em sua peregrinação esteve em várias Casas de Caridade existentes no interior do sertão.

Tudo isso, aliado à sua vocação sacerdotal e um enorme carisma, traz à tona a grande religiosidade de caráter medieval do sertanejo que, aliás, persiste até hoje.

A horda de desvalidos, equivocadamente chamados de jagunços por alguns historiadores (apesar de haver inúmeros entre os conselheristas), o seguia na esperança de alcançar o reino do céu.

Veio dessa fé cega, a força desnorteadora que colocou "pra correr", as expedições militares que antecederam à última, melhor pensada expedição.

Essa fé desenfreada e delirante fez nascer em Canudos valores que assustaram a Igreja e a República Capenga que se iniciava.

Refletir "Canudos", é imaginar formas alternativas de solidariedade, e isso parece que no Brasil é algo impensável, impossível e absolutamente intolerável. O individualismo que permeia a alma brasileira é histórico. O sentimento comunitário está fora de questão para a elite brasileira.

Repensar "Canudos", é repensar nesses valores: solidariedade versus Comunidade.

Perder esta oportunidade de reflexão, é condenar (mais uma vez), o episódio "Canudos", ao esquecimento e a intolerância.

Não podemos deixar que isso aconteça, pois talvez, seja a última oportunidade de pensar novas formas de cidadania.

*Profª de Língua Portuguesa e Literatura - ETE "DANS" Taquaritinga/SP

DEPOIMENTO SOBRE O PROJETO CANUDOS

·Roberta Ricci Molina

Como aluna do 2º Grau, participar do Projeto Canudos, estimulando e concretizando expressões artísticas como epresentação social deste acontecimento histórico, contribuiu, e muito, na construção de minha cidadania, pois para ser cidadão necessitamos saber mais sobre a história de nosso país.

O Projeto Canudos, desenvolvido pelo Ceeteps envolvendo professores e alunos, demonstra que a escola pode ser palco dessa construção . Foi de forma totalmente prazerosa que aprendemos sobre a Cultura de um povo, compreedendo a produção e os efeitos de uma guerra, como a de Canudos. E podemos refletir sobre questões como espaço que utilizamos através de estratégias a motivar aprendizagem (como teatro, música, expressão artística e plástica), diferenciando-se do método tradicional de ensino, e também a atualidade antiga da situação dos sem-terra, a luta constante por terra, justiça e emprego.

Então, os movimentos populares Canudose MST, que fazem parte de nossa História Sócio-Política e Econômica, foram aprendidos ao mobilizarmos poensamentos e ações.

Enfim, ao expressar a aprendizagem de nossa história, nasceu em mim o brilho de uma estrela : minha cidadania.

*Aluna 2º S1 - E.T.E José Martimiano da Silva - Ribeirão Preto/SP

BREVE COMENTÁRIO SOBRE MINHA LEITURA DE: "OS SERTÕES"

·Dênis W. Esteves

Por ocasião da leitura de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, um séquito de sentimentos, que desabrolhavam e fundiam-se numa única sensação, de classificação incógnita, deixaram-me por seqüela profundas marcas, como que feitas com ferro em brasa, de tão exótico e singular sentimentalismo.

Cada página revelava-me a rutilância e a lucidez da mente de Euclides da Cunha. Aliás etmológicamente, Euclides significa brilhante. A êxtase de degustar cada parágrafo eqüivale à êxtase de decifrar uma importante criptografia. (...)

*Aluno do 1º D1 - E.T.E José Martimiano da Silva - Ribeirão Preto - SP

O "MOVIMENTO DE CANUDOS" E AS RELAÇÕES DE PODER NA PRIMEIRA REPÚBLICA*

Elizabete Rodrigues Oliveira**

Analisar o "Movimento de Canudos" não é uma tarefa fácil. A destruição da memória daqueles que viveram em Belo Monte, no interior da Bahia, na Segunda metade do século XIX, através de um verdadeiro genocídio praticado pelo exército, em nome da República, compromete muito a produção historiográfica sobre a temática.

É preciso, no entanto, buscar todos os meios de que dispomos para resgatar os fatos históricos do "Movimento" que simboliza as lutas sociais no Brasil. Para isso, torna-se fundamental investigar as razões que levaram milhares de pessoas, de várias regiões do Nordeste, a buscarem uma esperança em Belo Monte, a forma como se organizavam e como viviam e com o que sonhavam. Só dessa forma poderemos entender o porquê do genocídio cometido pelas autoridades brasileiras, na defesa do poder econômico e político.

Hoje, há um século da destruição de Belo Monte, que a versão oficial consagrou como "Guerra de Canudos", a produção historiográfica tem sido muito intensa. Que a continuidade dessa produção não espere mais nenhuma "comemoração". A história daqueles fatos deve ficar na nossa memória, como um sinal de alerta, para que tal desfecho nunca mais se repita. Não podemos esquecer que ainda hoje as lutas sociais são intensas, uma vez que a estrutura econômica e social deixa em condições paupérimas a grande maioria da população das cidades e dos campos.

O estudo sobre o "Movimento Canudos" requer a revisão das "verdades" impostas pela versão oficial que, ao corroborar os documentos ditos oficiais e as notícias da imprensa conservadora da época, atribuía a construção de Belo Monte e a resistência dos seus habitantes ao fanatismo religioso de Antonio Conselheiro e dos habitantes da cidade. Na verdade, tal visão está impregnada de preconceitos contra o homem do sertão, simbolizada nas diversas expressões pejorativas que propagou. Num contexto histórico, impregnado de autoritarismo, onde as revoltas sociais eram tratadas como "caso de polícia", sobrava pouco espaço para emergir uma visão que não estivesse comprometida com os interesses da classe dominante.

A partir dos anos 80, alicerçada num contexto de lutas sociais e políticas, intensifica-se a produção de trabalhos historiográficos sobre o "movimento Canudos", desatrelada da visão oficial. Essa nova visão representou um alento aos movimentos populares e tornou-se um instrumento importante de luta ao procurar resgatar a história das lutas sociais no país.

Nesse sentido, é fundamental analisar o "Movimento de Canudos" sob a ótica das relações de poder, como forma de melhor compreender os conflitos políticos e os interesses em jogo naquele contexto histórico que levaram ao genocídio praticado em Belo Monte. Os acontecimentos, que estiveram presentes naquela cidade, refletem as mudanças na estrutura de poder que ocorreram no Brasil, no final do século XIX. O poder político emanava, até o início da Primeira



República, em 1889, do poder local ou poder privado, onde as decisões dos proprietários de terra e de escravos prevaleciam sobre o poder político central ou poder público.

Com a República, ganha força o poder público, ainda que os círculos do poder fossem estabelecidos pela relação coronelista, através da troca de favores entre o poder local e o poder central. Na nova rearticulação, o poder provinha dos Estados economicamente mais "poderosos", como foi o caso de São Paulo após a expansão cafeeira. Apesar das composições com os coronéis, grandes latifundiários, a relação de forças destes diminuiu drasticamente com a República e a elevação do poder público, sobretudo em razão dos compromissos dos seus governantes com o grande capital cafeeiro, formado em sua maioria por financistas internacionais, que eram, na verdade, quem ditava os rumos da política econômica nacional.

No contexto político da Primeira República, as lutas no interior da classe dominante são acirradas. A história oficial passou a concepção de que a classe dominante desse período era homogênea na defesa dos interesses do café e da nação. O genocídio de Belo Monte representou, em grande parte, essa luta. A perda de poder dos latifundiários, sobretudo os escravocratas, estava presente até mesmo no "Movimento de Canudos", já que Conselheiro e o povo de sua cidade representavam ameaça ao poder econômico, uma vez que perdiam mão-de-obra dócil e barata, e ao poder político, pois ao perder a mão-de-obra perdiam também o poder sobre a clientela que garantia os votos para o poder local ou privado.

Por outro lado, "Canudos" pode ser considerada a demonstração da instabilidade política do poder da República, onde o poder local, mesmo em crise, representava ainda um tipo de ameaça ao poder público constituído. E Antonio Conselheiro, juntamente com o "seu povo", era, paradoxalmente, a demonstração do fortalecimento do poder local, em torno de um líder que prometia uma esperança para aquele povo oprimido do Nordeste.

Vários fatores desencadearam as pressões que provocaram o genocídio em Belo Monte. Os fatores de dimensão nacional – postura de Conselheiro contra a reforma religiosa que atacava, a um só tempo, parte da Igreja e o Governo, a queima de editais de cobrança de impostos, a resistência à autoridade demonstrada no início da "guerra" - provocavam o temor que se estabeleceu nos primeiros anos da República entre monarquistas e republicanos e entre os próprios republicanos.

Quaisquer que tenham sido as razões que levaram aos fatos acontecidos em Belo Monte, que devemos estudar e apreender as suas lições, não podemos esquecer que eles colocaram à tona séculos de opressão política, econômica e cultural a que estiveram submetidos o povo pobre deste país.

NOTAS

*O artigo é uma síntese de palestra proferida aos docentes do Projeto Canudos do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, a convite dos seus coordenadores Prof. Sonia Morandi e Prof. Antonio Risso.

**A autora do artigo é historiadora e socióloga e mestre em economia e finanças públicas pela FGV-SP. Atualmente é professora e Assistente Pedagógica da Escola Técnica Estadual de São Paulo.

ENTREVISTA COM SEM TERRA DO ACAMPAMENTO DE ZUMBI II EM IARAS - SP

Delciclei Cassio Bueno*

Numa das visitas realizadas no Projeto Canudos em acampamentos dos Sem-Terra, fiz uma entrevista com o **Senhor Agenor**, morador do Acampamento Zumbi II em Iaras - SP. As perguntas e as respostas aconteceram de forma expontânea. Segue daqui em diante a entrevista na íntegra:

Delciclei: Quantas famílias compõem este acampamento?

Senhor Agenor: É formado por 103 famílias.

Delciclei: O INCRA oferece algum tipo de ajuda ao acampamento?

Senhor Agenor: Sim, o INCRA dá a cada família uma cesta básica que é constituída por 10 Kg de arroz, 5 Kg de feijão, 3 Kg de farinha de mandioca e 4Kg de fubá.

Delciclei: Mas o INCRA contribui com apenas isso? E o leite para as crianças?

Senhor Agenor: O leite é doado por instituições de colaboração expontânea, principalmente pelas Igrejas.

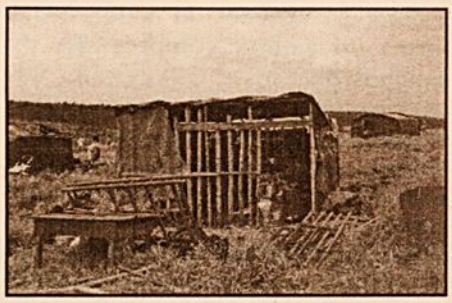
Delciclei: Onde as crianças estudam? E quando são necessários os atendimentos médicos?

Senhor Agenor: Uma perua da prefeitura de Iaras leva as crianças para a escola pública. Em relação a médicos quando precisamos vamos no posto de saúde, mas o atendimento é péssimo.

Delciclei: Há quanto tempo o senhor participa do MST? Na sua opinião a vida melhorou ou piorou ?

Senhor Agenor: Estou a dois anos no movimento, mas os incentivos por parte do governo são cada vez menores e com isso, a gente vai perdendo a motivação.

Delciclei: Como vocês planejam a



ocupação de uma fazenda improdutiva?

Senhor Agenor: Somos criteriosos e organizados, ocupamos somente propriedades acima de 500 hectares, mas antes consultamos o banco para verificar sua produtividade nos últimos 2 anos. Se produtividade for inferior a 60% de sua área aí então nós fazemos a ocupação.

Delciclei: Vocês ocupam e imediatamente fazem o plantio?

Senhor Agenor: Não ! Em primeiro lugar nem sempre temos recursos e como a terra ainda não é nossa, ao sermos despejados por ação judicial, corremos o risco de perder tudo.

Delciclei: Quais são os objetivos das ocupações?

Senhor Agenor: As ocupações tem por objetivo pressionar o governo para realizar a reforma agrária.

Delciclei: De que forma são tomadas as decisões no acampamento?

Senhor Agenor: As reuniões são freqüentes e nelas colocamos nossas idéias e propostas, fazemos votações e se uma proposta obtiver mais de 51% de votos será aceita por todos.

Delciclei: Como é organizado o trabalho no acampamento?

Senhor Agenor: As mulheres fazem o trabalho de dona de casa (cozinha, lava roupa e faz comida) e os homens fazem um pouco de tudo (retiram e carregam água do poço, ficam de vigia, etc.).

Para encerrar digo que o apoio dos mais diversos segmentos sociais é fundamental para continuarmos a nossa luta em prol da reforma agrária. Obrigado!

*Aluno 2º ano em Agropecuária e Membro do Projeto Interdisciplinar Canudos.

CANUDOS - MST

Leonardo F. V. Mattos*

A luta do MST pela realização da reforma agrária não é pioneira no Brasil, pois em épocas anteriores outros movimentos sociais também lutaram por esta causa. Como exemplo pegamos o movimento de Canudos ocorrido há 100 anos no sertão da Bahia.

A história de Canudos começou com Conselheiro, um pregador das divindades cristãs e da igualdade entre os seres humanos.

Conselheiro e seus seguidores construíram a comunidade de Belo Monte em plena caatinga do sertão nordestino; uma comunidade sem discriminação e preconceitos, onde todos lutavam pelos mesmo ideais, tinham suas obrigações mas também o direito de expor opiniões sobre o que estava certo ou errado em Canudos.

A produção da comunidade era depositada num galpão comunitário, onde todas as famílias do povoado consumiam o que necessitavam, caracterizando a solidariedade em Canudos, uma comunidade sem fome e miséria em pleno sertão nordestino.

Em apenas quatro anos de existência Canudos já contava com 25000 habitantes, sendo a segunda cidade do Estado da Bahia e uma das maiores do país.

As profecias de Conselheiro e o crescimento de Canudos passaram a assustar a Igreja Católica, os poderosos coronéis e os políticos, especialmente os republicanos que desencadearam uma campanha para destruir Canudos.

Foram necessárias quatro expedições do exército brasileiro para derrotar Canudos. Destruíram Canudos, mas não



destruíram a dignidade de um povo que lutou até o fim contra a opressão dos produtores da miséria e da exclusão social. Um exemplo de luta hoje seguida principalmente pelos sem-terra. Os Sem-Terra ao lutarem contra o poder do latifúndio para forçar a realização da reforma agrária, estão contribuindo para o combate da miséria e exclusão social.

Mas o nosso presidente ao invés de estar pensando em realizar a reforma agrária, está mais empenhado em defender os interesses do grande capital internacional, dos banqueiros e claro, do próprio latifúndio, além de estar vendendo a "preço de banana" todas as empresas estatais.

Cem anos após o episódio de Canudos, o Brasil em virtude da globalização está sofrendo profundas mudanças que passam pelo campo econômico, político e também no campo educacional. Tais mudanças são difundidas como alternativas necessárias para modernizar o país. *Será que a reforma patrocinada pela nova LDB na Educação Brasileira é democrática e está realmente preocupada com a formação dos jovens? Ou será mais um discurso vazio usado pelo poder dominante para desviar a atenção dos excluídos dos grandes problemas sociais que coloca o Brasil numa posição incômoda a nível mundial?* Há cem anos quando Canudos foi destruída, a República também usou o discurso da "modernidade" para justificar sua ação criminosa.

Cem anos se passaram, mas os ideais de Conselheiro e de seu povo continua vivo na mente de todos os que lutam contra a injustiça social no Brasil.

*Aluno 2º ano em Agropecuária e Membro do Projeto Interdisciplinar Canudos

unesp

CANUDOS - NOVAS LEITURAS

Sonia Morandi e Antonio Luís Risso (*)

O Projeto Interdisciplinar Canudos constitui uma daquelas iniciativas que, a princípio, parecem apenas mais uma proposta de trabalho na escola. Embora tenha a sua singularidade - analisa um fato histórico - permite estabelecer um paralelo com o momento atual em que vivemos. Esse deve ser um dos motivadores do envolvimento dos alunos que, portanto, confere à iniciativa uma dimensão extraordinária, como certamente não supúnhamos.

Sua concepção original foi a de pensar um projeto pedagógico interdisciplinar alternativo para o ensino, tentando romper com a disciplinaridade e com o ambiente fechado da sala de aula, buscando atender a uma perspectiva educacional da CETEC - Coordenadoria do Ensino Técnico.

De fato, o projeto resgata a memória do evento através do estudo de ***Os Sertões*** de Euclides da Cunha, realizando articulações com a realidade atual, através do Movimento Sem-Terra e da Reforma Agrária no país.

Encaramos um desafio de uma atitude interdisciplinar envolvendo pelo menos três disciplinas: a Literatura, a Geografia e a História através de uma obra clássica. Além disso, aproveitamos a influência da mídia no tratamento do tema, fato que também se tornou motivador de professores e alunos.

São inúmeros os desdobramentos das atividades que vêm sendo praticadas. Mais do que resgatar a memória do episódio, é pertinente discutir os conceitos de modernização e progresso, como também a intolerância aos movimentos sociais da Primeira e da Nova República.

Várias estratégias de trabalho têm sido executadas: a socialização do material de pesquisa, a divisão de temas e responsabilidades para cada professor do grupo nas reuniões mensais e distribuição de atividades e estudos entre os alunos, a coletivização dos conhecimentos, apresentação de vídeo e teatro, visitas a São José do Rio Pardo e a acampamentos de Sem-Terra. Essas e outras contribuem para a construção coletiva de um modelo educacional.

O projeto também oportuniza a formação de grupos de estudo nas escolas, inclusive aos sábados. Talvez seu caráter extracurricular - as atividades acontecem fora da sala de aula - e o fato de tematizar questões próximas da realidade dos estudantes ou da sociedade em geral - , tenham sido também um ingrediente motivador e integrador das turmas. Ensaios fotográficos ao lado de convívio com famílias acampadas são alguns dos resultados palpáveis já alcançados, que monitoram a revisão da ótica que os alunos, antes de sua atuação no projeto, alimentavam sobre as ocupações urbanas e rurais num Brasil de grande exclusão social.

Um dos principais paralelos que se podem fazer entre o momento da Guerra de Canudos e o momento atual reside na consideração das concepções da época flagrantes no texto de Euclides da Cunha. Talvez fosse possível estabelecer um paralelo entre a obra de Euclides da Cunha, que reflete de alguma maneira o ideário da elite da Primeira



República e a permanência dessas idéias na elite atual. Por exemplo, o sertão é visto como uma realidade distante da civilização, ou melhor, como bárbara, selvagem, inculta.

O fato é que, embora em tempo revise este dogma na própria obra, Euclides da Cunha descreve o sertanejo como fruto da barbárie e da irracionalidade - o incivilizado, portanto - em contraponto ao homem do litoral, representante da civilização européia, o civilizado, o culto, o racional e o moderado. É o que pode ser flagrado neste trecho da segunda parte da obra:

"Insulado deste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

A sua religião é como ele - mestiça."

Em outras palavras, esse ideário republicano construído reflete a mentalidade da época e pode-se dizer, em alguma dimensão, não está distante do ideário da elite atual quando, por exemplo, desclassifica os sem-terra (e os sem-teto) quando manifestam suas reivindicações à sociedade: são *desordeiros, caso-de-polícia, ameaçadores da segurança pública...*

No entanto, a obra nos instiga a ir no sentido de seu paradoxo. A célebre frase mostra sua visão pessoal do sertanejo: *"O sertanejo é, antes de tudo, um forte."* Ou ainda: *"Hércules-Quasímodo"*, denunciando sua força e fragilidade, beleza e fealdade. É de se notar ainda a angústia de Euclides da Cunha diante da chacina: *"Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados."*

Coisas assim é que fazem a leitura de *Os Sertões* e a revisitação dos fatos ocorridos há cem anos uma empreitada instigante.

REALIZAM O PROJETO:

- ETAE de Cabrália Paulista e de Itapetininga
- ETE Campinas, Ribeirão Preto, Ourinhos, São Paulo, Pindamonhangaba, Taquaritinga e Casa Branca
- Professores envolvidos: 25
- Alunos: 300

(*) Sonia Morandi e Antonio Luís Risso são coordenadores do Projeto Interdisciplinar Canudos e professores de Geografia e Língua Portuguesa e Literatura no CEETEPS.

PROJETO INCOM

"O ENSINO DO SÉCULO XXI, JÁ É REALIDADE NO CEETEPS"

SOFTWARES PEDAGÓGICOS E PROGRAMAS DE AUTO-APRENDIZAGEM

Projeto de informatização do ensino e de suporte para professores e alunos. Mais de 120 softwares pedagógicos e programas de auto-aprendizagem à sua disposição nas disciplinas de Geografia, Matemática, História, Química, Física, Português, Educação Artística, Educação Física, Biologia e Inglês.

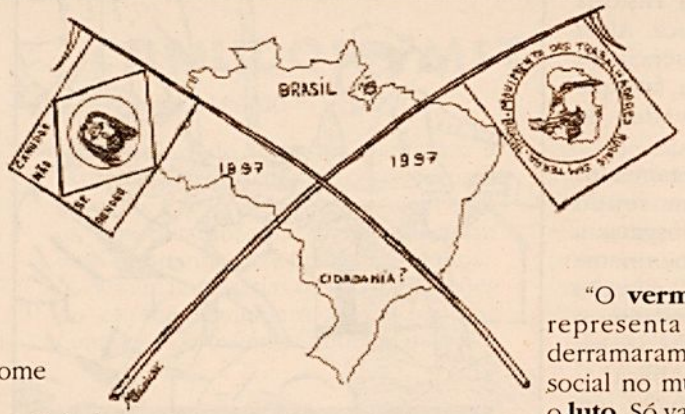
Mais de **7000** disquetes copiados até final de junho de 1998. Entre nesta onda você também, as cópias dos programas para professores do CEETEPS e da Rede Pública Estadual são feitas gratuitamente. Para solicitar cópias, basta entrar em contato com o professor **Oswaldo Camillo Giorgi** (coordenador do projeto), pelo telefone **(011) 227-4078** – ramal 33 . **Para copiar os programas é preciso enviar disquetes virgens**.

Softwares pedagógicos e programas de auto-aprendizagem de Geografia à disposição no **Projeto INCOM:**

- **O vocabulário da globalização e da nova lógica do mundo do trabalho e da produção;**
- **Poluição do ar: um problema de todos nós;**
- **LER;**
- **UDRs;**
- **A espacialização da luta pela reforma agrária;**
- **O uso da técnica e a humanização e desumanização dos espaços;**
- **Discutindo os conceitos de progresso e desenvolvimento;**
- **O Mundo da Globalização;**
- **Biorrevolução.**
- **Toyotismo e Microeletrônica: Uma Revolução que Assusta**
- **O Brasil no Processo de Mundialização**
- **O Peso de cada Revolução Industrial**
- **As maquiladoras no México**
- **O capitalismo contemporâneo**
- **Casamento informática-toyotismo**

VISITE NOSSA HOME-PAGE: **http://www.geocities.com/SiliconValley/Sector/4541/incom.html**

"CANUDOS - MST: ÉPOCAS DISTINTAS, SONHOS SEMELHANTES"



*CANUDOS

*Abner Roberto Dias

Canudos nasceu através da luta de

Antônio Conselheiro e de seu povo

Não havia lá desigualdade social e fome

Unidos lutaram contra o latifúndio e o Exército

Depois de muita luta Canudos foi derrotada e milhares de

Oprimidos morreram, mas Canudos não

Se rendeu, manifestando-se hoje na luta de milhares de excluídos

*Aluno 3º ano - ETAE "Astor de Mattos Carvalho"

"O **vermelho** da nossa **bandeira** representa o **sangue** que muitos derramaram para defender a justiça social no mundo. O **preto** representa o **luto**. Só vamos tirar o **preto** de nossa **bandeira** quando houver **justiça social** no Brasil. O **verde** representa a **produção**. E o **homem** e a **mulher** com um facão na mão representam o **trabalho**. Entendemos somente ser possível a igualdade quando homens e mulheres forem tratados como iguais."

Miguel Serpa - Líder do Acampamento dos Sem Terra Zumbi II em Iaras - SP

CEETEPS

Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza"

VINCULADO E ASSOCIADO À UNESP

ETAE "ASTOR DE MATTOS CARVALHO"

Bairro Restinga S/N - Zona Rural - Cabrália Paulista - SP

CEP 17480-000 - Fone/Fax (014) 245-1147

Apoio Cultural

associação dos geógrafos brasileiros Seção Bauru

IMPRESSO

associação dos geógrafos brasileiros
Seção Bauru

O ESPAÇO DO GEÓGRAFO

Orgão Informativo da AGB Seção Local Bauru e Núcleos:Araçatuba, Adamantina, Araguaína (TO), Avaré, Bebedouro, Birigüi, Botucatu, Cáceres (MT), Catanduva, Cornélio Procópio (PR), Garça, Franca, Fernandópolis, Ilha Solteira, Jales, José Bonifácio, Jaú, Laranjal Paulista, Lençóis Paulista, Limeira, Lins, Marília, Machado (MG), Marechal Cândido Rondon (PR), Olímpia, Ourinhos, Pereira Barreto, Penápolis, Piracicaba, Pirassununga, Porto Ferreira, Registro, Ribeirão Preto, Santa Cruz do Rio Pardo, São José do Rio Preto, Tupã, Votuporanga.

2º Trimestre/99 **- AGB/Bauru > E-mail:agb@agbbauru.org.br -** **Número 18**

Editorial:

TRABALHO, PLURALIDADE, SERIEDADE, COMPROMISSO SOCIAL, DEMOCRACIA... NÃO TÊM LIMITE TERRITORIAL

AGB/BAURU – 1994/1999

AGB/BAURU: TRABALHANDO PELA GEOGRAFIA

O período de 18 a 23 de julho é a oportunidade apropriada para os profissionais da Geografia refletirem sobre este momento crítico que é impingido à disciplina, por conta dos descaminhos da Educação Brasileira, às voltas com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, com o Processo de Avaliação Externa dos cursos universitários, com o Exame Nacional do Ensino Médio, etc. Se quisermos simplificar esta esplanação, com a inserção da Educação Nacional na dinâmica da globalização e à serviço dos interesses neoliberais. A Geografia está morrendo por asfixia e a AGB não pode abandoná-la à sanha daqueles que querem vê-la liquidada, por conta do caráter crítico e cidadão que a verdadeira Ciência Geográfica assume. Não é possível ignorar a gravidade do problema da Geografia e da Educação Pública brasileira e voltar os olhos para questiúnculas que nada constróem e geram insegurança e divisão, bem a gosto daqueles que querem destruir o pensamento crítico nacional.

Por isso mesmo, a AGB/Bauru prossegue com trabalho sério e menos preocupada com o dia específico de **29 de maio**, atribuído aos **geógrafos** - como se não fôssemos auto-suficientes para escolher o nosso dia nacional de luta pela AGB; como se a mobilização dos geógrafos se resumisse a um **dia**! Além do mais, o 29 de maio marca a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**), em 1937, a serviço dos interesses ditatorias do Estado Novo e que fez da Geografia Brasileira, uma serviçal de um regime anti-popular.

Por conta dessa questão, aceitamos prazeirosamente o convite de Machado (MG), para tratar do caminhos da Geografia e discutir um fato concreto, que transcende os **limites territoriais** de um Estado ou de uma comunidade local. Não comemoramos festivamente, mas lançamos, com certeza, as sementes de uma mobilização e de uma luta aos mais de 250 participantes do encontro mineiro!

Mas, como todos os dias são dias do **Geógrafo** e da **Geografia** que luta pelos seus propósitos mais puros, discutimos a Escola Pública e suas mazelas num fórum regional na cidade de Bauru. Diversas entidades educacionais somaram-se com a AGB/Bauru nesta cruzada em defesa do Ensino Público, com a presença de 400 participantes.

Nesta mesma linha de trabalho, estivemos em Cornélio Procópio (PR) e em Fernandópolis; e em breve estaremos em Votuporanga e Marília, Núcleos da AGB/Bauru que serão sede de Encontros Regionais no segundo semestre de 1999. Assim, vamos semeando ideais de luta pela Geografia que míngua em dezena de cursos universitários do país e que se secundariza nas redes públicas e particulares de nosso e de outros Estados Brasileiros (*).

É também com estes propósitos que estaremos em Curitiba construindo, ao lado de nossos companheiros de todo o país, que lutam pela reversão dos problemas que nos atemorizam e colocam em risco nossos anseios. Queremos somar esforços para que a Geografia Brasileira venha a ser tratada com dignidade e com maturidade. Para que seja entendida em seus objetivos de construir a cidadania, pela sua aversão aos desmandos administrativos, a corrupção, a exclusão e tudo o que faz o jogo dos grandes grupos internacionais que se acostumaram a acumular riquezas e a perpetuar a pobreza de milhões de pessoas para ampliar e sofisticar seus mecanismos de acumulação de riquezas.

Este é o momento de trazermos à comunidade científica do país e do mundo, um pouco mais de produção científica da Geografia Brasileira, com o lançamento do 13º edição da revista "**Ciência Geográfica**" e do 18º edição do boletim informativo "**O Espaço do Geógrafo**". Recentemente, ao colocarmos nossa Home-Page (**http://www.agbbauru.org.br**) no ar, disponibilizamos aos nossos associados e simpatizantes mais um meio de comunicação e informação sobre a Geografia e áreas afins. É a prova inconteste de nossa vontade de trabalhar e de socializar as experiências para enriquecer os debates e as reflexões da Geografia Brasileira.

E tudo isto não é unicamente o resultado da ação isolada de uma Diretoria Executiva, mas de um trabalho conjunto de todos os nossos sócios espalhados pelo país, que comungam de um mesmo ideal. Afinal, o elo entre os seres humanos não está sujeito aos **limites territoriais** (*territorialidade no espírito do mais refinado capitalismo, significa reserva de mercado*) mas se constrói pelo trabalho coletivo embasado num ideal solidário e emancipador.

(*) E foi em defesa da Geografia Brasileira, no âmbito da Rede Pública Paulista que a AGB/Bauru tem caminhado junto com a APEOESP - Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, o Sindicato dos Professores da Rede Pública Estadual de São Paulo. As linhas de nosso pensamento e de nossa luta estão contidas no artigo que elaboramos para a "Revista de Educação" n.º 10 da entidade: "GEOGRAFIA E HISTÓRIA NA ESCOLA É GARANTIA DE CIDADANIA".

DIRETORIA EXECUTIVA DA AGB/BAURU

NAVEGUE PELA INTERNET E CONHEÇA A AGB/BAURU
VISITE NOSSA HOME-PAGE:

http://www.agbbauru.org.br

Estamos no ar para lhe servir!

E-mail:agb@agbbauru.org.br

Diretoria Executiva AGB/Bauru
Biênio 1998/2000

Diretor:
Lourenço Magnoni Júnior
Vice-Diretor:
Sebastião Clementino da Silva
Primeiro Secretário:
Elvis Christian M. Ramos
Segunda Secretária:
Mara Wanderléia Alves Oliveira
Primeiro Tesoureiro:
Anézio Rodrigues
Segundo Tesoureiro:
Ladilson Canassa
Coordenação de Assuntos Internacionais:
Elian Alabi Lucci
Coordenação de Divulgação:
Alcides Bonaci Júnior
Coordenação de Biblioteca:
Cláudia Fonseca Baldini
Maria Regina Gaiotto Sturion
Coordenação de Relações Públicas:
Marimiriam Dias Esqueda
Coordenação Discente:
Woltaire C. de Oliveira Mattosinho
Vera Lúcia da Silva Tamião
Coordenação de Núcleos Regionais:
Álvaro José de Souza
Comissão de Ensino:
José Misael Ferreira do Vale
Álvaro José de Souza
Edson Belo Clemente de Souza
Joel Benjamin
Maria da Graça Mello Magnoni
Sonia Morandi
Comissão de Meio Ambiente e Agrária:
Anamaria Silveira Ravagnani
José Marcos Ribeiro da Silva
José Aparecido dos Santos
Comissão de Urbana:
Ladilson Canassa
Mara Wanderléia Alves Oliveira
Comissão de Eventos:
Wellington dos Santos Figueiredo
Adriana Simões Corrêa
Marcelo Moraes Oliveira
Departamento de Marketing e Publicações:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Elian Alabi Lucci
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Araçatuba
Euclides Bachi Júnior
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Adamantina
Isabel Martins
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Araguaína (TO)
Jacira Garcia Gaspar
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Avaré
Eliana Maria Cavalhero Brandão
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Bebedouro
Eliana Maria Piza Bray
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Birigüi
Vera Márcia U. Gabas
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Botucatu
Álvaro José de Souza
Coordenadores Núcleo AGB/Bauru de Cáceres (MT)
Clóvis Vailant
Patrícia Helena Mirândola Avelino
Ronaldo José Neves
Vera Hiroko Okazaki Vieira
Coordenador Núcleo AGB/Bauru de Catanduva
Carlos Alberto Spina
Coordenador Núcleo AGB/Bauru de Cornélio Procópio (PR)
Reinaldo Simões de Almeida
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Garça
Maria Alda Cabrera
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Franca
Elza Helena Marqueti
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Fernandópolis
Silvia Rita dos Santos Soldera
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Ilha Solteira
Marli B. P. Zelli de Lacerda
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Jales
Rosângela J. Bordon Bigulin
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – José Bonifácio
Célia Maria Gimenez Rodante
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Jaú
Maria Tereza Biazetti
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Laranjal Paulista
Rita de Cássia Alves L. Bertoni
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Lençóis Paulista
Maria José da Silva
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Limeira
José F. de Melo Júnior
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Lins
José Wagner Abdalla
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Marília
Rosa Virgínia M. Machado
Coordenadores Núcleo AGB/Bauru – Machado (MG)
Eda Maria Abrahão
Roberto Abreu Marrero
Coordenador Núcleo AGB/Bauru – Marechal Cândido Rondon (PR)
Edson dos Santos Dias
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Olímpia
Gleiser Cristina Antoniassi
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Ourinhos
Marcos Antônio Corrêa
Coordenador Núcleo AGB/Bauru – Pereira Barreto
Edson Yoichi Watanabe
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Penápolis
Valéria Cristina G. Rueda
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Piracicaba
Maria Eliza G. Carvalho
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Pirassununga
Maria Minervina Veneroso
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Porto Ferreira
Paula Maria Juciani
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Registro
Wanderley Negrão da Silva
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Ribeirão Preto
Idúlia R. Barbosa Esteves
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Santa Cruz do Rio Pardo
Isabel Venturelo Bianchi
Coordenador Núcleo AGB/Bauru – São José do Rio Preto
César de Carvalho
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Tupã
Carmen Lúcia Carrion Cajal
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Votuporanga
Jayça Lima Santana

AGB/BAURU EM AÇÃO

AGB/BAURU NA REVISTA DE EDUCAÇÃO DA APEOESP

A **APEOESP** – Sindicato dos Professores da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo, publicou na 10º edição da **REVISTA DE EDUCAÇÃO** referente ao mês de abril de 1999, dedicada às Diretrizes Curriculares do Estado de São Paulo para o Ensino Médio, o artigo **"GEOGRAFIA E HISTÓRIA NA ESCOLA É GARANTIA DE CIDADANIA"**. O artigo é uma contribuição da AGB/Bauru, através de sua Diretoria Executiva para a reflexão do problema.

NÚCLEO AGB/BAURU DE BEBEDOURO REALIZA TRABALHO PIONEIRO

Tendo em vista a extinção de inúmeras Delegacias de Ensino no Estado de São Paulo, muitos professores da Rede Pública perderam suporte de suas Oficinas Pedagógicas, passando a depender de outras situadas em cidades mais distantes, sendo que o contato entre o Assistente Pedagógico de Geografia e os professores foi bruscamente interrompido.

A ATP de Geografia da extinta Delegacia de Ensino de Bebedouro, professora **Eliana Maria Piza Bray**, Coordenadora do Núcleo AGB/Bauru de Bebedouro idealizou uma solução pioneira para dar continuidade a seus projetos. Assim, todo o trabalho de capacitação de professores e a abertura de espaços para troca de experiências foi assumido pelo Núcleo Local da AGB/Bauru que, inclusive, já teve a iniciativa de levar a Bebedouro o professor da UNESP Campus de Rio Claro, Carlos Sylvio Bray, para realizar atividades com os professores sobre a cultura canavieira ("A Expansão da área Canavieira no Estado de São Paulo nas últimas Décadas e os Problemas Atuais").

Parabéns à companheira sócia e Coordenadora do Núcleo AGB/Bauru de Bebedouro pela experiência pioneira e que sem dúvida, servirá de exemplo para iniciativas semelhantes, deixados de lado pelo poder público!

AGB/BAURU DESENVOLVE PROGRAMAÇÃO EM SEUS NÚCLEOS

Com a colaboração dos coordenadores de Núcleos, a AGB/Bauru realizou e tem programada a realização de diversos eventos para seus sócios residentes em localidades descentralizadas.

No segundo trimestre do ano em curso, tivemos a realização de atividades ligadas à Semana do Geógrafo na Fundação Educacional de Machado, Minas Gerais, com a presença dos professores e membros da Diretoria Local **Elian Alabi Lucci, Lourenço Magnoni Júnior e Álvaro de Souza** e do professor Doutor **Maximiliano Martin Vicente** da UNESP/Bauru, sócio e colaborador da AGB/Bauru. A professora **Eda Maria Abrahão,** Coordenadora do Núcleo AGB/Bauru local foi uma das organizadoras do evento.

A AGB/Bauru ministrou também um curso de Cartografia para professores no Núcleo AGB/Bauru de Fernandópolis, no último dia 19 de junho. O curso foi organizado pela professora **Silvia Rita dos Santos Soldera,** ATP de Geografia da Diretoria Regional de Ensino de Fernandópolis), Coordenadora do Núcleo desta cidade. Enquanto isso, no dia 18 de junho, o Núcleo AGB/Bauru de São José do Rio Preto promoveu uma palestra como o professor **Elian Alabi Lucci** para os alunos e professores do Curso de Geografia da Faculdade Dom Bosco em Monte Aprazível.

O Professor **Elian Alabi Lucci** voltará a proferir palestra para o referido Núcleo, no dia 23 de agosto, desta vez para alunos e professores do Departamento de Geografia da UNIRP em São José do Rio Preto. As palestras estão sendo organizadas pelo o companheiro **César de Carvalho**, coordenador do Núcleo local.

Para o próximo semestre, estão confirmados dois novos eventos, sendo o primeiro nos dias 21 e 22 de outubro, junto ao Núcleo AGB/Bauru de Votuporanga e o outro na cidade de Machado – MG, inicialmente previsto para o dia 21 de novembro 1999 .

AGB/BAURU BUSCA INTERCÂMBIO E PARCERIA NO EXTERIOR

O professor **Elian Alabi Lucci**, Coordenador de Assuntos Internacionais da Diretoria Executiva da AGB/Bauru passou dez dias numa missão educacional da USP na Espanha e em Portugal onde aproveitou para fazer importantes contatos com departamentos de Geografia de várias universidades.

Na Universidade de Coimbra, foi recebido pelo reitor que é um dos grandes geógrafos portugueses. Na Universidade do Porto firmou um protocolo para a participação de geógrafos brasileiros no GEDES, órgão de pesquisas geográficas e sociológicas.

Na Espanha os contatos feitos foram com a Universidade Autônoma de Madrid, onde firmou um protocolo para intercâmbio entre as revistas **"Ciência Geográfica"** e a **Revista de Geografia** da Universidade Autônoma. Em Barcelona foram também firmados protocolos para o intercâmbio com a Universidade Autônoma e a Revista Ciência Geográfica. Ainda nesta cidade, desta feita na Universidade de Barcelona encontrou-se com o professor César Coll, assessor da Reforma Educacional Brasileira.

A Profª. Drª. Blanca Telho, chefe do

Departamento de Geografia da Universidade Autônoma de Madrid, assim como outros de seus colegas estarão em breve enviando alguns artigos sobre Gestão e Planejamento Territorial e Geografia Regional a serem publicados no Jornal "**O Espaço do Geógrafo**" e na Revista "**Ciência Geográfica**".

O IV ENGETEO E A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL*

Durante os dias 18, 19 e 20 de maio do corrente ano, realizou-se nas dependências do auditório da **FIETEO** e nas salas de aulas do Campus Universitário de Araguaína, o **IV ENGETEO** (Encontro de Geografia do Tocantins). Este evento por ser promovido uma vez ao ano, basicamente tornou-se a nível estadual na área de Geografia, o mais importante encontro regional.

Este ano foi escolhido como tema central "**A QUESTÃO AGRÁRIA NA VIRADA DO SÉCULO**", visando instaurar bases para a criação de um banco de dados e parcerias voltadas à investigação geo-agrária e ambiental no Estado do Tocantins.

Diversas palestras foram proferidas, além de três cursos ministrados por professores especializados na área em questão. Destas destacamos a participação do professor Livre Docente Ariovaldo Umbelino de Oliveira do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo – USP. Além da conferência da abertura, o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira ministrou o curso "**Agricultura, Movimentos Sociais e Reforma Agrária no Brasil**", apresentando de forma didática um breve histórico do processo de formação e estruturação do latifúndio no Brasil. Em contraposição a classe dominante latifundiária, destacou a participação dos movimentos sociais através dos camponeses, as diversas formas de luta contra o sistema agrário concentrador de terras, desde o século passado com Canudos, até o momento atual através do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Referente ao Estado do Tocantins, foi possível a constatação de que apresenta a maior concentração fundiária do Brasil. Este dado reflete-se na própria base da economia regional acentada na pecuária de corte extensiva, e muito pouco na produção agrícola das pequenas e médias propriedades rurais. É importante a reflexão destes dados, em virtude de que a maior geração de renda/riqueza e produção alimentar para subsistência no Brasil, vem dos produtores camponeses e não dos latifundiários.

Portanto o encontro serviu como marco de referência e discussões entre todas as classes e categorias profissionais presentes, para juntos (re)pensarmos as nossas práticas e ações teórico-metodológicas e sociais frente a nova, ou talvez velha e mantenedora realidade, que queremos construir.

Sem dúvida nenhuma a **REFORMA AGRÁRIA** é uma luta do passado, presente e futuro que a sociedade consciente, democrática e autônoma urge em construir. Pensemos juntos nestas questões!

Comissão Organizadora

PUBLICAÇÕES SIMPÓSIO MILTON SANTOS

Caros participantes do **SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR INTERNACIONAL: "O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO".**

Conforme já anunciamos anteriormente, o **ANAIS** com as **COMUNICAÇÕES COORDENADAS** apresentadas durante o evento, realizado no período de 24 a 27 de julho de 1997, está sendo confeccionado e até dezembro estaremos enviando o seu exemplar.

Comunicamos também que estaremos publicando numa edição especial da revista "**Ciência Geográfica**", a contribuição cientifica (conferências e mesas redondas) do Simpósio.

CRIADOS TRÊS NOVOS NÚCLEOS DA AGB/BAURU

A AGB/Bauru conta com três novos núcleos, criados por iniciativa de associados da entidade nas cidades de **Catanduva**, **Cáceres** - MT e **Cornélio Procópio** – PR. O Núcleo de Catanduva será coordenado pelo o professor **Carlos Alberto Spina**, do Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva. O Núcleo de Cáceres, criado junto à Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), é dirigido pelos professores **Clóvis Vailant, Patrícia Helena Mirândola Avelino, Ronaldo José Neves e Vera Hiroko Okazaki Vieira**. O Núcleo AGB/Bauru de Cornélio Procópio terá como responsável o professor **Reinaldo de Almeida Simões**, Chefe do Departamento de Geografia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

Damos as boas vindas aos nossos novos colaboradores esperando corresponder à confiança em nós depositadas.

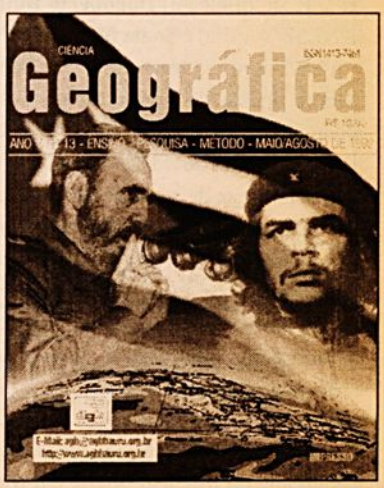
REVISTA CIÊNCIA GEOGRÁFICA AGORA COM CAPA A CORES

Dando continuidade ao projeto de aprimoramento gráfico de suas publicações, a AGB/Bauru está lançando a 13ª edição da revista **Ciência Geográfica** com capa colorida (cromia) e tiragem de **1500** exemplares, tornando-a assim, uma das publicações de maior tiragem da Geografia Brasileira.

O referido feito é fruto de um projeto construído através do trabalho sério da Diretoria da AGB/Bauru, apoiado por sócios e colaboradores. Vale a pena conferir a edição de nº.13 da revista **Ciência Geográfica.** Veja abaixo o sumário da referida edição.

"Artigos"
Tarefas da Geografia Brasileira num Mundo em Transformação: um momento de sua trajetória 4
Milton Santos e Adriana Bernardes
Cuba e sua integração na América Latina 23
Tullo Vigevani
Reflexões sobre Cuba 26
Manuel Correia de Andrade
O paradigma e a ordem (genealogia e metamorfoses do espaço capitalista) 31
Ruy Moreira
Estudo das aptidões agrícolas para o uso dos solos da micro-bacia do Ribeirão da Água Limpa (SP) 45
Elvis M. Christian Ramos e Wellington dos Santos Figueiredo
Amapá: origem, evolução e centralização governamental 50
Jadson Luís Rebelo Porto
"Contribuição ao Ensino"
Re (pensar) a educação sob o prisma dos valores humanos do sentimento, da ética e da moral 55
Elza Helena Marqueti
A reestruturação da educação profissional no Ceeteps: a inserção da disciplina tecnologia e meio ambiente no currículo do ensino técnico 63
Sonia Morandi
A formação e o estilo de ensino dos professores de Geografia que atuam nas escolas de Bauru e região em 1997 68
José Carlos Rodrigues Rocha
A democratização da educação escolar e a organização do sistema de ensino em ciclos 73
Antonio Francisco Marques
A percepção ambiental do bairro Jardim das Alterosas no Município de Betim feito pelos estudantes de 1º e 2º graus. Sob a coordenação dos professores de Geografia 76
Henrique Moreira de Castro e Rosemary Vitalina
Fundamentos para uma abordagem ambiental, energética e educacional da problemática do lixo domiciliar urbano 78
Marimiriam Dias Esqueda

Resenha Bibliográfica
Livros: pesquisa e método 82
Livros: ensino 84
Periódicos especializados 86
Álvaro José de Souza



cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

SÍNTESE AVALIATÓRIA DO FÓRUM REGIONAL EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA, REALIZADO EM 07 DE MAIO DE 1999, NO CÂMPUS DA UNESP/BAURU

A PROPÓSITO DA ESCOLA PÚBLICA DEMOCRÁTICA

*José Misael Ferreira do Vale**

No dia 07 de maio do decorrente ano, Sexta feira, das 8 às 17 horas, lideranças do magistério, docentes do ensino fundamental e médio, autoridades escolares, estudantes e convidados em geral, perfazendo total de aproximadamente 400 pessoas assistiram os trabalhos do **FÓRUM REGIONAL EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA**. A organização do evento esteve a cargo da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru, Faculdade de Ciências (FC) – UNESP/Bauru, Sindicato dos Professores de Bauru (SINPRO-Bau), Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições do Ensino Superior (ANDES – Regional São Paulo), Associação dos Docentes da UNESP (ADUNESP – Bauru), Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paulo Souza" (CEETEPS), Sindicato de Supervisores do Magistério no Estado de São Paulo (APASE), e Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP – Subsedes de Bauru e Ourinhos).

O Fórum contou na cerimonia de abertura com a presença de autoridades locais como a Presidente do Grupo Administrativo do Câmpus, Profª Drª Cleide Santos Costa Biancardi, a Dirigente Regional de Ensino, Profª Edinéia Sita Cucci, a Vereadora Maria José Majô Jandreice do PCdoB NA Câmara Municipal de Bauru e representantes de várias Associações Docentes.

A solenidade de abertura se prolongou em decorrência da fala de integrantes da mesa que se posicionaram em relação à escola pública. Notou-se a polarização entre a defesa do sistema estadual de ensino e defesa de novos rumos exigidos pelas entidades de classe.

Num segundo momento organizou-se Mesa Redonda com o tema A Escola Pública em tempos de Globalização: problemas e possibilidades. Participaram da atividade os professores **Álvaro José de Souza** (AGB/Bauru e ATP de Geografia da D.E. de Botucatu) **Dagoberto Buim Arena** (UNESP/Marília) e **Sonia Morandi** (CEETEPS – AGB/Bauru). O transcorrer dos trabalhos foi normal apesar do pouco tempo destinado à atividade. Seria conveniente que no futuro não houvesse muitas atividades acumuladas na parte da manhã a fim de se reservar tempo adequado aos debates entre os convidados da mesa e os participantes. O diálogo após a fala dos palestrantes é de suma importância para fazer do Encontro um momento de reflexão e conhecimento participativo. O teor da fala de cada professor convidado será objeto de publicação pela Revista Ciência Geográfica. O Prof. Álvaro José de Souza enfatizou o poder camuflante do discurso oficial e a fraqueza da prática apresentada pelo sistema estadual. O Prof. Dr. Dagoberto Buim Arena, em síntese, conclamou a necessidade de reavivar valores antigos, mas ainda essenciais ao convívio humano, dentro e fora das escolas. A Profª. Sonia Morandi evidenciou como a elite desqualifica o Estado e reedita a teoria do capital humano.

Na segunda atividade do período da manhã os professores **Antonio Luiz de Andrade** (ADUNESP), **Celestino Alves da Silva Júnior** (UNESP/Marília) e **Luiz Alfredo Chinali** (UNESP/Franca - ANDES – Regional São Paulo) apresentaram as idéias sobre o tema sugerido, A Escola Pública como Espaço de Conhecimento e luta a favor de uma Sociedade Democrática.

O diálogo reflexivo apresentou de um lado a posição das entidades de classe (ANDES e ADUNESP) evidenciando algumas divergências em termos de ação política; de outro lado, a fala do Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Júnior mais preocupadas com a ação dos docentes em termos filosóficos e pedagógicos. Foi um diálogo interessante que a publicação dos textos evidenciará pela leitura comparada.

Nas duas atividades serviu como apresentador e mediador o Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale**, Diretor da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru. Por motivo de saúde e compromissos de última hora os Professores Milton Santos e Sonia Maria Vanzella Castellar e o Deputado Federal Aldo Rebelo não puderam estar presentes ao evento.

A conferência com debate programada para a tarde sob a responsabilidade do Prof. Dr. Milton Santos foi proferida pela Profª Drª **Maria Laura Silveira** que substituiu o Prof. Dr. Milton Santos tratando da questão, Da Educação Mutilida à Construção da Cidadania. A conferencista evidenciou a mutilição da educação pela economia numa situação em que cumpre à técnica criar ignorantes favorecendo o conhecimento fragmentário. A educação se fragmenta, o saber é instrumentalizado e comandado pelo pragmatismo sem ética que acelera o processo de desumanização. A publicação do texto da Profª. Maria Laura Silveira possibilitará avanços na reflexão sobre o processo de destruição dos valores solidários e o roubo de saberes longamente construídos pela humanidade.

Apesar de pequenos problemas de organização do evento perfeitamente compreensíveis e suplantáveis no futuro, a avaliação final do evento é positiva porque se clareou a necessidade de lutar contra:

1- a hegemonia estabelecida que destrói os lugares e sua cultura respectiva;

2- a lógica da rentabilidade comercial e financeira baseada na relação custo-benefício;

3- os valores empresariais que desumanizam as relações sociais transformando em sinônimo de liberdade;

4- o processo de criação da consciência limitada fragmentada, que desorganiza o saber coletivo (que precisa ser democratizado) favorecendo a apropriação particular do conhecimento acelerando as diferenças sociais;

5- a "consciência feliz" que contenta com o progresso aparente sem dar conta do processo de dominação pela privatização do público e pelo descaso em relação à coisa pública (res pública);

6- a transformação da escola em empresa conduzida por valores de mercado e

7- a tendência de colocar a avaliação externa como maneira camuflada de controlar o sistema centralizando o poder normativo e financeiro, descentralizando a execução.

Muitos outros aspectos mereceriam ser focados. Fica o alerta para que os Educadores deste país não percam de mira a preocupação com o alvo maior da Educação em qualquer nível considerando: a formação do aluno no sentido de uma educação de qualidade, com professores preparados, científica e tecnicamente centrada no esforço de emancipar o indivíduo e a sociedade das amarras que impedem o desenvolvimento de uma consciência verdadeiramente democrática capaz de construír uma Nação justa e forte.

* Professor Doutor do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências UNESP/Câmpus de Bauru, exercendo, atualmente a Direção da Faculdade

EXPEDIENTE

"O Espaço do Geógrafo" é o órgão oficial de divulgação da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP.
A edição é de responsabilidade da Coordenação de Publicações, com a colaboração dos demais membros da Diretoria Executiva Local. As matérias e artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não traduzem necessariamente a opinião da AGB/Seção Local Bauru.
Colaborações, críticas, divulgação de eventos e artigos devem ser enviados de preferência em disquete (WINWORD) à **AGB Bauru**.

Rua Bernardino de Campos, 14-67
Vila Giunta - CEP 17.051 - 000
Bauru - SP - Fone (014) 223-6091
E-mail: agb@agbbauru.org.br
Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni - MTB 19280
Revisão: **Ivone Ap. Clementino da Silva**
Editoração: **Hideki Com. Mktg. (014) 231-2259**
Impressão: **Gráfica Falcão** - Fone: (014) 224-2112
Tiragem: 4000 exemplares

Plano Real

Sonho e Realidade: a falência do Plano Real

Charles Pennaforte*

"No dia 15 de janeiro de 1999, numa sexta-feira, morreu sem lágrimas e sem espanto, o real, filho do Plano Real, nascido há cinco anos. A morte tem, dizia um historiador francês, uma grande virtude: ela revela a vida. O que antes não se viu, por obra da cegueira, torna-se agora patente, acentuando as virtudes – raramente os vícios – ocultas debaixo da máscara da vida, com todos os seus disfarces e encantos. Tudo seria natural, no ciclo que vai da vida à morte, se não houvesse, no acontecimento, um ato perverso e até monstruoso. O sacrifício do infanticídio foi obra do pai insensível."

(Raymundo Faoro, em "A morte suspeita", na revista CartaCapital, 3/2)

A falência do Plano Real já era esperada desde meados do primeiro mandato de FHC por aqueles que nunca acreditaram em soluções mágicas para os problemas estruturais da economia brasileira. Era claro e evidente que um plano sustentado em medidas meramente monetárias em seu aspecto primordial, levaria o país ao colapso econômico que hoje verificamos. Entretanto, todos aqueles que "previam o futuro" eram tratados como "inimigos do povo". Uma visão maniqueísta e autoritária para rotular os que procuravam ver a essência e não a aparência do processo.

O Plano Real se baseou primordialmente numa sobrevalorização de nossa moeda em relação ao dólar e num audacioso projeto de "enxugamento" da máquina estatal através das privatizações de amplos segmentos da economia. Na realidade, o projeto para ser implementado enfrentou uma série de problemas originados pela própria base de apoio ao governo (PFL/PSDB/PMDB) que possuem interesses altamente divergentes e contraditórios, bem como ultra-fisiológicos. Mesmo assim, as privatizações ocorreram em meio a escândalos de preços abaixo da realidade, favorecimentos, etc.

Não devemos esquecer que a aliança conservadora para "modernizar" o Brasil encontrou eco entre os órgãos de comunicação que representam a voz da elite brasileira. Mesmo em meio ao caos a imprensa brasileira tenta por panos quentes em uma das piores crises econômicas do país, cuja origem é de culpa exclusiva do atual governo e de seus aliados.

A política industrial foi totalmente esquecida nos últimos 5 anos. A abertura de nossa economia iniciada no início da década provocou uma das maiores quebradeiras industriais já vista no país. A falta de incentivos às exportações e as elevadas taxas de juros, levaram à lona a nossa burguesia industrial que paga o preço por não ter sido audaciosa na escolha de um modelo econômico alternativo. Um país que vive de importações de arroz, feijão e até mesmo água-de-côco, não pode ter um futuro muito promissor.

Outro erro imperdoável do atual governo, foi a filiação irrestrita ao capital internacional como sustentáculo para o "desenvolvimento" do Brasil. A quantidade de capital especulativo que era remunerado com altas taxas de juros, fugia de qualquer padrão de bom senso. Era uma corda no pescoço em um cadafalço de madeira tomado pelo cupim preste a ruir. E ruiu. Dos 70 bilhões de dólares de nossas reservas cambiais (segundo semestre de 98), valor cantado aos quatro ventos como símbolo e nossa prosperidade, restam somente cerca de perigosos 30 bilhões de dólares. A saída de capitais não pára.

Os investidores estrangeiros sabem muito bem que a nossa economia está combalida. O Plano Real idem. O quadro macroeconômico é o pior possível. O déficit público continua monumental e sem perspectiva de decréscimo algum. Os juros pagos pelo governo aos especuladores, pioram ainda mais o rombo nas contas públicas. Além de impedir o desenvolvimento econômico do país. O banco espanhol Bilbao Vizcaya trabalha com uma queda de 4% do PIB brasileiro para ano de 1999. Opinião idêntica tem o presidente da siderúrgica Acesita, o francês Jean-Yves Gilet, mas com um percentual maior: 5%.

O que devemos ter em mente é que o governo optou deliberadamente por uma "saída" mais fácil para o desenvolvimento econômico sem alterar as bases estruturais de nosso subdesenvolvimento. A criação de um mercado interno forte e uma indústria nacional dotada de capacidade para concorrer no mercado internacional, tornou-se imperativo nessa década. O que estamos vendo é totalmente o inverso.

O governo comandado pelo segmento financeiro aliado ao capital internacional, criou esse paradoxo. Um país continental, a oitava economia do mundo, não consegue produzir para o mercado interno e muito menos exportar. Tenta manter a inflação que já inicia a sua trajetória de ascensão com juros cada vez mais elevados e conseqüentemente joga o país na recessão econômica. Em São Paulo, cerca de 1,5 de trabalhadores estão desempregados, população que dentro de pouco tempo precisará comer. Mas como?

Na prática, estamos tratando um paciente de câncer com metástase utilizando morfina para a dor. O governo recusa a intervenção cirúrgica efetiva para tentar salvar o paciente e sanar o problema.

A única solução para o país é reverter totalmente o quadro através de um corte na dependência do capital especulativo. A baixa dos juros para patamares civilizados, o incremento do mercado interno e um amplo sistema social que regaste milhões de brasileiros da miséria: é a solução imediata. O que observamos é justamente o contrário. O "ajuste fiscal" que na realidade é aumentar a miséria dos brasileiros, cortou 2,04 bilhões de reais da área social. Dos 31 programas voltados para a população de baixa renda, somente 6 não sofreram cortes para 1999 (Folha de S. Paulo, 28/02/99, pág. 1-11). No mínimo uma vergonha.

A "solução" que nos foi oferecida é velha e inócua: o FMI. O Fundo nos dá a receita é nós cumprimos. Só que estatisticamente nenhum país saiu-se bem dessa "ajuda". De George Soros a Paul Krugman, todos são unânimes em afirmar que estamos recebendo o "Beijo da Morte".

Senhores, chegamos a uma encruzilhada: o modelo de desenvolvimento proposto pelo governo FHC não nos levará a nenhuma melhora econômica ou social. É preciso reinventar a ética e a política. A ética para uma conduta que leve em conta os interesses da população e a política para que ela não seja mais cínica e inescrupulosa como tem sido nos últimos cinco anos.

**Geógrafo e pós-graduado em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*
Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC)
Sócio AGB/Bauru
Membro da Nacional Geographic Society
E-mail: chpennaforte@openlink.com.br
Home Page: http://home.openlink.com.br./chpennaforte/ensaios.htm

Reforma Agrária

A Capitalização do Campo Brasileiro

*Rosana Sansoni Bueno**

Muito se fala hoje da legitimidade ou não do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mas poucos sabem realmente qual é a real situação do campo brasileiro. Se vivemos uma situação de verdadeiro caos urbano, suá origem está na estrutura fundiária agrária brasileira. Para entendermos este grave problema social devemos conhecer um pouco sobre a história da situação do campo brasileiro.

A formação de nossos latifúndios possui origem histórica. Desde a divisão do Brasil em capitanias hereditárias, já se priorizou o homem de poder, pois o acesso à terra segundo a Lei das Sesmarias era proporcional ao número de escravos de propriedade que possuía cada senhor, ficando de fora a grande maioria da população. Somente em 1850, a terra torna-se uma mercadoria de compra e venda com a institucionalização da Lei de Terras - a nova lei agrária.

Num Brasil de grandes dimensões, encontramos variados tipos de relações de trabalho no campo após a abolição dos escravos. O trabalho assalariado aparece juntamente com a cessão de um pedaço de terra do latifúndio para a produção de uma agricultura de subsistência. Os produtos que não podem ser produzidos pela família serão adquiridos no barracão do dono da fazenda, sempre a preços especulativos, criando uma constante dependência do trabalhador, pois suas contas nunca são pagas, comprometendo seu direito de ir e vir e subordinando-o ao controle das elites agrárias. Já no planalto Meridional, o complemento salarial vêm com a cessão de uma pedaço de terra tornando o camponês um proprietário familiar e há, ainda, os posseiros que ocupam as áreas periféricas ao espaço de produção do latifundiário com uma agricultura de policultura.

A questão é que nossa estrutura fundiária sempre foi de grande concentração de terras. O latifúndio é sempre improdutivo seja ele por extensão - em que seu tamanho é seiscentas vezes o módulo rural médio, pedaço de terra explorada por uma família de quatro pessoas - ou por exploração - em que a terra não é explorada segundo suas possibilidades de produção. Segundo o INCRA-1992, somente 23,3% das terras brasileiras eram produtivas.

Uma grande mudança acontece no campo com o advento da industrialização. Nos anos 20, o café alcança seu auge de importância e os capitais dos barões do café transbordam para a atividade industrial empregada, agora, na região sudeste do Brasil. Mas, com a crise de 29, toda a produção cafeeira fica comprometida e entra em crise o modelo agroexportador do país, reforçando a nova tendência industrial do sudeste brasileiro.

Essa nova situação modifica as condições de campesinato. Acontece uma relativa fragmentação da grande propriedade com venda ou arrendamento de terras e o camponês passa a ser pequeno proprietário, arrendatário, parceiro, assalariado ou migrante. A necessidade agora é de se praticar a policultura a fim de alimentar a grande massa de operários da zona urbana. À monocultura cabe a função de exportar seus produtos e, com as divisas obtidas, financiar a importação de máquinas e equipamentos necessários ao aprimoramento do parque industrial.

O espaço agrário transforma-se numa empresa rural, onde o Estado, através do Estatuto da Terra criado em 1964, estabelece um rearranjo espacial com a extinção do latifúndio e minifúndio para implementar a agricultura capitalista rural, com grandes investimentos em infra-estrutura, promovendo a industrialização acelerada da agricultura.

Com a modernização da agricultura, aplicação de novas tecnologias e muito capital, nem todos os pequenos proprietários conseguirão se integrar nessa nova forma de organização do trabalho no campo. Acontece assim a diferenciação do campesinato. De um lado aqueles que conseguem fixar-se como pequenos produtores modernos e, de outro, os expropriados dessa nova tecnologia e expulsos de suas terras por falta de condições de competitividade.

Os pequenos produtores que se modernizam são exatamente os das antigas áreas de pequenos produtores familiares do planalto Meridional ou dos pequenos proprietários que conseguiram suas terras em áreas nobres do planalto Paulista, quando da fragmentação dos latifúndios cafeeiros. Já os camponeses expropriados são a maioria deles, os que viviam em condições de arrendamento ou parceria da terra e que obviamente, não conseguiram implantar a mecanização em suas terras, passando a ser trabalhadores bóias-frias migrantes em busca de trabalho, ora numa região, ora em outra, ou participantes da grande massa de posseiros em áreas de fronteiras ou, enfim, engrossando as populações de favelas nas grandes metrópoles brasileiras.

Portanto, o espaço agrário brasileiro fica assim delineado: na região centro-sul, onde a modernização do latifúndio o transforma em empresa rural capitalista, o minifúndio se dissolve; no centro-norte, onde as modificações não são ainda tão dominantes, o minifúndio sobrevive; e no nordeste, onde a modernização chega ainda muito tênue, em apenas alguns bolsões de modernidade, a relação latifúndio-minifúndio ainda persiste.

Historicamente, a evolução capitalista no campo fica dividida em três fases, segundo Ruy Moreira, em sua obra "Formação do Espaço Agrário Brasileiro": "de controle, de liberação e de expropriação. A primeira corresponde ao início da acumulação primitiva, datando de 1870-1880 a 1920-1930.Expressa-se no nascimento do campesinato típico da relação binominal latifúndio-minifúndio, que sustenta o padrão agroexportador, cujo símbolo é o sistema de mercado do barracão. A segunda corresponde ao estágio adiantado da acumulação primitiva, datando de 1930-1940 a 1950-1960. Sua expressão é a passagem da relação binomial para a da divisão do trabalho agrícola, em que o lafifúndio se capitaliza com as culturas de maior lucratividade e o minifúndio restringe-se, com a miséria do campesinato familiar, às culturas de subsistência. ... E a terceira e atual é a que se inicia nos anos de 60 e se manifesta na expropriação generalizada do campesintato: extingue o binômio nas áreas em que se completou a modernização capitalista da agricultura, como as do Centro-Sul, e desloca a produção alimentar para os limites da fronteira agrícola".

*Professora Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza"
Sócia AGB/Bauru

Bibliografia Consultada

Moreira, Ruy. Formação do Espaço Agrário Brasileiro, Editora Brasiliense, 1990

Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. Modo Capitalista de Produção e Agricultura, São Paulo,Editora Ática, 1986

Encarte Pedagógico

Ensinando a Ler Mapas

*Álvaro José de Souza**

O Ensino da Geografia não pode prescindir dos mapas, até porque a localização de qualquer fato no espaço terrestre é, no mínimo, o mais importante referencial que o professor tem à sua disposição. O mapa, com efeito, acumula uma série de informações associadas ao espaço físico, o território, que precisam ser decodificadas para serem efetivamente úteis. Acostumar-se a esta decodificação e, ao mesmo tempo, associar os elementos decodificados ao território em que ocorrem traduz, por si só, uma prática de grande valia no aprendizado da Geografia.

Ler o mapa é fundamental mas não é o objeto final do ensino de Geografia. Com efeito, não basta identificar os fatos representados cartograficamente ou mesmo associá-los ao local onde ocorrem. Este, sim, é um ponto de partida para uma reflexão acerca da paisagem visível (ou mesmo abstraída) mas que deve igualmente implicar num reconhecimento das causas e das conseqüências, bem como das contradições, próprias por exemplo de uma sociedade capitalista, como o é a sociedade mundializada. Desta forma, entende-se que o mapa subsidia a reflexão geográfica mas não é o seu objeto final: é neste sentido que a sua importância é concreta.

Com base nestas considerações, deve-se entender a experiência a seguir relatada como uma forma lúdica que, tendo em conta a faixa do educando, poderá produzir mecanicamente os efeitos buscados concernentes à prática da leitura do mapa, mediante um processo efetivo de estimulação. O que se terá conseguido, a partir de um desenvolvimento desta técnica, é criar as condições básicas para que o aluno possa adquirir a habilidade de, em utilizando o mapa, obter dele o maior número possível de elementos que o ajudarão a pensar geograficamente.

O exemplo que a seguir se desenvolve poderia ser aplicado num grupo de educandos que tivesse previamente tido acesso às noções de escala; entendimento da simbologia utilizada no mapa, a título de convenções e informações que lhe permitissem manusear os mapas, comparando e associando os elementos contidos em diversos deles, referentes a uma mesma área territorial. Para crianças que ainda não disponham destes mesmos requisitos, é possível empregar a mesma técnica, porém, o fundamental é adequar os elementos propostos aos pré-requisitos existentes. Neste sentido, torna-se também importante considerar a questão da linguagem proposta na atividade que, evidentemente, deve estar adequada à faixa etária do educando. Tendo-se assim, em conta o que acaba de ser dito, passamos a relatar a experiência, para conhecimento e adequação da mesma. Seu nome: CAÇA AO TESOURO.

1- O PREPARO DO MATERIAL:

Para o desenvolvimento da experiência, a classe será dividida em grupos. Compostos por um mínimo de 4 e um máximo de 6 estudantes. Cada grupo deverá ter, em mãos, aos menos, um atlas geográfico onde estarão inseridos os mapas necessários à interpretação dos dados solicitados no jogo. Não é fundamental que o atlas a ser possuído por cada grupo seja o mesmo, podendo inclusive um mesmo grupo operar com mais de um tipo de atlas, o que, em muitos casos, amplia em muito a possibilidade de trabalhar com maior número de dados.

Para cada grupo, o professor deverá selecionar um número igual de caixas-de-fósforo ou qualquer outro recipiente que lhe equivalha. Cada grupo deverá receber aproximadamente 5 ou 6 caixas, podendo-se, de acordo com a duração e a amplitude da competição , chegar-se a 8 caixas. Cada caixa deverá ser rotulada com o nome de uma cidade ou qualquer outro referencial pontual. Dentro de cada caixa estará contido um papel que indicará dados a serem identificados no mapa, que definirão o caminho a ser seguido e o ponto a ser alcançado, para que se busque, numa outra caixa, mais informações para prosseguir a "viagem pelo mapa". O professor poderá propor ainda algumas referências, por escrito, ao grupo, para que este identifique o ponto de partida. Estas referências serão entregues ao grupo no início do jogo, assim como as caixas que lhes pertencem, que não devem, entretanto, estar dispostas na ordem correta.

No bilhete existente dentro de cada caixa, o grupo encontrará referências que devem ser identificadas, a partir das quais o grupo irá percorrendo o caminho que o fará sucessivamente chegar à ordem das caixas e, por fim, levá-lo à identificação do tesouro.

Para este último, o professor poderá sugerir uma pesquisa ou simplesmente coletar os dados a serem pesquisados e que serão entregues a cada grupo no momento de sua identificação. Artigos de jornais, referenciais em livros ou revistas, pode ser elementos capazes de auxiliar o aluno a conhecer em detalhes o tesouro encontrado.

Os grupos deverão receber igualmente, em igualdade de condições, um mapa mudo de todo o território objeto de roteiros, os quais irão sendo paulatinamente preenchidos, utilizando-se uma simbologia combinada pelo grupo, atinente ao meio de transporte e/ou à via utilizada para cada momento do roteiro. Nesse mesmo mapa, deverá ser lançado, após o encontro do tesouro, um roteiro baseado na rede de transportes pré-existentes e que significará a providência de trazer o "tesouro para casa" (no caso, o ponto de partida) utilizando-se então de um meio específico de transporte pré-estabelecido pelo orientador do jogo (o professor) ou simplesmente o roteiro mais curto e mais viável-regra igualmente estabelecida antes do início da atividade.

Resumindo, o material necessário para a consecução do jogo será composto de:

- Caixas de fóforo, em número igual para cada grupo;
- Capeamento das caixas e rotulação, com o nome de cada ponto referencial do roteiro;
- Atlas - no mínimo 1 para cada grupo;
- Identificação dos roteiros, mediante proposta de pesquisa no mapa, a serem escritas em papel colocado dentro de cada caixa de fósforo;
- Material informativo sobre o tesouro a ser encontrado por cada grupo;
- Mapa mudo do território abrangido pelos roteiros, a ser preenchido por lápis, caneta esferográfica, lápis de cor, etc. conforme as especificidades dos símbolos a serem utilizados.

2- DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE:

Cada grupo recebe um número "x" de caixas-de-fósforo (5 a 8), devidamente encapadas e rotuladas com o nome do local onde se iniciam os roteiros. Dentro das mesmas, os alunos encontrarão a sequência do roteiro, que os fará eleger a caixa seguinte. Recebe também os atlas, um mapa da área onde se desenvolve o roteiro e uma série de informações que indicarão por onde deve começar o roteiro. Estarão igualmente munidos do material necessário ao traçado dos roteiros no mapa mudo.

Os grupos procurarão inicialmente, através das informações recebidas, identificar onde se inicia o seu roteiro. Feita esta identificação, abrirão a primeira caixa e buscarão interpretar as informações nelas contidas, lançando os informes necessários no papel que a mesma contém. estas



informações serão buscadas fundamentalmente nos mapas, porém, nada impede que o professor proponha algumas questões que demandem pesquisa em material existente em livros, revistas, e jornais, desde que os grupos estejam munidos do mesmo. O roteiro deverá ser sempre marcado no mapa, com a simbologia adequada.

A interpretação correta de um roteiro de uma caixa fará com que o grupo tenha os dados necessários para acessar a Segunda caixa. Nesta, estarão encontrados os dados necessários para acessar a terceira e assim por diante, até a última caixa. Nesta, estarão contidos dados que levarão o aluno a descobrir o tesouro e que normalmente terá de ser pesquisado com base nos elementos lacacionais fornecidos pelo último roteiro. A partir da identificação deste, o grupo solicitará ao professor os elementos sobre produto (tesouro), os quais deverão ser lidos e pesquisados, permitindo aogrupo encontrar as condições ideais de seu transporte até o ponto de partida e lhes sugerirá como utilizar convenientemente o tesouro. O registro do transporte até o local de origem do grupo (seu ponto de partida) será igualmente objeto de registro no mapa mudo, que servirá de referencial para a narração da experiência. O primeiro grupo a concluir de forma correta a sua tarefa será o vencedor da "caça ao tesouro" que, no entanto, deverá seguir até o final, pois todos os alunos, em seus grupos, terão acesso a um tipo de tesouro. O professor poderá, inclusive, criar critérios para escolher o vencedor a partir da criatividade dos grupos ou mesmo propor problemas que deverão ser posteriormente refletidos e discutidos, a partir dos quais poderão ser valorizados todos os desempenhos favoráveis, práticas que poderão subsidiar plenamente um processo avalatório.

3- UM EXEMPLO PRÁTICO:

Um professor empenhado no desenvolvimento de discussões acerca que regem e regeram a ocupação do espaço nacional e de sua configuração regional (temática específica da Proposta Curricular para o Ensino de Geografia na 6ª série do Ensino Fundamental) optou por propor aos 7 grupos de sua classe, compostos de 5 elementos cada, roteiros com 8 pontos referenciais. Desta forma, entregou a cada grupo, além do mapa mudo e do referencial para o ponto de partida, 8 caixas-de-fósforo, contendo cada uma o rótulo com o nome da cidade ou do ponto referencial e, dentro delas, as indicações do roteiro. Tomemos como exemplo o material recebido pelo grupo "N".

O grupo "N", a exemplo de todos os demais grupos, recebeu um mapa mido do Brasil e 2 atlas (autores respectivos: Maria Elena Simielli e Marcelo Martinelli/Graça Ferreira). Recebeu também 8 caixas-de-fósforos encapadas, com os seguintes rótulos:

- **BELÉM**
- **VOLTA REDONDA**
- **JUAZEIRO**
- **IMPERATRIZ**
- **CAMPOS**
- **SÃO PAULO**
- **BELO HORIZONTE**
- **VITÓRIA**

O seu referencial é o que se segue, com vistas ao encontro do ponto de partida:

"Você está numa das maiores cidades do mundo; trata-se de uma capital de Estado situada a cerca de 50 km (em linha reta) do litoral e praticamente sobre o Trópico de Capricórnio. Você está convidado a iniciar sua viagem, em busca do tesouro!"

O grupo, com base nos dados apresentados, identificará a cidade de SÃO PAULO como seu ponto de partida. Deverá, pois, abrir a caixa rotulada com "São Paulo", dentro da qual encontrará as seguintes referências:

"Você deverá seguir a direção ENE, trafegando por uma das mais importantes rodovias do Brasil: _____atravessará divisa do Estado de São Paulo como_____ caminhando cerca de 260 km, em linha reta, atingirá uma cidade de tamanho médio onde se situa uma importante usina siderúrgica: a _____, inaugurada na década de 40 e que possibilitou ao Brasil o início da produção de aço, que permitiu o desenvolvimento da indústria de bens de consumo duráveis: este tipo de indústria chama-se:_____. A cidade à qual Você chegou tem o nome de:_____."

A o fazer suas observações no Atlas, o aluno poderá verificar as respostas para a maior parte das questões. Outras deverão ser respondidas a partir de conheciemtos possivelmente já adquiridos e que serão certamente identificadas nas discussões do grupo. As respostas desejáveis serão respectivamente: RODOVIA PRESIDENTE DUTRA; RIO DE JANEIRO; COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL; INDÚSTRIA DE BASE e VOLTA REDONDA.

A cidade de VOLTA REDONDA é assim o segundo referencial para o grupo que, desta forma, deverá procurar a caixa que tem esse rótulo. O grupo encontrará igualmente um papel, com as seguintes referências:

"Você chegou a esta cidade fluminense (esse é o nome que se dá a tudo o que se refere ao Estado do Rio de Janeiro). Para chegar até ela, percorreu uma região com muitas cidades industriais, que já foi grande produtora de café; chama-se_____, até porque é também percorrida pelo rio do qual deriva o seu nome; observe que a cidade onde Você está fica às margens desse rio: o _____. Siga por ele até a sua foz: ele vai desaguar no_____, onde se localiza uma das maiores cidades do Estado, que é também o seu segundo ponto de parada: Você chegou à cidades de_____

As respostas a serem identificadas pelo grupo são, respectivamente: VALE DA PARAÍBA, RIO PARAÍBA DO SUL, OCEANO ATLÂNTICO e CAMPOS. Esta última cidade identificará a escolha da terceira caixa.

Aberta a terceira caixa, o grupo encontrará o papel que contém os referênciais abaixo:

"Você chegou à cidade de Campos, uma região que se destaca pela produção agrícola monocultora de_____; trata-se de uma cultura desenvolvida há muito tempo na região e que dá à cidade um toque característico, onde, ao lado dos edifícios e do casario, aparecem as chaminés de suas_____.
Uma outra atividade econômica de grande importância se desenvolve no mar: Você percebe as grandes plataformas instaladas para a extração de_____.
Depois de descansar, Você se dirigirá para a direção norte, acompanhando a costa: ultrapassará a divisa de outro Estado:_____ e chegará a uma ilha, denominada:_____, onde fica a sua Capital. A cidade de:_____".

Para estas questões, as respostas possíveis, a serem encontradas pelo grupo serão, respectivamente: CANA-DE-AÇÚCAR, USINAS DE AÇÚCAR, ESPÍRITO SANTO e VITÓRIA. A partir desta última resposta, estará identificada a caixa que está rotulada com o nome de Vitória.

Aberta a caixa de VITÓRIA, o grupo encontrará o pael que contém os seguintes referenciais:

"A cidade de Vitória é a capital de dos menores Estados Brasileiros em extensão. No Sudeste, apenas o _____tem extensão um pouco menor; junto à cidade, um pouco ao norte da mesma, fica o porto de_____, por onde é exportado o_____ produzido em Minas Gerais. Desta cidade, Você seguirá em direção oeste, tomando a ferrovia_____, que conduz minério. Observe que ela acompanha o vale do rio _____.
A ferrovia permite que Você atinja a capital de Minas Gerais,_____, seu novo ponto de parada".

As respostas a serem identificadas pelo grupo serão respectivamente: RIO DE JANEIRO, TUBARÃO, MINÉRIO DE FERRO, VITÓRIA MINAS, DOCE e BELO HORIZONTE. Esta última cidade será o referencial para que o grupo encontre a quinta caixa-de-fósforo, rotulada com o nome da Capital Mineira.

Aberta a caixa rotulada com o nome de BELO HORIZONTE, o grupo encontrará o papel com os seguintes referenciais:

"Belo Horizonte é uma das maiores cidades brasileiras, situada numa região altamente industrializada. Tudo começou com a construção, na década de 50, de uma hidrelétrica, a norte da região:_____, situada no curso do rio_____, a quem já se denominou "Nilo Brasileiro" por atravessar uma região de tipo climático_____, que se inicia no Norte de Minas Gerais e se estende por uma vasta área do Nordeste Brasileiro. Nas margens desse grande rio, ainda em Minas Gerais, está o porto de_____. Siga, a partir dele, por uma embarcação que transporta passageiros neste trecho. Ultrapasse a divisa do Estado_____ e, logo após uma nova e importante hidrelétrica, a de _____, Você chegará a outro porto fluvial de destaque, situado na margem direita:_____, já na divisa com Pernambuco".

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Nesta mensagem, as respostas a serem encontradas pelo grupo serão, respectivasmente: TRÊS MARIAS, SÃO FRANCISCO, SEMI-ÁRIDO, PIRAPORA, BAHIA, SOBRADINHO e JUAZEIRO. Esta última cidade é o referencial para a caixa seguinte a ser aberta.

A caixa rotulada com Juazeiro traz as seguintes indicações, no papel que contém:

> "O porto e a cidade de Juazeiro têm um irmão gêmeo; situado na outra margem, do lado de Pernambuco, está _____. Em todo o caminho, Você observou que esta região, onde nos primórdios da colonização a atividade econômica que gerou a sua ocupação foi_____, ocorrem grandes transformações; inúmeros projetos de irrigação às margens do São Francisco têm transformado a região numa importante produtora de_____, _____, frutas internacionalmente reconhecidas pela sua qualidade, além de outros produtos como o tomate e a cebola.
> Tome a direção do oeste, ingressando no Estado _____, até atingir o rio _____, em suas margens ficam importantes cidades do Estado. Siga em direção à sua foz e, no momento em que Você atingir uma importante rodovia: a _____, Você terá atingido a cidade de _____, no Estado do Maranhão, sua próxima parada.

As respostas possíveis para esta etapa são, respectivamente: PETROLINA, CRIAÇÃO DE GADO, MELÃO e UVAS, TOCANTINS, ARAGUAIA, BELÉM-BRASÍLIA e IMPERATRIZ. Esta última cidade será referencial para a nova caixa, rotulada com "IMPERATRIZ", localizando na mesma o novo referncial:

> "Imperatriz fica às margens do rio Araguaia, a poucos quilômetros de sua foz, onde joga suas águas no rio _____. A confluência destes dois importantes rios ocorre numa área onde acontecem grandes conflitos de terra, conhecida, pela sua forma delineada no mapa, com o nome de _____. Ali estão as divisas de três Estados:_____, _____ e _____. Continue até a foz deste rio, situada no mais importante golfo do litoral brasileiro, denominado: _____. Na margem esquerda deste braço, situa-se a maior ilha brasileira: _____. A direita, Você atingirá a maior capital da região. A cidade de _____, sua próxima parada. Lá Você encontrará o seu tesouro".

Identificadas as respostas, as mesmas são as que se seguem, na ordem: TOCANTINS, BICO-DO-PAPAGAIO, TOCANTINS e PARÁ, GOLFÃO AMAZÔNICO, ILHA DO MARAJÓ e BELÉM. Esta última cidade remete o grupo à última caixa, evidentemente já com o indicativo de ser o local encontrado o tesouro.

Aberta a última caixa, o grupo encontrará as referências que se seguem:

> "Belém é a maior cidade da região _____; seu porto é o verdadeiro escoadouro dos produtos de todo esse vasto espaço. Madeiras, frutos regionais, borracha e tantos outros produtos compõem o rol de suas exportações, igualmente encontrados num famoso mercado da cidade, denominado _____.
> Neste mercado, há um grande carregamento de uma fruta da região que, além de prestar-se à preparação de sucos, sorvetes e outros produtos deliciosos, é hoje utilizada para obtenção de chocolate. Aí está o seu tesouro: _____. Procure informar-se sobre ele, antes de transportá-lo, de volta ao seu ponto de partida"

O grupo, mediante a leitura dos mapas, obterá a primeira resposta: AMAZÔNIA. As demais, dependerão de uma pesquisa, em torno da cidade de Belém, que o levarão à identificação do mercado, o "VER-O-PESO" e CUPUAÇU - o nome do fruto regional. Os componentes do grupo devem então solicitar ao professor o texto disponível sobre o CUPUAÇU, o qual será lido a analisado, a fim de que, com base nas informações obtidas, possam ser avaliadas as condições de transporte do produto (tesouro) para o local de origem (no caso, São Paulo). Para caracterizar as condições em que o grupo poderia elaborar seu trabalho, transcrevemos a seguir o texto, no caso, poderia ter sido elaborado pelo professor para subsidiar esta etapa do trabalho:

"O cupuaçu é uma planta pertencente à mesma família do cacaueiro. Típica e originária da Amazônia, ela é hoje cultivada em quase todos os Estados Brasileiros, com exceção dos Estados do Sul. No entanto, é ainda na Amazônia que se encontra o maior número de indivíduos, especialmente em estado nativo.

Trata-se de uma árvore não muito alta, esguia e com folhas largas e compridas, que produzem flores grandes e de cor vermelha bem viva; seus frutos, de forma ovalada, são grandes e contém, no seu interior, amêndoas; das quais pode se retirar uma pasta amanteigada, semelhante à manteiga de cacau.

O capuaçueiro é uma planta de sombra, típica da mata de terra firme - área raramente inundada na Amazônia; cresce à sombra das árvores maiores. Seu tronco é compacto, fornecendo madeira de cor clara, considerada de boa qualidade.

Há cerca de 20 anos, vêm sendo produzidos perfumes a partir de suas flores e, a partir de seus frutos, têm sido obtidas polpas com as quais fabricam-se sucos e reflescos.

Recentemente, foi desenvolvido o método de fabricação de chocolate a partir de seus frutos e este tem sido o responsável pelo crescimento extraordinário da procura pela planta. Uma empresa brasileira iniciou, no ano passado, a produção de chocolate e, em apenas um ano, a produção foi quintuplicada. Vendida em Estados do Norte e do Nordeste, a produção em escala industrial está agora despertando o interesse de empresas norte-americanas. O chocolate do cupuaçu é mais claro, mais suave e seu custo de produção é muito mais barato (cerca da metade dos custos do chocolate produzido a partir do cacau. Cerca de 40% da matéria-prima obtida do fruto pode ser utilizada para a produção de cosméticos, sendo que os outros 60% são efetivamente utilizados na produção do chocolate.

O cupuaçu é uma planta de crescimento rápido, porém leva oito anos, em média para Ter uma produção plena, que se estende por cerca de 15 a 20 anos, sem perda de qualidade ou de quantidade. O fruto possui uma espécie dwe pelúcia protetora e uma casca reforçada, que garante a sua conservação por algumas semanas sem necessidade de congelamento, devendo ser evitada apenas a sua exposição diretamente ao sol.

O texto foi produzido a partir das informações contidas nas fontes abaixo citadas:

1- FOLHA DE SÃO PAULO - "Produção de chocolate feito com cupuaçu quintuplica em um ano" - in "Brasil Viável" - São Paulo, Jornal "Folha de São Paulo". 17/04/94, p:1-16.

2- LARROUSE CULTURAL - "Brasil", Editora Larrousse, Rio de Janeiro, 1993.

3- MUSEL PARAENSE EMÍLIO GÖELDI - "Frutos Comestíveis da Amazônia - tomo II - Publicações avulsas - Museu Paraense "Emílio Göeldi" - Belém - 1976.

A partir deste texto, o grupo planeja o transporte da carta (tesouro) para a região de origem (São Paulo). Diante das condições de conservação dos frutos, optou pelo transporte rodoviário, utilizando a rodovia Bernardo Sayão (Belém-Brasília) e o acesso a São Paulo via Itumbiara (Goiás) - São José do Rio Preto e daí até São Paulo pelas rodovias Washington Luiz e Bandeirantes. Pode assim fabricar um chocolate oferecido ao mercado por um preço muito menor e com sabor mais agradável, bem como ofereceu as indústrias de cosméticos a matéria-prima para a fabricação de cosméticos. Como sugestão - e uma forma de integração com a Matemática - os alunos, com base nas informações do texto, poderiam calcular o custo da fabricação e do transporte do produto e o lucro obtido em todo o processo, calculando-se assim o valor do "tesouro descoberto".

Um adendo que se faz necessário

A atividade aqui relatada é apresentada em seu aspecto formal. Ao realizá-la, o professor de Geografia não pode, de forma alguma, abdicar do caráter crítico e cidadão que a sua disciplina possui. Por isto mesmo é que, ao desenvolver este ou outros modelos similares de atividade, deve ter em conta a necessidade de enxertá-la com questões que redundem em debate e reflexão. O fundamental é que tenhamos em mente a Cartografia deve ser um meio e não um fim em si mesmo na programação que se venha a desenvolver nas aulas de Geografia.

*ATP de Geografia da Delegacia de Ensino de Botucatu

Membro da Diretoria Executiva da AGB/ Seção Local Bauru - SP

Fique sócio da AGB

Como se Associar à AGB/Bauru ou Assinar a Revista "Ciência Geográfica"

1- TAXAS DE ASSOCIAÇÃO - AGB/ BAURU

Lembramos aos interessados em renovar ou se associar a AGB, que as anuidades da AGB/Bauru correspondem ao período de 1 (um) ano, contanto a partir da data da filiação ou da refiliação, independentemente do ano civil. A anuidade em dia garante ao sócio o recebimento de três números da revista "Ciência Geográfica" (circulação quadrimestral) e de quatro números do jornal "O Espaço do Geógrafo" (circulação trimestral), além de eventuais promoções em vigência na época do pagamento da anuidade. As propostas de associação da AGB/Bauru são as seguintes:

1) ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO:

- OPÇÃO I: Com uma taxa de associação de **R$ 25,00**, você paga a sua anuidade (R$ **15,00**) e mais a assinatura anual da revista "**Ciência Geográfica**" (R$ **10,00**)) e ainda recebe como brinde uma **Pasta** de **Nylon** com o logotipo da AGB/Bauru (cores opcionais: **preta** ou **azul**);

- OPÇÃO II: Com uma taxa de associação de R$ **30,00**, você paga a sua anuidade (R$ **15,00**) e mais a assinatura anual da revista "**Ciência Geográfica**" (R$ **15,00**) e ainda recebe os seguintes brindes: uma **Pasta** de **Nylon** com o logotipo da AGB/Bauru (cores opcionais: **preta** ou **azul**) e um exemplar da revista "**Ciência Geográfica Especial Milton Santos**" (150 páginas).

2) PROFISSIONAL OU PROFESSOR GRADUADO

- OPÇÃO I: Com uma taxa de associação de **R$ 35,00**, você paga a sua anuidade (R$ **25,00**) e mais a assinatura anual da revista "**Ciência Geográfica**" (R$ **10,00**)) e ainda recebe como brinde uma **Pasta** de **Nylon** com o logotipo da AGB/Bauru (cores opcionais: **preta** ou **azul**);

- OPÇÃO II: Com uma taxa de associação de R$ **40,00**, você paga a sua anuidade (R$ **25,00**) e mais a assinatura anual da revista "**Ciência Geográfica**" (R$ **15,00**) e ainda recebe os seguintes brindes: uma **Pasta** de **Nylon** com o logotipo da AGB/Bauru (cores opcionais: **preta** ou **azul**) e um exemplar da revista "**Ciência Geográfica Especial Milton Santos**" (150 páginas).

Como no ato da filiação ou refiliação, damos como brinde uma **PASTA DE NYLON** com o logotipo da **AGB/Bauru**, entretanto pedimos R$ **2,00** (dois reais) a título de colaboração para pagarmos a taxa envio da pasta pelo o correio:

- Estudante de Graduação: R$ **25,00** + R$ **2,00** para postagem pasta = R$ **27,00** ou R$ **30,00** + R$ **2,00** = R$ **32,00**

- Profissional ou Professor Graduado: R$ **35,00** + R$ **2,00** para postagem pasta = R$ **37,00** ou R$ **40,00** + R$ **2,00** = R$ **42,00**.

Você poderá enviar o valor de sua anuidade através das seguintes formas: via correio em cheque nominal à AGB/Bauru ou através de depósito em conta corrente: **Banco Banespa** – Agência **0505** – tipo **13** – **Conta Corrente** n.º **001142-6** (não esquecer de enviar via correio o comprovante de depósito para confirmarmos a sua associação à AGB/Bauru). Posteriormente, enviaremos via correio o seu recibo de associação.

OBS.: EM AMBAS AS OPÇÕES VOCÊ PODERÁ **PRÉ-DATAR** O SEU CHEQUE PARA **60 DIAS** (contar **60 dias** a partir da data de associação)

2- ASSINATURA ANUAL REVISTA "CIÊNCIA GEOGRÁFICA"

PROMOCIONAL PARA OS PARTICIPANTES DO IV "FALA PROFESSOR

O valor da assinatura anual desvinculada da taxa de associação da AGB/Bauru é de R$ **25,00** (Opção destinada aos interessados em somente fazer a assinatura anual de nossa revista).

OBS.: VOCÊ RECEBERÁ AS EDIÇÕES 13, 14, 15 e 16 e mais 4 edições de **"O Espaço do Geógrafo".**

FICHA DE ASSOCIAÇÃO - AGB/Bauru

Nome Completo:_____

Endereço:_____

Cidade:_____Estado:_____CEP:_____Fone: ( )_____-_____

( ) Estudante de Graduação ( ) Profissional ou Professor Graduado ( ) Renovação Anuidade ( ) Novo Sócio

( ) Renovação da Assinatura da revista "**Ciência Geográfica**" ( ) Novo Assinante da revista "**Ciência Geográfica**"

E-mail:_____Data:_____ de_____de 19____ _____

Assinatura

OBS.: **Envie esta ficha juntamente com um cheque nominal a AGB/Bauru ou deposite o valor referente a anuidade na conta bancária da AGB/Bauru: Banco Banespa – Agência 0505 – tipo 13 – C. Corrente n.º 001142-6 (não esquecer de enviar via correio o comprovante de depósito). Posteriormente, enviaremos o recibo que comprova a sua associação junto a nossa Entidade. Esta ficha pode ser reproduzida**

Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru: R. Bernardino de Campos, 14-67 – Vila Giunta Bauru – SP - CEP 17051-000
Fone: **(014) 223-6091** – E-mail: **agb@agbbauru.org.br**

Informe Tesouraria

TRANSPARÊNCIA: A AGB/BAURU PRESTA CONTA DE SUAS ATIVIDADES A SEUS ASSOCIADOS (ANO 1998)

DEMONSTRAÇÃO DE RECEITAS E DESPESAS DO PERÍODO DE **01/01 A 31/12/1998**
RAZÃO SOCIAL: ASSOCIAÇÃO DOS GEOGRAFOS BRASILEIROS SECÇÃO LOCAL BAURU/SP
CNPJ/MF: 00.407.524./0001-00
Rua Bernardino de Campos, 14-67 – BAURU/SP

Demonstração das Receitas:

VALORES EXPRESSOS EM REAIS

Receitas de Anuidades e Doações Diversas	**32.117,17**
Total de Receitas	**32.117,17**

Demonstração das despesas:

Correios e Telégrafos	**2.616,08**
Confecção de Revistas e Jornais AGB	**5.810,00**
Aquisição de Fita de Vídeo	**16,74**
Despesas com Materiais de Papelaria Diversos	**182,51**
Despesas com Telefone	**591,00**
Assinatura de Internet	**244,00**
Desp. Com Aquisição de Saco Plástico	**38,50**
Despesas c/ cópias reprográficas (xerox)	**108,70**
Despesas com CPMF	**34,45**
Despesas com Serviços de Terceiros	**55,00**
Aquisição de Papel Tipográficos	**9.144,35**
Aquisição de papel Vegetal	**45,00**
Despesas com Serviço de Foto Stúdio	**15,00**
Aquisição de lousa	**22,86**
Despesas Bancarias Diversas	**2,70**
Despesas com Combustível	**335,45**
Pagamento de Alíquotas	**1.906,00**
Honorários de Contador	**120,00**
Despesas com Aquisição de Bolsas	**1.375,00**
Despesas com Editoração	**175,00**
Despesas com Adesivos	**175,00**
Despesas com Hospedagem	**371,30**
Despesas com Refeição	**310,86**
Serviço de Preparação de Fotolitos	**109,17**
Despesas com Fretes e Carretos	**169,00**
Despesas com Filmagem	**100,00**
Despesas com Assinatura de Revistas	**105,00**
Despesas Gerais	**54,38**
Total de Despesas	**24.233,05**

Resultado do Exercício.

(+) Receitas	**32.117,17**
(-) Despesas	**24.233,05**
(=) Resultado	**7.884,12**

Saldo de Caixa e Bancos **2.185,07**

Bauru, 17 de junho de 1999

Diretor AGB/Bauru

WILSON FRANCISCO BORGES
CRC 1SP 156329/O-6 - CPF 048.842.338-00
Rua Adolfo Pinheiro de Goes, 611
CEP 17470-000 - F.: 242-2195 - Duartina-SP

Tesoureiro AGB/Bauru

Agenda - AGB/BAURU - 1999

Encontro Regional:

IMPASSES DA GLOBALIZAÇÃO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI: AÇÕES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E CAMINHOS PARA A GEOGRAFIA

Período: 21 e 22 de outubro de 1999
Local: Centro Universitário de Votuporanga - SP

Promoção: Reitoria e Departamento de Geografia do Centro Universitário de Votuporanga; Diretoria Executiva AGB/Bauru e Núcleos AGB/Bauru de Votuporanga, Fernandópolis, São José do Rio Preto, Catanduva, Bebedouro, Olímpia, Jales, Ilha Solteira, José Bonifácio, Pereira Barreto e Araçatuba.

Presenças confirmadas: Prof. Dr. **Ruy Moreira** (UFF); Prof. Dr. **Gil Sodero de Toledo** (USP – AGB/São Paulo); Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** (UNESP/Bauru); Prof. Dr. **Maximiliano Martin Vicente** (UNESP/Bauru); Profª. Drª. **Maria Laura Silveira** (DG/USP); Prof. **Elian Alabi Lucci** (AGB/Bauru); Prof. Ms. **Antônio Francisco Magnoni** (UNESP/Bauru); Prof. Ms. **Àlvaro José de Souza** (AGB/Bauru); Prof. Ms. **José Aparecido dos Santos** (AGB/Bauru); Profª. **Sonia Morandi** (CEETEPS); Prof. Dr. **José Xaides de Sampaio Alves** (UNESP/Bauru) e Prof. **Joel Benjamim** (AGB/Bauru).

OBS:. OS CERTICADOS SERÃO EXPEDIDOS E ENTREGUES NO TÉRMINO DO EVENTO

Informações: (017) 422-2800 (Falar Secretaria) ou (017) 484-1250 (Falar com Wilson)
E-mail:**agb@agbbauru.org.br** – Home-Page:**http://www.agbbauru.org.br**
Inscrições: Antecipadas ou no dia da abertura do evento
Valores: **R$ 3,00** (sem certificado) **R$ 5,00** (com certificado)

FICHA DE INSCRIÇÃO ENCONTRO REGIONAL DE VOTUPORANGA

Nome Completo:_____

Endereço:_____Fone: ( ) _____-_____

Cidade:_____Estado:_____CEP:_____

( ) Inscrição com certificado ( ) Inscrição sem certificado ( ) Professor ( ) Estudante

E-mail:_____Data:____ de_____de 19_____ _____

Assinatura

Inscrições antecipadas: Enviar juntamente com o valor correspondente a opção de inscrição para à AGB/Bauru: Rua Bernardino de Campos, 14-67 – Vila Giunta – Bauru – SP – CEP 17051-000

II SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR INTERNACIONAL: BRASIL 500 ANOS: TERRITÓRIO DE QUEM?

Período: 20 a 23 de abril de 2000
Local: UNESP Campus de Bauru – SP
Informações: Fone: (014) 2236091 - E-mail:**agb@agbbauru.org.br**
Home-page:**http://www.agbbauru.org.br**

I EXPEDIÇÃO GEOGRÁFICA DA UNIOESTE – "PERSPECTIVAS DA COSTA OESTE PARA O SÉCULO XXI"

Período: 14 a 18 de setembro de 1999
Local - UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon – PR
Promoção: Departamento de Geografia INIOESTE e Núcleo AGB/Bauru de Marechal Cândido Rondon – PR
Público: Alunos do curso de Geografia, professores das redes pública e privada e demais interessados
Contato com: Prof. Edson Dias: fone (045) 254-3216
E-mail:**dias@reuternet.com.br**

➨ **XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA**
Período: 01 a 07 de agosto 1999.
Local: Universidade Regional do Cariri- Crato-CE.
Informações: Fone: (088) 5233940 - Fax (088) 5210049 - E.mail: **paleo99@urca.br**

➨ **VIII ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO AGRÍCOLA: EDUCAÇÃO AGRÍCOLA E SUSTENTABILIDADE**
Período: 16 a 19 de agosto de 1999
Local: Cine Gustavo Dutra - UFRRJ - Seropédica - RJ
Informações: Fone: (021) 682-1220 - E-mail: enea@ufrrj.br
Home-Page: http://www.ufrrj.br/extensao/eventos

➨ PALESTRA: **O ENSINO DA GEOGRAFIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO**
Palestrante: Prof. **Elian Alabi Lucci** – Diretoria AGB/Bauru
Dia: 23 de agosto de 1999
Local: Departamento de Geografia – UNIRP – São José do Rio Preto – SP
Promoção: Departamento de Geografia – UNIRP – Núcleo AGB/Bauru de São José do Rio Preto – SP
Informações: (017) 224-4440 – Falar com o professor Arthur Withaker

➨ **ENCONTRO REGIONAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - O ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRADIÇÕES E PROPOSTAS**
Período: 8 a 10 de setembro de 1999
Local: Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto – SP
Organização: Curso de Geografia do Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto – SP
Informações: (016) 603-6600

➨ **X REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA**
Período: 19 a 24 de setembro de 1999
Local: Centro de Convenções da Universidade Federal de Pernambuco - Recife - PE
Informações: Fone: (081) 2718292 – E-mail:gamar@elogica.com.br
Home Page: http://micasa.yupi.com/Ananascimento

associação dos geógrafos brasileiros
Seção Bauru
IMPRESSO
Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - CEP 17.051 - 000 - Bauru/SP -Fone (014) 223-6091
E-mail: agb@agbbauru.org.br - http://www.agbbauru.org.br

associação dos geógrafos brasileiros
agb Seção Bauru

O ESPAÇO DO GEÓGRAFO

Orgão Informativo da AGB Seção Local Bauru e Núcleos:Araçatuba, Adamantina, Araguaína (TO), Avaré, Bebedouro, Birigüi, Botucatu, Cáceres (MT), Catanduva, Cornélio Procópio (PR), Garça, Franca, Fernandópolis, Ilha Solteira, Jales, José Bonifácio, Jaú, Laranjal Paulista, Lençóis Paulista, Limeira, Lins, Marília, Machado (MG), Marechal Cândido Rondon (PR), Olímpia, Ourinhos, Pereira Barreto, Penápolis, Piracicaba, Pirassununga, Porto Ferreira, Registro, Ribeirão Preto, Santa Cruz do Rio Pardo, São José do Rio Preto, Tupã, Votuporanga.

3º Trimestre/99 **- AGB/Bauru > E-mail:agb@agbbauru.org.br -** **Número 19**

Editorial:

AGB/BAURU: PRESTANDO CONTAS

Ninguém ignora que este é um momento decisivo para a Geografia Brasileira. A dubiedade da LDB com relação ao significado da disciplina é, no entanto, uma situação paradoxal quando nos defrontamos com a importância que esta ciência tende a assumir diante dos gravíssimos problemas nacionais: afinal de contas, globalização, questão habitacional, questão agrária, conflitos sociais urbanos, seca nordestina, transposição do rio Tocantins e tantas outras questões relevantes em debate no Brasil de hoje estão a demonstrar o crescente papel que a Geografia poderá exercer.

O certo é que existe um fortíssimo distanciamento entre o processo de valorização da disciplina no Ensino Fundamental e Médio e a contribuição que os professores de Geografia e geógrafos poderiam ofertar para a construção de uma cidadania consciente e para encaminhamento de algumas das grandes questões nacionais.

Mas esse distanciamento talvez seja responsabilidade de nós mesmo, geógrafos, na medida em que desconhecemos a força de nossa união e o desleixo de nosso envolvimento com as grandes questões que nos confrontam, para as quais exige-se muito trabalho e muita seriedade.

São estes caminhos que precisamos trilhar e, é nessa direção que a AGB/Bauru tem procurado pautar a sua ação.

Por conta desse direcionamento, fizemo-nos presentes a Curitiba com uma significativa representação, quer de nossos diretores, quer de sócios residentes em muitas regiões deste Estado e do país. Uma participação ativa não só quantitativamente mas do ponto de vista da qualidade: apresentamos trabalhos oriundos de pesquisas e reflexões, muitos deles desenvolvidos no âmbito de nossas atividades dentro da entidade; dirigimos Grupos de Trabalho e Espaço de Diálogo, lançamos publicações com a qualidade já reconhecida e participamos dos mais significativos debates travados no desenrolar do IV FALA PROFESSOR. Trouxemos de Curitiba o reforço de nossas posturas e, com certeza, construímos posições que nos ajudarão na luta pela valorização da disciplina, elemento central de muitas preocupações.

Curitiba registrou exatamente o debate das questões que introduziram este editorial. Trabalhou-se muito os procedimentos e as mazelas do Ensino de Geografia nos níveis Fundamental, Médio e Superior. Discutiu-se o necessário embasamento teórico-metodológico e os procedimentos pedagógicos para a formação do professor e do geógrafo, reconhecendo-se a importância da unicidade neste processo de apetrechamento profissional. Por conta dessas discussões, tanto em nível de Diretoria Executiva quanto de debates descentralizados, estamos encaminhando subsídios e fundamentos para ampliar o debate, fazendo cada vez mais viva a participação de todos os nossos associados.

Nesta direção é que a AGB/Bauru, antes e depois do IV "FALA PROFESSOR" tem investido em eventos de caráter regional, amplificando as discussões dos grandes problemas que devem ser enfrentados pelo geógrafo e professor de Geografia. O FÓRUM REGIONAL EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA, realizado em maio de 1999, foi uma etapa. O Encontro Regional previsto para os dias 21 e 22 de outubro em Votuporanga tem os mesmos objetivos, discutindo os "**IMPASSES DA GLOBALIZAÇÃO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI: AÇÕES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E CAMINHOS PARA A GEOGRAFIA**". Também estarão presentes as mesmas preocupações no I ENCONTRO ESTADUAL: **EDUCAÇÃO, ENSINO E TRABALHO – A AUTONOMIA DA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DO PROJETO-POLÍTICO PEDAGÓGIGO** previsto para os dias 5 e 6 de novembro de 1999. Por sinal, é fundamental que nossos associados participem ativamente destes dois momentos máximos de reflexão e ação, para que possamos contribuir decisivamente para a edificação de uma postura do geógrafo comprometida com as questões mais cruciais deste país.

Eventos em São José do Rio Preto, Monte Aprazível, Fernandópolis, Bebedouro e Ribeirão Preto também contaram com a ativa participação da AGB/Bauru; Araçatuba, Adamantina e Machado – MG estarão igualmente com nossa participação. Em Ribeirão Preto, o Centro Universitário Barão de Mauá realizou o "Encontro Regional de Professores de Geografia", discutindo as contradições e as propostas do ensino da Geografia, com a presença maiúscula da AGB/Bauru. Tudo em busca da superação das adversidades impostas ao pensamento e à ação do geógrafo, neste momento de sofisticação do capitalismo internacional no Brasil.

Com seus 65 anos de vida, a Associação dos Geógrafos Brasileiros tem construída uma História de lutas que buscamos honrar. Por isso, nosso trabalho se pauta pela seriedade e pela busca ávida da união, mesmo que algumas adversidades se nos anteponham.

Diretoria Executiva AGB/Bauru



Diretoria Executiva AGB/Bauru
Biênio 1998/2000

Diretor:
Lourenço Magnoni Júnior
Vice-Diretor:
Sebastião Clementino da Silva
Primeiro Secretário:
Elvis Christian M. Ramos
Segunda Secretária:
Mara Wanderléia Alves Oliveira
Primeiro Tesoureiro:
Anézio Rodrigues
Segundo Tesoureiro:
Ladilson Canassa
Coordenação de Assuntos Internacionais:
Elian Alabi Lucci
Coordenação de Divulgação:
Alcides Bonaci Júnior
Coordenação de Biblioteca:
Cláudia Fonseca Baldini
Maria Regina Gaiotto Sturion
Coordenação de Relações Públicas:
Marimiriam Dias Esqueda
Coordenação Discente:
Woltaire C. de Oliveira Mattosinho
Vera Lúcia da Silva Tamião
Coordenação de Núcleos Regionais:
Álvaro José de Souza
Comissão de Ensino:
José Misael Ferreira do Vale
Álvaro José de Souza
Edson Belo Clemente de Souza
Joel Benjamin
Maria da Graça Mello Magnoni
Sonia Morandi
Comissão de Meio Ambiente e Agrária:
Anamaria Silveira Ravagnani
José Marcos Ribeiro da Silva
José Aparecido dos Santos
Comissão de Urbana:
Ladilson Canassa
Mara Wanderléia Alves Oliveira
Comissão de Eventos:
Wellington dos Santos Figueiredo
Adriana Simões Corrêa
Marcelo Moraes Oliveira
Departamento de Marketing e Publicações:
Álvaro José de Souza
Antônio Francisco Magnoni
Elian Alabi Lucci
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Araçatuba
Euclides Bachi Júnior
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Adamantina
Isabel Martins
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Araguaína (TO)
Jacira Garcia Gaspar
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Avaré
Eliana Maria Cavalhero Brandão
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Bebedouro
Eliana Maria Piza Bray
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Birigüi
Vera Márcia U. Gabas
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Botucatu
Álvaro José de Souza
Coordenadores Núcleo AGB/Bauru de Cáceres (MT)
Clóvis Vailant
Patrícia Helena Mirândola Avelino
Ronaldo José Neves
Vera Hiroko Okazaki Vieira
Coordenador Núcleo AGB/Bauru de Catanduva
Carlos Alberto Spina
Coordenador Núcleo AGB/Bauru de Cornélio Procópio (PR)
Reinaldo Simões de Almeida
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Garça
Maria Alda Cabrera
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Franca
Elza Helena Marqueti
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Fernandópolis
Silvia Rita dos Santos Soldera
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Ilha Solteira
Marli B. P. Zelli de Lacerda
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Jales
Rosângela J. Bordon Bigulin
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – José Bonifácio
Célia Maria Gimenez Rodante
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Jaú
Maria Tereza Biazetti
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Laranjal Paulista
Rita de Cássia Alves L. Bertoni
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Lençóis Paulista
Maria José da Silva
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Limeira
José F. de Melo Júnior
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Lins
José Wagner Abdalla
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Marília
Rosa Virgínia M. Machado
Coordenadores Núcleo AGB/Bauru – Machado (MG)
Eda Maria Abrahão
Roberto Abreu Marrero
Coordenador Núcleo AGB/Bauru – Marechal Cândido Rondon (PR)
Edson dos Santos Dias
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Olímpia
Gleiser Cristina Antoniassi
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Ourinhos
Marcos Antônio Corrêa
Coordenador Núcleo AGB/Bauru – Pereira Barreto
Edson Yoichi Watanabe
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Penápolis
Valéria Cristina G. Rueda
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Piracicaba
Maria Eliza G. Carvalho
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Pirassununga
Maria Minervina Veneroso
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Porto Ferreira
Paula Maria Juciani
Coordenador Núcleo AGB/Bauru - Registro
Wanderley Negrão da Silva
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Ribeirão Preto
Idúlia R. Barbosa Esteves
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru – Santa Cruz do Rio Pardo
Isabel Venturelo Bianchi
Coordenador Núcleo AGB/Bauru – São José do Rio Preto
César de Carvalho
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Tupã
Carmen Lúcia Carrion Cajal
Coordenadora Núcleo AGB/Bauru - Votuporanga
Jayça Lima Santana

EUROPA: UM ANO SE PASSOU

Wilson Martins Lopes Júnior*

Há pouco mais de um ano um grupo de estudantes brasileiros realizavam a ousadia de juntos participarem de um Trabalho de Campo na Europa. Reunidos pelo desejo de participarem de uma disciplina de Pós-Graduação naquele continente.

Desde a idéia original até a sua realização, foram muitas reuniões, debates, contatos e principalmente economias. Praticamente toda a viagem foi sustentada financeiramente pelos próprios estudantes (pós-graduandos). Vale destacar as constantes críticas que surgiram por parte dos amigos de trabalho como de outros.

No entanto, a persistência e união dos alunos do Curso de Pós-Graduação da UNESP – Campus de Presidente Prudente SP – favoreceu que este trabalho de campo fosse concretizado.

A disciplina em questão chamou-se "Globalização e seus impactos: integração ou desintegração regional" e teve como objetivo estudar as diferentes formas de integração em países (Portugal, Espanha e França), pertencentes a diferentes âmbitos regionais conhecendo também diferentes estágios de desenvolvimento, de estruturas administrativas e relações com o mercado internacional.

Ainda em território brasileiro, no período que antecedeu a viagem, os professores do Curso de Pós-Graduação da UNESP, que participaram da viagem, ministraram aulas teóricas relacionadas a disciplina. Esta etapa foi imprescindível para compreensão de muitos aspectos geográficos que seriam abordados no período de curso na Europa.

Também merece destaque que o Curso de Pós-Graduação ofereceu no Brasil três disciplinas ministradas por professores europeus, o que favoreceu e enriqueceu ainda mais o preparo como conhecimento dos alunos.

Durante a permanência no *Velho Mundo*, foram assistidas várias aulas e palestras, ministradas por professores de importantes Universidades como: Universidade de Coimbra (Portugal), Universidad de Salamanca (Espanha), Université de Rennes (França) e Université de Paris (Sourbonne - França).

Nos países visitados (Portugal, Espanha e França) alguns professores recepcionavam o grupo de brasileiros e ministravam suas aulas seguidas de pequenas viagens (trabalho de campo) que ilustravam a aula teórica. Essas viagens dentro dos países europeus eram realizadas com alunos das respectivas Universidades o que favorecia a troca de conhecimento e informações entre os pesquisadores.

Apesar da diversificação temática a que se dedicam os estudantes em suas pesquisas de pós-graduação, esta viagem proporcionou que privilegiassem também os seus trabalhos específicos (Dissertações e Teses) na busca de material bibliográfico e contatos com outros pesquisadores de temas coincidentes.

Expressiva contribuição deste trabalho diz respeito a importância do trabalho de campo geográfico na Academia. É inadmissível que sejam feitas críticas pelos mais diferentes profissionais a esta etapa de extrema importância na relação ensino-aprendizagem. A melhor resposta que nós Geógrafos podemos dar as críticas são os belíssimos relatórios e pesquisas científicas produzidas com base nos trabalhos de campo.

Com a concretização deste, que de inicio era apenas um sonho, pôde-se abrir portas para que as relações entre os pesquisadores europeus-brasileiros se estreitem. Espera-se também que com este trabalho outros grupos de estudantes se mobilizem e busquem realizar trabalhos similares para contribuição própria como do mundo científico.

Por fim, o saldo qualitativo desta viagem foi imenso, superando-se o âmbito científico e invadindo o campo pessoal. É justamente aí que esta o segredo do sucesso desta disciplina, ou seja, ter contemplado o pesquisador (cientista/profissional) como também o homem (ser humano/emoção).

Notas

Geógrafo e Professor do Depto. de Geografia da UNIRP – Centro Universitário Riopretense

Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração "Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental" da UNESP – Campus de Presidente Prudente – S.P - Sócio AGB/Bauru.

Artigos

O BRASIL – ESSE DESCONHECIDO

Wanderley Negrão da Silva*

Introdução:

Uma notícia está chegando lá no Maranhão,
Não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Aqui vive um povo que merece mais respeito.
Sabe, belo é o povo, como é belo todo amor.
Aqui vive um povo que é mar, que é rio,
Seu destino é um dia se juntar.
Aqui vive um povo que cultiva qualidade,
Ser mais sábio do que quem o quer governar.
A novidade é que o Brasil não é só litoral.
É muito mais, é muito mais do que qualquer zona sul.
Tem gente boa espalhada por este Brasil.
Que vai fazer deste lugar um bom país.
Uma notícia está chegando lá do interior.
Ficar de frente para o mar e de costas para o Brasil,
Não vai fazer deste lugar um bom país!

Milton Nascimento e Fernando Brant em "Notícias do Brasil"

Quando pergunta "os brasileiros descobrirão o Brasil"?, Frei Beto observa: "Portugal descobriu o Brasil, mas os brasileiros ainda não. Enquanto isso não ocorrer, seremos obrigados a engolir a seco a pretensão norte-americana de – nas palavras do general Patrick Hughes – intervir na Amazônia, caso o Brasil venha administrá-la de forma prejudicial ao meio ambiente dos EUA." Palavras sábias e proféticas de Frei Beto; palavras de quem entendeu bem o significado de "ficar de frente para o mar e de costas para o Brasil..." Este país é muito mais que Guarujá, Barra da Tijuca, tietagem e outras frivolidades em Maresias e Ilhabela, futvollei do Romário nas praias cariocas.

Mas, ao mesmo tempo que o brasileiro – o povo – começa a tomar consciência do gigantismo territorial e seu potencial, como que num movimento contraditório de duas fases (ou faces?), sente-se alijado do processo de apropriação de bens e valores, isto é, como que em sua própria casa não pudesse usar banheiro ou dormir em sua própria cama! Os brasileiros em geral percebem os sinais do crescimento e das riqueza recente, mas a maioria deles não estão certos acerca do modo pelo qual essa riqueza poderá beneficiá-los. Essa é a questão fundamental. Como convencer o brasileiro pobre do campo e da cidade de que esse imenso território lhes pertence e lhes útil, quando a grande maioria deles não pode usufruir sequer de parcos espaços para seu trabalho e sua vivência. Ali está o contra-senso de uma população que vive, em sua maioria, espremida em um cordão territorial paralelo ao mar, desde o sul até o norte do país, tal qual caranguejos no mangue e gaivotas na praia! É tanta concentração populacional que no eixo campinas/São Paulo/Rio de Janeiro está se formando uma monstruosa "megalópole", uma região que sofre processo intenso de conurbação – um verdadeiro neoplasma maligno! Enquanto, no interior, vazios e mais vazios... As pessoas se deslocam no passado recente e se deslocam ainda hoje para as cidades, para as metrópoles, causando um inchaço de conseqüências terríveis no cultural, no social, no econômico. Tudo isso em decorrência do perverso processo de construção e apropriação capitalista do espaço territorial brasileiro ao longo do tempo histórico da formação da nação.

Nos diz o historiador Sérgio Buarque de Holanda que o cronista da Companhia de Jesus ao fazer as primeiras descrições da terra dos paus-brasis (visão do paraíso), afirmava que nenhuma das regiões equatoriais tinha as "bondades" da suma perfeição da América lusitana..." De onde o concluir que haveria de estar nestas partes o mesmo deleitoso jardim em que pusera Deus os nossos primeiros pais..." Então, num complemento ao acima afirmado e numa visão realista, os geógrafos Demétrio Magnoli e Regina Araújo colocam: O Brasil já foi um paraíso. Na crônica dos viajantes seiscentistas, a terra recém-descoberta era a projeção da mitologia medieval de um mundo sem pecado. Não era ela mesma, mas uma outra: tradução de imagens e fantasias geradas pela lógica da cristandade européia. Essas crônicas não pertencem ao tempo da história, mas ao tempo do mito. Os mitos têm sua própria história, e também fazem história. A idéia do paraíso terrenal, de um lugar sem nomes e sem mácula, funcionou como imã para aventureiros e colonizadores. As riquezas imaginárias do Brasil precederam ou substituíram as riquezas materiais, que tardaram a ser descobertas. Os séculos de investigação empírica da nova terra revelaram riquezas, ao mesmo tempo que dissolveram os mitos. A invenção de uma sociedade e a apropriação prática do território deram nomes às coisas e aos lugares. Por esse ato de profanação, a mitologia deu lugar à história. A Serra das Esmeraldas não podia durar para sempre. O geógrafo Milton Santos define o espaço como acumulação desigual de tempos. O espaço geográfico é coagulação de trabalho social, materialização das idéias e da ação de gerações sobre o território. Uma dádiva do tempo e, ainda, um testemunho do passado. O espaço geográfico é um produto da história...".

Agora, pontuando, para evidenciar que o Brasil é esse desconhecido da grande maioria dos brasileiros – que sabe na ponta da língua a escalação da seleção brasileira de futebol –, apelo para o

EXPEDIENTE

"O Espaço do Geógrafo" é o órgão oficial de divulgação da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP.
A edição é de responsabilidade da Coordenação de Publicações, com a colaboração dos demais membros da Diretoria Executiva Local. As matérias e artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não traduzem necessariamente a opinião da AGB/Seção Local Bauru.
Colaborações, críticas, divulgação de eventos e artigos devem ser enviados de preferência em disquete (WINWORD) à **AGB Bauru**.

Rua Bernardino de Campos, 14-67
Vila Giunta - CEP 17.051 - 000
Bauru - SP - Fone (014) 227-4600
E-mail: agb@agbbauru.org.br
Jornalista Responsável:
Antônio Francisco Magnoni - MTB 19280
Revisão: **Ivone Ap. Clementino da Silva**
Editoração: **Hideki Com. Mktg. (014) 231-2259**
Impressão: **Gráfica Falcão** - Fone: (014) 224-2112
Tiragem: 4000 exemplares

catarinense Paulo Ramos Derengoski, estudioso do movimento rebelde do Contestado (1912/1916), que relata a saga dos milhares de cablocos expulsos de seus "teres e haveres" do dia para a noite, "desalojados para sempre de suas roças miseráveis e de seus ranchos improvisados, criando-se um clima de tensão social. Inclusive médios e grandes proprietários foram atingidos pela brutal desapropriação". É que o Governo Federal nessa época, fez uma famigerada e questionável concessão, de vasta área para a empresa Southern Lumber Corporation – como o próprio nome inglês indica, uma madeireira -, outorgando-lhe "nada menos do que quinze (15) quilômetros de campos e pinheirais, de cada lado de uma ferrovia que devia revolutear como uma cobra, entre o Paraná e o Sul, para multiplicar os acres e alimentar grandes serrarias. Tudo, naturalmente, com a expulsão de pequenos lavradores que, ao desamparo dos pais da pátria, numa época de analfabetismo e insulamento das populações rurais, não tiveram alternativa senão o caminho de uma desafortunada "jidah cabloca". Eis pois que a chamada "Guerra do Contestado", um dos episódios mais sangrentos da nossa história, apresentou um saldo de mais de dez mil mortos e feridos ou estropiados. Completando a idéia: essa maioria brasileira, atenta às telenovelas e ao campeonato mundial de futebol, conhece alguma coisa dessa luta pela posse da terra, acontecida muito antes (mais de 80 anos) do movimento dos sem terra? Ou isso faz parte da grande alienação – do Brasil desconhecido?

Desconhece, quem sabe, a maioria dos brasileiros que se está construindo, há 18 anos, uma usina hidrelétrica nas barrancas do Rio Paraná, mais precisamente no território dos municípios de Rosana (SP) E Bataguassu (MS) – a faraônica barragem de Porto Primavera? Saberiam esses brasileiros que a "usina vai inundar um trecho de 2,2 mil quilômetros quadrados em São Paulo e Mato Grosso do Sul – uma área que é o dobro da ocupada pela capital paulista, onde caberiam seis Baías da Guanabara"? E que "o lago a ser formado é maior que o de Itaipu, embora Primavera seja uma hidrelétrica sete vezes menor em produção"? E que "essa pirâmide paulista está engolindo milhões de metros cúbicos de concreto, suficiente para construir 36 Estádios do Morumbi – agora só faltam mais seis Morumbis"? E, finalmente, saberiam os brasileiros da "maioria silenciosa" que essa barragem hidrelétrica de 13 quilômetros de extensão (!), além do terrível impacto ambiental, produzirá a energia mais cara do país em razão dos juros e dos encargos financeiros provocados pelo atraso na sua construção – o custo contábil da barragem é de US$ 9,3 bilhões, sendo US$ 4,8 bilhões de juros acumulados?! E não venham me dizer que esse assunto não interessa à vida brasileira...

Vou usar mais um argumento para demonstrar o desconhecimento, que resvala para o desinteresse, do povo para com feitos, coisas, o espaço e o tempo brasileiros: São Raimundo Nonato, no Piauí – o Parque Nacional da Serra da Capivara, o Boqueirão da Pedra Furada. O que acontece por lá, o que foi constatado pela pesquisadora Niéde Guidon e sua equipe – há mais de 20 anos -, é tão importante no campo de estudo da Antropologia e Arqueologia, que faz-se necessária uma revisão na Teoria da Origem do Homem Americano. É tal a importância da região, na área da pesquisa, da preservação e do turismo, que todo o território foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO – trata-se de território de 1.300 km², a metade do tamanho de Luxemburgo na Europa, com cerca de 365 sítios arqueológicos, sendo 240 deles com as antigas pinturas rupestres das Américas. São Raimundo Nonato dista cerca de 700 km, a sudeste de Teresina – a capital. Depois de uma visitação, o jornalista Ricardo Soares atesta: "... Estou diante do Parque Nacional da Serra da Capivara, a sudeste do Piauí, e espanto com minha ignorância por não ter descoberto o Brasil antes. Aqui, há pelo menos 60 mil anos, outros seres humanos já faziam fogueiras e assavam suas caças e ainda hoje o Brasil não descobriu um dos mais importantes sítios arqueológicos do mundo. Lógico que o desconhecimento sobre a riqueza não causa espanto. Estamos no Brasil onde compra voto ou comissão para licitação de obras públicas vale muito mais do que preservar a passagem do homem pré-histórico e as milhares de inscrições que eles deixaram... No sudeste do Piauí já havia vida inteligente há milhares de anos, qualidade que não habilita muitos gabinetes de Brasília...". Desse enigmático rincão. Onde provavelmente existiram homens das cavernas há 50 mil anos atrás, extraí-se o retrato por inteiro desse "Brasil desconhecido".

Para fechar o assunto, já que foi ele quem iniciou, faço minhas as palavras de Frei Beto: "... A memória brasileira é ingrata com os filhos ilustres desta nação. Aos 20 anos de sua morte, Elvis Presley ocupou mais espaço na nossa imprensa que Guimarães Rosa. A diferença é que o segundo é raiz de nossa identidade cultural. Somos uma nação com vergonha de si mesma. Herdamos dos 320 anos de escravatura o medo da auto-estima. Bajulamos o que é sucesso em Nova York como, outrora, os senhores de engenho se vestiam em alfaiates ingleses e os comerciantes de ouro importavam queijos de Portugal. Cultuamos as viagens de Marco Polo e ignoramos a longa marcha da Coluna Prestes; admiramos a Revolução Francesa e pouco sabemos da Conjuração Mineira; exaltamos Michelangelo e não reconhecemos o talento de aleijadinho"...

BRASIL DESCONHECIDO: "Resquiescat in pace"...

Notas:

*Geógrafo e professor da Rede Pública de Ensino

Diretor Núcleo AGB/Bauru de Registro

Bibliografia:

- COSTA, Wanderley, M. da. O Estado e as políticas territoriais no Brasil. São Paulo, Contexto, 1991.
- MAGNOLI, Demétrio e ARAÚJO, Regina. A Nova Geografia – estudos de Geografia do Brasil. São Paulo, Moderna, 1992.
- DERENGOSKI, P. R. Os rebeldes do Contestado. Porto Alegre, Tchê Editora, 1987.
- FOLHA DE SÃO PAULO, dez/91, Presença do homem na América Latina alcança 60 mil anos, de Machado Leite, in: A temática indígena, CENP, São Paulo, 1992.
- O ESTADO DE SÃO PAULO, maio/96, Porto Primavera, a última pirâmide, de José Casado.
_____, jun./97, Expedição à Serra da Capivara, de Ricardo Soares.
_____, abril/98, Os brasileiros descobrirão o Brasil?, de Frei Beto.
_____, maio/98, Primavera, após 18 anos, vai ser acionada, de Cley Scholz.

ENCARTE PEDAGÓGICO

CONSTRUINDO CONCEITOS – GLOBALIZAÇÃO A TÍTULO DE EXEMPLO

Álvaro José de Souza*

A existência de temas que nos parecem suficientemente debatidos e, portanto, em condições de serem repassados a nossos alunos pode nos levar à perda de excelentes oportunidades para transformá-los em situações que permitem o envolvimento do educando na construção de um conceito que, com certeza, seria extremamente enriquecedora. Um exemplo clássico desta situação é o tema "GLOBALIZAÇÃO", que tomaremos como referencial para a exemplicação desta atividade que proporemos.

Primeiramente, é preciso lembrar que o conceito difere frontalmente daquilo que tradicionalmente denominamos de definição; na realidade, definições podem ser oriundas de conceitos, mas, a sua formalização é, por si só, uma resposta fechada, definitiva e, por conseqüência, imposta e alheia ao processo criativo. Normalmente, julgamos que temas amplamente debatidos nos livros e na mídia já são passíveis de uma definição definitiva ou mesmo de conceitos acabados, que colidem com uma proposta de educação crítica e com a construção de uma cidadania consciente.

A nossa opção pelo tema "globalização" busca exatamente tomar um assunto fartamente focalizado e aparentemente discutido, colocado tanto pela mídia quanto pelo próprio livro didático e paradidático como algo concluído mas que, na realidade, permite uma imensa gama de discussões e reflexões até que cheguemos à construção de um conceito coerente com a realidade da escola e do aluno que o discute e, principalmente, recheado de experiências individualizadas.

Nestes casos, é preciso um cuidado especial para que não nos limitemos ao senso comum e, para isto, torna-se fundamental a escolha de material disponível variado para que, a partir dele, possamos chegar a uma construção conceitual bem embasada. Poderíamos, neste exemplo, optar pela inclusão de vídeos, de softwares, de textos jornalísticos e tantos outros, ao lado da opção que apresentamos. Preferimos limitar o exemplo ao uso de material oriundo de livros paradidáticos disponíveis no mercado, o que não exclui a possibilidade de inserção de outras fontes de pesquisa e de referência.

A coleta de textos deve seguir alguns parâmetros, que se tornam fundamentais: é preciso, inicialmente, planejar a atividade, para que a busca dos textos adequados possa se compatibilizar com a proposta de trabalho que iremos desenvolver.

Nestas circunstâncias, imaginamos uma classe de Ensino Médio que possa ser dividida em grupos de, no máximo, 10 alunos, um número que, se não é ideal, pelo menos é compatível com o espaço físico disponível em uma classe, onde será necessário constituir os grupos e organizar o trabalho de cada um deles. Definimos, outrossim, que trabalharemos com 4 grupos e que os mesmos serão instados a desenvolver cinco atividades básicas: assim, é possível definir que precisaremos de 20 textos, alusivos ao tema agrupado 4 a 4 por assunto, conforme nossos objetivos propostos.

Os textos, por princípio, deverão ser curtos, uma vez que a escolha de textos muito longos não só torna o trabalho muito lento, mas também desinteressante; é preciso lembrar que, com raríssimas exceções, nossos alunos lêem pouco ou não têm o hábito de leitura devidamente desenvolvido. O nível de cada texto deverá ser compatível com o limite superior daquilo que pode ser alcançado pelos alunos na série e no grau de ensino em que se encontram. Isto significa que, não se deve descartar textos simples, em nível de Ensino Fundamental, por exemplo; porém, não serão adequados textos difíceis, acima do nível médio dos alunos. Claro está que um dicionário colocado à disposição dos alunos poderá ser útil, porem para o esclarecimento específico de termos, mas jamais para decodificar um texto de nível elevado. Há que se considerar que um grupo pode dar conta de dificuldades que normalmente não seriam transponíveis por um aluno isoladamente.

É fundamental a diversidade dos textos e, nesse sentido é que podem ser estimuladas introduções de textos jornalísticos ou até mesmo outros oriundos de entrevistas que os próprios alunos possam realizar, a partir de um planejamento. O importante, nessas situações, é cuidar para que o senso comum não acabe sendo a tônica de um trabalho como esse.

UM EXEMPLO PRÁTICO: GLOBALIZAÇÃO

Escolhido o tema, o professor selecionará textos que podem ser utilizados no desenvolvimento do trabalho. Há também a possibilidade de incluir no mesmo figuras, charges, opiniões gravadas ou registradas, etc., desde que, em determinadas atividades, todos os grupos trabalham com recursos semelhantes. Por conta da proposta de exemplicação, trabalharemos exclusivamente com textos oriundos de livros paradidáticos. Faremos referência às fontes citando o nome do livro; os dados sobre o mesmo aparecerão detalhadamente na bibliografia final.

Selecionamos cinco atividades, cujo desenvolvimento é previsto para três aulas completas, podendo ser ampliadas, caso desejamos explorar mais amplamente as discussões.

O primeiro momento deverá discutir um conceito básico inicial de globalização. No segundo, discutiremos as contradições existentes entre o processo e a ocorrência de regionalismos. O terceiro momento será dedicado à questão dos blocos de países, sendo que, ao longo destes dois momentos será avaliada a importância (ou não?) do Estado Nacional. A quarta atividade discutirá conseqüências do processo de globalização, enfatizando a questão do desemprego e da exclusão. Finalmente, a atividade de fecho será dedicada a uma análise e a uma reflexão do futuro da globalização.

Definimos os momentos, será importante definir as atividades, pois não se trata de uma simples leitura, mas de um trabalho que deve apresentar objetivos bem definidos e, portanto, criar condições para que todos os educandos dele possam participar ativamente, atingindo aquilo que é proposto. Mencionarmos o que se pretende em cada atividade e os mecanismos de desenvolvimento das mesmas ao tratar delas.

O alunos devem ser agrupados portanto para o trabalho, dentro do número de grupos e do número de integrantes que pudermos definir. Neste caso, há múltiplas formas que podem ser utilizadas para a formação dos grupos. Não nos ateremos a uma específica, pois, melhor que ninguém, o professor tem condições de, conhecendo seus alunos, definir os caminhos. O importante é que os grupos sejam constituídos de tal forma que permitam uma participação plena de todos os seus elementos; recomenda-se ainda que o grupo seja encaminhado de tal forma para que haja uma liderança natural com certo poder de aglutinação, pois isto em muito facilita o seu funcionamento.



No momento da constituição dos grupos, já devem estar definidos os textos que serão desenvolvidos, assim como o teor de cada atividade. O professor deverá propor cada uma dessas atividades, explicando ou até discutindo seus objetivos e explicando o seu mecanismo.

A **Primeira Atividade** proporá aos grupos a identificação conceitual de Globalização. Serão entregues aos grupos textos, com a proposta de leitura e discussão do seu conteúdo. Cada grupo deverá discutir a partir da pergunta: O QUE É GLOBALIZAÇÃO? Cada grupo construirá uma proposta de conceito, podendo enxertá-la com opiniões e exemplos oriundo da vivência de cada educando. Os textos propostos são os seguintes:

1- "Empresários e Diplomatas" – Livro: Globalização, Estado Nacional e Espaço Mundial";

2- "O que é Globalização?" – Livro "Globalização: O que é Isso, Afinal?";

3- "Globalização: Compreendendo Melhor". Livro: Globalização – A Nova Dinâmica";

4- "A Economia Global e os Blocos Regionais" – Livro: "Para Entender o Mercosul".

Após a leitura e a discussão, não será efetivamente realizado um painel. Os alunos serão organizados em um círculo e. a partir da pergunta formulada, serão construídos os elementos essenciais à idéia e aos princípios básicos do processo de globalização. Pode-se construir um texto acerca do assunto de forma coletiva. Pode-se também colocar questões destinadas a refletir sobre a inserção do Brasil neste processo.

A **Segunda Atividade** proporá aos grupos uma análise de textos relativos à organização/estruturação dos países em blocos regionais. Nesta atividade, estarão sendo propostos alguns trabalhos que buscarão entender a identificação dos caminhos do comércio internacionais e suas respectivas dimensões. Os textos encaminharão os grupos para avaliar as características dos principais mercados comuns da atualidade, as bases que regem a estruturação do comércio mundial em mercados e algumas características do mecanismo desses mercados. Paralelamente à leitura e à compreensão dos textos, que posteriormente serão apresentados em forma de painel, o professor poderá propor o mapeamento dos mercados, identificados no contexto de um mapa-mundi e/ou de mapas continentais, cuja exposição poderá subsidiar os painéis e a discussão posterior.

Os textos propostos são os que seguem:

1- "Comunidade Econômica Nasceu das Ruínas das Guerras" – Livro: "Visões de Mundo I";

2- "Teorias da Globalização – Blocos Econômicos" – Livro: Globalização: O que é Isso Afinal?";

3- "Mercosul" – Livro: "Mercosul – A Intimidade do Sonho";

4- "Os Blocos Econômicos". Livro: O Trabalho na Economia Global".

Para a confecção dos mapas, o professor poderá sugerir a utilização de atlas, por cada um dos alunos ou mesmo um ou dois por grupo, no caso da existência de poucos atlas. Papel vegetal tipo A-4 será utilizado para a reprodução dos mapas. Quanto ao Atlas, ainda que muitos sejam de boa qualidade, consideramos que, para este tipo de trabalho, o "Atlas Geográfico Escolar", de Maria Elena Simielli é mais adequado. Para os painéis pode ser produzido um mapa em papel vegetal a partir do mapa mural político.

O painel deverá ser direcionado para a interpretação das características de cada um dos mercados comuns, a partir dos conceitos básicos desenvolvidos na atividade anterior, o conceito de globalização. O professor poderá levar os alunos a identificar essas relações.

A **Terceira Atividade** proporá aos alunos a discussão de um paradoxo no processo de globalização: a questão dos regionalismos e o problema do Estado Nacional. Neste sentido, serão entregues textos que abordam as duas questões. Os textos serão distribuídos com a proposta de serem lidos e discutidos, para que se venha a responder duas questões básicas:

1- Os regionalismos, num mundo globalizado, são uma contradição ou contêm uma lógica?

2- O Estado Nacional vai deixar de existir? Já está se enfraquecendo?

São questões polêmicas, que suscitarão debates, com absoluta certeza. Por isso mesmo, o encaminhamento do tema será fundamental, podendo o professor, antes de iniciar a leitura dos textos e até mesmo antecedendo a sua distribuição, apresentar a questão, comentando sobre ela e, de preferência, utilizando algumas questões relativas a fatos que podem ser constatados pelos alunos em seu dia-a-dia: a existência de fronteiras na Internet, o movimento regionalista encetado nos Pampas, o encaminhamento do comércio internacional, com a abertura das fronteiras, etc.

Após esta discussão, inicial, o professor distribuirá os textos, que podemos indicar a partir da coleta que fizemos:

1- "The Economist: A Geografia Econômica do Regionalismo". Livro: Globalização: Estado Nacional e Espaço Mundial;

2- "Os Países Pobres do Sul". Livro: O Mundo Atual – da Guerra Fria à Nova Ordem Internacional;

3- "O Estado Deixa de Investir". Livro: O Trabalho na Economia Global;

4- "O Enfraquecimento do Estado Nação". Livro: Globalização: O que é Isso Afinal?

Na discussão, serão incentivadas as citações de situações vivenciadas pelos alunos ou suas famílias ou mesmo registros de leituras que mostrem a questão do papel representado modernamente pelo Estado Nacional; todo este material poderá ser coletado com orientação, de uma aula para a seguinte, ocasião em que os alunos poderão pesquisar em jornais, revistas, observações na TV ou principalmente com seus familiares. A propaganda, em muitos casos, oferece ricos exemplos desse novo papel do Estado Nacional.

A **Quarta atividade** destina-se a levantar algumas das conseqüências do processo de globalização no campo social, com ênfase na questão do desemprego. Por ser uma situação facilmente vivenciada pelos familiares dos alunos, uma conversa sobre o assunto poderá anteceder a análise dos textos a serem entregues para leitura e discussão.

Uma outra atividade que pode anteceder a leitura e a discussão dos textos poderá ser a proposta de encenação de situações fictícias mas comprometidas com a realidade. Nesta direção, apresentamos a seguir três histórias que elaboramos com esse objetivo. Neste caso, todos os grupos terão acesso às três histórias de vida (histórias de trabalho) e a classe buscará encenar as histórias, utilizando todos os alunos para montagem da representação e dos cenários. Outras, no entanto, podem construídas com o mesmo objetivo, baseadas em relatos de alunos:

HISTÓRICO DE TRABALHO:

ZÉ DO NORTE MUDA A SUA VIDA

José Severino de Oliveira tem um pequeno sítio nas margens de uma estrada municipal localizada na região Noroeste de São Paulo. Lá ele mora com a mulher e seus três filhos. Vive da terra. Tem uma pequena roça, onde planta mandioca, feijão e milho e possui uma pequena criação, da qual obtém o leite e ovos para o sustento de sua família.

José Severino veio do Norte de Minas Gerais, de uma pequena cidade chamada Joanésia, há cerca de 40 anos, ainda criança. Lá, seus pais possuíam uma fazenda de criação de gado e, como ele, cultivavam feijão, mandioca e milho. Mas, um longo período seco acabou mudando os rumos da família: seus pais perderam tudo e tiveram que se desfazer da fazenda, vindo tentar a vida em São Paulo, com o pouco dinheiro que conseguiram arrecadar naquela época. Não deu certo! A cidade grande era muito diferente e, com o tempo, foi preciso que os irmãos se separassem; a morte dos seus pais fez com que as coisas piorassem e o pouco dinheiro que lhes restava foi dividido entre seus cinco irmãos. José Severino, que havia se casado e já tivera o primeiro filho, homem, aconselhado por um amigo, comprou o pequeno sítio onde está atualmente e veio para o interior.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

No começo, a vida foi dura mas, com o auxilio da mulher, conseguiram comprar algumas cabeças de gado e usufruir da pequena casa que o sitio possuía. Ali onde se radicou, José Severino passou a ser conhecido como Zé do Norte, um caboclo com fala esquisita, que lembrava os nortistas, daí o seu apelido.

Com o tempo, vieram mais dois filhos: um menino e uma menina. A produção era pequena, mas suficiente para sustentar a família. Ele e a mulher vinham à cidade mais próxima nos finais de semana, onde vendiam seus produtos na feira, conseguindo o suficiente para o alimento complementar das crianças e do casal.

Hoje, entretanto, as coisas estão muito difíceis. A área transformou se numa importante produtora de cana-de-açúcar. As fazendas e sítios vizinhos já não mais produzem alimentos, que entravam nas trocas de produtos que sobravam ao Zé do Norte. Seus donos, são geralmente grandes industriais, donos de usinas, que nem mesmo moram na região; Zé do Norte nem os conhece.

Os filhos cresceram agora podem ajudar nos serviços do sitio, mas o Zé não tem mais como vender sua produção: a feira já não existe e a outra que há tem uma taxa muito cara, que não compensa; os amigos que davam carona à família, para levar os produtos até a cidade foram para longe; venderam suas propriedades, desanimados com as mesmas dificuldades que o Zé do Norte enfrenta; pagar transporte, nem pensar, pois fica muito caro e não se encontra ninguém disposto a fazer este pequeno serviço. Vez ou outra, aparece gente no sitio do Zé propondo compra do feijão e do leite, mas o preço que oferecem é tão baixo, que não da para cobrir as despesas. O Zé nem gostaria de pensar na venda de sua terra, mas vai ser o jeito: os donos da fazenda ao lado, que também são donos de uma usina de açúcar e álcool já fizeram uma oferta, pequena, por sinal, o Zé relutou muitas vezes mas agora, premido pela necessidade, esta disposto a fazer o negócio. Com o dinheiro, talvez não dê para comprar nem mesmo um terreno na cidade, mas, como os filhos já estão grandes, quem sabe, conseguirão um emprego e, juntando as rendas, vai ser possível sustentar o aluguel de uma casinha modesta; este vai ser o jeito!

UM DIA NA VIDA DE LUIZA

Luiza dos anjos é uma empregada doméstica numa cidade do interior paulista. Ela trabalha sem registro numa casa onde os patrões são médicos; ganha salário mínimo mas trabalha das sete da manhã às seis da tarde. É pouco, mas compensa, pois almoça, janta e toma o café da manhã no local de trabalho. Por isso, concordou em trabalhar também aos domingos até o meio dia. Ela faz faxina, mas também cozinha, lava e passa a roupa dos patrões e dos seus filhos, já crescidos, estudantes que são.

Luiza mora numa casinha de tábua, muito humilde, na periferia da cidade. Tem a companhia de outras duas moças que, como ela, também são empregadas domesticas. Por isso, Luiza não se sente sozinha.

Mas Luiza já teve uma vida muito melhor. Ela não quer nem pensar no que já passou mas, vez por outra, começa a maquinar na sua má sorte. Quando seus pais eram vivos, ela morava no Paraná, numa fazenda, na qual eles eram administradores. Tinha seis irmãos e todos tinham uma vida muito melhor. Acontece que o dono da fazenda vendeu a propriedade para um industrial de Curitiba e este foi aos poucos substituindo os empregados por maquinas modernas. Colocou, no lugar dos seus pais, um capataz de sua confiança e, como eles não eram registrados, mandou-os embora sem direito a qualquer indenização. Os irmãos homens - quatro vieram para São Paulo tentar a vida. Durante algum tempo, Luiza correspondeu-se com eles mas, o tempo passou e, seus pais tivessem que mudar de fazenda em fazenda, trabalhando como volantes na colheita do café, o contato com seus irmãos deixou de existir. Sua irmã casou-se e foi para Curitiba. Ela sabe que o casal mora lá, mas não tem nem idéia de onde.

Seus pais vieram para o interior de São Paulo, onde havia mais trabalho. A mãe durou pouco tempo. Para sustentar o pai, ela buscou a sorte na cidade, empregando-se como doméstica, enquanto o velho trabalhava como volante. A casinha onde morava era cedida de favor, por um sitiante para o qual o pai trabalhava de graça. Mas quando o pai não teve mais condições físicas de prestar serviços, a casa lhes foi negada. De cidade em cidade, cada um procurava a melhor maneira de sobreviver, até que Luiza, que houvera conhecido as duas moças que hoje mora com ela e dividem o aluguel desta casinha de madeira e foi, através das mesmas, que conseguiu o emprego na casa do médico. Esta ótimo, diz ela, mas nem da para pensar nos bons tempos da família toda reunida. Hoje é muito diferente, mas é o que tenho e, por isso, me conformo. Não da para juntar dinheiro, mas tenho o que comer. Por isso, me sinto feliz, conclui. Luiza não sabe e nem pensa no seu futuro. Afinal, ela não tem mais motivos para pensar nele, pois nem mesmo família tem. O destino assim quis, mas ela não se lamenta, pois, como ela própria diz, tem um teto para se abrigar e a amizade de gente que, como ela tem histórias semelhantes para contar!

ESTRANHO EM DOIS MUNDOS [1]

Quinzinho era filho do seu Joaquim, um sitiante do Vale do Jequitinhonha - Norte de Minas Gerais - que vivera, em sua juventude, os bons tempos daquela região, onde a pequena comunidade que a família integrava tinha sua terra e produzia o suficiente para o sustento da família , numa economia baseada na troca e na venda do pequeno excedente e na solidariedade. As propriedades eram delimitadas pelo respeito e pela tradição e a cerca não era conhecida senão como forma de manter os animais confinados .

Mas a região sofrera a invasão de grandes plantações de eucaliptos, trazidos por grandes empresas interessadas na produção de lenha para as usinas siderúrgicas do chamado "Vale do Aço". Os mananciais secaram e as terras perderam o valor. Seu Joaquim já não mais trabalhava e Quinzinho, único filho homem, casara-se e tinha sobre sua responsabilidade, o sustento do velho, da mulher e de seus três filhos menores. Premido pela necessidade - a fome já era uma coisa que fora experimentada algumas vezes pelos seus - vendeu a terra por um preço irrisório e, a exemplo de outros tantos companheiros, veio para o interior de São Paulo, tentar submeter-se ao trabalho temporário de colheita da cana, na região de Ribeirão Preto. A família, por enquanto, ficaria, pois ele pretendia voltar todo ano, isto até que conseguisse dinheiro para levar todos embora e comprar uma pequena terra em outro lugar.

Quinzinho empregou-se numa usina famosa: passou a morar num acampamento coletivo, onde as condições de higiene eram péssimas e sua vida era regulada pelos patrões. Mas era um sacrifício necessário, pois, ao final da temporada, daria para voltar com um pouquinho de dinheiro e, quem sabe, tirar a família da miséria em que viviam.

A vida de Quinzinho tornou-se uma rotina. Todos os anos, repetia-se o ritual: oito meses fora de casa, lutando para sobreviver, sacrificando a sua própria alimentação para poder guardar um pouquinho que garantisse a sobrevivência dos que havia deixado em sua terra. Tentar outro emprego por aqui, nem pensar: os "mineiros" como era conhecida aquela gente, espezinhados e mal vistos - gente estranha, pobre e assustadora; os habitantes da grande cidade o encaravam temerosos de que se tratasse de um vagabundo, um ladrão: e isso jamais houvera passado por sua cabeça!

As coisas pareciam melhorar somente quando do retorno para os seus. Lá na sua terra, havia gente que o conhecia e que o esperava ansiosamente. Mas isto, foi só por algum tempo: não



No começo, a vida foi dura mas, com o auxilio da mulher, conseguiram comprar algumas cabeças de gado e usufruir da pequena casa que o sitio possuía. Ali onde se radicou, José Severino passou a ser conhecido como Zé do Norte, um caboclo com fala esquisita, que lembrava os nortistas, daí o seu apelido.

Com o tempo, vieram mais dois filhos: um menino e uma menina. A produção era pequena, mas suficiente para sustentar a família. Ele e a mulher vinham à cidade mais próxima nos finais de semana, onde vendiam seus produtos na feira, conseguindo o suficiente para o alimento complementar das crianças e do casal.

Hoje, entretanto, as coisas estão muito difíceis. A área transformou se numa importante produtora de cana-de-açúcar. As fazendas e sítios vizinhos já não mais produzem alimentos, que entravam nas trocas de produtos que sobravam ao Zé do Norte. Seus donos, são geralmente grandes industriais, donos de usinas, que nem mesmo moram na região; Zé do Norte nem os conhece.

Os filhos cresceram agora podem ajudar nos serviços do sitio, mas o Zé não tem mais como vender sua produção: a feira já não existe e a outra que há tem uma taxa muito cara, que não compensa; os amigos que davam carona à família, para levar os produtos até a cidade foram para longe; venderam suas propriedades, desanimados com as mesmas dificuldades que o Zé do Norte enfrenta; pagar transporte, nem pensar, pois fica muito caro e não se encontra ninguém disposto a fazer este pequeno serviço. Vez ou outra, aparece gente no sitio do Zé propondo compra do feijão e do leite, mas o preço que oferecem é tão baixo, que não da para cobrir as despesas. O Zé nem gostaria de pensar na venda de sua terra, mas vai ser o jeito: os donos da fazenda ao lado, que também são donos de uma usina de açúcar e álcool já fizeram uma oferta, pequena, por sinal, o Zé relutou muitas vezes mas agora, premido pela necessidade, esta disposto a fazer o negócio. Com o dinheiro, talvez não dê para comprar nem mesmo um terreno na cidade, mas, como os filhos já estão grandes, quem sabe, conseguirão um emprego e, juntando as rendas, vai ser possível sustentar o aluguel de uma casinha modesta; este vai ser o jeito!

UM DIA NA VIDA DE LUIZA

Luiza dos anjos é uma empregada doméstica numa cidade do interior paulista. Ela trabalha sem registro numa casa onde os patrões são médicos; ganha salário mínimo mas trabalha das sete da manhã às seis da tarde. É pouco, mas compensa, pois almoça, janta e toma o café da manhã no local de trabalho. Por isso, concordou em trabalhar também aos domingos até o meio dia. Ela faz faxina, mas também cozinha, lava e passa a roupa dos patrões e dos seus filhos, já crescidos, estudantes que são.

Luiza mora numa casinha de tábua, muito humilde, na periferia da cidade. Tem a companhia de outras duas moças que, como ela, também são empregadas domesticas. Por isso, Luiza não se sente sozinha.

Mas Luiza já teve uma vida muito melhor. Ela não quer nem pensar no que já passou mas, vez por outra, começa a maquinar na sua má sorte. Quando seus pais eram vivos, ela morava no Paraná, numa fazenda, na qual eles eram administradores. Tinha seis irmãos e todos tinham uma vida muito melhor. Acontece que o dono da fazenda vendeu a propriedade para um industrial de Curitiba e este foi aos poucos substituindo os empregados por maquinas modernas. Colocou, no lugar dos seus pais, um capataz de sua confiança e, como eles não eram registrados, mandou-os embora sem direito a qualquer indenização. Os irmãos homens - quatro vieram para São Paulo tentar a vida. Durante algum tempo, Luiza correspondeu-se com eles mas, o tempo passou e, seus pais tivessem que mudar de fazenda em fazenda, trabalhando como volantes na colheita do café, o contato com seus irmãos deixou de existir. Sua irmã casou-se e foi para Curitiba. Ela sabe que o casal mora lá, mas não tem nem idéia de onde.

Seus pais vieram para o interior de São Paulo, onde havia mais trabalho. A mãe durou pouco tempo. Para sustentar o pai, ela buscou a sorte na cidade, empregando-se como doméstica, enquanto o velho trabalhava como volante. A casinha onde morava era cedida de favor, por um sitiante para o qual o pai trabalhava de graça. Mas quando o pai não teve mais condições físicas de prestar serviços, a casa lhes foi negada. De cidade em cidade, cada um procurava a melhor maneira de sobreviver, até que Luiza, que houvera conhecido as duas moças que hoje mora com ela e dividem o aluguel desta casinha de madeira e foi, através das mesmas, que conseguiu o emprego na casa do médico. Esta ótimo, diz ela, mas nem da para pensar nos bons tempos da família toda reunida. Hoje é muito diferente, mas é o que tenho e, por isso, me conformo. Não da para juntar dinheiro, mas tenho o que comer. Por isso, me sinto feliz, conclui. Luiza não sabe e nem pensa no seu futuro. Afinal, ela não tem mais motivos para pensar nele, pois nem mesmo família tem. O destino assim quis, mas ela não se lamenta, pois, como ela própria diz, tem um teto para se abrigar e a amizade de gente que, como ela tem histórias semelhantes para contar!

ESTRANHO EM DOIS MUNDOS [1]

Quinzinho era filho do seu Joaquim, um sitiante do Vale do Jequitinhonha - Norte de Minas Gerais - que vivera, em sua juventude, os bons tempos daquela região, onde a pequena comunidade que a família integrava tinha sua terra e produzia o suficiente para o sustento da família , numa economia baseada na troca e na venda do pequeno excedente e na solidariedade. As propriedades eram delimitadas pelo respeito e pela tradição e a cerca não era conhecida senão como forma de manter os animais confinados .

Mas a região sofrera a invasão de grandes plantações de eucaliptos, trazidos por grandes empresas interessadas na produção de lenha para as usinas siderúrgicas do chamado "Vale do Aço". Os mananciais secaram e as terras perderam o valor. Seu Joaquim já não mais trabalhava e Quinzinho, único filho homem, casara-se e tinha sobre sua responsabilidade, o sustento do velho, da mulher e de seus três filhos menores. Premido pela necessidade - a fome já era uma coisa que fora experimentada algumas vezes pelos seus - vendeu a terra por um preço irrisório e, a exemplo de outros tantos companheiros, veio para o interior de São Paulo, tentar submeter-se ao trabalho temporário de colheita da cana, na região de Ribeirão Preto. A família, por enquanto, ficaria, pois ele pretendia voltar todo ano, isto até que conseguisse dinheiro para levar todos embora e comprar uma pequena terra em outro lugar.

Quinzinho empregou-se numa usina famosa: passou a morar num acampamento coletivo, onde as condições de higiene eram péssimas e sua vida era regulada pelos patrões. Mas era um sacrifício necessário, pois, ao final da temporada, daria para voltar com um pouquinho de dinheiro e, quem sabe, tirar a família da miséria em que viviam.

A vida de Quinzinho tornou-se uma rotina. Todos os anos, repetia-se o ritual: oito meses fora de casa, lutando para sobreviver, sacrificando a sua própria alimentação para poder guardar um pouquinho que garantisse a sobrevivência dos que havia deixado em sua terra. Tentar outro emprego por aqui, nem pensar: os "mineiros" como era conhecida aquela gente, espezinhados e mal vistos - gente estranha, pobre e assustadora; os habitantes da grande cidade o encaravam temerosos de que se tratasse de um vagabundo, um ladrão: e isso jamais houvera passado por sua cabeça!

As coisas pareciam melhorar somente quando do retorno para os seus. Lá na sua terra, havia gente que o conhecia e que o esperava ansiosamente. Mas isto, foi só por algum tempo: não



conseguindo realizar seus sonhos de levar a família junto ou mesmo de melhorar a condição dos que haviam ficado, Quinzinho também começou a enfrentar resistência dos seus. Em vão, tentava explicar- lhes que o salário irrisório que recebia ia, aos poucos, sendo corroído pelas exorbitantes taxas que lhe eram cobradas pelo uso do acampamento, pela água que consumia, pelo alimento que consumia , mesmo que insuficiente para o trabalho duro que desenvolve de sol- a- sol.

A mulher, os filhos, o pai velhinho desconhecem a realidade dos fatos e lhe cobram a promessa. Ele agora também se sente um estranho em sua terra!

A encenação dessas histórias pode levar a um rico processo de discussão inicial sobre o problema que, neste momento, não está posto como decorrente da globalização, embora tenha ligação direta com a lógica de exploração do capital. Os textos que serão entregues a seguir para leitura e discussão e, com certeza, servirão de elo entre o que foi debatido anteriormente e o processo de globalização. Por isso mesmo, a pergunta que deverá estimular os debates e ser, ao final, objetivo do painel dos grupos é:

"Podemos atribuir à globalização as causas do desemprego"?

Os textos a serem distribuídos são os que se seguem:

1- "Mais Produtividade com Menos Emprego". Livro: "O Mercosul e a Sociedade Global";

2- "O Desemprego Globalizado". Livro: Global e Local no Mundo Contemporâneo. Integração e Conflito em Escala Global";

3- "Globalização e Pobreza: sinônimo"; "Pobres Estatísticas" e "Para Onde Caminha a Humanidade". Livro: Globalização: A Nova Dinâmica Mundial";

4- "O Refluxo da Consciência Política". Livro: "O Trabalho na Economia Global".

Após o debate e a realização do painel, será possível abrir para novas discussões, já em caráter conclusivo, podendo ser elaborado texto de construção coletiva para este debate final.

A quarta atividade, última desta proposição, será baseada na busca da idéia de "Futuro do Mundo Globalizado". Para esta atividade, o professor poderá questionar os caminhos da globalização e estimular a reflexão sobre o futuro desta. Depois dessa breve reflexão, que pode conter algumas intervenções por parte dos alunos, serão entregues os textos que viabilizarão o fecho do tema. Os textos são os que se seguem:

1- "Deslocamento das Fronteiras". Livro: "Globalização a Olho Nu – O Mundo Conectado";

2- "Rumos da Globalização". Livro: "Globalização a Olho Nu – O Mundo Conectado";

3- "Internet: A Guerra dos Idiomas". Livro: "Visões do Mundo I";

4- "O Crime Pegou Carona na Infovia". Livro: "Globalização a Olho Nu – O Mundo Conectado".

Os textos deverão ser discutidos nos grupos e depois levados a painel, com a proposta de se responder a questão:

Qual o futuro do mundo globalizado? Seremos incluídos ou excluídos nele?

O professor poderá, finalmente, elaborar com os alunos um texto conclusivo a partir da citada questão. Poderá também propor aos alunos que demonstrarem aptidão para representações artísticas, desenhar uma representação que expresse a situação nossa diante dos caminhos do mundo globalizado.

Claro que estas são apenas sugestões de atividades, bem como os textos e material indicado é também uma sugestão. O professor poderá optar por outros caminhos. Deve ficar também entendido que não se trata de atividade para uma aula apenas, podendo este conjunto de propostas estender-se por muito maior número de aulas, dependendo das atividades que o professor proponha. Trata-se de um tema amplo que, por isso mesmo, ao ser trabalhado, substituindo aulas eminentemente expositivas e com conceitos prontos, corresponderá a uma ampla unidade de estudo, justificando-se assim a ocupação de várias aulas com o assunto.

Em todos os casos, é preciso ficar claro que se deve ter em mente duas questões essenciais: 1- a busca de uma postura crítica frente à questão, inclusive por parte dos alunos; 2- priorização da condição de construção de um conceito, ao longo de todo o processo, evitando-se ao máximo que prevaleçam as opiniões do professor e que estas influenciem as discussões dos alunos.

NOTAS:

[1]História baseada em dados revelados pela professora Maria Aparecida Morais - UNESP - Araraquara através do vídeo Andorinhas- nem lá nem cá ".

*ATP de Geografia D.E. Botucatu

BIBLIOGRAFIA

BRIGAGÃO, Clóvis e RODRIGUES, Gilberto. **Globalização a Olho Nu – O Mundo Conectado**. São Paulo, Série Polêmica, Moderna, 1998.

CARMO, Paulo Sérgio do. **O Trabalho na Economia Global**. São Paulo, Série Polêmica, Moderna, 1998.

DUARTE, Fábio. **Global e Local no Mundo Contemporâneo – Integração e Conflito em Escala Global**. São Paulo, Série Paradoxo, Moderna, 1998.

MAGNOLI, Demétrio. **Visões de Mundo I**. São Paulo, Série Polêmica, Moderna, 1998.

MARTINEZ, Paulo. Mercosul – **A Intimidade do Sonho**. São Paulo, FTD, 1998.

PENNAFORTE, Charles. **Globalização – A Nova Dinâmica Mundial**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1998.

PRAXEDES, Walter e PILETTI, Nelson. **O Mercosul e a Sociedade Global**. São Paulo, Série História em Movimento, Ática, 1994.

STRAZZACAPA, Cristina e MONTANARI, Valdir. **Globalização: O que é Isso Afinal?** São Paulo, Série Desafios, Moderna, 1998.

VICENTINO, Cláudio e SCALSARETTO, Reinaldo. **O Mundo Atual – Da Guerra Fria à Nova Ordem Internacional**. São Paulo, Série Cenário Mundial, Scipione, 1992.

PUBLICAÇÕES SIMPÓSIO MILTON SANTOS

Caros participantes do **SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR INTERNACIONAL: "O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO".**

Conforme já anunciamos anteriormente, o **ANAIS** com as **COMUNICAÇÕES COORDENADAS** apresentadas durante o evento, realizado no período de 24 a 27 de julho de 1997, está sendo confeccionado e até fevereiro de 2000, estaremos enviando o seu exemplar.

Comunicamos também que estaremos publicando numa edição especial da revista **"Ciência Geográfica"**, a contribuição científica (conferências e mesas redondas) do Simpósio.

DISK AGB/BAURU: (14) 227-4600
AGORA COM LINHA EXCLUSIVA PARA MELHOR ATENDÊ-LO

NAVEGUE PELA INTERNET E CONHEÇA A AGB/BAURU VISITE NOSSA HOME-PAGE:

http://www.agbbauru.org.br

Estamos no ar para lhe servir!

E-mail:**agb@agbbauru.org.br**

JOSUÉ DE CASTRO: UM LUTADOR CONTRA A FOME

Bernardo Mançano Fernandes*

"Tecnicamente o mundo não morrerá de fome. A fome é um problema político"
Josué de Castro

Josué de Castro, nascido no Recife, em 1908, foi um grande cientista brasileiro e político com destacada atuação nacional e internacional, dedicado à causa pública, ao aprimoramento das idéias e à compreensão da realidade brasileira. Era filho de agricultor, que deixou o sertão durante a seca de 1877, e viveu sua adolescência em um dos bairros mais pobres do Recife. Quando jovem presenciou, sobre as ilhas de lama e lodo, a formação do grupo dos mocambos, onde a miséria e a subnutrição apareciam nos ventres inchados das crianças e nos rostos descarnados dos adultos.

COMPREENDER A VIDA

Essa realidade marcou a vida de Josué de Castro, que a dedicou à compreensão dos problemas da fome e na luta contra a fome. Formou-se em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro em 1929 e se destacou como médico e professor da Faculdade de Medicina do Recife, bem como ensinou Geografia na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Trabalhava com a população pobre e marginalizada que habitava as palafitas construídas nos leitos dos rios Capibaribe e Beberibe. A preocupação com a situação dessa população expulsa do campo, atinou o jovem médico e geógrafo à compreender as desigualdades sociais. Estudou as condições de vida da classe trabalhadora no Recife e constatou que um terço vivia em mocambos e se alimentava principalmente de crustáceos capturados no próprio rio e na maré sobre a qual vivia. Nasce desse estudo a idéia que levaria à publicação do livro O Ciclo do Caranguejo, uma vez que os habitantes defecavam no rio, fornecendo alimento para os caranguejos que eram capturados para servir de alimento para essa mesma população. A análise deste ciclo pôde levar a conclusões sérias sobre as relações entre o homem e o seu espaço vivido, uma vez que a população desempregada passava a maior parte de seu tempo, mergulhada na lama, procurando caranguejos para se alimentar. Para compreender essa vida, Josué realizou estudos médicos e geográficos, que marcaram essa realidade e nos levaram ao entendimento desse espaço.

Ainda nos anos 30 e 40, Josué de Castro realizou pesquisas e ensinou na faculdade, enquanto exercia sua militância política. No debate dos problemas nacionais, sempre defendeu que o Brasil não poderia encontrar novos caminhos se não se criassem perspectivas aos trabalhadores e uma maior participação desses na distribuição de renda do país. Foi deputado federal pernambucano de 1955 a 1962. Nesse tempo, também publicou vários livros, que levaram suas idéias ao cenário internacional. Foi Presidente do Conselho da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), do Comitê Mundial para uma Constituição dos Povos e da Associação Parlamentar Mundial. Contudo Sua carreira foi interrompida em 1964, quando o governo militar cassou os seus direitos políticos e o demitiu do cardo de embaixador junto às organizações da ONU. Evidente que um governo extremamente comprometido com os interesses dos grandes grupos econômicos internacionais, não poderia conviver com um político respeitável, que se preocupava com uma maior participação popular e com a fome.

ATUALIDADE DA OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO

O problema da fome e a questão da reforma agrária que foram estudados profundamente por Josué de Castro mantém-se atuais, bem como o seu pensamento. A mundialização da economia, a perca da soberania do Estado com o avanço do neoliberalismo possuem conseqüências diretas, afetando e agudizando o problema da exclusão social, do desemprego e da fome. As idéias de Josué vem de encontro com a luta e a resistência contra um processo perverso de modernização, que gera cada vez mais a miséria do povo.

Seus estudos médicos e geográficos contribuíram para o entendimento do problema agrário, da distribuição da terra tão necessária para a superação do problema da fome. Isso explica o seu apoio às reformas de base do Governo João Goulart, entre as quais a mais importante era a reforma agrária. Também contribuiu para uma análise geopolítica, para compreender a fome, do imperialismo e da dominação do Terceiro Mundo ao Primeiro Mundo.

Josué de Castro foi um lutador. Nunca abandonou seus princípios de determinaram seu pensamento em favor da participação popular, da diminuição das desigualdades, bem como pela busca de soluções para os problemas cruciais deste País e do mundo. Por essa, entre outras razões, foi um cidadão do mundo.

Todavia, no Brasil, Josué foi esquecido pelos cientistas brasileiros, principalmente pelos geógrafos, que hoje estão recuperando sua obra. E a razão é que seu trabalho sempre esteve voltado para a compreensão e para a transformação da sociedade brasileira. Neste sentido, nada mais apropriado que a homenagem feita pelo MST a Josué de Castro, ao batizar a sua Escola de Ensino Supletivo, no município de Veranópolis - RS. O objetivo da escola vem de encontro com o pensamento desse cientista, ao inaugurar o primeiro curso de administração em cooperativismo para assentados, gerando conhecimento e viabilizando o desenvolvimento das cooperativas de reforma agrária. Não há como evitar o futuro, também não se pode esperá-lo, é preciso, portanto, construí-lo, já dizia Josué de Castro.

BIOGRAFIA

- 1929 - Formado em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro.
- 1933 - Professor de Geografia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife.
- 1939 - Convidado especial do Governo Italiano para realizar palestras na Universidade de Roma.
- 1940 - Ingressa como professor de Geografia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 1942 a 1947 - Convidado especial de governos de vários países para estudar problemas de alimentação e nutrição: Argentina, Estados Unidos, México, França e República Dominicana.
- 1947 - Delegado do Brasil na Conferência de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas.
- 1950 - Presidente do Conselho da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação).
- 1956-1962 - Deputado Federal - PTB, pelo Estado de Pernambuco.
- 1962 - 64 - Embaixador do Brasil na ONU, em Genebra.
- 1970 - Presidente da Associação Médica Internacional para o Estudo e Condições de Vida e Saúde.
- 1968-1973 - Professor da Universidade de Paris.

BIBLIOGRAFIA

O problema Fisiológico da Alimentação no Brasil - 1932
O Problema da Alimentação no Brasil - 1933
Condições de Vida das Classes Operárias do Recife - 1935
Alimentação e Raça - 1935
Documentário do Nordeste - 1935
A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana - 1937
Fisiologia dos Tabus - 1939
Geografia Humana - 1939
Geografia da Fome - 1939
Geopolítica da Fome - 1951
O Livro Negro da Fome - 1957
Ensaios de Geografia Humana - 1957
Sete Palmos de Terra e um Caixão - 1965
Ciclo do Caranguejo - 1966
A Estratégia do Desenvolvimento - 1971
Fome: um tema proibido - 1983.

NOTAS:

*Geógrafo, professor e pesquisador da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP.
Membro do Setor de Educação do MST.

ENCONTRO REGIONAL:

IMPASSES DA GLOBALIZAÇÃO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI: AÇÕES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E CAMINHOS PARA A GEOGRAFIA

Período: 21 e 22 de outubro de 1999

PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO:

- Diretoria Executiva Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru (**AGB/Bauru**)
- Reitoria e Departamento de Geografia do Centro Universitário de Votuporanga (**CEUV**)

Local: **VOTUPORANGA CLUBE** - Centro - Votuporanga - SP

PROGRAMAÇÃO:

• DIA 21/10/99

- Das 08:00 às 12:30 - credenciamento
- 13:00 horas - Solenidade de abertura
- Das 13:30 às 15:30 horas – Conferência de Abertura:
UMA GLOBALIZAÇÃO DESNECESSÁRIA, UM TERRITÓRIO INSTÁVEL
Profª. Drª. **Maria Laura Silveira** – Departamento de Geografia - USP
Mediador: Prof. **Ademar Martins da Costa** - Centro Universitário de Votuporanga

- Das 16:00 às 17:30 horas - Mesa Redonda:
CIDADANIA, PROBLEMAS URBANOS E QUESTÃO AMBIENTAL
Prof. Dr. **José Xaides de Sampaio Alves** – Departamento de Arquitetura da UNESP/Bauru
Prof. Ms. **José Aparecido dos Santos** – Diretoria AGB/Bauru
Mediador: Prof. **Wilson Nogueira de Azevedo** - Centro Universitário de Votuporanga

- Das 19:30 às 22:30 horas – Diálogo Reflexivo:
IMPASSES DA GLOBALIZAÇÃO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI: AÇÕES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA
Prof. Dr. **Maximiliano Martin Vicente** – Depto. de Ciências Humanas da UNESP/Bauru
Prof. Ms. **Álvaro José de Souza** – AGB/Bauru - ATP de Geografia da D.E. de Botucatu
Profª. Drª. **Maria Laura Silveira** – Departamento de Geografia - USP
Mediadora: Profª. **Encarnação Manzano** - Centro Universitário de Votuporanga

• Dia 22/10/99

- Das 08:30 às 10:00 horas – Oficina de Material Didático Alternativo:
O ENSINO E AS NOVAS TECNOLOGIAS NO LIMIAR DO SÉCULO XXI: SOFTWARES PEDAGÓGICOS DO PROJETO INCOM - CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA "PAULA SOUZA" (CEETEPS)
Prof. **Oswaldo Camillo Giorgi** – CEETEPS - Escola Técnica Federal/SP - PUC/SP
Prof. **Lourenço Magnoni Júnior** – CEETEPS - Diretoria AGB/Bauru
- Das 10:15 às 12:30 horas - Mesa Redonda:
A GEOGRAFIA E OS CAMINHOS PARA O TURISMO NO BRASIL
Prof. **Carlos Alberto Póvoa** – Depto. de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia
Profª. **Sonia Morandi** – PRD de Geografia do CEETEPS – Diretoria AGB/Bauru
Prof. **Clézio Santos** – AGB/São Paulo - UNIMAUÁ de Ribeirão Preto – SP
Mediador: Prof. **Fernando Kleber R. Antunes** - Centro Universitário de Votuporanga

- Das 12:30 às 14:00 horas - **Almoço**

- Das 14:00 às 16:00 horas – Diálogo Reflexivo
A COMUNICAÇÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO: O CONFLITO ENTRE O LOCAL E O GLOBAL
Jornalista **Antônio Francisco Magnoni** – Depto. de Comunicação Social da UNESP/Bauru - Diretoria AGB/Bauru
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** – Diretor da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru - Diretoria AGB/Bauru
Prof. Dr. **Maximiliano Martin Vicente** – Depto. de Ciências Humanas da UNESP/Bauru
Prof. Dr. **Ruy Moreira** – Departamento de Geociências da Universidade Federal Fluminense
Mediadora: Profª. **Evanir Regina Moro Peichoto** - Centro Universitário de Votuporanga

- Das 16:15 às 18:00 horas – Mesa Redonda:
ENSINO: MEIO E FIM – O MATERIAL DIDÁTICO EM DISCUSSÃO
Prof. **Antonio Aparecido de Souza** - UNIMAUÁ - Ribeirão Preto – SP
Prof. **Elian Alabi Lucci** – Diretoria AGB/Bauru - Editora Saraiva
Prof. **Joel Benjamin** – Diretoria AGB/Bauru
Prof. Ms. **Álvaro José de Souza** – AGB/Bauru - ATP de Geografia da D.E. de Botucatu
Mediadora: Profª. **Vera Maria Salgado Xavier** - Centro Universitário de Votuporanga

- Das 19:30 às 21:30 horas – Conferência:
GLOBALIZAÇÃO, TECNOLOGIA, ESPAÇO GEOGRÁFICO E SOCIEDADE NO LIMIAR DO SÉCULO XXI
Prof. Dr. **Ruy Moreira** – Departamento de Geociências - Universidade Federal Fluminense
Mediadores: Prof. **Ademar Martins da Costa** - Centro Universitário de Votuporanga
Prof. **Wilson Nogueira de Azevedo** - Centro Universitário de Votuporanga

INFORMAÇÕES:
Fone/Fax: (17) **422-2800** (Falar com Secretaria do CEUV)

E-mail: **fev@votuporanga.com.br** ou **agb@agbbauru.org.br**

INSCRIÇÕES: Poderão ser feitas antecipadamente ou no local do evento

TAXA DE INSCRIÇÃO:
- Sócios AGB, professores e alunos do Centro Universitário de Votuporanga **R$ 6,00**
- Demais interessados **R$ 10,00**

OBS.: Inscrições antecipadas: Enviar, juntamente com o valor correspondente, a opção de inscrição para o **CEUV** ou **AGB/Bauru**

ALOJAMENTO:
Número de vagas: **200**
Taxa: **R$ 3,00** dia com café da manhã.
OBS.: Não precisa trazer colchonete; trazer somente **roupa de cama e banho**

HOTÉIS: Entrar em contato no fone: (0xx17) **422-2800** ou E-mail: **fev@votuporanga.com.br**

Horários de Ônibus:
Votuporanga - São Paulo: **08:20, 13:30, 16:20, 22:00, 23:15 e 23:20**
Preço: Convencional: **R$ 44.52 - Leito: R$ 63,50**

Votuporanga - Campinas: **23:45**
Votuporanga - Cuiabá : **17:30**

As inscrições para o **ENCONTRO** e **ALOJAMENTO** deverão ser enviadas para os seguintes endereços:

AGB/Bauru: Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta
Bauru - SP - CEP 17051-000 ou via depósito bancário: Banespa – **0505 – 13 – 001142-6** ou

Centro Universitário de Votuporanga (CEUV):
Rua Pernambuco, 1594 – Votuporanga – SP – CEP 15500-030 ou via depósito bancário: Bradesco – **25-6** – Cc. **57030-3**

FICHA DE INSCRIÇÃO ENCONTRO REGIONAL DE VOTUPORANGA

Nome Completo: _____
Endereço: _____ Fone: ( )____-____
Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____
( ) Sócio AGB (apresentar comprovante) ( ) Professor ou Aluno Centro Univ. de Votuporanga (apresentar comprovante)
( ) Demais interessados Vai reservar alojamento? ( ) Sim ( ) Não
E-mail: _____ Data: ____ de _____ de 19

_____
Assinatura

Inscrições antecipadas: Enviar, juntamente com o valor correspondente, a opção de inscrição para o **CEUV** ou **AGB/Bauru**

Agenda - AGB/BAURU - 1999

I ENCONTRO ESTADUAL EDUCAÇÃO, ENSINO E TRABALHO

A AUTONOMIA DA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DO PROJETO-POLÍTICO PEDAGÓGICO

Período: **5** e **6** de novembro de 1999

LOCAL:
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA FFLCH-USP
Edifício de Geografia e História
Realização:
- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - Departamento de Geografia
- Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS)
- Associação dos Geógrafos do Brasileiros Seção Local São Paulo - Comissão de Ensino (AGB/São Paulo)
- Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos do Brasileiros Seção Local Bauru (AGB/ Bauru)
- Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP

1. Apresentação:

A nova LDB (Lei 9.394/96), fundamentada no princípio da flexibilidade e da autonomia, ratifica a incumbência das escolas elaborarem e executarem suas propostas pedagógicas e aos professores de participarem de sua elaboração. A proposta da Associação dos Geógrafos Brasileiros, seção São Paulo, é iniciar uma discussão de temas emergentes no Ensino Médio através de vários encontros. Neste, dar-se-á ênfase à Geografia do Turismo e do Lazer. Objetivos Gerais :
a) propiciar uma discussão dos aspectos progressistas da nova LDB, tais como a autonomia da escola, a parte diversificada do currículo (25%) e a construção do projeto político- pedagógico;
b) fomentar um debate sobre a importância da construção de projetos pedagógicos como recurso fundamental para a melhoria da qualidade da escola pública e instrumento de organização do trabalho docente;
c) divulgar projetos educativos inovadores em curso nas escolas, através de espaços de diálogos;
d) promover uma análise da **GEOGRAFIA DO TURISMO E DO LAZER** como recurso temático para a discussão do projeto político-pedagógico.

PROGRAMAÇÃO

• **DIA 05/11/99**
- 16:00 horas
Solenidade de Abertura
Mesa Redonda:
"A AUTONOMIA DA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DE PROJETO POLÍTICO- PEDAGÓGICO"
Profª. Drª. **Nídia Nacib Pontuschka** - Faculdade de Educação - USP
Prof. Dr. **José Misael Ferreira do Vale** – Diretor FC - UNESP/ Bauru – Diretoria AGB/Bauru
Prof. Dr. **José Cerchi Fusari** - Faculdade de Educação - USP
Coordenação: Profª. **Núria Hanglei Cacete** – Diretoria AGB/São Paulo

- 20:00 horas
Mesa Redonda:
"O TURISMO COMO RECURSO TEMÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO"
Profª. Drª. **Adyr Balastreri Rodrigues** – DG/USP
Profª. Drª. **Regina Araújo de Almeida** - DG/USP
Coordenação: Profª. **Sonia Morandi** – CEETEPS – Diretoria AGB/Bauru

• **Dia 06/11/99**
- 09:00 horas
Espaço de Diálogo
Apresentação oral de trabalhos com ênfase nas seguintes temáticas: Projetos educativos, Experiências pedagógicas, Estudo do Meio, Turismo, Lazer, Questão Ambiental. Os trabalhos serão agrupados segundo o eixo temático.

- 13:30 horas
Plenária/resumo, com apresentação de encaminhamentos e propostas oriundos dos EDs.
- 17:00 horas
Conferência de Encerramento:
"EDUCAÇÃO , ENSINO E TRABALHO"
Prof. Dr. **Ruy Moreira** – Departamento de Geociências - Universidade Federal Fluminense

Pré-evento:
MINI CURSO: *Cartografia Aplicada ao Turismo*
HORÁRIO: 09:00 às 12:00 horas - 20 vagas
Coordenação: Prof. **Clézio Santos** – AGB/ São Paulo
Apresentação de Trabalhos:
Os resumos dos trabalhos para apresentação no Espaço de Diálogo deverão ser encaminhados à AGB - São Paulo, com os seguintes critérios:
• 25 linhas, papel formato A-4, com margens de 2,5 cm; editor de texto word para windows, fonte times New Roman, corpo 12, em espaço duplo. Deverá constar título do trabalho, autor(res), instituição a qual pertence e palavras chave (máximo 05).
• Os trabalhos deveram ser expostos oralmente.
• Remeter uma cópia impressa e em disquete com identificação.
• Os trabalhos serão agrupados de acordo com os seguintes eixos temáticos:
1-projeto educativo, 2- experiências pedagógicas, 3- estudo do meio,
4-. turismo e lazer, 5- questão ambiental.
• Data para encaminhamento dos resumos e inscrição: até **15 de outubro de 1999**.
• As inscrições podem ser feitas no próprio dia.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: AGB/ São Paulo
Endereço: Edifício de Geografia e História.
Av. Prof. Lineu Prestes, 338
Cidade Universitária - Caixa Postal 64525
São Paulo - SP - CEP 05402-970
Fone: (0xx11) 818 3758
E-mail: **agbspaulo@mailcity.com** ou **agb@agbbauru.org.br**
•Taxa de inscrição do Encontro: **R$ 20,00**
•Taxa de inscrição do mini-curso: **R$ 10,00**

FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome_____
Endereço_____
Fone ( ) _____ Cidade _____ Estado _____
E-mail
Vai apresentar trabalho? ( ) sim ( ) não
Título do Trabalho _____ Eixo _____
Instituição_____
Inscrição no mini-curso sim ( ) não ( )

AGENDA AGB/BAURU - 99

➔ XV SEMANA DE GEOGRAFIA DO DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS DA UEL
Período: 18 a 22/10/99
Local: Departamento de Geociências Universidade Estadual de Londrina
Informações: E-mail:marcar@sercomtel.com.br ou http://www.geo.uel.br/semana

➔ VI SIMPOSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA
Período: 25 a 29 de outubro de 1999
Local: UNESP Campus de Presidente Prudente - SP
Informações: Fone: (18) 221-5388 - ramal 251 - E-mail:simpurb@unesp.prudente.br
http://www.prudente.unesp.br/evengeo

➔ CONGRESSO INTERNACIONAL PORTUGAL-BRASIL - MEMORIAS E IMAGINARIOS.
Período: 10 a 12 de novembro
Local: Lisboa – Portugal
Informações: Secretariado do Congresso. Av. Infante Santo, 68 5=BAF P-1350-180
Lisboa – Portugal – Fone: (+ 3511) 3908744/3954517 – Fax: (+3511) 3954514
E-mail: gtmecdp@individual.EUnet.pt

➔ I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO
Período: 09 a 12 de dezembro de 1999
Local: UNESP/Campus de Rio Claro - SP
Informações: Fone: (019) 526-2228 - E-mail:**diretor@rc.unesp.br**

➔ XII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS – FLORIANÓPOLIS – JULHO DE 2000
Tema: OS OUTROS QUINHENTOS NA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Estrutura preliminar:
Eixo 1: **NATUREZA, ESPAÇO E POLÍTICA**
Sub-Eixo: 1) Paisagens do Território Brasileiro;
2) Geografia Física e Políticas Públicas;
3) Geografia Física e Dinâmica da Natureza;

Eixo 2: **SOCIEDADE, ESPAÇO E POLÍTICA**
Sub-Eixo: 1) A Urbanização Brasileira;
2) A Questão Agrária na Formação Sócioespacial Brasileira;
3) Industrialização e produção do Espaço Geográfico Brasileiro;
4) Transformações no Mundo do Trabalho.

Eixo 3: **PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO**
Sub-Eixo 1) Epistemologia da Geografia;
2) História do Pensamento Geográfico.

Eixo 4: **GEOGRAFIA E ENSINO**
Sub-Eixo 1) Políticas Educacionais e Ensino da Geografia;
2) Linguagens e Representações no Ensino da Geografia;
3) Concepções Teórico - Metodológicas e suas Implicações na Geografia.

Fique sócio da AGB

COMO SE ASSOCIAR À AGB/BAURU OU ASSINAR A REVISTA "CIÊNCIA GEOGRÁFICA"

1- TAXAS DE ASSOCIAÇÃO - AGB/BAURU

Lembramos aos interessados em renovar ou se associar a AGB, que as anuidades da AGB/Bauru correspondem ao período de 1 (um) ano, contanto a partir da data da filiação ou da refiliação, independentemente do ano civil. A anuidade em dia garante ao sócio o recebimento de três números da revista "**Ciência Geográfica**" (circulação quadrimestral) e de quatro números do jornal "**O Espaço do Geógrafo**" (circulação trimestral), além de eventuais promoções em vigência na época do pagamento da anuidade.

As propostas de associação da AGB/Bauru são as seguintes:

1) ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO:

Com uma taxa de associação de **R$ 25,00**, você paga a anuidade de **1999/2000 (R$ 15,00)** e mais a assinatura anual da revista "**Ciência Geográfica**" (R$ **10,00**)) e ainda recebe como brinde uma **Pasta** de **Nylon** com o logotipo da AGB/Bauru (cores opcionais: **preta** ou **azul**);

2) PROFISSIONAL OU PROFESSOR GRADUADO

Com uma taxa de associação de **R$ 35,00**, você paga a anuidade de **1999/2000 (R$ 25,00)** e mais a assinatura anual da revista "**Ciência Geográfica**" (R$ **10,00**)) e ainda recebe como brinde uma **Pasta** de **Nylon** com o logotipo da AGB/Bauru (cores opcionais: **preta** ou **azul**);

Como no ato da filiação ou refiliação, damos uma **PASTA DE NYLON** com o logotipo da **AGB/Bauru**, pedimos R$ **2,00** (dois reais) a título de colaboração para pagarmos a taxa envio da pasta pelo o correio:

- Estudante de Graduação: R$ **25,00** + R$ **2,00** para postagem pasta = R$ **27,00**
- Profissional ou Professor Graduado: R$ **35,00** + R$ **2,00** para postagem pasta = R$ **37,00**

Você poderá enviar o valor de sua anuidade através das seguintes formas: via correio em cheque nominal à AGB/Bauru ou através de depósito em conta corrente: **Banco Banespa** – Agência **0505** – tipo **13 – Conta Corrente** n.º **001142-6** (não esquecer de enviar via correio o comprovante de depósito para confirmarmos a sua associação à AGB/Bauru). Posteriormente, enviaremos via correio o seu recibo de associação.

OBS.: EM AMBAS AS OPÇÕES VOCÊ PODERÁ **PRÉ-DATAR** O SEU CHEQUE PARA **60 DIAS** (contar **60 dias** a partir da data de associação)

2- ASSINATURA ANUAL REVISTA "CIÊNCIA GEOGRÁFICA"

O valor da assinatura anual desvinculada da taxa de associação da AGB/Bauru é de:

R$ **25,00** (Opção destinada aos interessados em fazer somente a assinatura anual da referida revista).

FICHA DE ASSOCIAÇÃO - AGB/Bauru

Nome Completo:_____

Endereço:_____

Cidade:_____Estado:_____CEP:_____Fone: ( )_____-_____

( ) Estudante de Graduação ( ) Profissional ou Professor Graduado ( ) Renovação Anuidade ( ) Novo Sócio

( ) Renovação da Assinatura da revista "**Ciência Geográfica**" ( ) Novo Assinante da revista "**Ciência Geográfica**"

E-mail:_____Data:_____ de_____de 19_____ _____

Assinatura

OBS.: **Envie esta ficha juntamente com um cheque nominal a AGB/Bauru ou deposite o valor referente a anuidade na conta bancária da AGB/Bauru: Banco Banespa – Agência 0505 – tipo 13 – C. Corrente n.º 001142-6 (não esquecer de enviar via correio o comprovante de depósito). Posteriormente, enviaremos o recibo que comprova a sua associação junto a nossa Entidade. Esta ficha pode ser reproduzida**

associação dos geógrafos brasileiros
agb Seção Bauru

IMPRESSO

Rua Bernardino de Campos, 14-67 - Vila Giunta - CEP 17.051 - 000 - Bauru/SP -Fone (014) 227-4600
E-mail: agb@agbbauru.org.br - http://www.agbbauru.org.br

